

REVISTA DOS CRIADORES

55 ANOS A SERVIÇO DA PECUÁRIA
Junho de 1986 - Ano LV - N.º 677 - Cz\$ 48,50
Órgão oficial da ABC

Appaloosa:
o cavalo que traduz
raça e beleza.

TOP VANTAGE

Nasc.: 01/05/83



- *1 vez Grande Campeão - USA
- *2 vezes Res. Campeão - USA
- *9 vezes 1º colocado - USA
- *2 vezes 2º colocado - USA

DON JUAN QUEST



- *O fenômeno da cor
- *100% da produção com características da raça
- *Produtor de Campeões



UMA BOA NOVA PARA SEU PLANTEL

A SQUIBB apresenta um produto definitivo no combate à Piroplasmose (tristeza bovina) e à Anaplasmosse. Estas duas doenças atacam um grande número de animais, levando-os à perda de produção e até à morte.

Os seus podem estar entre eles. GANATET possui uma fórmula exclusiva, sob a forma de solução injetável, pronta para uso, e que torna o processo de cura das duas doenças mais prático, rápido e eficaz.

GANATET SQUIBB
A CURA SEM MISTURA

 **SQUIBB**
DIVISÃO AGROPECUÁRIA

NEGÓCIOS RURAIS - um instrumento de administração

ANO II — N.º 13 — Coord.: Engs. Agrônomos: Luiz Antonio Pinazza e Ivan Wedekin — JUNHO — 1986

MOMENTO AGROPECUÁRIO

Governo muda as regras da comercialização agrícola

A alteração sistemática da comercialização da safra agrícola, fracionando o pagamento das operações de Aquisição do Governo Federal (AGF), em decorrência das dificuldades financeiras do Tesouro Nacional, motivou inúmeros protestos por parte do setor agrícola. Muito embora a resolução governamental venha solucionar parte do problema de caixa da União, também deverá obrigar o produtor a comercializar seu produto abaixo do preço mínimo de garantia, se quiser receber à vista. Ou seja, contraria a racionalidade esperada em termos de preservação da renda real aos agricultores nesta safra.

De acordo com a medida, o governo não mais pagará à vista as operações de AGF para os médios e grandes agricultores, mantendo esta prática apenas para os pequenos produtores rurais. Daqui por diante, os médios e grandes produtores que optarem pela entrega da produção ao governo receberão à vista até o limite máximo de Cz\$ 125 mil para cada produto (milho, arroz, entre outros). O valor restante será pago em quatro parcelas num prazo de 120 dias, sem juros, significando que o produtor só será totalmente reembolsado quatro meses após a entrega da mercadoria. Caso o produtor decida-se pelo desconto dos respectivos títulos para formar caixa no curto prazo, o preço recebido ficará abaixo do preço mínimo, pois

o setor bancário aplicará um deságio de pelo menos 2% de juros ao mês. Por outro lado, o recebimento nos prazos estabelecidos pelo governo, sem juros, também representa perda real ao produtor, por não levar em conta a inflação que eventualmente ocorrer no período.

Ainda que essas providências tragam incertezas ao setor, elas são interpretadas pelos agricultores como um mau menor do que a diminuição dos preços mínimos cogitada anteriormente. A idéia inicial do Ministério da Fazenda era retornar os preços mínimos para os níveis de 1.º de fevereiro último, ou seja, 12,84% abaixo dos preços estabelecidos após o Plano Cruzado. Com a retração de compras pelo setor privado, os preços mínimos praticamente encostaram-se nos preços de mercado, havendo casos (arroz, soja e milho), especialmente da região de fronteira agrícola, em que os preços de garantia superavam os preços de mercado. Esta situação levaria o governo a comprar maciçamente a safra, com o agravante da falta de recursos para arcar tais gastos.

Em julho, o governo fixou em Cz\$ 7,5 bilhões os recursos destinados à agricultura contra Cz\$ 5,8 bilhões no mês anterior. A maior parte da aplicação — Cz\$ 4,1 bilhões — será destinada para os Empréstimos do Governo Federal e onde houver maior tendência de vendas diretas ao governo, como uma forma de es-

timular esse tipo de operação (EGF). Os estados enquadrados nestas condições foram o Rio Grande do Sul, Rondônia, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Já as Aquisições do Governo Federal receberão uma verba de Cz\$ 3,4 bilhões e serão liberadas a cada dez dias. No primeiro decêndio, haverá Cz\$ 1,452 bilhão, no segundo decêndio Cz\$ 975 milhões e no último decêndio de junho, Cz\$ 972,6 milhões. O Branco do Brasil (BB) vai financiar um total de Cz\$ 3 bilhões e os demais bancos oficiais Cz\$ 400 milhões. Os recursos da AGF serão deslocados mais para as regiões de fronteira agrícola, onde o governo será o maior comprador. Contudo, as autoridades esperam, com o parcelamento, não somente adiar, mas efetivamente desestimular a entrega da produção ao governo. A intenção é que isto motive o setor privado a ingressar na comercialização das safras, retirando essa atribuição do governo federal.

Embora o governo tenha consciência que o sucesso do Plano Cruzado depende de uma boa oferta de produtos agrícolas, vale lembrar o objetivo básico do plano centra-se na preocupação de evitar qualquer choque de preços por parte da agricultura. Neste sentido, foram definidas as importações, objetivando a compensação das perdas decorrentes da estiagem, a formação de estoques e o atendimento de uma de-

12
24

manda maior desde o ano passado, basicamente em função da recomposição dos salários. Diante de um quadro estável no abastecimento e de preços congelados, a viabilidade dos compradores privados formar estoques ao preço mínimo é muito reduzida, o que deixa o produtor sem saber para quem vender sua produção. A consequência dessa situação é uma nova baixa dos preços agrícolas, fato que já vem ocorrendo no mercado de grãos, com a comercialização sendo realizada em patamares abaixo do preço mínimo (ver o comentário sobre **Milho**).

A falta de expectativa de melhoria dos preços no curto prazo induz o produtor a não reter sua produção, o que faz prever uma comercialização mais ágil. A diminuição da renda real da agricultura em relação ao ano passado será ainda maior com a venda dos produtos abaixo do preço mínimo. O comprometimento de caixa da agricultura no curto prazo poderá atenuar a expectativa inicial de grande aumento da área plantada na safra 1986/87. De qualquer modo, a atividade agrícola ainda continua estimulada pela reforma econômica.

Em termos de mercado externo, a expectativa da indústria de alimentos é de que as exportações dos sete produtos básicos do setor registrem em 1986 um avanço de 10% em termos de valor frente a 1985, quando houve uma queda de 12% com relação à 1984 (ver Quadro). Apesar da queda da safra, a expectativa da melhoria do desempenho repousa na possibilidade de um aumento nas cotações internacionais dos cereais, beneficiando as vendas externas brasileiras. O acidente nuclear de Chernobyl, na Ucrânia, um dos principais celeiros agrícolas da URSS (a região é responsável por cerca de 25% da produção de trigo e milho do país), pode levar a União Soviética a entrar no mercado internacional de "commodities". Além disso, o fato da Comunidade Econômica Européia (CEE) ter cancelado suas compras de produtos alimentícios dos países do Leste Europeu, também em função do acidente, pode levar ao mesmo tipo de resultado, já que sua de-

Brasil: Principais Produtos de Exportação da Indústria Alimentícia, 1984-85
(em US\$ FOB)

	1984	1985
Café	2.855.975	2.607.187
— Cru	2.564.136	2.337.565
— Solúvel	291.839	269.622
Complexo Soja	2.565.644	2.544.680
— Farelo	1.460.179	1.177.193
— Grão	454.116	763.544
— Óleo refinado	557.178	331.393
— Óleo bruto	94.171	272.550
Suco de Laranja	1.414.500	752.755
Complexo Cacau	610.191	739.522
— Cru	248.876	359.723
— Manteiga	167.815	202.650
— Pasta (licor)	193.500	177.149
Carne Bovina	520.627	525.643
— Fresca/Congelada	213.910	263.548
— Industrializadas	306.717	262.095
Açúcar	373.747	199.051
— Demerara	326.055	165.943
— Cristal	47.692	33.108
Carne de Frango	263.538	243.779
TOTAL	8.604.222	7.612.617

Fonte: Cacex

manda deve pressionar para cima os preços dos produtos agrícolas, atualmente muito baixos. No momento, a maior dificuldade de avaliar o im-

pacto sobre os mercados internacionais de produtos agrícolas está na precariedade de informações sobre o acidente.

MERCADO DE PRODUTO

Nota explicativa

Cabe aqui esclarecer o tratamento estatístico dos preços apresentados nos gráficos. Os preços são os praticados a nível de produtor no estado de São Paulo e se referem a médias mensais levantadas pelo Instituto de Economia Agrícola da Secretaria de Agricultura e Abastecimento.

O gráfico apresenta duas linhas: a inferior é a dos **preços correntes ou nominais** de negócios realizados na prática. A curva superior registra os **preços reais**, cuja atualização permite a comparação em base isenta de inflação. Para se chegar à série real parte-se dos preços nominais de cada mês passado, trazendo-os a valores de hoje (jun. 86) pela inflação acumulada no período; a atualização é feita através do Índice Geral de Preços (IGP), calculado pela Fundação Getúlio Vargas.

Exemplificando: o **preço corrente ou nominal** da arroba do boi gordo em jun. 85 foi de Cz\$ 53,34; o **preço real**, a valores de jun. 86, será de Cz\$ 146,20, ou seja, Cz\$ 53,34 x 2,741, pois a inflação estimada para o período de jun. 85-jun. 86 é de 174,1%.

No mês presente (junho), que é a base da série real, o **preço real**, como era de se esperar, é igual ao **preço corrente**, tal como registram os gráficos.

BOVINOS DE CORTE

A ordem é importar carne

O mercado de boi gordo continua bastante aquecido, como reflexo da manutenção de reduzidos abates de animais. A cotação do produto nas principais praças de comercialização de São Paulo varia entre Cz\$ 245,00 e Cz\$ 260,00 a arroba, níveis estes incompatíveis com os preços tabelados no varejo e com o preço de referência acordado com o governo (Cz\$ 215,00).

A falta do produto atingiu mais sensivelmente os açougues, para os quais os preços praticados no mercado físico inviabilizam seu trabalho, diante da perda quase total da margem de comercialização. As dificuldades no fornecimento de São Paulo e Rio de Janeiro motivou a Cobal a liberar um volume de 1,1 mil t de carne do seu estoque regulador, que será entregue semanalmente aos supermercados.



Dentro dos objetivos de forçar a redução dos preços praticados pelos produtores e atacadistas, o governo também liberou totalmente a importação de carne pela iniciativa privada, tanto pelos frigoríficos quanto pelos supermercados. A carne deverá ser adquirida somente na América Latina, e todo o produto deverá ser internalizado no país até o dia 15 de julho, quando se encerra a permissão para importação.

Além disso, foi negociado a importação de mais 100 mil t de carne da Comunidade Econômica Europeia (CEE) a um preço de US\$ 635/t. Trata-se de um produto com alto grau de subsídio, pois a carne comprada nos EUA custou US\$ 650/t enquanto na América Latina oscila em torno de US\$ 900/t. Para com-

pensar esta importação, o governo acertou com a CEE uma cota de exportação de 5 mil t ao ano, que só incluirá carnes de cortes especiais. O governo prevê que com a regularidade da exportação dessa cota, em 4 ou 5 anos o país terá pago a importação.

LEITE

Importação ainda não resolve o problema

Apesar do subsídio e da importação de leite em pó, a oferta interna do produto não tende a apresentar recuperação, ou mesmo deixar de diminuir no curto prazo. Desde o mês de maio o abastecimento de leite nos grandes centros urbanos tem sido problemático, com acúmulo de longas filas em frente de padarias e supermercados, aonde o produto rapidamente acaba nas primeiras horas. Embora a falta do produto no mercado seja reflexo da queda da produção decorrente do desestímulo de preço e de uma safra ainda afetada pela seca em 1985, a demanda também aumentou depois do pacote, o que agravou ainda mais o abastecimento.



A concessão de um subsídio governamental de 30% aos produtores de leite Especial durante sete meses (junho a dezembro), com o preço pago ao produtor reajustado de Cz\$ 1,78 para Cz\$ 2,30 por litro, ameniza a situação, mas ainda não atende as necessidades do setor. De acordo com estudos da Comissão Técnica de leite do Ministério da Fazenda e de outros órgãos oficiais, o custo de produção de leite Especial, em abril, atingia Cz\$ 2,56 por litro, que, comparado ao preço pago atual-



mente de Cz\$ 2,30, indica que o produtor continua operando com prejuízo.

O subsídio abrange apenas o leite destinado à oferta como leite Especial ou leite em pó. Já o produto destinado à fabricação de queijo, manteiga, iogurte, leite condensado e outros derivados, não receberá o subsídio do governo, cabendo à própria usina cobri-lo. Por este motivo, as indústrias tentam negociar com o setor varejista, que deverá operar com margens menores de lucros na venda de derivados. Os produtores de leite tipo "B", para os quais o subsídio oficial não foi estendido, também reivindicam o benefício. Dados da Associação dos Produtores de Leite B mostram que dos 1,5 milhão de litros de leite vendidos na Grande São Paulo, 60% (ou 900 mil) é de leite do tipo B.



Entretanto, a baixa margem de lucro na atividade constituirá em desestímulo à produção.

Mas somente uma política de longo prazo e com preços rentáveis é que viabilizaria a produção e o abastecimento da população. A situação momentaneamente deverá normalizar-se, pois o governo já autorizou a importação de mais 10 mil t de leite em pó dos EUA, além das 22 mil t que já estão sendo descarregadas no porto do Rio. Com a chegada do produto, a SEAP espera ir aumentando gradativamente as cotas de fornecimento do produto aos entrepostos para a reidratação.

SUÍNOS

Grande procura por reprodutores

O aumento na oferta de suínos nos primeiros quatro meses do ano leva a prever um crescimento de produção nacional de carne suína na faixa de 3% a 5% em relação ao ano passado, o que poderia posicioná-la num intervalo de 990 mil a 1.010 mil t. A grande procura por reprodutores desde meados do ano passado, com forte aquecimento a partir da decretação do pacote econômico, reforça essa tendência.

De acordo com a Associação Brasileira dos Criadores de Suínos, no primeiro quadrimestre de 1986 foram registrados 30.217 reprodutores, contra 27.349 em igual período do ano passado, correspondendo a uma expansão de 10,5%. Mesmo assim, o volume produzido desses animais não tem sido suficiente para atender à procura, havendo casos de alguns criadores reporem parte de seus rebanhos com animais do próprio plantel.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE SUÍNOS



O mercado de suínos permanece bastante firme, consequência não somente do crescimento natural da demanda face ao maior poder aquisitivo do consumidor, mas também das dificuldades de abastecimento da carne bovina. A cotação a nível de produtor do estado de São Paulo está na faixa de Cz\$ 210-220 mil a arroba. O mercado paulista está recebendo animais provenientes dos estados do Sul e este fator só não pressiona negativamente os preços porque a demanda está efetivamente firme, com perspectivas de continuar assim a se confirmar a escassez de carne de boi no curto prazo. A intervenção do governo no mercado de carne bovina, através de im-

portação de produto altamente subsidiado, é motivo de preocupação para o setor, que previa suprir o espaço deixado no consumo deste produto.

AVES

Mercado está absorvendo toda a produção

A produção nacional de carne de frango no primeiro semestre deste ano está projetada em 767 mil t, 5,6% superior à de igual período do ano passado (726 mil t). Entretanto, dado o aumento do consumo, em decorrência da melhoria do poder aquisitivo dos consumidores, do preço relativo favorável do frango, bem como as dificuldades de abastecimento de carne bovina, o aumento da oferta tem sido totalmente absorvida pelo mercado.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE FRANGOS



O bom desempenho das vendas de frango vivo vem pressionando o preço do produto no mercado paralelo de São Paulo, situando-se na faixa de Cz\$ 9,60-10,00/kg. Para os produtores, o quadro está bastante estimulante, inclusive porque os preços dos principais insumos estabilizaram-se ou sofreram recuo, como é o caso do milho. A Associação Paulista de Avicultura estima o custo de produção do frango vivo, em maio, em Cz\$ 7,38/kg, contra um preço oficial recebido pelo produtor paulista atualmente de Cz\$ 7,80/kg, permitindo um resultado financeiro favorável à atividade avícola.

No mercado internacional, há indícios de aumento, tanto no volume exportado como nas cotações do produto. Isto decorre da retirada dos subsídios para a produção avícola no Oriente Médio e da maior procura pelo frango brasileiro na CEE e no Leste Europeu, após o desastre nuclear soviético. No primeiro

quadrimestre de 1986, foram embarcadas 74 mil t para uma receita de US\$ 70 milhões, ou 20 mil t e US\$ 10 milhões a menos do que no mesmo período de 1985. A exportação de partes de frangos registrou um incremento de 59%, mas não foi suficiente para compensar o declínio de 29% no volume de inteiros.

ALGODÃO

Importações desnecessárias

O farto suprimento de algodão em pluma previsto para 1986 pode ser considerado como o principal fator depressivo das cotações do produto. Segundo a CFP, a produção nacional deverá atingir 650 mil t, que, somadas ao estoque remanescente da safra passada (345 mil t) e às importações da ordem de 50 mil t, totalizarão uma oferta de 1,045 milhão de t, mais do que suficiente para atender o consumo nacional, previsto em 700 mil t. Na verdade, como os números indicam, o crescimento

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE ALGODÃO



do consumo em 1986 (650 mil t em 1985) não será capaz de reduzir os estoques de passagem de 1985, que deverão manter-se no final desta temporada. Diante deste quadro, a tranquilidade do segmento industrial em retornar ao mercado, o que estava previsto para o mês de maio, não causa surpresa. Isto porque as indústrias abasteceram-se suficientemente nos meses de novembro, dezembro e janeiro — temendo os efeitos da estiagem de 1985 — para aguardarem um melhor posicionamento do mercado, que, em função das perspectivas de alterações na política de crédito rural, desde meados de maio, vem acusando baixa nas cotações.

A divulgação das normas de comercialização não alteraram este quadro; pelo contrário, agravaram-

no, pois de início foi ventilado que os maquinistas não poderiam fazer EGF com opção de venda, o que derubou as cotações do produto, devido à paralisação das compras ocorridas neste segmento. Com a retificação das normas, entretanto, o mercado ganhou sustentação, mas sem atingir os níveis de preços que vinham sendo praticados anteriormente, próximo de Cz\$ 250 o fardo da pluma a nível de atacado. Para os produtores, a nova sistemática de compra e financiamento não são favoráveis. Salvo desastres climáticos na safra nordestina do produto, a tendência dos preços é de se manterem nos níveis atuais, em torno de Cz\$ 75,00 a arroba de algodão em caroço. Assim, é provável que o governo volte, a exemplo do ocorrido no ano passado, a posicionar-se como grande comprador da safra. Um fator que poderia, entretanto, dar um relativo suporte às cotações do produto seria a suspensão das importações, sem sentido frente à oferta abundante da malvacea.

AMENDOIM

Difícil comercialização

Os produtores de amendoim estão sofrendo as consequências de uma conjuntura externa desfavorável para o óleo de amendoim. Os preços internacionais do derivado que há um ano atrás situavam-se em torno de US\$ 1.035,00 a t CIF Rotterdam, sofreram contínuas depreciações ao longo deste ano, situando-se atualmente ao redor de US\$ 575,00 a t CIF Rotterdam. Esta acentuada queda das cotações internacionais, que reflete a forte concorrência de outros óleos substitutos, notadamente o de palma, enfrentada pelo produto no mercado externo, é a causa dos baixos preços oferecidos pelo segmento industrial ao produtor interno do grão. A nível da produção, os preços de compra da indústria giram em torno do mínimo fixado pelo governo, considerado insuficiente pelos produtores para remunerar os custos de produção. Em consequência, a comercialização do produto vem-se verificando de forma mais lenta e os produtores mais ca-

pitalizados procuram reter a produção no aguardo de uma reação do mercado que, entretanto, não deve ocorrer a curto e médio prazos.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE AMENDOIM



Isto é corroborado pelas expectativas do segmento industrial quanto ao volume exportado de óleo de amendoim, que deverá totalizar 40 mil t, a metade do volume exportado em 1985, devendo gerar uma receita de apenas US\$ 20 milhões, 30% do valor atingido no ano passado. Por ora, as exportações totalizam apenas 7 mil t, contra 41 mil t embarcadas no período de janeiro-maio do ano passado. Enquanto isto, no mercado atacadista de São Paulo, o produto de melhor qualidade alcança preços entre Cz\$ 8,50-9,00 o kg, pois sua quantidade é muito limitada. É que da safra colhida, cerca de 70% deverá ser destinada à extração de óleo por se tratar de produto originário de regiões de terras barrentas, pouco restando para ser comercializado no varejo ou para exportação. Neste contexto, muitos produtores poderão vir a optar pela contratação de AGF's, contrariando as expectativas governamentais de redução nas compras do produto.

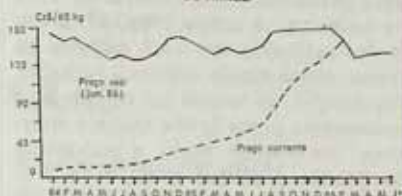
ARROZ

Mercado ainda desestimulante

A orizicultura atravessa momentos difíceis com relação à comercialização do produto. A incompatibilidade entre o preço de venda no varejo estabelecido pelo governo e o preço mínimo de garantia na lavoura continua atuando no sentido de deprimir os preços pagos aos agricultores, já que o segmento da intermediação resiste ao achatamento de suas margens de lucro. Por outro lado, o congelamento de preços não motiva a formação de estoques

por parte dos demais segmentos envolvidos no comércio do produto, delegando o ônus da estocagem aos próprios agricultores e enfraquecendo a pressão de compras, indispensável para dar maior sustentação aos preços nesta época do ano. Diante disto, os preços na lavoura mostram-se deprimidos, em torno de Cz\$ 120,00-130,00 a saca de 50 kg, abaixo ou, no máximo, próximo ao preço de garantia, que para o arroz irrigado é de Cz\$ 130,00 a saca de 50 quilos.

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE ARROZ



Neste contexto, a definição das normas para a comercialização em 1986 causou impacto extremamente negativo no setor. Frente ao estabelecimento de uma taxa de juros de 10% a.a. nos contratos de EGF's e do parcelamento dos AGF's superiores o montante de Cz\$ 125 mil, em até 4 vezes, os rumos esperados do mercado, isto é, de vendas maciças ao governo, não deverão se concretizar. Na verdade, acredita-se que o efeito imediato de tais medidas seja de aviltamento maior dos preços, na medida em que o mercado paralelo deverá ser mais procurado do que o oficial. Resta ao produtor, entretanto, como alternativa para gerar recursos, escoar sua safra no próprio mercado, mas de forma parcelada, evitando fortes pressões de oferta para contrabalançar os efeitos negativos da nova sistemática de crédito rural. O setor conta, por ora, apenas com a possibilidade da presença da Cobal no mercado, adquirindo cerca de 200 mil t de arroz longo fino via licitação, com entrega no período de julho a outubro. A eficácia dessa compra, em termos de sustentação de preços, poderá ser reduzida, dado o pequeno volume envolvido na transação. É que além da safra nacional ser maior que a esperada — 9,3 milhões de t — o mercado conta ainda com saldos de

produto importado da China e Paquistão, que serão reforçados com novas importações no 2.º semestre do ano.

CAFÉ

Mercado nervoso com o risco de geadas

Segundo o Instituto de Economia Agrícola, com base no segundo levantamento da safra cafeeira, a longa seca que castigou o Centro-Sul do país provocou uma quebra de 55% na colheita. A safra 1986/87 de café foi estimada em 14,7 milhões de sacas, ainda esteja sujeita a redução, em função da queda no rendimento provocado pelos grãos secos e murchos. Do mesmo modo, a incidência de geadas e ventos frios, cuja probabilidade de ocorrência é maior neste período de estação de inverno, poderá acrescentar maiores danos. A evolução da colheita obedece um ritmo inferior ao do ano passado. Existe forte concorrência pela mão-de-obra com outras lavouras, o que vem elevando os custos para cerca de Cz\$ 150,00 a saca colhida. Por seu turno, a própria operação de colheita apresenta menor produtividade, porque a produção dos pés de café é muito heterogênea, não atraindo os colhedores.



Para julho de 1987, existe uma previsão de estoque de 3,8 milhões de sacas. Este volume é obtido com base num balanço em que a disponibilidade é de 25,8 milhões (estoque atual de 11,1 milhões e colheita de 14,7 milhões), para um consumo de 8,0 milhões e exportação de 14,0 milhões. Entretanto, com base no consumo interno do primeiro trimestre deste ano, a demanda ficou igual à de 1970, apesar da população agora ser quase 50% maior. Ca-

so persista essa tendência, o consumo em 1986 não chegará a 6 milhões de sacas. No tocante aos preços, o IBC tem procurado mantê-los em alta. A política de exigir que o exportador retenha uma saca para cada vendida, para ser devolvida depois de 90 dias, aumenta a demanda interna e fortalece a cotação. No curto prazo, a comercialização somente poderá sofrer reativação quando os preços internos, mais altos, equipararem-se com os externos, fato que poderá acontecer se houver contratempos climáticos.

Produção brasileira de café (milhões de sacas)

Estado	1985/86	1986/87
Paraná	5,4	2,0
São Paulo	8,9	2,0
Minas Gerais	10,7	4,4
Espírito Santo	5,1	4,1
Bahia	1,0	1,0
Outros	1,5	1,2
TOTAL	32,6	14,7

Fonte: IBC

FEIJÃO

Balanço equilibrado de oferta e demanda

O mercado de feijão manteve-se praticamente estabilizado no decorrer de maio, apresentando pequenas oscilações positivas de preços em função de chuvas nas regiões produtoras — provocando rupturas momentâneas no fluxo normal do produto para os centros consumidores — e da proximidade do término da colheita no estado de São Paulo. Tais alterações de preços foram mais marcantes para os feijões dos tipos extra das diferentes variedades comercializadas em São Paulo, sendo que o carioquinha — o mais consumido no estado — chegou a atingir Cz\$ 410,00 a saca de 60 kg, a nível de atacado. A relativa escassez de feijão de melhor qualidade não chegou a prejudicar o abastecimento, pois o mercado contou com a presença regular dos tipos médios e inferiores a preços entre Cz\$ 380,00-390,00 e Cz\$ 340,00 a saca, respectivamente.

A curto prazo, os preços do feijão deverão permanecer estáveis devido às entradas regulares de produto oriundo do Paraná e Santa Catarina, além do fato de que contará ainda para o próximo mês com prováveis entradas de produto de Rondônia, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais.



Entretanto, a médio prazo, surgem dúvidas quanto à tranquilidade do abastecimento, pois o quadro de oferta e demanda indica a possibilidade de déficit no que diz respeito ao feijão de cores, devido às perdas provocadas tanto por excesso quanto por escassez de chuvas, dependendo da região considerada, na safra das secas. Segundo a CFP, a redução é de aproximadamente 6%, o que coloca a oferta total de feijão em 2,430 milhões de t para um consumo previsto em 2,400 milhões de t. Com isto, tanto a reposição de estoques, cujo nível ideal é de 300 mil t, considerado suficiente para 1 mês e meio de consumo, quanto o abastecimento na entressafra poderão ser prejudicados. No que diz respeito à reposição dos estoques governamentais, as mudanças na política de compras do governo poderão trazer novas dificuldades, pois diante do equilíbrio apertado entre oferta e demanda do produto, apenas os pequenos produtores ou aqueles que tenham dívidas de custeio vencendo na época de venda do produto deverão optar pela venda ao governo. Os demais produtores possivelmente preferirão aguardar a reação do mercado na entressafra. Até 30.04.86, o volume de AGF's realizados totalizavam 10.175 t, bastante abaixo do volume adquirido em igual período do ano passado, 200 mil t. Entretanto, a CFP espera ainda adquirir cerca de 345 mil t, o que deverá dar sustentação aos preços a médio e longo prazos.

LARANJA

Discussão dos preços entre produtores e industriais será polêmica

Neste ano, ao contrário das últimas temporadas, não se constata a mesma rapidez para definição do preço a ser pago pela laranja entregue como matéria-prima às indústrias de suco. De uma maneira geral, devido ao "boom" experimental nos últimos anos com as geadas seguidas enfrentadas pela Flórida, o setor sucro-citricola nacional está capitalizando o suficiente para não atropelar as negociações. Por sua vez, os pomares estão em fases diferenciadas de maturação, após a seca que atrapalhou as floradas. As safras da fruta precoce doce (principalmente as limas) e de casca mole (ponkan, tangerina, mexerica) sofrerão grande quebra, não gerando um patamar de valores para balizar o mercado. Não obstante, daqui para frente, as expectativas são de que aumentarão cada vez mais as pressões para que haja uma definição dos preços, à medida em que se aproxima o pico de colheita, que ocorre em meados do segundo semestre.

No momento, as estatísticas de previsão de safra do Instituto de Economia Agrícola/SAA, com base em levantamento de fevereiro, dão conta de uma produção de 190 milhões a 210 milhões de caixas. Dentro de tal nível de colheita, a produção de suco na temporada 1986/87 (julho/86 a junho/87), somada com um carry-over da ordem de 230 mil t, poderá gerar uma disponibilidade que ultrapassa a 900 mil t. Trata-se de uma quantidade muito grande, cuja influência será no sentido de deprimir as cotações internacionais. Basta observar que os Estados Unidos, o maior importador do produto, para completar sua demanda de 705 mil t terão de adquirir apenas cerca de 355 mil t. Contudo, os citricultores paulistas, que respondem por mais de 90% da produção brasileira, alegam que a colheita ficará pelo menos 20% abaixo da estimativa do IEA. Na verdade, a avaliação de produção não tem núme-

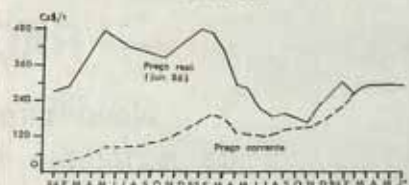
ros definidos. A previsão de 200 milhões de caixas, divulgada pelo Departamento de Agricultura norte-americano, carece de base técnica e não merece credibilidade.

MANDIOCA

Pacote agita o mercado

Apesar das dificuldades vividas pelo setor mandiogueiro no ano de 1985, caracterizado por preços baixos e vendas volumosas para o governo, o plantio da cultura não foi sensivelmente afetado em 1986. As últimas estimativas do FIBGE apontam apenas ligeira queda (0,3%) na área de cultivo da mandioca neste ano, o que não chega a afetar a produção, que deverá totalizar 25,5 milhões de t, apresentando um crescimento em relação a 1985, da ordem de 10,7%. Entretanto, este quadro positivo de aumento na oferta do produto poderá sofrer uma reversão na próxima temporada, pois o setor enfrenta novas dificuldades na comercialização do produto. Acontece que com a implantação do Plano de Estabilização Econômica em fevereiro deste ano, os preços da farinha de mandioca no varejo foram fixados em níveis inferiores ao custo

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE MANDIOCA



de produção em diversas praças de comércio, entre as quais se destaca a do Rio de Janeiro, que é o principal centro consumidor. Para os produtores, principalmente os da região Centro-Sul, este fato deu origem a um sério estrangulamento no escoamento do produto, que provocou um achatamento dos preços, difícil de ser superado dado o aumento da oferta.

Esta situação tornou-se mais grave diante das novas normas de comercialização ditadas pelo governo para 1986. A elevação da taxa de juros para 15% a.a. nos contratos

de EGF para o produto industrializado e a impossibilidade de concretização posterior de AGF abalou não apenas o segmento industrial mas também o da produção. Os negócios sofreram paralizações e os preços da raiz, em consequência, foram rebaixados. Contudo, a possibilidade das indústrias contratarem EGF com opção de venda, definida recentemente, trouxe novo alento ao setor, restabelecendo o ritmo da comercialização. Por ora, a nível de atacado, o produto vem sendo comercializado a Cz\$ 130,00 a saca de 50 kg em São Paulo, enquanto que no Rio de Janeiro os preços estão ao redor de Cz\$ 95,00 a saca.

MILHO

A safra deveria ser maior do que o esperado

De acordo com a Comissão de Financiamento da Produção (CFP), a safra nacional de milho em 1985/86 superou amplamente as perspectivas iniciais, devendo situar-se em 18,9 milhões de t, para o que contribuiu um nível de produtividade acima do esperado na região Centro-Sul e o aumento da produção nos estados do Norte e Nordeste.

Apesar da sustentação do preço mínimo da safra 1985/86 em Cz\$ 79,20/60 kg, a mudança decretada na sistemática de pagamento de AGF — em parcelas aos 30, 60, 90 e 120 dias — constituiu-se em pressão baixista de preço. No estado de São Paulo, o milho a nível de produtor, antes negociado nos patamares do preço mínimo, tem sido atualmente comercializado na faixa de Cz\$ 73-75/60 kg. No mercado atacadista, os preços também registraram declínio, com a saca sendo co-

SÃO PAULO: PREÇOS RECEBIDOS PELO PRODUTORES DE MILHO



tada em Cz\$ 85-86/60 kg, contra Cz\$ 88-90/60 kg anteriormente.

O efeito líquido da medida foi a queda dos preços de mercado, em plena comercialização da safra. O EGF às indústrias, a taxas de juros de mercado, contra 3% a.a. no ano passado, fortalece o desinteresse do setor privado na formação de estoque, mantendo suas compras muito lentas em relação à oferta. Por isso, o mercado não indica tendências de aumento de preços, pelo menos até a safra estar totalmente colhida, razão para a oferta começar a escassear. As compras de milho realizadas pelo governo até 15.04 pelo Banco Central e 10.05 pelo Banco do Brasil somavam 867,6 mil t, com maior concentração em Goiás (645,6 mil t).

Quanto ao primeiro Edital de importação, foram aprovadas inicialmente 260 mil t, e posteriormente mais 350 mil t, a serem adquiridas da Argentina, das 700 mil t previstas. A razão principal do baixo volume aprovado refere-se ao alto preço, principalmente nas importações para o último trimestre do ano, quando as cotações externas apresentam-se decrescentes.

que deverá ser mais baixo que os atuais US\$ 5,02/bushel, fatalmente incidirá negativamente nas cotações do complexo soja.

No mercado interno, a colheita está praticamente encerrada, a produção brasileira de soja em 1985/86 pode situar-se em 13,2 milhões de t, que apesar de superar as previsões anteriores, ainda representa uma queda de 28% em relação a safra passada. Em termos de comercialização, as recentes medidas limitativas da utilização do EGF e AGF pelo setor de soja vieram a reduzir

ainda mais a disputa das indústrias pela aquisição do grão. Os EGF's para as indústrias e cooperativas esmagadoras a juros de mercado, praticamente estão inviabilizadas as compras para esmagamento futuro. As cotações, a nível de produtor de soja no estado de São Paulo, oscilam entre Cz\$ 130-136/60 kg, caindo para Cz\$ 122-127/60 kg em Campo Grande (MS), Cz\$ 118-124 em Rondonópolis (MT) e Cz\$ 120-123 em Ponta Grossa (PR).

Também o parcelamento de AGF's — os pagamentos acima de Cz\$ 125 mil serão efetuados em 30, 60, 90 e 120 dias — deverá reduzir as compras do governo, que inicialmente estavam previstas em 3 milhões de t, podendo cair para cerca de 2 milhões de t. As aquisições governamentais pelo Banco Central até 15.04 e pelo Banco do Brasil até 10.05 totalizavam 543,3 mil t, com maior concentração em Mato Grosso (386,1 mil t).



SOJA

Mercado internacional voltou aos níveis anteriores

Passada a euforia e com as notícias mais tranquilizantes sobre o acidente de Chernobyl, o mercado iniciou uma correção e os preços da soja em grão na Bolsa de Chicago retornaram aos patamares anteriores (US\$ 5,28/bushel Cz\$ 161/60 kg para entrega em julho). Ainda que não se possa avaliar a real extensão do acidente nuclear sobre a agricultura soviética, as projeções norte-americanas apontam para uma importação de cerca de 20 milhões de t. De qualquer forma, a recuperação dos preços dependem fundamentalmente de uma confirmação do dano à colheita soviética ou mesmo de uma frustração da safra dos EUA, cujo plantio transcorre normalmente. Por outro lado, a divulgação do novo preço de empréstimo do governo norte-americano,

FATORES DE PRODUÇÃO

RAÇÕES

Novo direcionamento da economia favorece o setor

Uma nova e importante mudança está sendo prevista para o setor de rações neste ano de 1986. Já no final da temporada passada, podia-se antever uma reorientação, que começa a tomar forma, nos rumos do mercado do insumo, que, desde o início da década de oitenta, se encontrava em meio a um ciclo recessivo. A queda do poder de compra dos consumidores refletiu-se em menor consumo de alimentos, afetando diretamente o setor de rações. A partir de 1985 e agora nesse período da Nova República, criaram-se condições para reverter o processo

recessivo e suas consequências. Registra-se hoje um empenho das autoridades governamentais na manutenção do crescimento econômico e na recuperação social do país. A reposição dos salários, ainda que parcial, por um lado, e a disposição do setor produtivo e industrial em realizar novos investimentos, por outro lado, promovem um rearranjo tal que acaba por beneficiar o setor de rações.

O crescimento da massa salarial no país abre espaço, assim, para a expansão da demanda por alimentos protéicos, dando suporte ao cres-

cimento do mercado de carnes. Ocorre que, paralelamente, o mercado de carne bovina atravessa, neste período, mais uma fase de carência de oferta, consequência dos abates desenfreios de matrizes e reprodutores em épocas de baixa nas cotações e dos efeitos da estiagem sobre os pastos na entressafra de 1985. Cria-se, assim, espaço para alta nas cotações do boi gordo, desencadeando importações maciças pelo governo. O crescimento da massa salarial e as dificuldades no abastecimento de carne bovina favorecem as carnes alternativas — suínos e aves — cujo mercado amplia-se na medida em que se prolongam os problemas na área do boi gordo.

O setor de rações, atualmente operando com ociosidade, está com capacidade instalada para absorver a demanda adicional desta conjuntura e inicia um movimento neste sentido. Este movimento verificou-se já em 1985, quando a produção total de rações atingiu um volume de 11,2 milhões de t, mostrando um acréscimo de 413,0 mil t sobre 1984 (Quadro 1).

A avicultura continua sendo a atividade mais absorvente do insumo. O quadro permite concluir que 70% da produção de rações em 1985 foi orientada para esta exploração. Além disto, a ampliação do mercado de frangos e ovos no período propiciou um acréscimo na demanda de ração para aves da ordem de 6,5%. O espaço aberto para a carne suína também foi bem aproveitado pelos criadores, mesmo com a manutenção de um rebanho estável em 29,0 milhões de cabeças em 1985.

Com a implantação do Plano de Estabilização Econômica, o mercado de carnes ganha novo impulso, que deverá provocar reflexos imediatos no setor de rações e concentrados. Há expectativas generalizadas de um crescimento da produção da ordem de 7% em 1986, face ao aumento da demanda por rações para bovinos, aves e suínos.

O setor de rações vive, portanto, um momento de recuperação, pois a estabilização ou mesmo a baixa dos preços dos principais componentes da ração também são fatores que

QUADRO 1 — Brasil e estados: evolução da produção total de ração 1981 a 1985 (em mil t)

Estados	1981	1982	1983	1984	1985
Goiás	143	236	249	192	187
Minas Gerais	705	606	637	536	468
Paraná	1.560	1.231	1.163	1.180	1.335
Pernambuco	561	495	353	233	292
Rio de Janeiro	351	295	244	687	645
Rio Grande do Sul	1.017	996	849	172	202
Santa Catarina	1.820	1.782	1.803	1.860	1.998
São Paulo	2.908	2.452	2.234	1.920	1.842
Sub-total	9.067	8.094	7.533	6.781	6.971
Outros estados	214	202	210	133	122
Total	9.282	8.296	7.743	6.914	7.095
Associados não part.	287	257	232	163	127
Total Sindirações	9.569	8.553	7.975	7.078	7.223
Não associados	4.713	4.049	3.589	3.746	4.014
Total Geral	14.282	12.602	11.564	10.824	11.237

Fonte: Sindirações

QUADRO 2 — Brasil: Produção de Rações e Concentrados 1984 — 1985 (em mil t)

Discriminação	1984	1985	Δ %
Ração	4.198	4.556	8,5
• Para aves	3.029	3.219	6,3
Corte	2.396	2.522	5,2
Postura	632	697	10,1
• Para bovinos	422	447	6,0
• Para suínos	585	684	16,9
• Para outros animais	162	206	27,4
Concentrado¹	2.717	2.539	-6,5
• Para aves	1.247	1.062	-14,8
Corte	550	444	-19,3
Postura	697	618	-11,3
• Para bovinos	122	126	3,5
• Para suínos	1.400	1.344	0,3
• Para outros animais	8	7	-17,6
Ração + Concentrado	6.914	7.095	2,6
• Para aves	4.275	4.281	0,1
Corte	2.946	2.966	1,0
Postura	1.329	1.315	-1,1
• Para bovinos	543	573	5,5
• Para suínos	1.925	2.028	5,3
• Para outros animais	170	213	25,2

^{1/} Convertido em ração.

Fonte: Sindicato Nacional da Indústria de Rações Balanceadas - Sindirações

garantem o avanço da produção. Apesar disto, o setor convive com dificuldades relativas à tributação (ICM) de algumas matérias-primas, bem como com a ausência de uma posição comum entre fornecedores

e indústria quanto aos preços de alguns dos micronutrientes integrantes do produto final. A solução disto, contudo, é esperada para breve sendo alvo de negociações já em andamento.

REGISTROS

Preços Pagos pela Agricultura, cidade de São Paulo e Indicadores Financeiros

Item	Unidade	Preço	Item	Unidade	Preço
Máquina, veículo e implemento*			Utensílio e ferramenta*		
Arado de Alveca, 3/4 reversível (41 kg, lâmina de aço carbono)	un.	962,45	Aplicador de formicida pó	un.	33,38
Arado de 3 discos, 26" fixo, liso	un.	14.600,00	Arado farpado nacional	kg	9,36
Caminhão Ford-F-1000, diesel	un.	180.932,30	Enxada Locomotiva	m ²	51,04
Carreta 4 t c/carroceria, a/pneu, a/freio	un.	12.369,00	Enxada para cultivador, 16"	conj.	35,50
Colheitadeira p/grãos - MF. 3.660	un.	391.712,00	Enxada 2 caras, 2,5 libras	un.	37,94
Colheitadeira p/grãos - MF. 5.650	un.	453.264,00	Enxada Tupi, 2,5 libras	un.	—
Crado de discos, 26 discos de 18"	un.	17.585,00	Enxada 2 caras, 3 libras	un.	37,84
Pick-up F-100, motor a gas., 4 cil. c/caçamba	un.	91.262,57	Foice 10", meia lua p/pasto	un.	32,45
Máquina de beneficiar café, 600 arrobas p/dia	un.	176.211,00	Grampo para cerca	kg	9,90
Motor elétrico 3 HP trifásico - 4 p.blindado	un.	1.222,77	Latão de leite, 50 litros	un.	362,00
Planet 5 encurvas, tração animal (28 kg)	un.	663,50	Peneira para café, 70"	un.	57,43
Plantadeira manual, líder Modelo A	un.	121,24	Prego 17/21	kg	12,01
Polvilhadeira costal, 7 a 8 kg de pó	un.	960,35	Saco novo, arroz em casca (60 kg)	un.	11,56
Pulverizador costal, 18 litros	un.	457,13	Saco novo, batata (60 kg)	un.	7,33
Semeadora adubadeira, 1 linha, tração animal	un.	2.527,00	Saco novo, café (100 a 110 l)	un.	—
Trator Massey-Ferguson, 44 CV	un.	91.254,00	Peça de reposição*		
Trator Massey-Ferguson, 61 CV	un.	122.590,00	Bico de páto c/ana, 18"	un.	64,20
Adubo e corretivo*			Disco de arado, liso, 26"	un.	339,00
Cloreto de potássio	t.	2.418,12	Pneu de caminhão, 825 x 20, 12 lonas	un.	2.010,00
Fosfato natural moído	t.	301,86	Pneu de caminhão, 900 x 20, 12 lonas	un.	2.462,00
Termofosfato	t.	1.800,00	Animal de trabalho e produção*		
Nitrocálcio	t.	1.660,70	Bezerro	un.	—
Uréia	t.	2.775,90	Boi negro	un.	—
Sulfato de amônio	t.	1.929,74	Vaca leiteira, até 5 l/dia	un.	—
Nitrato de amônio perolado	t.	2.021,51	Vaca leiteira, de 5 a 10 l/dia	un.	—
DAP	t.	4.648,41	Vaca leiteira, acima de 10 l/dia	un.	—
Superfosfato simples (nacional) pó	t.	1.643,25	Boi carreiro novo	un.	—
Superfosfato triplo pó	t.	3.439,44	Burro domado novo	un.	—
Calcário dolomítico (Rio Claro e Piracicaba)	t.	155,75	Alimento para animal*		
Inseticida e fungicida*			1. Favelo		
Aldrin 5%	ac 25kg	—	trigo	ac 30kg	40,00
B.H.C. 12%	kg	—	caroço de algodão	kg	1,69
1-10 (DDT Parathion)	kg	—	amendoim	kg	—
1,5-10 (DDT Parathion)	kg	—	raspa de mandioca	kg	—
Iaca Mirex	kg	9,71	soja	kg	2,54
Iritane-H-45	kg	49,78	2. Farinha		
Masate	ac 25kg	1.406,83	osso	kg	4,20
Oxicloreto de cobre 50%	kg	30,66	surgam	kg	3,30
Oxicloreto de cobre 35%	kg	43,61	carne	kg	3,05
Polidol 1,5%	kg	4,28	ostra	kg	0,41
Sulfato de cobre	kg	22,30	3. Outros		
Vacina e medicamento *			Refinasil	ac 50kg	84,42
Asentol + Negaron	kg	267,56	Sal comum grosso	ac 50kg	53,60
Cresolina Pearson	lt	27,91	Sulfato de manganês	kg	7,92
Oxylin, frasco 600 ml unid.	fr	3,56	Torta de algodão	kg	1,75
T-H-25	ac 25kg	1.479,78	Sal mineral	kg	26,61
Vacina contra brucelose	d.	1,64	Torta de amendoim	kg	2,00
Vacina contra carbúnculo sintomático	50 ml	7,52	Combustível e lubrificante*		
Vacina contra carbúnculo hemático	50 ml	—	Gasolina comum, amarela	10 lt	47,70
Vacina contra febre aftosa (Inst. Biológico)	d.	2,74	Óleo diesel	10 lt	31,00
Ração*			Óleo lubrificante SAE-30 1ª linha	lt	18,00
1. Ave			Querosene	10 lt	31,90
Pinto	kg	3,27	Alcool hidratado	10 lt	31,00
Frango	kg	2,98	Material de construção**		
Pedeira	kg	3,03	Cal virgem	ac 20kg	13,00
Reprekultura	kg	3,09	Calibre de proba (50cm, base 4,40cm) 5m	m ²	4.700,00
Corte inicial	kg	3,59	Tubo galvanizado p/água, 3/4", com costura 19mm	m	23,05
Corte final	kg	3,47	Tubo galvanizado p/água, 3/4", sem costura 19mm	kg	—
2. Bovino			Cimento Portland	ac 50kg	49,81
Bezerro	kg	2,52	Folha de porta interna, lisa 15mm espessura	un.	238,00
Novilhão	kg	2,26	Tábua de pinho (12 x 1 cm) de 38, 4,2m	dz.	1.017,00
Produção	kg	2,38	Tela francesa de cerâmica (flocada)	milheiro	2.300,00
Touro	kg	2,16	Tijolo comum	milheiro	350,00
3. Suíno			Preço Gô/hp/l	—	0,43
Inicial	kg	3,65	Mão-de-obra p/lia	—	normal (64,00) - colheita (57,00)
Overamento	kg	2,98	Mão-de-obra manual	—	1.100,00
Acabamento	kg	2,87	Salário-irriso	—	804,00
Reprekultura	kg	2,89	OTH	—	106,40
Pinto de um dia*			Fonte: * Instituto de Economia Agrícola		
Corte	un.	2,47	** Revista "A Construção de São Paulo"		
Postura	un.	6,22			

REVISTA DOS CRIADORES

Fundada em 1930

A Revista dos Criadores, órgão oficial de divulgação da Associação Brasileira de Criadores, destina-se ao fomento e melhoria da pecuária nacional.

Diretor Responsável: Luiz de Almeida Penna

Redator: Sebastião Santos Junior.

Colaboradores: Leovigildo Pacheco Jordão, Luiz Paulin Neto, João Barisson Villares, Gastão Moraes da Silveira, Walter Battiston, F. Teatini, Fidelis Alves Neto, José Resende Peres, General Diogo Branco Ribeiro, Manuel José de Alcantara, Dácio de Moraes Junior, Seção de Economia: Eng.º Agr.º Luiz Antonio Pinazza e Eng.º Agr.º Ivan Wedekin.

Departamento de Publicidade da Editora:

Gerência: Luiz de Almeida Penna Filho
Contatos: Laercio Noronha, Jacqueline N. Bomfim e Beatriz Carvalho de Andrade Silva.

Fotografia: Francisco Sciacca.

Ao fazer publicidade na Revista dos Criadores ou em outra qualquer publicação desta Editora exija credencial do vendedor, não aceite autorização em "xerox" e recibo na autorização. Só emita cheque e usado e em nome da EDITORA DOS CRIADORES LTDA.

Assinatura-anuidade — Com direito a 1 AGENDA DOS CRIADORES E AGRICULTORES e o título de associado da ABC: 7 ORTN. Números atrasados: ao preço da última edição em banca.

ISSN 0034-9259

Departamento de assinatura:

Gerência: Maria Nazareth de Castro Penna

Único Agente Autorizado para Publicidade e Assinatura: Disbrapel Ltda. — Edições Agropecuárias, Rua Caraibas, 434 — CEP 05020 — Cx. Postal 61.051 — São Paulo - SP.

Redação: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP — CEP 05024 — Fone: 263-8400 — Caixa Postal 1669 — End. Telegráfico "Criadores".

Gráfica e Fotolito Próprios: Rua Venâncio Aires, 31 — São Paulo - SP.

Venda avulsa:

Exemplar avulso: Cr\$ 48,50

Via aérea para: MANAUS, BOA VISTA, PORTO VELHO, RIO BRANCO e SANTARÉM — Cr\$ 65,00.

Sucursais: Rio de Janeiro - RJ — Editora dos Criadores - Disbrapel, Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 (São Cristóvão) - CEP 20931 - Tels.: 021 264-7150 - 264-7155 e 800 2307 (Srta. Sonia Maria D. Paes Leme)

Belo Horizonte - MG — Editora dos Criadores - Disbrapel, Rua Brasília, 310 - Carlos Prates - 30000 - Belo Horizonte - MG - Tel. 031 - 201-2899

Os artigos assinados nem sempre traduzem a orientação da Revista e da ABC e são de responsabilidade dos que os subscuem. Autorizamos a transcrição de trabalhos aqui publicados desde que sejam citados nosso nome e a edição.

REVISTA DOS CRIADORES

Apeloos:
o cavalo que traduz
raça e beleza.



NOSSA CAPA

DON JUAN QUEST

"O fenômeno da cor" é o "slogan" deste belo garanhão, de propriedade de Antonio Luis Teixeira de Barros, do Haras Brumado, Mogi Mirim, São Paulo. Fone (011) 542-7422.

TOP VANTAGE

Recém chegado de Oklahoma, EUA, onde participou da Exposição Mundial, o garanhão de três anos passa a integrar o criatório da Fazenda Arapongas, propriedade de José Americo Ribeiro Santos, fone (011) 287-9077. Foi uma vez Grande Campeão e duas vezes Reservado de Campeão, nos EUA.

SUMÁRIO

Junho de 1986 — Ano LV — N.º 677

24

Saleiro automático para bovinos

28

Fosfato natural é nocivo aos bois

30

O pacote e a Agricultura

34

RRZ — Pecuária Leiteira nos EUA — Organização e progresso genético — Programa de pastagens tropicais — Valor de raças nativas e exóticas de suínos — Toxicologia Bovina — Auto intoxicação do rume — Pneumonia intersticial atípica — Toxicose por inseticida — Desequilíbrio dos elementos traços — Hepomagnesemia — Desequilíbrio de cobre

e molibdênio — Toxicose por selênio Manejo clínico de algumas toxicoses bovinas — Toxicose ambientais e outras

140

Previdência fechará serviços médicos odontológicos

145

O cavalo crioulo na abertura de novas fronteiras da Agropecuária Brasileira na Amazonia

147

Um diagnóstico da equideocultura Brasileira

152

Modelos de edificações para suínos, durante estação quente

161

Serviço de Controle Leiteiro — Grande contribuição à pecuária leiteira

167

Plantel sob controle — Sítio N. Sra. Aparecida, onze anos selecionando HPB

SEÇÕES

1 . Negócios Rurais

18 .. Ponto de Vista

18 Pela ABC

20 ABC-Rio

32 Mecanização

121 Mangalargan... do Brasa

137 Gente

137 Leilão

142 Parda Suíça

153 Serviço

156 Registro



(Ex-Associação Paulista de Criadores de Bovinos). Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de outubro de 1958.

Registrada no Ministério da Agricultura sob n.º 35, com jurisdição nacional

60 ANOS DE BONS
SERVIÇOS PRESTADOS
AOS CRIADORES



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Joaquim Barros Alcântara Filho

Vice-presidentes

Gen. Diogo Branco Ribeiro
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho
Roberto Brotero de Barros
João Antonio Camarero
Frontino Ferreira Guimarães Júnior

Secretários:

Luiz Glycério de Freitas
Luiz Baptista Pereira de Almeida

Tesoureiros:

Octavio de Mesquita Sampaio
Pedro de Paula Leite Moraes

CONSELHO DELIBERATIVO

Presidente

Arnaldo Lima

Membros natos

João de Moraes Barros
José Bonifácio Coutinho Nogueira
Severo Fagundes Gomes
Urbano de Andrade Junqueira
Hélio Moreira Salles
Renato Costa Lima
José Cassiano Gomes dos Reis
Joaquim Barros Alcântara Filho

Efetivos

Roberto Brotero de Barros
Manoel Elpidio Pereira de Queiroz Filho
Caio de Lima Corrêa
Ruy Calazans
Rubens Malta de Souza Campos Filho
Octavio de Mesquita Sampaio
José Carlos Guimarães Oliva
Armando de Moraes Barros
Oswaldo Lara Leite Ribeiro
Diogo Branco Ribeiro
Renato Napolitano
Geraldo Diniz Junqueira
Frontino Ferreira Guimarães
Ricardo Barros de Almeida Telles
Lavil Veiga de Oliveira
Luiz Batista Pereira de Almeida
Marius Oswald Arantes Rathsan
Luiz Glycério Gracie de Freitas
Manoel José Alcântara
Henrique de Souza Dias

Alberto Chap Chap
Eider Ribeiro Dantas Filho
Carlos Eduardo Vieira Ribeiro
Paulo Fernando da Silveira Bueno
Edwin Benedito Montenegro
Carlos do Amaral Cintra
José Cassiano Gomes dos Reis Filho
Roberto Diniz Junqueira
Clarice Brito Soares
João Antonio Camarero

Suplentes

Eckhard Alfried Reimann
Pedro de Paula Leite Moraes
Fabio Garcez Meirelles Junior
Carlos Alberto Julio Lohmann
Fernando Euler Bueno
Alberto Paula Leite de Moraes
Roberto Cano de Arruda
Adalio José de Castilho
Rubens Franco de Mello
Franklin Rodrigues Siqueira

CONSELHO FISCAL

Efetivos

Jayme Watt Longo
Radyr de Queiroz
Roberto Diniz Junqueira

Suplentes

Arion Bueno de Oliveira
Laerte Garcez Meirelles

SUPERINTENDENTE

Virgílio de Almeida Penna

DEPARTAMENTO TÉCNICO

Manoel José de Alcântara, Eng.º Agr.º
João Soares Veiga, Méd. Vet.

Serviço de Controle Leiteiro

Fidelis Alves Neto, Méd. Vet.

Registro Genealógico, Serviço Ponderal de Controle de Peso e Pró-Cruza

Walter Battiston, Méd. Vet.

Assistência Técnica — Veterinária

Dr. Humberto A. Clemente
Dr. Antonio Carlos Gouvêa

Laboratório de Análises

Dr. Paulo Fernando Athaydes

DEPARTAMENTO JURÍDICO

Dr. Rubens Malta Campos

SÃO PAULO: Rua Jaguaribe, 634 — CEP 01224 — Tels. (011) 826-3033 — 800-3746 e 800-3747. Caixa Postal 9194. Av. José Cesar de Oliveira, 175 — CEP 05317 — Tels.: 831-7566 e 800-3531. Aberta até às 22 horas. SÃO JOÃO DA BOA VISTA, SP: Rua Gabriel Ferreira, 83 — Tels.: (0196) 23-4377 e 23-4224 — CEP 13870. RIO DE JANEIRO, RJ: Rua Monsenhor Manoel Gomes, 3 — São Cristóvão — CEP 20931 — Tels. (021) 264-7150, 264-7255 e 800-2307. Os prefixos 800 são para ligações do interior para as capitais e sem despesas para o interessado.



Edifício ABC — Centro da Agropecuária: a futura sede social da ABC, à Av. José Cesar de Oliveira, 175 ao lado da loja já existente. Localiza-se no Jaguaré, próximo a Ceagesp. As áreas disponíveis foram todas vendidas em menos de 45 dias. Obras em pleno andamento, em fase de preparo do sub-solo e solo.

*A atual sede social da ABC,
a sub-sede no Rio de Janeiro, outras lojas
e a nova sede social em construção*



A loja à Av. José Cesar de Oliveira ao lado da qual está sendo construída a nova sede.



A sub-sede no Rio de Janeiro à rua Monsenhor Manoel Gomes, 3, São Christóvão.



Atual sede à rua Jaguaribe, 634



A loja em São João da Boa Vista, SP, à rua Gabriel Ferreira, 83.

A ABC é, hoje, um centro regulador de preços dos insumos agropecuários.

A questão dos preços na pecuária de corte

Não serão com importações que se resolverão os problemas. Elas tão somente comprometem a rentabilidade e inviabilizam a atividade no médio prazo. O importante é rever a política fiscal que incide sobre o setor.

O entendimento das dificuldades que cercam a produção, comercialização e consumo da carne bovina, no Brasil, começa pela visualização

da magnitude da atividade no país. Segundo dados do censo agropecuário do IBGE de 1980, o rebanho bovino nacional é um dos maiores do

mundo, abaixo unicamente da Índia e praticamente ao lado dos Estados Unidos e União Soviética.

Tomando por base toda a agricultura brasileira, a pecuária bovina é o segmento mais importante, aparecendo na frente da soja, cana de açúcar, café e milho. Cálculos estimativos para 1985 apontam que somando-se o abate de bovinos, a produção de leite e a variação do rebanho, o valor de produção pecuária foi de US\$ 8,4 bilhões, equivalente a 28,8% a 3,7%, respectivamente, do Produto Interno Bruto (PIB) da agricultura e da economia do país.

Na verdade, o Brasil vem ganhando nos últimos tempos expressiva projeção na exportação líquida de carne bovina, estando atualmente entre os três maiores fornecedores mundiais, abaixo da Austrália e ao lado da Comunidade Econômica Européia. Os números relativos às exportações de 1985, indicam que mais de 100 países adquiriram 537 mil toneladas de carne bovina brasileira em equivalente carcaça, sendo 61% de produtos industrializados e o restante na forma "in natura". Tal desempenho propiciou um ganho de divisas na ordem de US\$ 526 milhões. Adicionalmente, a pecuária forneceu matéria-prima para a exportação de US\$ 100 milhões pela indústria de couros e de US\$ 1 bilhão em calça-

dos, o quarto produto da pauta de exportação do país.

Do ponto de vista da geração de empregos, a pecuária foi o único setor dentro da agricultura que cresceu de modo significativo na década de 1970, mostrando uma taxa média de 6,8% ao ano. O que se verificou nos anos setenta foi uma ratificação do papel desempenhado pela pecuária desde 1940, ano em que a atividade absorveu 10% do pessoal ocupado no setor agrícola. Nos anos mais recentes, com a expansão da fronteira agropecuária, a pecuária vem absorvendo aproximadamente 4,3 milhões de pessoas, ou seja, 20% do pessoal ocupado na agricultura brasileira.

Por tudo isso, tem-se que a representatividade econômica da pecuária bovina no Brasil, tanto em termos de geração de riqueza como de absorvedor de mão de obra, suplanta a urbana indústria automobilística. Trata-se de uma constatação deixada frequentemente de lado por mero desconhecimento, que prejudica uma interpretação mais correta da atividade. A ausência dessa visão pode-se responsabilizar a maneira superflua com que são tradicionalmente concebidas propostas e decisões de políticas a serem nela implementadas.

— pioneirismo no acordo dos preços no período pós-cruzado

É evidente que com a instalação do Plano Cruzado em fevereiro último, a pecuária nacional, pega de surpresa e possuindo a magnitude econômica, que acabou de ser mostrada acima, teria dificuldades para ajustar os preços, para efeito de compor as margens de rentabilidade de certos segmentos. Afinal, no complexo pecuário trabalha-se com pecuaristas, invernistas, frigoríficos e revendedores a nível de varejo, configurando uma certa pulverização que dificulta a determinação do peso específico de cada um.

Tanto assim, que ao se traçar uma retrospectiva histórica, observar-se-á que nunca foi levada à prática, uma política susceptível de equacionar devidamente os interesses dos agentes participantes do complexo. Um dos raros instantes em que isso aconteceu foi no princípio dos anos 70, quando o governo subsidiou um processo de modernização dos frigoríficos, com o fito de consolidar a presença do produto brasileiro no cenário internacional. Cabe,

porém, salientar que tal política na-dá tinha a ver com a distribuição interna da carne, que, aliás, não trazia na época grandes problemas, face ao arrocho salarial então vigente.

Não obstante, com a intervenção do governo, a pecuária bovina sobressaiu-se na economia nacional, como sendo o setor pioneiro na formulação de um acordo de preços e de suprimento, logo após a decretação da reforma econômica. Pelo acordo, os pecuaristas venderiam o boi em pé, nos Estados de São Paulo, do Paraná e de Mato Grosso do Sul a Cz\$ 215,00 a arroba para os animais com peso superior a 16 arrobas e a Cz\$ 208,00 para os de menor peso. Para os demais estados do País, foi definido o preço de Cz\$ 205,00 a arroba, para o boi com peso superior a 16 arrobas. Os animais de menor peso tiveram a arroba fixada em Cz\$ 200,00.

Na esfera da comercialização de atacado, os frigoríficos aceitaram entregar o quilo da carne do trasei-

ro a Cz\$ 19,00 para os açougues e Cz\$ 20,00 para os supermercados. O quilo do dianteiro para os açougues ficou em Cz\$ 13,80 e para os supermercados em Cz\$ 14,50. Justificou-se essa diferenciação nos preços devido aos açougues possuírem maiores custos (por exemplo, dispõe de um tempo menor para fazer os pagamentos) e serem responsáveis por 60% das vendas nas capitais, chegando a 80% no interior dos estados do norte e nordeste.

Esse acordo contou com forte conteúdo político em relação ao econômico, sobrepondo-se, inclusive, uma situação que em regime de preços não prevaleceria. Ademais, continha uma imperfeição perigosa, que colocava em risco a sua vigência no médio prazo. Isto porque estabeleceram-se preços a nível do pecuarista e do mercado atacadista e de varejo, deixando-se porém flutuar livremente a cotação junto aos que compram gado para engordá-lo e que formam um segmento importante no setor.

— o desalinhamento dos preços e o estrangulamento da atividade não serão corrigidos somente com importações.

Paralelamente, o choque do Plano Cruzado repercutiu de forma direta sobre o nível da atividade pecuária, uma vez que para ela foram canalizados grande massa dos recursos, até então utilizados na especulação financeira. Por conseguinte, teve início a um abrupto surto na procura de boi magro, bezerro e garrote e no aluguel de pastagens. Essa euforia trouxe um aquecimento justamente no segmento não abrangido pelo acordo, com os preços subindo em mais de 30% de fevereiro a junho. O garrote foi de Cz\$ 2 mil para Cz\$ 2,6 mil e o boi magro de Cz\$ 2,4 mil para a faixa de Cz\$ 3,0 mil a Cz\$ 3,2 mil.

Logo, formou-se a parafernália, acrescida simultaneamente com a reversão do quadro de oferta acima da demanda. De um lado, com a me-

lhoria do poder aquisitivo vis-à-vis à carne, aumentou o consumo desta. Antes do pacote, um salário-mínimo comprava 2,4 arrobas de carne e agora 3,7.

De outro, apareceu a inviabilidade da engorda, cujo ganho, limitado aos valores do congelamento, não possibilita a reposição dos plantios.

Nesse ponto, à guisa de análise, parece oportuno ensaiar o balanço de disponibilidade de carne bovina para este ano. A seca prolongada no final de 1985 prejudicou as pastagens, devendo reduzir a produção em 100 mil toneladas sobre os 2,4 milhões produzidos no ano passado. Mantendo-se o volume de exportação do ano passado, de 400 mil toneladas, a disponibilidade interna será de 2,0 milhões. O déficit, dian-

te de um incremento do consumo para 2,2 milhões, será, portanto, ao redor de 200 mil toneladas.

No momento, com o início da entressafra, problemas relevantes começam a emergir, com reflexos no abastecimento no curto e médio prazo. O confinamento, muito importante para garantir o abastecimento nesse período, não terá o crescimento esperado inicialmente, porque o seu custo de produção adicional não poderá ser passado no preço final congelado. Em relação às 230 mil cabeças engordadas em confinamento no ano passado, esperava-se um aumento em 1986 para 550 mil toneladas, que, entretanto, deverá ficar entre 350 a 400 mil toneladas.

Além da maior procura por animais para engorda, existe um outro

fator de difícil mensuração, também pressionador da alta dos preços. Trata-se da clandestinidade com que frigoríficos compram e abatem gado, sem recolhimento do Imposto de Circulação de Mercadoria, que permitem-lhes pagar acima do valor tabelado da arroba. Aí localiza-se uma indefinição, pertinente a revisão da política fiscal para o setor, que o governo insiste em desconsiderar. A taxação da alíquota de 17% de ICM, adicionada as outras, como do FUNRURAL, PIS, etc., têm sido um forte estímulo para a economia informal ampliar seu espaço, já imenso na pecuária de corte, em detrimento da saúde pública e do retorno daqueles que investem profissionalmente no setor.

Repetindo o comportamento de vezes passadas, o governo tem mostrado sua preocupação com o setor, muito mais pelo fato dos preços estarem fortemente pressionados a subirem. Para esfriá-los, o caminho que se busca é a importação de gado

dos Estados Unidos, Comunidade Econômica Europeia e de países vizinhos. Teoricamente, adquirir-se-á no exterior cerca de 250 mil toneladas, grande parte a preço subsidiado de US\$ 650 a tonelada.

O resultado dessa importação será bastante negativa para os pecuaristas, mormente os de pequenos e médios porte. Isso porque alguns grandes produtores, mais capitalizados, insatisfeitos com preços tabelados, retiveram nos pastos bois gordos. Assim, para a safra, prevê-se uma pressão na oferta de animais para abate, que fatalmente levará a um aviltamento dos preços.

Finalizando, na verdade, o governo mostra mais uma vez um despreparo para administrar corretamente o setor. Ao invés de discutir a questão tributária, que lhe custa preciosos recursos, não arrecadados por causa da sonegação generalizada, opta por medidas inócuas via importações, que apenas penalizam a rentabilidade da pecuária. Do

mesmo modo, as autoridades continuarão a manter o erro, enquanto sustentar um entendimento sobre os preços, que passam ao longo de fatores que os determinam e cuja transparência mantém-se incoberta.

A partir do dia 12 de julho os melhores animais das mais diferentes raças poderão ser observados durante a

VI Exposição e Feira Internacional de Ganaderia, Agricultura, Indústria e Comércio

A Exposição, organizada pela Associação Rural do Paraguai, constitui o maior encontro de criadores, agricultores e industriais do Paraguai. A Exposição deste ano promete superar em número e qualidade a todas exposições anteriores, esperando-se a presença de criadores de todo o continente. A Exposição será realizada no recinto da Associação Rural do Paraguai, no bairro de Mariano Roque Alonso, distante 17 quilômetros de Assunção, e ficará aberta até o dia 20 de julho.

VI Exposição e Feira Internacional de Ganaderia, Agricultura, Indústria e Comércio no Paraguai

Mais informações com:

MAYER'S INTERNACIONAL
Caixa Postal 1416 — Tel.: 94 949
ASSUNÇÃO — PARAGUAI

TÉCNICAS DE CRIAÇÃO E PRODUÇÃO ANIMAL

10: CURSO INTENSIVO (INÉDITO) 64 HORAS/AULA

VAGAS LIMITADAS

PROFESSORES DA:
ESALQ, IBBMA, FMVZ, FCAV e FCA

PROGRAMAÇÃO BÁSICA

- | | |
|--|---|
| 1 - Aspectos biológicos da produção animal | 5 - Ovíno e Caprinacultura |
| 2 - Bovinacultura de corte e leite | 6 - Piscicultura |
| 3 - Equidacultura | 7 - Suinacultura |
| 4 - Avicultura | 8 - Controle administrativo de produção animal. |

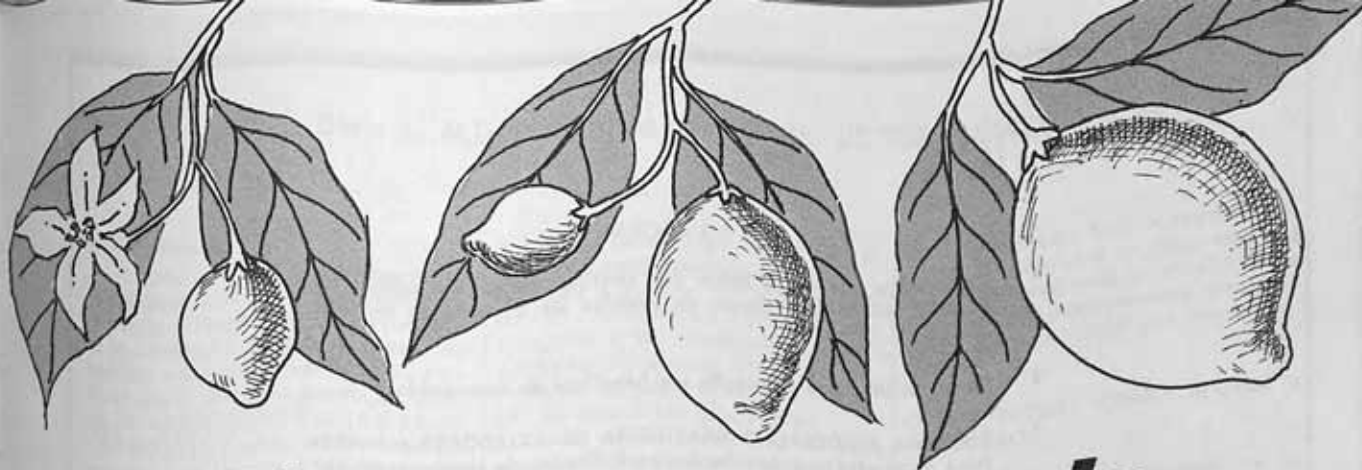
HORÁRIO:
Sábados das 8:30 às 12:00 horas e
das 13:30 às 18:00 horas.

LOCAL: Auditório da
Hotel Eldorado Boulevard
Av. São Luiz, 234 - SP.

THOMAS FATHER DO BRASIL

Divisão Agropecuária

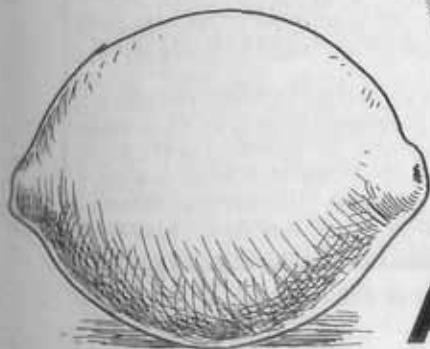
Informações: (011) 222-5349 e 221-6260



**Plante seu anúncio
no Suplemento Agrícola.
Você vai colher bons
resultados.**

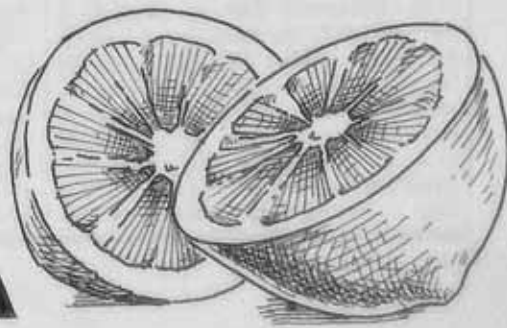
PROPRIEDADES RURAIS ATINGIDAS (*)	
Suplemento Agrícola	89.713
D. Rural	35.918
A Granja	17.943

*Fonte: Pesquisa: "O Homem do Campo" - CBB & A



Para anunciar, peça
detalhes pelos telefones
856-2555 e 856-2556
(Depto. de Publicidade).

SUPLEMENTO
AGRICOLA
O ESTADO DE S. PAULO



POLÍTICA

ASSUNTO

1. Da ameaça que paira sobre um contingente de um milhão de homens do campo, diante da política de importação de leite em pó.
2. Como estimular a produção em benefício do consumidor?
3. Pleiteia a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES subsídios para os produtores de leite impossibilitados de continuarem sua atividade, face à REFORMA ECONÔMICA.

São Paulo, Abril de 1986.

O presidente da Associação Brasileira de Criadores, Joaquim Barros Alcantara Filho, entregou ao ministro da Fazenda, Dilson Funaro, o trabalho "Proposta da Associação Brasileira de Criadores para a Nova Política Nacional de Produção de Leite", elaborado pela entidade que preside. É um trabalho extenso e profundo que toca a fundo no problema da produção leiteira do país. No ofício encaminhado ao Ministro, o presidente protesta contra a atual situação da pecuária leiteira e pede medidas urgentes. O ofício foi entregue em abril e no início de maio, o governo resolveu conceder subsídio ao produtor de leite especial. Com o subsídio, em vigor desde o dia 1.º de junho e com o prazo de encerramento no dia 30 de novembro, quando o governo espera já ter definido uma nova política, os produtores receberão, via laticínios, Cz\$ 2,31 contra os Cz\$ 1,78 pagos até o fim de maio. Porém, o subsídio não atende os produtores e nem a Associação, que estima que o subsídio deveria ser de Cz\$ 1,45 para que não houvesse prejuízos.

Já Elizabeth Farina, professora da Faculdade de Economia e Administração da USP e pesquisadora do Instituto de Pesquisa Econômica da mesma escola, diz que o governo deve liberar o preço do leite especial. Conforme ela, o mercado tem condições de regular o preço. Elizabeth é contrária a subsídio perma-

nente e diz que ele não deve se prolongar além do dia 30 de novembro. A partir daí o governo já deve ter estabelecido uma nova política para o setor.

Segundo ela, com o programa de fornecimento de leite à população carente, não há mais razão de o governo continuar mantendo o preço do produto controlado, sobretudo com valores abaixo do custo de produção. Segundo ela, o governo deve liberar o preço e deixar que o próprio mercado se ajuste. Conforme ela, o drama da pecuária leiteira começou exatamente há 40 anos quando o governo resolveu instituir o tabelamento.

Além da liberação de preços, Elizabeth diz que é importante o governo dispor de recursos para estocagem do produto na safra e também manter o sistema de quotas. Porém, Elizabeth pede que o governo fiscalize o cumprimento do preço ao produtor. "O produtor, sobretudo o pequeno, é frágil e desorganizado. Com a liberação de preço, o governo tem de fiscalizar para ver se os laticínios estão repassando os valores", justifica.

Segundo Elizabeth, o melhor estímulo para o produtor de leite é o preço. "Bom preço é sinônimo de boa produção e oferta. A pecuária leiteira e a agricultura em geral é sensível ao preço", observa. "Sempre que o governo deu bom preço os produtores responderam com maior

oferta. Em 1974 e 1975, anos em que os preços foram ótimos, a produção cresceu em média de 14 a 15%", observa. Hoje, segundo ela, a defasagem de preço, em relação a 1980, que já apresentava redução, é de 30% reais. Então, é preciso recompor esse preço", sugere. Além de dar bom preço, o governo deve dar garantia de continuidade desse estímulo, oferecendo segurança ao pecuarista investir no melhoramento do rebanho e da infra-estrutura, permitindo-lhe especializar na exploração do leite. "A produção leiteira no Brasil não é especializada. Isso porque, sem garantia, ninguém se encoraja em investir no setor. Então a consequência é essa oscilação da oferta de leite", observa. "Hoje, quem se especializou é que está mais sofrendo. Como montou toda a infra-estrutura para a produção leiteira e comprou bons animais tem que permanecer na atividade, mesmo acumulando os prejuízos. Não pode vender o rebanho e nem enterrar a infra-estrutura montada. Então tem que fornecer ração, mineral e medicamento para conservar esse capital, mesmo a custo de prejuízos", diz.

Veja a seguir o ofício enviado pela Associação Brasileira de Criadores ao ministro Dilson Funaro e, no final da presente edição, a página ao lado veja a interessante entrevista do Dr. Fidelis Alves Neto, sobre o controle leiteiro.

Ofício ao M.D. Ministro da Fazenda: Dr. DILSON FUNARO

Excelência.

Preocupada com o progressivo desinteresse dos seus associados em investir e aumentar seus rebanhos e a produção de leite, e diante da maneira como o Governo vinha conduzindo o setor da produção leiteira, a ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES cuidou de elaborar um estudo que levasse à uma proposta para implantação de uma verdadeira e útil política nacional que estimulasse essa atividade.

O estudo uma vez pronto foi apresentado ao Senhor Presidente da República e seu Governo sob o título "PROPOSTA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES PARA A NOVA POLÍTICA NACIONAL DE PRODUÇÃO DE LEITE".

Nesse trabalho, depois de estudar o comportamento nacional do consumo do leite e derivados, depois de analisar as condições de produção e suas possibilidades, depois ainda de examinar o comportamento e o desenvolvimento da indústria de leite de consumo e dos laticínios, foi proposta uma política de apoio à produção leiteira, afim de atender às necessidades de consumo e abrir verdadeiras possibilidades para a formação de estoques de leite.

Sendo o estudo ultimado poucos dias antes da reforma econômica, em tão boa hora procedida pelo Governo brasileiro, as sugestões de como apoiar a produção, eram baseadas nas ORTNs e perderam sua razão com a extinção delas.

Um outro fato, também veio agravar a situação da produção leiteira que está com preços tabelados e defasados da realidade econômica, foi o aumento dos salários.

Congelados os valores no momento da assinatura do Decreto a situação da pecuária leiteira só poderia piorar. Com isso, agora passados quarenta e cinco dias, verifica-se que tendo se tornado impraticável a produção de leite "C" ou especial, este flue cada vez menos para o abastecimento das cidades. Poderá ser mal substituído pelo leite reconstituído,

à base de leite em pó importado, o que vem sendo tentado.

É esta a política que interessa ao BRASIL, subsidiando o produtor estrangeiro e os intermediários nas compras, em prejuízo dos nossos homens do campo que tem na produção de leite o seu ganha pão?

Talvez quase um milhão de pessoas estejam diretamente ligadas à produção e comércio de leite e laticínios no BRASIL e, neste momento em que poderiam ajudar a produzir, estão ameaçados de precisar mudar de atividade, em prejuízo dos 135 milhões de consumidores.

A falta do leite "C" no mercado é consequência do baixo preço pago ao produtor (Cz\$ 1,78 por litro), quando o seu custo fixo hoje é de Cz\$ 2,56. Se o produtor recebesse pelo menos Cz\$ 3,33 por litro (custo mais margem de lucro) teria condições de adquirir concentrados e conservar a produção do rebanho.

Com o leite "B" a situação é um pouco diferente. O produtor recebendo Cz\$ 3,20 por litro, se esforça para manter a sua produção uniforme o ano todo e então abastecer o mercado consumidor.

A persistir a presente situação o quadro da pecuária leiteira tende a sofrer grandes alterações com a redução da produção de leite para consumo, e para industrialização. Poderá se acelerar a desativação de atividades em incontáveis propriedades com o sacrifício das vacas e dispersão de pessoal especializado na produção.

Enquanto isso, e até que seja possível o abastecimento das populações menos favorecidas e os que serão atendidos pelos programas sociais, estão sendo supridos com leite reconstituído à base de leite em pó importado. Até quando, pergunta-se, será possível esta situação? Haverá leite suficiente no mercado exterior para se adquirir? Teremos recursos para comprar?

Numa hora em que o BRASIL exporta uma infinidade de produtos industriais, até de alta tecnologia, pergunta-se: estaremos certos com

essa orientação face a nossa imensidão territorial e o progresso até aqui alcançado pela produção nacional, que tem seguramente possibilidades para duplicar sua atual produção?

O QUE FAZER? COMO APOIAR A PRODUÇÃO?

Diante da impossibilidade de no momento se reajustar os preços do leite "C" que constitui o ponto chave de toda produção leiteira, só restam duas alternativas para se corrigir esta situação:

1. **SUBSIDIANDO A PRODUÇÃO ATÉ QUE SE POSSA CORRIGIR OS PREÇOS DE COMERCIALIZAÇÃO DO LEITE "C"** ou,
2. **REDUZINDO CUSTOS,**

o que na realidade é difícil, pois não há mais o que cortar.

O subsídio que pode ser feito deverá ser dirigido ao produtor, complementando os valores recebidos na comercialização do leite "C" e permanecer até que seja possível reajustar os preços ao consumidor.

Assim ao valor de Cz\$ 1,78 tabelado para os produtores, seria necessário acrescer o subsídio de Cz\$ 1,45 para que se alcance o valor das últimas planilhas de custo calculadas em Cz\$ 3,33. Esse subsídio deve ser feito via indústria de laticínios.

A duração deste subsídio estará na dependência e possibilidade de reajustar o preço de comercialização do leite "C" o que pode ser de 60 dias ou mais, ou de acordo com previsões oficiais.

Trata-se, sem dúvida, de gastos extraordinários para o Governo, mas que poderiam ir à conta dos auxílios sociais. Além disso, lembre-se que o Governo já subsidia outros produtos da agricultura que não tem maior importância social do que o leite, como o trigo e o álcool, apesar da indiscutível necessidade desses produtos.

Cordialmente,
Joquim Barros Alcântara Filho
Presidente

Núcleo Marchador - Rio informa:

Sônia Dietrich Paes Leme

O Núcleo dos Criadores do Caval Mangalarga Marchador do Rio de Janeiro, para o ano de 1986, está programando uma série de palestras que visam melhor direcionar a criação do Mangalarga Marchador neste Estado.

As reuniões irão abranger muitos assuntos, entre eles, nutrição e volumosos para o qual foram convidados dois professores da cadeira de veterinária da USP — Universidade de São Paulo — e debates sobre andamento, além do que alguns criadores irão ceder suas propriedades para que sejam ministradas palestras com as exemplificações ao vivo. As datas desta programação serão divulgadas na próxima edição deste periódico.

A primeira palestra deste ciclo ocorreu no dia 27 de maio último na sede do Núcleo-Rio situado à Rua Monsenhor Manuel Gomes, 3, São Cristóvão, no mesmo prédio da ABC — Associação Brasileira dos Criadores. A mesma foi proferida por Sérgio Lima Beck que ilustrou-a com transparências e "slides" para um público muito acima do que esperava seus organizadores.

E o Núcleo-Rio não pára. Na exposição de Além Paraíba, ocorrida nos dias 22 a 26 de maio do corrente ano, promoveu mais uma reunião de criadores de Mangalarga Marchador, cujos resultados são os seguintes:

POTRO: Grande Campeão Potro — Criado J.A. — nascimento: 17/08/84 — Pai: Becamar da Gironda x Mãe: Fantasia J.A. Expositor: Agropecuária Aquidaban Ltda. Paraíba do Sul — Rio de Janeiro. Reservado Grande Campeão Potro: Dantes das Garças — nascimento: 15/11/83 — Pai: Catuni Quo Vadis x Mãe: Melindrosa das Garças. Expositor: Júlio Viçor P. Guimarães. Valença — Rio de Janeiro.

CAVALO: Grande Campeão do Raça: Condomínio do Sobrão — nascimento: 19/08/80 — Pai: Cafundó Nobre x Mãe: Tirana de Combiquira. Haras Três Coqueiros. Expositor: Atílio A. S. Martins. Petrópolis — Rio de Janeiro. Reservado Grande Campeão do Raça: Itaipu do JK — nascimento: 10/11/82 — Pai: Furacão da Bela Vista x Mãe: Tirolena de Raimundi. Expositor: Organizações de Carnes Ferman — Volta Redonda — Rio de Janeiro.

POTRANCA: Grande Campeão Potranca: Dominique da Moldura — nascimento: 28/03/84 — Pai: Sanjona Nobre x Mãe: Ali Bisco. Chácara La Glória. Expositor: Leal Vieira Varella. Muriaé — Rio de Janeiro. Reservado Grande Campeão Potran-

ca: Jardineira do Jequitiba — nascimento: 13/08/83 — Pai: Ara Tradutor x Mãe: Aline do Jequitiba. Expositor: Maria Irene Baptista dos Reis. Rio de Janeiro - RJ.

EGUA: Grande Campeã da Raça: Cafundó Vitória — nascimento: 21/08/81 — Pai: Herdade Jupia x Mãe: Abaiba Se-reia. Sítio São Geraldo. Expositor: José dos Reis Meirelles Filho. Reservada Grande Campeã da Raça: Quênia do Sobrado — nascimento: 2/02/82 — Pai: Furacão da Bela Cruz x Mãe: São José Atriz. Haras Malbora. Expositor: Edson Correia Pereira. Volta Redonda — Rio de Janeiro.

CONCURSO DE MARCHA: Fêmeas: Grande Campeã: Quênia do Sobrado — nascimento: 2/02/82 — Pai: Furacão da Bela Cruz x Mãe: São José Atriz. Haras Malbora. Expositor: Edson Correia Pereira. Volta Redonda — Rio de Janeiro. Reservada Grande Campeã: Fulô R.B. — nascimento: 18/08/79 — Pai: Abaiba Carça x Mãe: Mulata R.B. Fazenda Três Morros. Expositor: Sêneca Participações e Assessoria Ltda. Rio de Janeiro - RJ.

Machos: Grande Campeão: Condomínio do Sobrão — nascimento: 19/09/80. Pai: Cafundó Nobre x Mãe: Tirana do Combiquira. Haras Três Coqueiros. Expositor: Atílio A. S. Martins. Petrópolis — Rio de Janeiro.

PROGENIE: Macho: Grande Campeão — Furacão Bela Cruz. Expositor: Francisco Feres Junior. Reservado Grande Campeão: Seridô Tabatinga. Expositor: Paulo Fontinha Gayer. Fêmeas: Grande Campeã — Veranda R.B. — Expositor: Rogério Tupinamba P. de Sá. Reservada Grande Campeã: Angústia da Gironda. Expositor: Eduardo Cruz.

A renda do laúdo de cobertura, cerca de 100 mil cruzados, foi toda revertida para a continuação das obras do Parque de Exposições Agropecuária de Paraíba do Sul.

Criadores do Rio de Janeiro eleitos para membro do conselho da ABC

Sônia Dietrich Paes Leme

No dia 30 de abril último na sede da ABC — Associação Brasileira dos Criadores — em São Paulo, ocorreu a eleição para os cargos de Suplente do Conselho e Conselheiro desta entidade. Respetivamente, foram eleitos três criadores fluminenses, são eles: Cláudio Caiado de Castro e Custódio de Almeida e, para o segundo cargo, elegeu-se Eider Ribeiro Dantes Filho.

Ao saberem da notícia se mostraram bastante satisfeitos comentando, em ou-

tras palavras, que irão concentrar seus objetivos trabalhando para melhor desenvolver o Estado do Rio de Janeiro perante a ABC e de todas as áreas que englobam o setor agropecuário fluminense.

A Revista dos Criadores foi até eles para saber quais suas opiniões:

— Eider R. Dantes Filho: "Tudo pelo Rio de Janeiro, este Estado tem um grande potencial e, diante da ABC, pretendo promover uma maior divulgação de nossas atividades neste setor".

— Cláudio Caiado e Castro: "O Rio de Janeiro precisa de um maior desenvolvimento técnico e, junto da ABC, terei bastante condições para promovê-lo".

— Custódio Almeida: "Com apoio e ajuda da ABC trarei grandes resultados na defesa dos interesses de todos os criadores do Estado do Rio de Janeiro".

OPINIÃO

Sônia Dietrich Paes Leme

1.º) Estabelecimento de uma "Política para o Setor"

O Brasil, desde o seu descobrimento, teve como atividade mais importante a produção agropecuária.

No ano de 1586 a população rural era de 100%, o produto interno bruto do País da área rural — 100% —, as exportações agrícolas — 100% —, e em 1986, respectivamente, é de 30%, 40%, 35%.

Não há uma política para o setor. Como consequência a atividade rural foi perdendo o seu peso na economia brasileira. Há uma correlação muito estreita entre o desestímulo ao setor agrícola, o êxodo rural, a má distribuição da renda da população, a produtividade baixa na agropecuária e a desnutrição no Brasil.

Sem uma política bem definida de médio e longo prazo, não há condições de se planejar e criar-se uma infra-estrutura sólida para podermos romper a barreira dos 50 milhões de toneladas de grãos, a barreira dos 17% da taxa de desfrute da pecuária, etc.

2.º) Reforma Econômica

A reforma econômica veio com o objetivo de muito mais que um simples congelamento de preços passagieiros, conseguir a estabilidade nos preços, na inflação e na economia. Por isso é a melhor oportunidade para acabarmos de vez com os resquícios do paternalismo, do colonialismo. A pecuária no Brasil produz 2,5 vezes mais que a indústria automobilística. Imaginem vocês se não houvessem portarias ultrapassadas do Sunab que falam em

leite cota e leite excesso!!!, leite consumo e leite indústria, como se existisse excesso de leite no Brasil, que existisse diferença para o produtor de leite que entrega o leite para a usina empacotá-lo ou fazer um sub-produto. Sem falar na cobrança de 2 fretes para o pecuarista, na cobrança de ICM tanto no leite como na carne, o Funrural, o ITR do IR. Ao invés de estímulos, como nos países desenvolvidos, o pecuarista brasileiro paga mais de 40% para produzir.

E hora de se acabar com essas portarias que subvertem o ato tão nobre de se produzir alimentos no Brasil. É o único País no mundo que cobra impostos para se produzir leite.

5.º) A Constituinte

Será feita em 1987 uma nova constituição. Os constituintes serão eleitos em novembro de 1986. Agora é a melhor oportunidade para os pecuaristas, agricultores, veterinários, agrônomos, professores, técnicos, todas as entidades ligadas ao setor rural se mobilizarem para influírem na nova Carta Magna. Aliás, a reforma fiscal será a mais importante contribuição da nova constituição à agropecuária. Será através dela que poderemos construir uma política estável, forte e remuneradora para o campo.

Reverter o processo de transferência de recursos da agropecuária para a indústria.

E a área rural sendo bem remunerada assistida e forte, política e socialmente trará a rendição do nosso País, pois o alimento será o produto mais procurado e decisivo do mundo, já na próxima década. O Brasil é a natureza! — Custódio Afonso Almeida, criador de Gado Guernsey no Rio de Janeiro.

César Luterbach - um pouco da história do Mangalarga Marchador

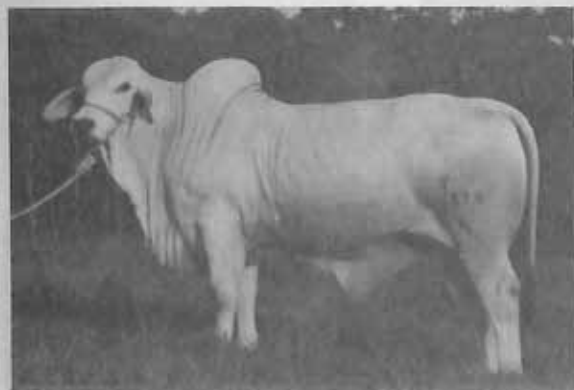
César Luterbach foi homenageado na I Exposição Especializada em Mangalarga Marchador do Estado do Rio de Janeiro por seus grandes feitos em prol da criação da raça Mangalarga Marchador. É um homem que acumula denominações, a mais recente é que ele representa a "história da criação do Mangalarga Marchador em pessoa", e também faz muitas observações sobre a atividade: "Não existe cavalos ruins, duros de boca, mas sim cavaleiros destreinados.

Completa 61 anos de casado com D. Ilsa e 84 de convivência com o cavalo: esta é a marca cronológica da história do médico e amante da criação do Mangalarga Marchador César Luterbach, fluminense nascido em Cantagalo, Estado do Rio de Janeiro, de onde partiu para estudar medicina e, já formado, firmar residência em Botelhos, interior de Minas Gerais. Nesta cidade desenvolveu a tão gratificante atividade que é a criação de cavalos e, juntamente, exerceu sua profissão de médico. Tiveram 4 filhos mineiros e, na referida cidade, moravam em uma chácara de 1 alqueire onde produzia leite para o consumo da família e, na periferia, eram proprietários de uma fazenda de 22 alqueires onde criavam alguns equinos da raça Mangalarga Marchador. Em Botelhos montou uma Casa de Saúde com a imprescindível ajuda administrativa de D. Ilsa. Conta que no cumprimento de sua profissão o cavalo exerceu um relevante papel, "sem este meio de transporte seria, praticamente, impossível chegar até meus pacientes. Por várias vezes à noite sai montado em um "cavalo sem encher-gar nada e embaixo de muita chuva".

Esclareceu César Luterbach que a região de Minas Gerais, nos tempos mais remotos, era uma região vulcânica sendo que, este fator, muito contribuiu para formar no solo micro-elementos que muito auxiliaram na formação do equino, por exemplo, a cascaria do rebanho mineiro é bastante diferente do rebanho de outros estados. Confirmou ainda que estas so-bras vulcânicas enriquecem muito o teor protéico dos pastos refletindo na qualidade e no crescimento do cavalo mineiro. "Acredito ser este o fator que muito influenciou o Estado de Minas Gerais ser o difusor da criação de cavalos no Brasil". A condição geográfica montanhosa fizeram com que os animais mineiros sejam até hoje muito respeitados pelos paulistas. A necessidade de subir e descer morros desenvolveu uma excelente musculatura, ossatura e outros itens que promoveram a boa desenvoltura do equino nas planícies de São Paulo, adaptando-se muito bem a qualquer função que, por ventura, venha a exercer.

De 1914 até nossos dias, logicamente, muita coisa mudou na criação de cavalos. A atividade tornou-se mais exigente

RUSTICIDADE, FERTILIDADE E GRANDE GANHO DE PESO. TABAPUÃ, A RAÇA FEITA PARA O BRASIL



Ciclone de Tabapuã T-K 5820
734 kg aos 24 meses

TABAPUÃ

Se você quer peso, você quer TABAPUÃ, a raça feita para o Brasil: rusticidade, fertilidade e precocidade. Venha à origem do TABAPUÃ: Fazenda Água Milagrosa, Tabapuã, Estado de São Paulo.

Dr. ALBERTO ORTENBLAD

Fazenda Água Milagrosa
C. Postal 23
15.880 - Tabapuã - SP
Tels.: (0175) 62-1117
PABX

Filial em MS: Granja Ipanema
Rodovia Campo
Grande - Culabá, a
40 km de Campo Grande
Tel.: (067) 624-6138

Escritório no Rio:

Rua da Assembléia, 92, 10.º and. — Rio de Janeiro, RJ
Tels.: (021) 242-0297 e 222-1818

em termos de alimentação e manejo. Naquele tempo não havia a preocupação com o alimento dos cavalos, "antes dava-se comida agora nutre-se o animal". O equino está cada vez mais bonito em suas formas, graças ao esmero dos criadores e a medicina preventiva dos veterinários que desenvolveram rações balanceadas, medicamentos e outros que resultaram na melhor formação dos animais. "Em termos de futuro, a alimentação tenderá a ficar mais barata porque os brasileiros estão deixando de imitar os europeus, substituindo alimentos importados por outros produtos que também alcançam os mesmos resultados e com maior economia."

Fazendo-se uma comparação entre os antigos e novos criadores nota-se, respectivamente, que aqueles eram verdadeiros cavaleiros enquanto hoje, os proprietários não o são. "No meu tempo o próprio dono era o treinador do cavalo e atualmente quem comanda são os peões". Este fato ocorre porque alguns proprietários alegam problemas de saúde, pois então, "estou com 84 anos e jamais tive sequer algum problema de coluna ou seja lá o que for"; Luterbach defende, e muitos outros criadores, que a Associação organize cursos ou escolas para peões com a finalidade de tornar o cavalo mais profissional. "A diferença básica da criação de cavalos no passado e hoje é que antes era uma necessidade e nos nossos dias é "status".

"Muitos criadores meus amigos me chamam de nostradamus da equideocultura", isto porque, no passado, sempre costumava dizer: "se os criadores se guiarem por minhas opiniões o Estado do Rio de Janeiro poderá se tornar um grande criatório em termos de qualidade". Fato confirmado: os animais do rebanho fluminense são de ótimas caracterizações e um bom número destes pertencem às melhores linhagens do Brasil. Inclusive a "lenda" de que o macho vale muito e é mais raçador do que a fêmea sempre foi contestada por este grande criador. "Na época em que as fêmeas custavam pouco, instrua muitos amigos a adquirirem certas éguas que seriam ótimas raçadoras tal qual um macho. Aplico e defendo o ditado de cavalo de milhão, égua de milhão".

A formação da raça Mangalarga Marchador vem se aprimorando vertiginosamente em termos de pelagem, alimentação apropriada, musculação, ossatura, porte, anca, cabeça, pescoço e outros fatores que serão conservados somente através da prole: "essas qualidades somente irão ser boas se forem transmitidas aos descendentes. E reafirmo tanto o macho quanto a fêmea são igualmente raçadores".

No ensinamento que passa a seu filho, César Luterbach diz que o cavalo deve ser criado o mais natural possível. "O maior inimigo do potro é a cocheira. Bem cedinho, enquanto o capim ainda está molhado pelo orvalho, o equino deve ser sol-

to para pastar. Acredito não haver coisa que o cavalo mais goste". O verde é o principal fator de desintoxicação e desenvolvimento, além do que reafirma a rusticidade da raça em questão — Mangalarga Marchador —, "uma de suas características principais. No pasto o potro tem condições de exercitar-se beneficiando seu crescimento, principalmente quando está junto da mãe ele tem a possibilidade de brincar e correr de um lado para o outro no campo. E, no caso de o filhote ter sido desmamado e separado da mãe, colocá-lo junto com outro potro do mesmo tamanho". Finalizou este item com a observação: "cocheira quanto menos melhor".

Na cidade de Mendes, Estado do Rio de Janeiro, Paulo César Luterbach, um de seus filhos, está começando a desenvolver um criatório de Mangalarga Marchador. O animal de número hum é a égua Seta Dama, apresentada por Hélio Bello, parindo um potro — filho de Herdade Cadillac cujo nome é Czar Monarca, antigo prefixo de seu pai. Hoje este produtor está com 2 anos e meio e será iniciado em julgamento na exposição agropecuária de Barra do Piraí, com data de início para 12 de julho próximo. "Sou contra os julgamentos das categorias abaixo de 2 anos e meio devido às frequentes viagens que prejudicam o crescimento do animal com as consequentes mudanças de alimentação, água, quebra da rotina dos exercícios, enfim uma série de razões que dani-

Terras do Acre

O FILÉ MIGNON DA AMAZÔNIA.



**'UM DOS MAIS ARROJADOS
EMPREENHIMENTOS DA AMAZÔNIA.'**

Telefone ou dê-nos o prazer de sua visita.
Nós temos a área ideal para você plantar o seu futuro.

PRINCIPAIS CIDADES	POPULAÇÃO
Rio Branco	105.548
Crato do Sul	91.129
Tacarcara	71.176
Santa Maria	28.847
Paqueta	22.761
Brasília	22.128
Plácido de Castro	19.413
Japurá	16.429
Benedito Gomes	12.791
Manaus	7.748
Manaus Velho	6.882
Alto Arica	1.888

**ACREDITE:
O FUTURO ESTÁ AQUI**



TERRAS DO ACRE MELHORAMENTOS LTDA.

Avenida - Galeria José de Melo - Loja 20 - Fone (066)224-5035 - 224-2192
CEP 69.900 - RIO BRANCO - ACRE

CULTURAS

CAFÉ/CAJÁU — Em razão da fertilidade do solo, estas duas culturas de grande porte, desmoldam-se no acionamento, apresentando as potencialidades econômicas da Acre.

PECUÁRIA — Ovinos e caprinos são as principais atividades pecuárias, com destaque para a produção de carne e leite.

OUTRAS CULTURAS — Serpentina, mandioca, banana, arroz, cana-de-açúcar, milho, feijão, etc.

SAÚDE

O crescimento populacional do Estado exige das autoridades governamentais atenção à área da saúde, em especial na medicina preventiva, com resultados satisfatórios e muitas gratificações. O desenvolvimento das ações de saúde é realizado. Na capital, além das hospitais do Governo, existem diversas hospitais e clínicas particulares.

ACRE — UM POVO SAUDÁVEL, CONSTRUINDO UM GRANDE ESTADO.

ENSINO

A Universidade Federal do Acre, com a criação de 12 cursos, deu novo alento à educação superior, apresentando as atividades acadêmicas e profissionais com o compromisso das mais modernas técnicas.

MELHOR REBANHO BOVINO DO PAÍS

Considerando-se a alta qualidade das fêmeas e a qualidade dos animais, o rebanho bovino do Acre é considerado o melhor do país. Os animais são bem tratados, com alimentação adequada e cuidados veterinários.

CLIMA

A situação privilegiada do Estado, com altitude média de 250 a 300 m, oferece a região de clima temperado, com invernos suaves e verões quentes. Esta das melhores condições para a implantação de empreendimentos de alto nível.

PROJETOS/ESTRADAS: 1.300 KM

Além dos projetos aprovados, a Secretaria dos Transportes do Acre, a partir de 1980, está planejando a construção de novas estradas, com o objetivo de melhorar a infraestrutura do Estado.

ficam o desenvolvimento perfeito das formas físicas do equino". Dr. Luterbach com sua calma e conhecimento dos muitos criadores e de suas opiniões, completou: "aposto que quando lerem esta minha opinião irão pensar que se o animal não for conhecido desde potro não será, no futuro, um grande campeão, pois é aí que eu digo, se o animal for realmente bom será tão conhecido quanto aquele de semelhantes qualidades que iniciou sua jornada em julgamentos desde a primeira categoria potro".

Para um bom treinamento de marcha e equitação a melhor conduta para se chegar a grandes resultados é usar os próprios elementos da natureza, portanto, os morros, estradas de terra e seus possíveis obstáculos, fazendo o animal andar no máximo 4 km e no máximo 80 km diários, "o pior lugar são as pistas construídas em círculo porque causam problemas na formação dos músculos posteriores e anteriores do animal". Hoje em dia, foi instituída a prova de hipismo rural para que os cavalos possam exercer suas funções de origem, e acrescentou: "a criação de cavalos tornou-se uma atividade de elite fazendo o equino virar boneco de vitrine e mais, a maioria de seus proprietários são fazendeiros de finais de semanas sem, portanto, saberem conduzir seu animal, como um verdadeiro cavaleiro".

César Luterbach relatou à Revista dos Criadores o dia que se confirmou a grande prova da docilidade e amizade do cavalo da raça Mangalarga Marchador: "eu e meus dois irmãos fomos buscar uma boiada em um pasto que ficava além de uma garganta onde havia uma linha fér-

rea. Os dois à minha frente, já tinham passado e, quando fui atravessar, o trem me pegou no meio da garganta. Bom, final da história, depois que o trem passou, eu estava deitado sob o cavalo, cujo nome era Telegrama, e este completamente imóvel devido a uma ordem minha de ficar bem quietinho até o trem passar. Hoje, lembro-me bem, do espanto de meus dois irmãos com o acontecido". Um outro fato aconteceu por volta de 1962, quando era proprietário de um cavalo de nome Platino, filho de Fada e Maxixe, ambos campeões nacionais de propriedade do criador José Floriano Martins. Na exposição de Barra do Pirai, Dr. Luterbach encontrou o Dié, também criador, lhe dizendo que se encontrasse um filho de Maxixe ficaria muito satisfeito. Portanto, levou-o até sua fazenda que se localizava próximo dali, em Pirai, tanto do Dié argumentou que acabei trocando o meu garanhão por um de seus cavalos de estimação mais uma vaca holandesa com bezerro no pé de minha escola". Passou muito tempo sem ouvir falar ou ter visto este cavalo, até o dia em que ele vinha entrando em uma exposição no Parque da Água Branca, São Paulo, quando encontrou o empregado do Dié falando que Platino estava naquela exposição. "Fui mais do que depressa à sua baía matar as saudades de meu cavalo. Lá chegando encontrei-o relinchando para algumas éguas próximas, cheguei mais perto do visor e chamei: Platino... Platino... vem cá meu nego, ele levantou as orelhas e logo veio ao meu encontro começando a lamber minha mão. Olha minha filha, as lágrimas me vieram aos olhos de tanta emoção". Por estas duas

passagens torna-se, praticamente impossível não admirar este grande criador do Marchador e nem deixar de criar dentro de nós algum interesse por esta raça.

Nos últimos tempos, a vida de César Luterbach e sua esposa D. Ilsa, que sempre o acompanhou e também tece algumas críticas e elogios sobre o rumo que tomou a criação de cavalo, é atender às frequentes solicitações de diversos criadores e, sendo assim, é praticamente impossível encontrá-los em sua residência nos finais de semana. Os criadores que mais o solicitam são, entre outros, Hélio Bello, "com quem travei grandes discussões sobre a forma mais adequada de treinamento dos cavalos", Gueber Moreira, "possuidor de um excelente plantel e admirador da equitação junto com seus filhos", os irmãos George e Fernando Avelino, "grandes amigos", e muitos outros criadores novos e antigos que o procuram em busca de suas opiniões, "o meu telefone não para".

Finalizando, César Luterbach defendeu uma mudança no sistema dos registros provisórios dos animais, isto é, os registros só serem efetuados na presença da égua, mãe do referido potro, com a finalidade de evitar dados e informações trocadas quanto a filiação.

Encerrando a entrevista comentou: "o que posso fazer pelo cavalo eu faço, é uma das minhas maiores paixões".

As palmeiras da rua Paissandu, depois que passaram a conviver com tão grande personalidade da criação do Mangalarga Marchador parecem ter ficado mais pomposas em suas bases de tantas histórias.

4M - CHIANINA - 4M

Adaptação - Fertilidade - Mais peso



ROFELO POI — Para conformação e peso

Ganhe mais cruzando
com CHIANINA

Quatro Meninas
Agro-Pecuária Ltda.

Fazenda de Areas

BOA SORTE — Município: Cantagalo - RJ
Tel.: 7 (via 101)

Rio (021) 210-1203 e 245-0980



Saleiros automáticos para bovinos

O Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNPGC/Embrapa) desenvolveu diversos modelos e tamanhos de saleiros automáticos para bovinos. Ao contrário do sistema convencional, os saleiros automáticos, desenvolvidos pela Embrapa, são fechados e protegem os sais minerais das chuvas. Podem ser utilizados, também, para fornecimento do sal comum, ração e uréia. Além de eficiente, os saleiros podem ser construídos na própria fazenda, utilizando materiais disponíveis. O equipamento foi desenvolvido pelo pesquisador Saladino Gonçalves Nunes, agrônomo M.Sc do CNPGC/Embrapa de Campo Grande.

Um dos problemas que comumente encontram os pecuaristas na administração de sais minerais no rebanho é a falta de saleiros que ofereçam boa proteção às misturas, contra as intempéries.

A usual utilização de saleiros rústicos e improvisados, onde os produtos ficam totalmente expostos ao sol, chuvas e ventos, normalmente leva a sérias perdas.

Os saleiros cobertos nem sempre oferecem proteção segura aos suplementos, especialmente no verão, quando as chuvas são abundantes e vêm acompanhadas de fortes ventos.

Os problemas mencionados são agravados quando se utilizam esses saleiros para a administração de misturas de sais minerais e uréia, em virtude da higroscopicidade dos suplementos, com possíveis riscos de intoxicação dos animais.

Os saleiros automáticos para bovinos são dispositivos planejados atendendo para a redução das perdas, que normalmente ocorrem nos saleiros convencionais, pela maior proteção que oferecem aos produtos. São também de baixa custo, pois além de serem de fabricação artesanal, utilizam materiais disponíveis na fazenda.

Não se trata de saleiros de auto-abastecimento como o nome sugere, mas, de cochos totalmente protegidos, com acesso através de portas laterais, tipo alçapão, que se abrem pela pressão exercida pelo animal na parte inferior das mesmas.

A conveniente utilização dos saleiros automáticos deve ser precedida de um período de adestramento dos animais.

Outros usos poderão ser dados aos saleiros automáticos, especialmente para administração de rações e suplementos concentrados.

CONSTRUÇÃO DOS SALEIROS AUTOMÁTICOS

Os saleiros automáticos são construídos basicamente de madeira, com cobertura de chapa lisa de alumínio. Outros materiais poderão ser utilizados eventualmente, dependendo do custo e disponibilidade na fazenda, tais como: peças lavradas de madeira, para os depósitos; pontas de tábuas, para as laterais; couro bovino tratado*, para a cobertura. Materiais mais duráveis, como fibra de vidro, poderão ser utilizados industrialmente.

Os saleiros constam de uma caixa de forma trapezoidal (Fig. 1), dotada de portas laterais (Fig. 2) suspensas por dobradiças. A caixa trapezoidal é separada internamente por uma divisória (Figs. 3 e 5) e abriga, na parte inferior, os compartimentos onde são depositadas as misturas minerais.

A construção dos saleiros automáticos é facilitada pelas vistas frontais e laterais (Figs. 1 e 2), plantas baixas e de cobertura (Figs. 3 e 4) cortes e detalhes (Figs. 5 a 7).

* Tratamento = impermeabilizante + repelente = óleo diesel + creosol.

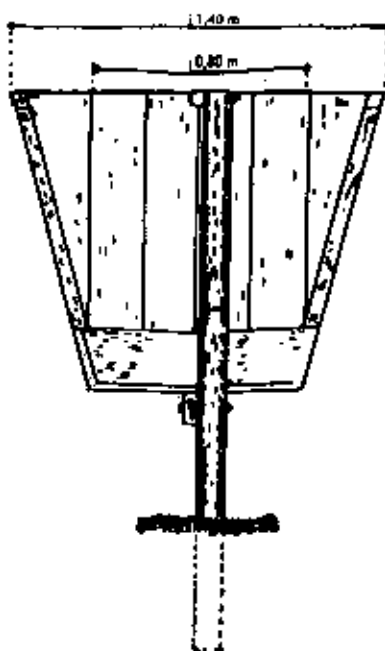


Fig. 1. Vista lateral dos saleiros automáticos.

O corte AA (Figs. 3 e 5) permite visualizar a separação interna mediana do saleiro, sobre a qual apoiam-se as portas, quando abertas para o interior do mesmo.

O detalhe A (Fig. 6) mostra a maneira de fixação das portas dos saleiros pela sua parte superior interna, através de dobradiças.

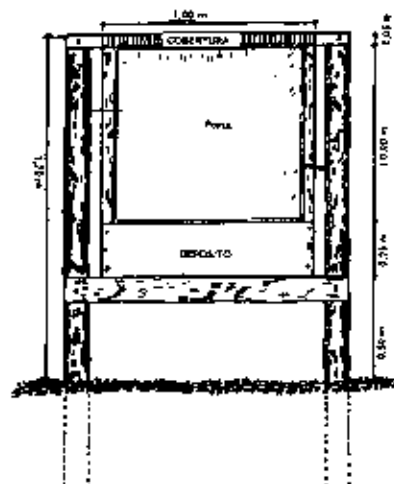


Fig. 2. Vista frontal do saleiro automático-unidade (SA-1).

ças reforçadas. O detalhe B (Fig. 7) revela a posição correta das portas, bem como o calço que as contém, visando mantê-las numa posição que possa impedir a entrada de água das chuvas no interior do depósito.

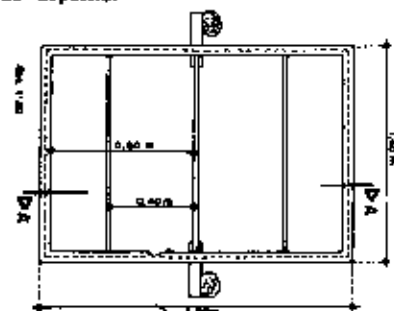


Fig. 3. Planta baixa do saleiro automático-unidade (SA-1).

Recomenda-se não utilizar pregos ou parafusos comuns na parte inferior dos saleiros, por tratar-se de região sujeita à ação corrosiva dos sais.

A fixação das peças de madeira pode ser feita com tarugos de madeira ou pregos galvanizados.

As tábuas a serem aplicadas nas laterais (Fig. 1) devem ser trabalhadas com encaixes do tipo macho e fêmea, para também evitar a entrada de água no interior dos saleiros.

Recomenda-se, por facilidade, utilizar chapas pré-fabricadas de madeira (madeirite) para as portas, por tratar-se de peças de madeira laminada, disponíveis nas dimensões desejadas.

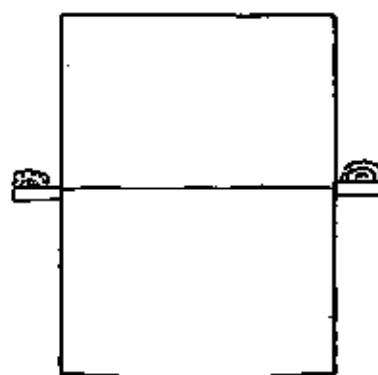


Fig. 4. Cobertura do saleiro automático-unidade (SA-1).

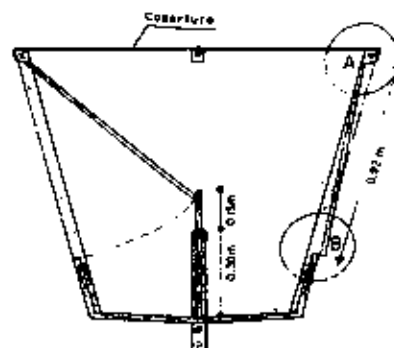


Fig. 5. Corte AA e detalhes A e B dos saleiros automáticos.

Uma relação detalhada dos materiais necessários a cada tipo de saleiro automático é apresentada na Tabela 2.

TIPOS DE SALEIROS

Os saleiros automáticos podem ser classificados segundo os modelos descritos na Tabela 1.

TABELA 1. Classificação dos saleiros automáticos

Modelos	Tipos	N.º animais/saleiro
MSA 1	Mini-saleiro automático-unidade	50
SA-1	Saleiro automático-unidade	50
SA-2	Saleiro automático modulado com duas unidades	100
SA-3	Saleiro automático modulado com três unidades	125

A partir destes, vários tipos poderão ser concebidos (Fig. 10), pois os mesmos podem ser modulados. Entretanto, a escolha do tipo mais apropriado para cada

situação dependerá do número de animais na pastagem, mantendo-se o saleiro adequadamente abastecido.

O número de animais, por saleiro, (Tabela 1), foi determinado baseando-se em observações práticas como frequência de sacos dos animais ao saleiro e seu tempo de permanência.

MSA-1 — Mini-saleiro automático-unidade

Este pequeno saleiro automático de forma semelhante à dos demais é constituído

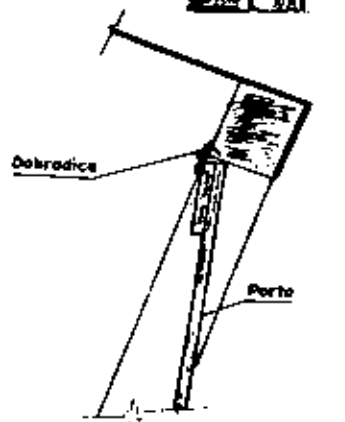


Fig. 6. Detalhe A — Fixação das portas laterais dos saleiros automáticos com dobradiças.

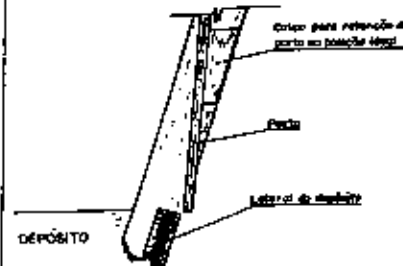


Fig. 7. Detalhe B — Posição das portas dos saleiros automáticos.



de apenas uma unidade. É o protótipo, inicialmente planejado para uso experimental em pequenos poteiros. As dimensões deste saleiro são apresentadas nas Figs. 8 e 9.

Destina-se especialmente ao uso nos experimentos de pastejo, com animais de pequeno porte, com categorias pertinentes às fases de cria e recria. Presta-se também aos ensaios com suplementos minerais ou misturas, onde as medidas de consumo são fundamentais para avaliação dos resultados.

Tem capacidade para 100 kg de produtos, 0,70 m de comprimento podendo ser utilizado conforme a opção sugerida na Tabela 1, por cerca de 50 animais jovens.

Além do tipo individual apresentado, este saleiro pode ser modulado, até um limite máximo de quatro módulos, medindo 3 m de comprimento (Fig. 10).

Este tipo de saleiro, em função das suas reduzidas dimensões, apresenta restrições ao uso generalizado. O acesso é dificultado a animais adultos e de chifres avantajados, especialmente os das raças Guzerá, Gir, mestiços das raças leiteiras e bois carreiros.

SA-1 — Saleiro automático-unidade

Este tipo de saleiro apresentado nas Figs. 1 a 4, tem uso generalizado a diferentes categorias de bovinos, sem restrições quanto ao acesso. Apresenta duas portas laterais, uma de cada lado, e mede 1 m de comprimento.

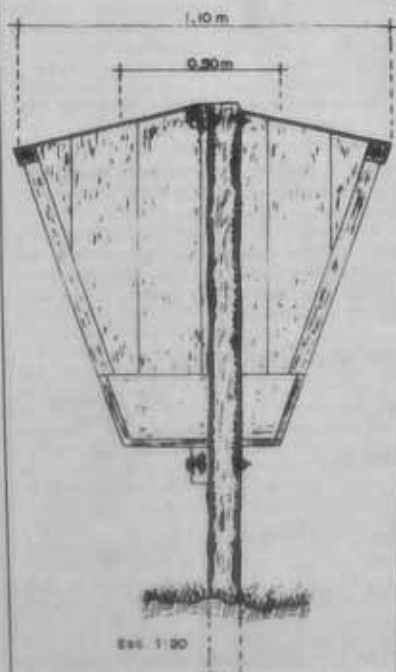


Fig. 8. Vista lateral do mini-saleiro automático-unidade (MSA-1).

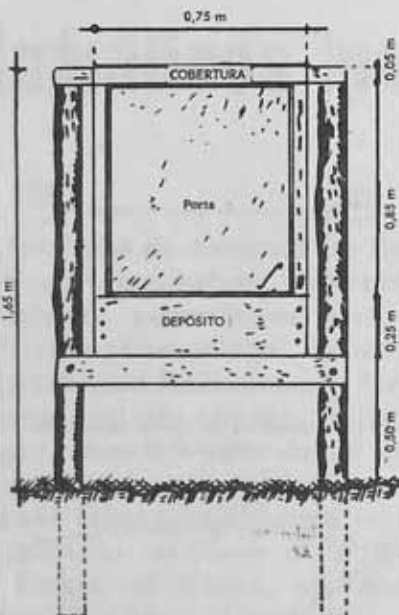


Fig. 9. Vista frontal do mini-saleiro automático-unidade (MSA-1).

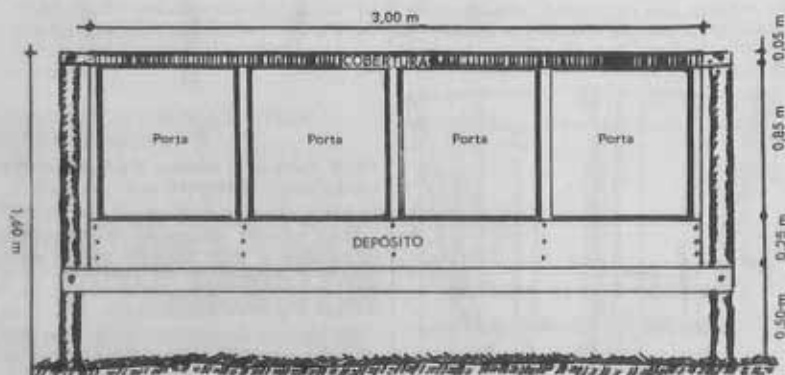


Fig. 10. Vista frontal de um mini-saleiro automático modulado com 4 unidades.

A sua capacidade total é de 150 kg de produtos, com opção de instalação indicada pela Tabela 1, podendo servir a cerca de 50 animais.

SA-2 — Saleiro automático modulado com duas unidades

Apresenta as mesmas características do anterior, entretanto, com duas unidades moduladas (Fig. 11). Sua capacidade plena é de 300 kg, medindo 2 m de comprimento, podendo suplementar cerca de 100 animais. Quatro portas laterais, duas de cada lado, permitem o acesso dos animais ao interior do saleiro.

SA-3 — Saleiro automático modulado com três unidades

Este modelo, com três unidades moduladas (Fig. 12), mede 3 metros de comprimento, apresenta seis portas laterais, capacidade total de 450 kg de produtos, podendo servir a cerca de 125 animais.

Este saleiro equivale, em comprimento, aos saleiros cobertos convencionais fabricados industrialmente, modelos Paranaíba e Beckehauser.

Não se recomenda a construção de saleiros maiores que este, levando em conta os riscos decorrentes do maior peso a ser suportado pela estrutura. Quando as invernações forem maiores, é aconselhável dotá-las de maior quantidade de saleiros.

INSTALAÇÃO

A instalação dos saleiros automáticos poderá ser feita em locais estratégicos das invernações, visando, juntamente com as aguadas, condicionar o manejo.

A localização de saleiros próximos as aguadas naturais ou bebedouros é indesejável, pois induz ao superpastejo nas imediações, com a consequente formação de malhadores. O posicionamento oposto e distanciado dos bebedouros é a melhor opção para instalação, pois obriga os animais a percorrerem a pastagem, fazendo melhor pasteiro.

Em qualquer alternativa de instalação de saleiro, o local escolhido deverá ser preferencialmente elevado e bem drenado, sendo recomendado ainda, no caso de instalação definitiva, utilizar cascalho para acabamento.

O pequeno peso do saleiro automático, aliado ao sistema de fixação ao solo, com apenas dois esteios, empresta-lhe um caráter de mobilidade relativamente fácil, permitindo sua eventual mudança de local dentro do pasto.

Em regiões úmidas ou sujeitas a inundações, como o pantanal, sugere-se fixar os saleiros automáticos sobre toras de ma-

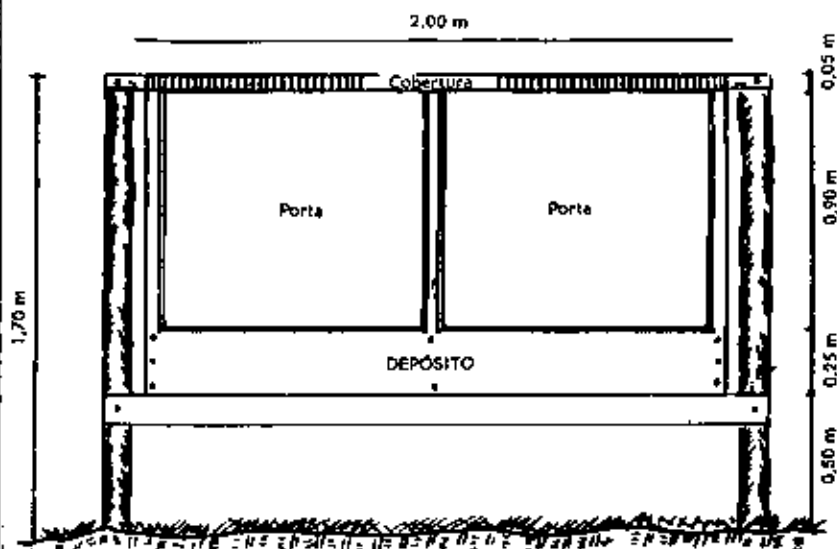


Fig. 11. Vista frontal do salteiro automático modulado com duas unidades (SA-2).

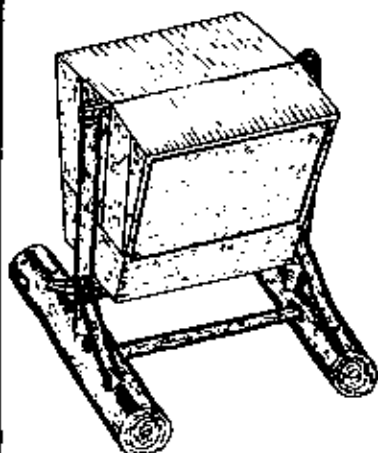


Fig. 13. Salteiro automático móvel.

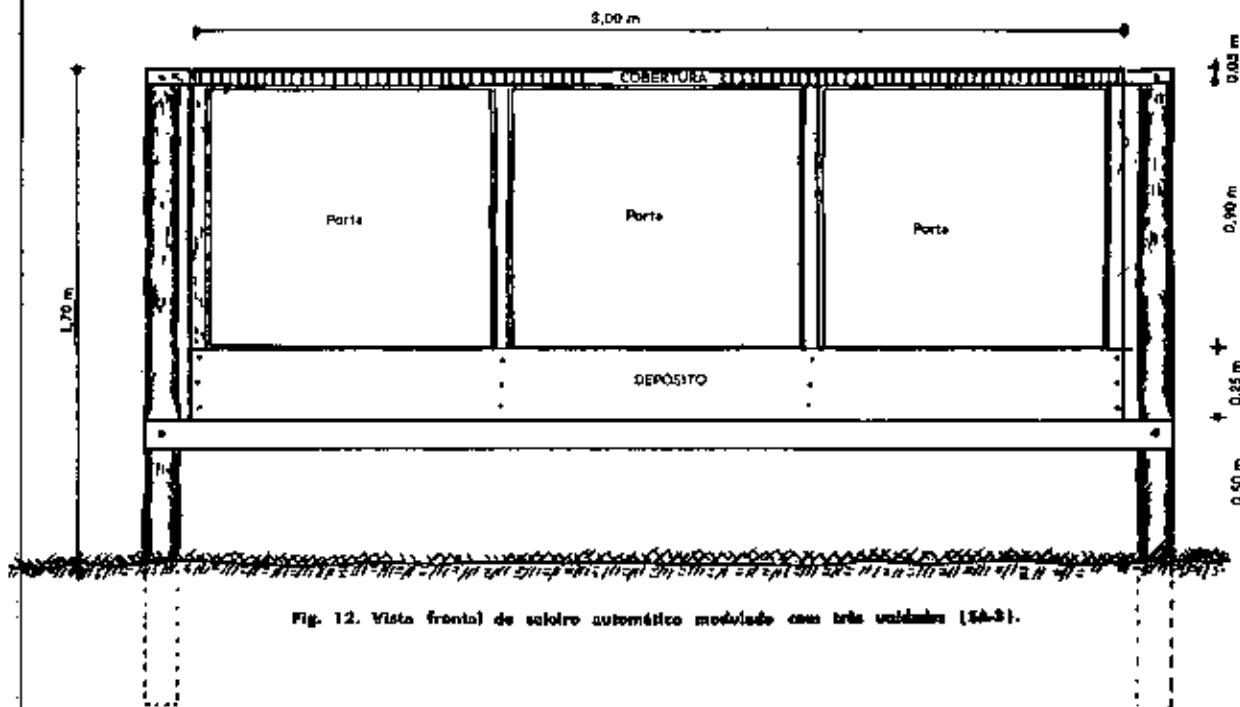


Fig. 12. Vista frontal de salteiro automático modulado com três unidades (SA-3).

deira (Fig. 13) visando removê-los com facilidade, além de garantir a estabilidade do conjunto.

A construção dos salteiros nas cercas internas da propriedade (Fig. 14) é outra alternativa de instalação que permite a utilização do mesmo salteiro por animais de internadas contíguas. Neste caso, a

possibilidade de uso do salteiro fica reduzida à metade, devido ao acesso ficar limitado a apenas um lado do salteiro.

ADESTRAMENTO DOS ANIMAIS

A utilização dos salteiros automáticos pelos bovinos se dá normalmente, após

um período de adaptação de aproximadamente três semanas. As portas do equipamento devem permanecer, no início, totalmente abertas, oferecendo livre acesso aos suplementos. Após esse período, que deve durar cerca de uma semana, as portas devem ficar parcialmente abertas (frestas de 5 cm) por mais duas semanas, de tal ma-

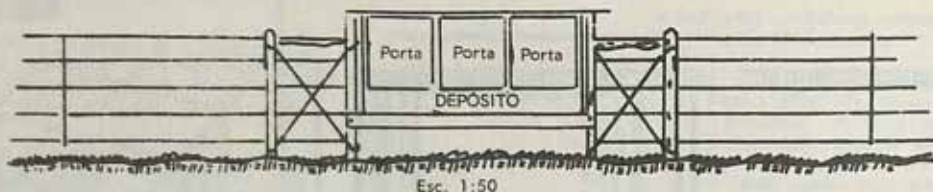


Fig. 14. Saleiro automático modulado com três unidades (SA-3) instalado na cerca de arame.

neira que a abertura já ocorra pela vontade do animal. Após essa fase, as portas podem permanecer fechadas e o acesso aos suplementos minerais ocorrerá normalmente, através de leve pressão do focinho do animal na parte inferior das portas.

Outra forma de utilização e rápida adaptação dos animais é introduzir um animal guia, já treinado, nos lotes ainda não familiarizados com os saleiros.

Observações experimentais sobre o consumo de misturas minerais através do uso de saleiros automáticos, comparado com o dos saleiros convencionais, permitiram concluir que não ocorre limitação na ingestão dos produtos, em decorrência da maior ou menor facilidade de acesso dos animais aos produtos oferecidos.

Pelo que foi observado, admite-se serem os saleiros equipamentos de grande valia na suplementação de bovinos, elimi-

nando as perdas normalmente ocorrentes nos saleiros convencionais.

MATERIAIS

Os materiais necessários à construção dos diferentes modelos de saleiros automáticos são apresentados detalhadamente na Tabela 2.



Saleiro automático no C.N.P.G.C.

Saúde tem nome

**CRED
MED**

ASSESSORIA DE VIDA E SAÚDE

AV. BRIG. FARIA LIMA, 1857 - 5ª and. CJ. 505 - FONE: 814-4622 - SÃO PAULO



Fosfato natural é nocivo ao boi

Durante o II Simpósio sobre Nutrição Animal, realizado em maio, em São Paulo, o médico veterinário e professor da Faculdade de Medicina Veterinária de Turim, Silvano Maletto, advertiu sobre o risco do fornecimento de fosfato natural aos animais. Segundo ele, o fosfato natural, rico em flúor, é insolúvel, já que é constituído basicamente de fosfato tricálcico. Para tornar-se solúvel, teria que ser processado e transformado em fosfato monó ou bicálcico. De acordo com ele, como é insolúvel, os bovinos não conseguem absorvê-lo e suprir sua carência de fósforo. "É mesma coisa que não dar nada. O fosfato não supre a carência de fósforo", afirmou.

Maletto, que também é presidente do Comitê Científico para a Alimentação da Comunidade Econômica Européia (CEE) e membro do Conselho Consultivo de Organização Mundial da Saúde (OMS), diz que, além de não suprir carência de fósforo, o fosfato natural, sobretudo os brasileiros, são extremamente tóxicos por causa do alto teor de flúor e metais pesados, como mercúrio, cádmio, arsênio, chumbo e cromo. Segundo ele, o teor de flúor máximo admitido pela Organização Mundial da Saúde é de 1% — porém os fosfatos brasileiros têm teores bem acima: o de mais baixo teor é de Tapira, com 1,57%. De Patos de Minas, tem 1,85% e da Goiás fértil, 2,45%.

Conforme Maletto, as fontes de fósforo, fornecido na Europa e nos EUA, têm no máximo 1%. Segundo ele, países pobres, sem recursos e que precisam suprir com fosfato natural a carência dos bovinos, usam fosfato com máximo de 1% de flúor, caso de Biafra e Alto Volta e outros países africanos. "Até mesmo nesses países, onde não há meios de se transformar o

fosfato tricálcico em mono ou bicálcico, usam a fonte natural com o máximo de 1%. O Brasil, que dispõe de recursos tecnológicos, não pode viver esse atraso, usando o fosfato natural. Deve transformá-lo", sugere.

Segundo Maletto, para o Brasil onde o bovino vai para o abate com média de cinco anos, fontes de fósforo com teor de 1% de flúor é alto. "Na Europa e EUA esse percentual é admissível, já que os bezerros vão para o abate com idade máxima de 2 anos. De acordo com ele, o fornecimento do fosfato natural pode levar à contaminação da carne por metais pesados, como flúor, mercúrio, cádmio, chumbo e cromo". "Eles têm um efeito cumulativo", explica. "O Brasil pode vir a perder o mercado externo de carne bovina se persistir nessa prática, que começou a intensificar há dois anos", observa. Segundo Maletto, os importadores são rigorosos e se detectarem nas análises presença desses elementos recusam o produto.

Porém, o mais grave é que o fornecimento contínuo do fosfato natural pode trazer graves riscos de intoxicação ao rebanho. O primeiro mal pode ser intoxicação por excesso de flúor. A longo prazo, pode diminuir a produção de leite e ganho de peso, por carência de fósforo. Pode reduzir a fertilidade do rebanho e seu potencial genético. "Como muitos criadores se baseiam a seleção na fertilidade, ganho de peso ou produção leiteira, se eles não estiverem atentos, poderão descartar animais excepcionais na suposição de que não têm bom desempenho. Porém, muitas vezes o desempenho está sendo prejudicado por causa do fosfato natural. Então, é preciso cuidado — já que a fertilidade e a produtividade podem

estar prejudicadas por causa do fosfato natural", explica. Por outro lado, o fosfato natural pode reduzir a resistência à doença, a síntese da proteína e a conversão alimentar. "Os microorganismos do rúmen precisam ser supridos de minerais e proteínas para que eles, em simbiose, possam se multiplicar e auxiliar na absorção de alimentos", diz.

De acordo com Maletto, o risco de intoxicação por flúor é mais acentuado na entressafra, quando o suprimento de alimentos é mais escasso. "No período de entressafra, os bovinos, por exemplo, recebem um alimento mais grosseiro e pobre, reduz-se a presença de cálcio, que funciona como tampão. Sem cálcio, não neutralizado, o flúor pode intoxicar os animais, levando-os até a morte". Conforme o especialista, os efeitos nocivos do fosfato natural aparecem, normalmente, a longo prazo.

O Ministério da Agricultura proibiu o emprego do fosfato natural. Porém a fiscalização tem sido precária. "É preciso maior rigor", diz Maletto, que, há dois anos, quando esteve pela última vez no Brasil, já havia feito o alerta. Segundo Maletto, a difusão do emprego do fosfato natural ocorreu por interpretação errônea da pesquisa em andamento da Embrapa. Segundo ele, a Embrapa divulgou um estudo sobre uso de fosfato natural para suprir carência de fósforo em animais. Porém, a pesquisa não está ainda concluída e, como diz Maletto, muitas indústrias passaram a vender o fosfato natural — que custa hoje 10% do fosfato bi ou monocálcico — como quem tivesse o apoio científico da Embrapa. "Eles estão agindo com má-fé contra os agricultores. E vendendo uma coisa proibida pelo Ministério da Agricultura".



TOURINHO 3/4 MARCHIGIANA - NELORE
ZAIRO DE ITAPEVA
REG. A7636 - NASC. EM 14.12.83

DESENVOLV. PONDERAL

IDADE DIAS	AO NASCER	205	365	550	730
PESO KG	38	355	526	724	901
GANHO DIÁRIO KG/DIA	—	1,563	1,352	1,252	1,187

MAIS CARNE EM MENOS TEMPO MARCHIGIANA - NELORE FAZENDA CERRADO DE CIMA ISRAEL SVERNER

ITAPEVA - SP - km 266 da Rodovia SP 258
ENTRE CAPÃO BONITO E ITAPEVA
SELEÇÃO E VENDA DE REPRODUTORES
MARCHIGIANA PO E CRUZADOS 7/8 E 3/4

INFORMAÇÕES:

EM SÃO PAULO: (011) 247-9233
TELEX 011.22388
EM ITAPEVA (0155) 22-1866 — R. 24
22-1916 — R. 24
À NOITE (0155) 22-1425

O pacote e a agricultura

ALYSSON PAULINELLI

Ninguém mais que o produtor rural brasileiro sofre com a inflação...

A sazonalidade e o risco de suas colheitas.

O investimento a longo prazo e o custeio de sua lavoura durante um ano.

A dispersão de sua atividade e a comercialização de seus produtos com muitos desorganizados ofertando e poucos organizados comprando.

Os preços mínimos, muitas vezes não bem amparados, por falta de recursos financeiros, armazéns, estradas, etc.

Pagou caro para colocar a semente no chão e espera quatro a cinco meses para colher, vivendo nessa espera o drama de uma inflação crescente com a qual nem ele e nem o seu produto plantado têm a ver.

Quando colhe e comercializa o seu produto, não pode transferir a inflação passada e nem a futura (5 a 6 meses até o novo plantio), pois ele se destina basicamente a uma população de baixa renda, com baixíssimo poder aquisitivo e que na grande maioria gasta mais da metade de seu salário para se alimentar.

Não sabe se o dinheiro da venda dá para cobrir as despesas mais a inflação que teve e muito menos para fazer o novo plantio, que assim só se realizará com redução de área ou com novo endividamento.

Sabe que 24 por cento, em média, de sua produção vão, logo à saída da porteira, para impostos, taxas, contribuições, etc.

A inflação, portanto, estimula todos os inimigos do produtor rural, que para ela perde, não só a produção, mas, a própria esperança.

É claro que o homem do campo deve ter sido o primeiro a aplaudir as medidas do programa de inflação zero. Mesmo sabendo que teria tabelamentos, redução de preços e algumas dificuldades, esperava que os sacrifícios e custos para se debelar a inflação fossem distribuídos equi-

tativamente pela sociedade como um todo.

Vamos todos combater a inflação, deve ter pensado.

Mas... que todos?

O tabelamento e o congelamento de preços dos produtos se fizeram nas prateleiras dos supermercados e pontos de distribuição.

Nesse segmento pressionados pelos "fiscais do Sarney" trataram de garantir suas margens, reduzindo o preço de compra nos atacadistas e industriais. Estes, por sua vez, também organizados e com fortes lobbies defendem o menor preço de seus fornecedores e assim sucessivamente até o produtor desorganizado.

Aí a explicação por que a queda dos preços do produto agrícola não chegou ao varejo ou seja, ao consumidor brasileiro.

A carne caiu de Cz\$ 250,00 a arroba para Cz\$ 210,00 ou menos, hoje. O arroz de Cz\$ 160,00 para Cz\$ 120,00 a saca. O milho de Cz\$ 115,00 para Cz\$ 75,00 cruzados a saca. E assim por diante... sem falar no leite.

O produtor, já desconfiado de que todos não seriam realmente todos, deve ter pensado: Mas haverá a compensação. "Como todos os outros, nós também deveremos ter a nossa redução de custos".

Triste engano.

Os insumos e preços que contra ele são praticados estão tabelados a níveis de 27 de fevereiro e nesse segmento, também muito organizado, já trataram de acertar seus custos e ajustar seus preços à nova realidade, não parecendo ser aí que o agricultor será beneficiado.

No salário, teve de realizar o reajuste para março, conforme estabelecido.

Os bancos reclamaram suas margens e o Governo faz com que todos, inclusive o produtor rural, cobrissem as suas "perdas" com reajustes

nas taxas de serviços, pois as taxas de juros caíram.

Para todos???

Para a indústria e para o comércio, sim. Tiveram suas taxas reais reduzidas quase à metade.

E para os agricultores??? Todos.

Já estão sendo preparados para um anúncio de 333 por cento de aumento em suas taxas de juros para custeio e não sei quanto, para investimentos.

Por que só para os agricultores?

Alegar-se o custo da captação acima dos atuais juros praticados! Portou-se bem o Ministro do Planejamento diante das câmaras de televisão quando explicava as medidas do pacote e lhe indagaram pelos juros agrícolas. Afirmou categoricamente: "permanecerão em três por cento, retirando-se a correção monetária. A agricultura é um setor desorganizado e o Governo precisa protegê-lo." "Esperamos mudanças no mercado financeiro com aumento de depósitos à vista que têm custo zero, além do aumento da arrecadação, capaz de gerar recursos monetários e fiscais possíveis de serem direcionados ao setor (agrícola)". Aí está a solução.

A verdade é que o encarecimento do custo do crédito rural vai ser uma ducha de água fria na grande expectativa de recuperação de seus últimos desastrosos anos para o setor agrícola no Brasil.

O agricultor que já está descapitalizado e portanto altamente dependente de crédito, com uma elevadíssima taxa de tributação em seu produto (a mais alta do mundo) vai arcar, além dos 24 por cento de tributo que já paga após a produção, com um custo de mais 10 por cento no crédito, antecipadamente à atividade de produzir. E o pior, já se fala até em manter a correção monetária nos créditos de mais de um ano de duração.

É de se perguntar se o "pacote" foi feito para todos ou contra a agricultura???



TÊM COISAS QUE NÃO DÁ PARA ENGOLIR.

Principalmente se forem inteiras. Mas a Nogueira desenvolveu uma completa linha de máquinas agrícolas que vão desde DESINTEGRADORES, PICADORES E MOEDORES, até ENSILADEIRAS e COLHEDEIRAS DE FORRAGENS que transformam o milho, sorgo, naviê, cana etc. em alimentos picados ou triturados, proporcionando uma ração rica e homogênea.

Mas além de proporcionar uma melhora na qualidade do trato animal, as máquinas Nogueira são muito mais resistentes e racionalizam mão-de-obra, pois são fáceis de serem operadas, podendo ser acionadas por motores elétricos,



diesel, gasolina e também por tomada de força de tratores.

Portanto, quando você pensar em equipamentos para agilizarmos e melhorar a alimentação de bovinos, equinos, suínos, aves, pense um pouco mais e decida-se pela qualidade e experiência das MÁQUINAS AGRÍCOLAS NOGUEIRA.

NOGUEIRA

Sinônimo de máquinas agrícolas.

IRMÃOS NOGUEIRA S.A. Máquinas Agrícolas e Motores.
Muito: Rua 15 de Novembro 781 • Caixa Postal 3 • CEP 13970
• ITAPORA S.P. BRASIL • Tel. (019) 63.1300
Telex (019) 2390 INVOG. BR



Uso da enxada rotativa em pastagens

Eng.^o Agr.^o Gastão Moraes da Silveira

As enxadas rotativas podem ser utilizadas tanto na formação como na renovação de pastagens. Para a formação utilizar os modelos recomendados para trabalhos pesados, substituindo os métodos convencionais de preparo do solo em uma única passada, incorporando os restos de cultura anterior. O rotor mais robusto propicia trabalhos em condições mais severas, atingindo maior profundidade. Neste tipo de operação, aconselha-se levantar a tampa traseira, ajustando a roda de controle de profundidade para corte de 10 a 15 cm, empregando uma velocidade média do rotor, selecionando a velocidade de percurso à frente do trator de acordo com a potência disponível e o acabamento requerido.

Na formação de pastagens, além do preparo do solo, as enxadas rotativas podem ser utilizadas também na incorporação de matéria orgânica, adubos, corretivos, adubos verdes, palhas, etc., existentes na superfície do solo e de grande valia na alimentação das gramíneas e leguminosas que irão constituir a futura pastagem.

As pastagens antigas tendem a tornar-se enraizadas. Seu valor como pastagem diminui e os métodos convencionais de renovação, como aração e gradeação, ficam muito caros.

Com a renovação procura-se destruir as touceiras antigas das forrageiras, uma vez que as suas folhas têm pouca digestibilidade. Com folhas novas, o aproveitamento é melhor.

Nestas condições, aconselha-se o uso da enxada rotativa destruindo-se as touceiras antigas na época de sementeira, fazendo duas operações de uma só vez: destruição dessas soqueiras e incorporação das sementes. Trabalhando a uma profundidade de 10 cm, a semente é distribuída e coberta com uma pequena camada de solo, o que facilitará a sua germinação.

Outra vantagem é a quebra da camada superficial compactada do solo pelo casco dos animais, facilitando a penetração da água e ar. Pode-se remover as lâminas das flanges alternadas, deixando-se tiras de terra não lavrada. Depois que a forrageira se desenvolveu na parte lavrada, a grama antiga restante deve ser cortada com uma segunda passagem. Tal método pode ser usado em locais declivosos, facilitando o controle da erosão, uma vez que impede o escoamento da água superficial que penetra em profundidade.

Versatilidade do equipamento

As enxadas rotativas trabalham o solo à semelhança de uma enxada manual de ação contínua. Além das pastagens, as enxadas rotativas podem ser empregadas em:

a) Preparo do solo: com uma passada pode equivaler no mínimo a três, dos implementos convencionais, arados e grades, com vantagem da incorporação perfeita da matéria orgânica. Possuindo controle de grande precisão da lavra permite o seu emprego no preparo de solo de diversas culturas, tais como: cereais, cana-de-açúcar, algodão, alho, cebola, frutas e hortaliças diversas. Devido a sua construção e modo de ação é o equipamento in-



Enxada rotativa incorporando matéria orgânica.



Assistência
técnica

NOGUEIRAMÁQUINAS

Comércio de máquinas e implementos agr/cotes

R. Gualcurus, 1192 — Lapa

TEL.: (011) 65-5714



dicado para o preparo do solo de várzeas úmidas e secas, pois exige pouca força de tração do trator, facilitando o seu deslocamento em brejos e atoleiros. Preparo de canteiros para o plantio de hortaliças. Permitindo a construção de canteiros em uma só passada, torna homogênea a mistura solo-matéria orgânica, importante para o desenvolvimento das diversas culturas.

b) Incorporação de matéria orgânica, calcário e fertilizantes.

c) Eliminação de grammas indesejáveis, através de três a cinco capinas. As capinas devem ser feitas a intervalos de três semanas quando os rizomas cortados criam novamente raízes e aparecem folhas verdes acima do solo, produzindo maior desgaste ao solo. O objetivo deve ser cortar os rizomas em partes menores possíveis até a profundidade total da raiz (ao redor de 4 a 6 polegadas). Isto estimula os botões dormentes a se desenvolverem, sendo destruídos nas passagens posteriores. A não ser que esses botões sejam levados a se desenvolverem, os rizomas serão uma fonte de reinfestação.

d) combate a ervas daninhas em cafezais, pomares e nas entrelinhas de determinadas culturas.

Funcionamento — Manejo

O equipamento recebe o movimento diretamente da tomada de potência do trator, através de uma junta motriz universal para uma transmissão de múltipla velocidade; tal transmissão permite ao operador selecionar a velocidade ideal do rotor.

As facas ou lâminas são montadas no rotor obedecendo uma configuração helicoidal pré-determinada. A medida que as lâminas penetram no solo, o tamanho do corte é determinado pela velocidade do rotor e/ou a velocidade à frente do trator. A velocidade da tomada de potência do trator mantém-se sempre constante em relação à rotação do motor.

O tipo de serviço vai depender de alguns fatores como: solo, velocidade do rotor, velocidade de deslocamento, anteparo traseiro e umidade do terreno. Quanto ao solo, o tipo de trabalho vai depender do teor de argila que lhe confere maior ou menor coesão. Elevados teores de argila permitirão a obtenção de torrões maiores e vice-versa.

A uma velocidade constante de deslocamento do trator, a velocidade do rotor controla o tamanho das fatias de solo cortadas; uma velocidade baixa do rotor produzirá um corte maior da lâmina e conseqüentemente um acabamento grosseiro. Uma velocidade alta do rotor reduz o corte da lâmina, resultando daí uma lavra mais fina. Velocidades baixas do rotor



Destruição da soqueira e incorporação das sementes em uma única passada.

requerem muito mais potência do que velocidades altas. Velocidades elevadas do rotor devem ser utilizadas com cuidado, pois haverá um aumento no desgaste da lâmina e a estrutura do solo poderá ser danificada. A velocidade do rotor deve ser mantida uniforme a fim de manter a terra em movimento através do rotor.

Mantendo-se constantes as velocidades do rotor e motor do trator, pode-se variar o tamanho das fatias cortadas de solo, usando-se as marchas do trator. Marcha reduzida produzirá uma lavra fina, marchas mais altas produzirão um acabamento mais grosseiro.

Quanto o anteparo traseiro é levantado, produz-se uma lavra relativamente grosseira, isto por que o solo cortado pela

lâmina não se fragmenta pelo impacto contra o anteparo e as partículas grandes de terra permanecem em cima. Com o anteparo abaixado, os torrões quebram-se com o impacto, dando lugar a uma lavra mais fina.

Existe um teor de umidade ideal do solo para o trabalho com enxada rotativa. Se o solo apresenta um alto teor de umidade, ele tende a embolotar. Sendo o solo seco, haverá formação de poeira e conseqüentemente será maior o desgaste das lâminas. Tomar cuidado para não trabalhar o solo quando o teor de umidade for muito alto. O trabalho em solo muito úmido, tenderá a fragmentar a estrutura do solo, seja qual for o tipo de implemento usado.



Enxada rotativa no preparo da pastagem.



Peças de
reposição
originais

NOGUEIRA

Comércio de máquinas e implementos agrícolas
R. Guacurux, 1192 — Lapa
TEL.: (011) 65-5714

REVISTA DAS REVISTAS ZOOTÉCNICAS

REDATOR: L. PACHECO JORDÃO
— CRMV-4 — 0322

N.º 126 — JUNHO DE 1986 — ANO XI

SUMÁRIO

A PECUÁRIA LEITEIRA NOS E.U.A.: organização e progresso genético.

Sumário — Introdução — Atributos da população relativos ao progresso genético — Organização do setor leiteiro para obter progressos genéticos — Programas do DHI para melhoramento dos rebanhos leiteiros — Avaliação de touros e vacas — Inseminação artificial (IA) — Pesquisa e computadores — Melhoramento genético da produção.

PROGRAMA DE PASTAGENS TROPICAIS

Germoplasmas de pastagens tropicais — um caleidoscópio das possibilidades genéticas.

Sumário — Gramíneas e leguminosas — Encontraram-se produções mais elevadas — Boas forrageiras - elas podem produzir uma diferença na reprodução do gado — Plantadeira combinada - uma idéia que ocorreu.

VALOR DE RAÇAS NATIVAS E EXÓTICAS DE SUÍNOS

Raças locais versus raças exóticas — Características procedentes ao desmame — Características pós-desmama — Efeito do ambiente.

TOXICOLOGIA BOVINA

Auto-intoxicação do rúme — Pneumonia intersticial atípica — Toxicose por inseticida — Desequilíbrio dos elementos-traços — Hipomagnesemia — Desequilíbrio de cobre e molibdênio — Toxicose por selênio — Quadro 1 — Manejo clínico de algumas Toxicoses bovinas — Toxicoses ambientais e outras.

A PECUÁRIA LEITEIRA NOS E.U.A.: organização e progresso genético

Sumário: A pecuária leiteira fez notáveis avanços em anos recentes nos E.U.A. O setor organizou-se adequadamente para obter muitos melhoramentos genéticos possíveis. O crescente progresso genético é o resultado de muitos esforços complementares entre si, entre os quais: o acurado registro da identificação animal e da produção de leite, mediante os Programas de Melhoramento dos Rebanhos Leiteiros, uma eficaz atividade de reprodução artificial, os conhecimentos derivados

das pesquisas, o papel construtivo das associações de raças, o uso de computadores para elevar o nível da pesquisa, permitindo a aplicação de critérios decorrentes da análise de grande volume de dados. Ademais, os criadores aceitaram e empregaram as novas técnicas e os retornos econômicos relativamente favoráveis dos últimos anos propiciaram a sustentação dos custos de um melhoramento genético contínuo.

Introdução

O setor leiteiro nos E.U.A. passou por profundas alterações no curso do tempo, tornando-se mais eficiente, como mostram os dados relativos ao número de vacas e à alta produção de cada vaca (Quadro 1).

Houve um aumento de 28% na produção total, com um número de cabeças reduzido a 47%. A produção média per capita, em 1983, foi 2,72 vezes daquela obtida em 1940. A produção efetiva de vacas Holstein em rebanhos de produção controlada foi, em 1981, de 7.020 kg de leite e 225 kg de gordura, com uma porcentagem de 3,63 de graxa butirômica.

Referentemente a uma base equivalente à maturidade de 6 a 8 anos, aproximadamente, a produção da vaca Holstein dos E.U.A., em rebanhos controlados, foi em 1981 de 7.844 kg de leite e 283 kg de gordura com 3,61% de matéria graxa.

Os registros relativos à maturidade são usados nos E.U.A. para estimar a capacidade de transmissão genética. De 1940 a 1983 a dimensão média dos rebanhos sob teste oficial ascendeu de 24 para 84 cabeças.

A mudança na produção é o resultado de muitos fatores.

Uma relevante contribuição provém do melhoramento da alimentação e do manejo, assim como das condições sanitárias. Quase todas as vacas eram fecundadas naturalmente em 1940, ao passo que de 1980 a 1983, o índice de inseminação artificial atingiu 68-70% das fêmeas.

Atributos da população relativos ao progresso genético

Os programas, para terem lugar ao progresso genético, devem ater-se à estrutura da população e à natureza econômica do setor ao qual devem ser aplicados. Em geral, é a demanda do mercado que dita substancialmente os objetivos da seleção, embora os períodos de alterações rápidas da procura possam fazer com que o mercado se adapte à oferta. No caso da seleção dual (com dupla finalidade), como para leite e carne, um aspecto do mercado pode ser levado a adaptar-se à oferta (no que se refere à carne) porque o outro aspecto do mercado (o leite) dominou a seleção efetuada. Caso deste gênero ocorreu na Inglaterra, quando a raça Frisia se tornou dominante com detrimento da raça Shorthorn. Determinar os objetivos da seleção é, talvez, a coisa mais difícil para os criadores, porque eles devem prever cada alteração dos desideratos com suficiente antecedência para produzir animais que respondam à essa nova exigência.

É o caso dos touros submetidos à prova de progênie na IA e retirados do serviço mesmo quando os resultados do teste ainda não foram notados. Passam-se 8-10 anos antes de que o uso de touros de IA possa ter qualquer influência real sobre a população de vacas em produção.

Mes nos mercados, quando não variam rapidamente, permitem encontrar solu-

As raças Holstein e Jersey aumentaram seus registros nos últimos quatro anos, após um período de estabilidade relativa nos anos 70.

A raça Jersey tornou-se competitiva pelo número de registros nos anos decorridos. As fêmeas Holstein registradas são, atualmente, em torno de um milhão e meio e cerca de 25.000 machos foram registrados a cada ano (como é usualizado em uma comunicação pessoal da Associação Holstein dos E.U.A. por R.H. Klier, 1983). Desse machos, cerca de 1.500 são catalogados pelo sangue cada ano e são touros em potencial para IA. Estes genitores são submetidos à prova de progênie de parte da IA ou dos consórcios que produzem touros provados pela progênie para serem vendidos a organizações de IA ou a outros.

Organização do setor leiteiro para obter progressos genéticos

A ação combinada dos programas de melhoramento dos rebanhos leiteiros (DHI, Dairy Herd Improvement) ou de controle da produção leiteira, de IA, de avaliação de touros e de vacas — toda atividade que se vale de computadores — é necessária para obter melhoramentos genéticos das características economicamente importantes e em populações leiteiras relativamente grandes. Ademais, os criadores de gado leiteiro devem estar em situação de manter, do ponto de vista econômico e de justificar os custos do melhoramento genético.

Caso qualquer dessas interações venha a faltar, o progresso resultante torna-se muito pequeno. A cooperação das associações de raças pode contribuir fundamentalmente para esse progresso. As forças em jogo no progresso genético são a seguir apresentadas:

Programas do DHI para melhoramento dos rebanhos leiteiros

Um registro cuidadoso dos préstimos da população sob seleção constitui a base do progresso genético.

O programa do DHI registra esses préstimos nos E.U.A. Em 1983, 43% de todas as vacas eram submetidas a um programa de controle da produção de leite e, dessas, 30,7% estavam sob prova oficial.

A principal utilização dos dados do DHI destina-se ao manejo interno dos rebanhos e com este fim fazem-se vários levantamentos estatísticos relativos à alimentação, à reprodução e aos sumários de genitores. Além disso, como informações úteis para o manejo, são fornecidos dados sobre vacas próximas a parir, a serem fecundadas, e cessarem de produzir leite, etc.

Os serviços do DHI são feitos mediante pagamento pelos criadores. Estabelecem-se também os níveis de controle da produção de leite estudados para atender às exigências que se alteram.

Em sua forma mais simples, um criador pesa seu próprio leite e, com ou sem a prova para gordura, recebe imediatamente

Quadro 1. Mudanças na população de vacas, na produção "per capita" e na produção total nos E.U.A.

Ano	N.º cabeças	Produção "per capita"			Total de leite, kg
		kg de leite	% de gordura	kg de gordura	
1940	23 671 000	2 096	3,97	83	49 628 955
1983	11 120 000	5 709	3,65	208	63 489 065

Também a qualidade dos touros empregados em inseminação artificial (IA) foi constantemente melhorada, enquanto se reduziu o número de organizações dedicadas a esse mister.

A seleção objetivou, principalmente, a produção de leite, com certa atenção para a porcentagem de gordura láctea.

Deve-se mencionar, também, a mudança na prática da seleção relativa à concentração de gordura ou proteína no leite. Isto foi devido à crescente proporção de leite destinada à indústria de transformação, especialmente a fabricação de queijos duros.

O rendimento total da produção de gordura e proteína por unidade de tempo não é igualmente elevada quando a seleção é praticada com vistas mais à concentração do que ao rendimento.

Foi dada importância secundária à conformação ou ao tipo e modesta importância dada pelos criadores à facilidade de parto e outras características.

O objetivo deste trabalho é caracterizar os aspectos da pecuária leiteira em relação ao melhoramento genético e mostrar como tais aspectos interagem, apresentando os progressos genéticos até agora obtidos.

ções. De qualquer forma, a incerteza dos objetivos reduziu no passado o progresso genético que seria possível em cada unidade de tempo. Nos E.U.A. a raça leiteira predominante é a Holstein, com cerca de 90% de todos os animais produtores. No passado, o mercado deu mais atenção ao leite e menos à gordura e, em proporção, pouca ou nenhuma atenção diretamente à proteína. Isto provavelmente favoreceu o aumento da raça Holstein, porquanto ela produz uma quantidade maior de elementos sólidos totais no leite. O mercado está agora mudando, com maior atenção à proteína e à gordura ou aos sólidos totais em algumas áreas do país.

Todos os touros usados em IA provêm do segmento registrado da população. Uma comparação da alteração nos animais registrados nos E.U.A. foi realizada por Eastwood.

Todas as raças tiveram seus registros nos pontos mais elevados durante os 15 anos após o fim da Segunda Guerra Mundial. Nos últimos anos os registros praticamente se estabilizaram com uma tendência para baixo nas raças Ayrshire, Guernsey, Suíça-Parda e Shorthorn leiteira.

te as informações elaboradas pelo computador. O processo do DHI padrão requer que um recensador independente visite cada rebanho, cerca de uma vez por mês, para registrar as informações.

Os controles usados pela associação de raça são caracterizados por registros mensais completos, com ocasionais provas de surpresa. Recentemente, o registro denominado "manhã-tarde" tornou-se muito difundido: a produção de leite é anotada pela manhã, por um mês e à tarde no mês seguinte e então, a hora da ordenha é anotada. O peso do vasilhame de leite aferido pode ser usado para verificar a existência do programa "manhã-tarde". Todos os tipos de dados do DHI são estudados em nove centros de cálculo que atendem a outras tantas áreas. Os dados fundamentais de cada vaca e do rebanho são transmitidos ao criador. Além desses dados os centros de cálculo fornecem estimativas sobre a produção da vaca na futura lactação, estimada sobre a capacidade de transmissão genética e dados sobre o desvio da média do rebanho e da média da fazenda-ano-estação.

As cópias dos dados elaborados pelos centros de cálculo são enviadas ao Laboratório Nacional para o Programa de Melhoramento Animal. A documentação oficial sobre a vaca que é identificada pela paternidade é usada na avaliação de vacas ou touros, uma vez submetido o controle ao computador, para verificação de erros eventuais.

Avaliação de touros e vacas

A avaliação de touros e vacas vem sendo feita quase constantemente a partir de 1900. Nos anos 50 era utilizada a comparação de animais do mesmo rebanho, mas as premissas desse método tornaram-se cada vez menos válidas com o aumento do progresso genético e, assim, tornou-se menos fiel. Um grande passo à frente foi dado com os trabalhos de Henderson, os quais puzeram em destaque modelos mistos da capacidade de transmissão dos touros e vacas com o método BLUP (Best Linear Unbiased Prediction) ou melhor, a previsão linear imparcial.

Dois tipos de avaliação de touros, através de características de produção, são usados atualmente nos E.U.A.

A Universidade Cornell elabora a avaliação dos touros e vacas para a região nordeste do país, com a análise de caracteres múltiplos da modelo misto com a propriedade BLUP. Trata-se de uma análise que é a mais sofisticada modernamente: inclui leite, gordura, proteína, conservabilidade e abrange os touros avós das filhas usados no modelo, adota uma matriz de relação e dá conta da "variância" desigual entre rebanhos. A metodologia chamada de Diferença Prevista (DP) é empregada desde 1974 nos laboratórios dos programas de melhoramento animal do Departamento de Agricultura dos E.U.A. para classificar todos os touros do país. São também calculados os índices de Vaca. Todas as análises são feitas em relação a uma base fixa. A base é alterada para cada raça e estabilizada colocando

como zero a DP média dos pais da vaca em primeira lactação, partindo em 1982 e ponderada segundo o número de filhas de cada touro.

A DP e o Índice de Vaca são indicados como DP 82 e IV 82 (Cow Index ou IV). Esta estimativa da capacidade de transmissão dos touros e vacas é geralmente aceita e empregada pelos criadores comerciais, criadores de gado registrado e organizações de IA. A DP 74 não pode ser comparada à DP 82. A grande aceitação e o uso do método de avaliação de touros criou uma intensa demanda de touros superiores, pela capacidade de transmissão da produção.

Inseminação artificial (IA)

Os touros usados em IA orientam a prova genética do gado leiteiro nos E.U.A. e o mesmo vale para a maior parte dos países onde os programas de reprodução se acham em alto nível de desenvolvimento. Cerca de 68% do gado leiteiro dos E.U.A. são submetidos à IA. Muitos touros usados em serviço natural com as vacas restantes são filhos de primeira geração de touros de IA.

Em 1950 existiam 97 organizações de produção de sêmen; em 1979 o número desceu para 25, dos quais três privadas e oito pertencentes a cooperativas que produzem 92% do sêmen registrado na Associação Nacional de Criadores de Animais (National Association of Animal Breeders).

Uma dessas organizações privadas não está agora em atividade e estuda sua fusão com a cooperativa. A redução do número de organizações foi causada pela diferente capacidade para manter-se competitiva e pelos custos dos programas de reprodução necessários para este fim.

A seleção dos touros, nas organizações de IA é feita por peritos em genética. Os objetivos e a direção dos programas da cooperativa são determinados pelo Conselho de Administração ou por membros da cooperativa eleitos na forma de Comissão Consultiva sobre touros ou comissão com responsabilidade direta na seleção dos genitores. Os últimos operam segundo diretivas pré-estabelecidas. O fim da seleção tanto nas cooperativas como nas organizações privadas de IA é a aceitação de touros de IA por criadores comerciais.

Os touros colocados em IA nos E.U.A. provêm de duas fontes: a primeira é, de longe, a mais importante e são os touros Holstein admitidos em programas de provas de IA para tourinhos. Novecentos e cinquenta e cinco tourinhos foram colocados no programa de prova de progênie em 1983. Para dar uma idéia da crescente pressão seletiva que está sendo aplicada pelos Holsteins, cerca de 700 genitores provados pela progênie em IA tiveram sua primeira prova de programa em 1983 (Comunicação pessoal de R. L. Powell, USDA-AIPL, Beltsville, Maryland, 1984).

Estes tourinhos provêm de acasalamentos sob contrato entre touros de IA e vacas dos criadores e de acasalamentos de reprodutores de capacidade equivalente

quanto à previsão de transmissão. As vacas com IV compreendido entre 1,5 e 52%, no vértice da população registrada, são selecionadas primeiramente pelas suas características de produção e depois avaliadas por outras características. Estas fêmeas são servidas por cerca de 50 dos melhores touros de IA, a cada ano; entre esses reprodutores os melhores são usados mais intensamente. Dos touros provados pela progênie, cerca de 1:3 ou 1:6 será usado em ampla escala. Muitos centros de IA procuram obter 60 a 80 filhas na primeira prova de progênie. Outros 300 touros serão postos à disposição dos criadores para IA nos consórcios organizados ou nas organizações que produzem tourinhos para provas de progênie em rebanhos múltiplos. Outros touros serão submetidos a provas de progênie em criações particulares. Os melhores desses touros não provados pela progênie das organizações de IA serão postos em serviço; alguns são adquiridos, mas a maior parte é eliminada com um royalty de sêmen pago aos proprietários ou proprietário do touro. Nos anos mais recentes, cerca de 20 touros iniciaram o serviço ativo de IA.

É sempre difícil que esses touros sejam colocados em IA porque os programas de acasalamentos estão produzindo genitores sempre melhores.

No passado a cooperativa tinha uma amplitude limitada de área formada apenas por alguns Estados. Contrariamente, hoje, tanto a cooperativa como a sociedade privada estão empenhadas em vigorosa concorrência comercial em praticamente todo o E.U.A. Em um relatório sobre grandes leiteiras com média de 108 vacas cada uma, verificou-se que 52,5% dos criadores usavam sêmen de mais de uma organização. O número médio de fornecedores usados por esses criadores era de 5,4.

Além do mais, as organizações de IA estão presentes no mercado internacional. Não obstante esta concorrência, essas organizações fornecem sêmen em troca de empréstimos de touros país.

A numerosa população Holstein e a competição entre as organizações de IA não permitem executar um programa de sacrifício de animais conquanto isso seja feito em algumas raças leiteiras.

A razão pela qual os programas de abate não são utilizados com indivíduos Holstein é que todo o sêmen dos touros melhores para IA é usado. Além disso, o sêmen de touros excepcionalmente valiosos para leite, composição do leite e tipo pode ser vendido por preços elevados. Assim, manter vivos os touros produz um progresso genético maior e maior proveito e pode ser justificado pelo grande valor da população e qual o sêmen é fornecido. Quanto maior e mais bem organizada a população, maior a possibilidade de crescimento do progresso genético, particularmente quando se selecionam muitas características.

O transplante de embriões (ET = embryo transfer ou TE) é feito comercialmente em grande escala. Por exemplo, 7.587 cabeças Holstein foram registradas

VENDO: NELORE, 2 ANOS, 8 PALMOS DE ALTURA POR 12 DE COMPRIMENTO.

Boi pra mais de metro, forte e robusto.

Uma beleza que se venderia muito melhor pelos seus 500 quilos de perfeita saúde.

Na verdade, desde que inventaram a balança, a simples idéia de comprar gado a olho pode ser abolida.

E, no Brasil, isso tem muito a ver com a Filizola.

Afinal, a Filizola já soma cem anos de trabalho e pioneirismo. Sempre investindo na tecnologia da precisão, no desenvolvimento de novos produtos.

E hoje, para atender as necessidades da pecuária, ela conta com balanças mecânicas e eletrônicas específicas, absolutamente confiáveis em seus registros.

Balanças para pesar boi, pesar boiada e outros animais de pequeno porte. Para que a vida tenha o peso certo. Para que os palmos fiquem apenas nos casos dos contadores de histórias.



FILIZOLA

DE FERRAMENTAS E VIGIA



por TE em 1982 e se trata de um número que aumenta facilmente.

Muitos touros que ingressaram nos programas de tourinhos foram produzidos por TE. A principal vantagem deste método é a segurança relativa de que pelo menos um filho é produto de uma vaca de primíssima qualidade. Muitos criadores produzem bezerros de vacas cuja progênie pode ser vendida com proveito. A TE não representa um mecanismo importante para o aumento do progresso genético nos E.U.A.

Pesquisa e computadores

O sêmen dos touros continuamente disponíveis para os criadores é fruto do uso de uma tecnologia genética e fisiológica altamente especializadas. Esse nível de tecnologia deriva de muitos anos de pesquisa nas duas referidas áreas.

Ulteriores melhoramentos na tecnologia aplicada, além da aplicação de conhecimentos atualizados, dependem da pesquisa.

Passos à frente serão dados na reprodução animal convencional enquanto surgem muitas promessas com novas técnicas a nível celular e embrional, das quais se podem prever aplicações no futuro. O desenvolvimento do computador propiciou a possibilidade de programar e tem permitido realizar pesquisas cada vez mais complexas.

Os dados relativos às grandes populações bovinas têm podido ser tratados mais eficazmente. Contínuos desenvolvimentos tiveram lugar no setor informativo. Os computadores são e continuarão a ser elementos essenciais para aprimorar o valor genético do gado leiteiro.

Melhoramento genético da produção

O progresso genético da produção de leite e gordura foi tangível e crescente nos últimos anos.

Geralmente as estimativas do progresso genético sobre dados provenientes de diversas sub-populações de Holstein dos E.U.A. mostram uma média de 0,5% em dois estudos de 1974 e 1981. O incremento foi maior de 1968 a 1975.

A tendência anual na população Holstein registrada nos E.U.A. foi estimada por Lee e o Quadro 2 apresenta uma síntese dos resultados.

A estimativa do Quadro 2 foi calculada na Diferença Prevista e Índice de Vaca, todas expressas em relação à base constante de 1974. Foi obtido um progresso pequeno relativamente de 1960 a 1968, na população masculina, assim como na feminina. De 1969 a 1979, de qualquer modo, a taxa anual total de alteração genética foi estimada em 67,5 kg de leite, 2 kg de gordura e menos 0,006 para a porcentagem de gordura.

O aumento devido à seleção masculina foi de cerca de 32 kg de leite, superior aquele derivado da seleção feminina no período de 1969-79. A mudança da população Holstein registrada indica que a superioridade do touro foi aumentada no

decorrer do tempo e que os criadores têm usado esses touros para melhorar seus rebanhos. A alteração genética de cada população depende principalmente dos touros disponíveis para serviços. O Quadro 3 indica a alteração média do mérito ou valor dos touros em atividade na IA.

Quadro 3. Alteração da DP leite e da DP gordura, em kg, dos touros Holstein em serviço ativo de IA

Ano	DP leite	DP gordura
Outono 1977	296	6,4
Inverno 1980	443	12,2
Verão 1980	472	13,2
Inverno 1981	496	14,1
Verão 1981	519	15,0
Inverno 1982	531	15,0
Verão 1982	554	15,9
Inverno 1983	598	17,7
Verão 1983	631	19,5
Inverno 1984	686	20,9

Todas as DPs do Quadro 3 são relativas à base DP-1974 e, portanto, representam a tendência média dos touros Holstein, expressa a um tempo constante. Os resultados são expressos igualmente em capacidade de transmissão (1/2 do valor de reprodução) como é tradicional nos

Quadro 2. Estimativa da mudança do progresso genético em leite, gordura, porcentagem de gordura na população Holstein dos E.U.A. (machos e fêmeas) calculada com base na tendência de sua capacidade de transmissão estimada

População	Período	Leite (kg)	Gordura (kg)	Gordura (%)
Machos	1960-68	2,5 ± 0,10	0 ± 0,10	-0,0020 ± 0,0010
	1969-79	83,6 ± 2,0	2,6 ± 0,09	-0,0062 ± 0,0008
Fêmeas	1960-68	1,5 ± 2,1	0 ± 0,08	-0,0012 ± 0,0004
	1968-79	51,4 ± 1,9	1,4 ± 0,08	-0,0066 ± 0,0004
Total	1960-68	2,0 ± 1,5	0 ± 0,06	-0,0016 ± 0,0005
	1969-79	67,5 ± 1,4	2,0 ± 0,06	-0,0064 ± 0,0004

Leite - Raça - 30 anos de seleção



Filhos de Rancheiro da Cal

Fazenda Calciolândia - Arcos - MG - Fone: (037) 351-1267

Fazenda Serrinha - Betim MG - Fone: (031) 335-6100

CONHAQUE VIRBAY

As primeiras 17 filhas, em primeira cria produziram a média de 2.741 kg/lactação.

RANCHEIRO DA CAL

BELA VISTA II

4.318 kg na 3.ª lactação. Irmãs, filhas e sobrinhas com lactações superiores a 3.000 kg.

K.S. VIRBAY: GRANDE RAÇADOR

— Teve 15 filhas no rebanho em 1.ª lactação, com produção média de 2.567 kg.

JARDA — Produziu 4.000 kg/lactação. Mais de 30 irmãs com lactação superior a 2.000 kg.

BOMBAIM ROXONA — Filho de BOMBAIM o melhor touro leiteiro do Brasil e ROXONA Recordista Mundial em 1964. Produziu numa lactação 5.400 kg. Vaca padrão de úbere e tetas.

BELA VISTA — Recordista Mundial em 1965 com 5.035 kg e 5,78% de gordura. Vaca padrão de úbere e tetas.

E.U.A. Algumas diferenças nas classificações de touros de IA em atividade existiam antes de 1971 porque a lista de touros de IA ativos podia compreender alguns deles em fase de espera ou alguns touros velhos com uma produção de sêmen muito limitada. Em 1979 somente touros ativos com produção adequada de sêmen foram incluídos na relação. Houve uma redução de 83 touros em serviço ativo entre o verão de 1983 e o inverno de 1984, o que explica o aumento superior à média entre os dois últimos períodos. O aumento do valor genético da população de vacas freiou o aumento do número de touros em serviço, pelo que os valores do Quadro 3 não são estimativas do progresso genético da população, mas mostram, de qualquer forma, o mérito dos genito-

res em serviço, à disposição dos criadores dos E.U.A. Como houve uma alteração da base, a média dos touros de IA em atividade é +535 DPL (dif. prev. para leite); - 0,01 DPG (dif. prev. para teor de gordura %) e +18 DPG (dif. prevista para quantidade de gordura) sobre a base DP-1982. Os touros de nível mais elevado no inverno de 1984 assinalavam os seguintes valores: +1 770 DPL; +58 DPG e -0,03 DPG.

— Freeman, Albert E. — L'allevamento da latte negli Stati Uniti: organizzazione e progresso genetico. Bianco nero, Cremona, Itália (12) 27-32, 1984, 14 refs. Nota da R.: Albert E. Freeman, reconhecida autoridade no assunto, é Professor de Ciência Animal (Zootecnia) da Universidade Estadual de Iowa, E.U.A., onde tam-

bém tem o cargo de "Charles F. Curtis Distinguished Professor of Agriculture", o mais elevado da Instituição. Foi presidente do Programa do Gado Leiteiro da Sociedade Americana de Ciência Animal; é consultor da Associação do Holstein Friesian da América e de várias entidades existentes em diferentes países; recebeu vários prêmios pela pesquisa da "NAAB" e "Rockefeller Prentice Memorial" devidos à pesquisas em genética e reprodução; o prêmio "Borden" por pesquisas devidas à produção adjudicado pela Dairy Science Association. É autor de numerosos trabalhos e está agora empenhado na execução de um programa inter-disciplinar de biotecnologia, visando a isolar micrôorganismos mais eficientes para transferência de energia da produção de leite.

Programa de pastagens tropicais

Germoplasmas de pastagens tropicais — um caleidoscópio das possibilidades genéticas

As características genéticas das plantas estão codificadas em suas sementes ou germoplasmas. Essas características diferem dentro da mesma espécie. Atributos genéticos, tais como a tolerância às doenças, seca, insetos, temperaturas, condições de solo e muitos outros, têm evoluído sob uma ampla faixa de condições naturais e durante longo período de tempo. Por esta razão, a coleta de sementes de germoplasmas variáveis, de

diferentes regiões do globo, é importante como base do processo de seleção de plantas melhoradas.

Em 1984, os cientistas de Pastagens Tropicais colheram novos germoplasmas em três continentes: América do Sul, Ásia e África. As leguminosas e gramíneas adicionadas à coleção do CIAT (Centro Internacional de Agricultura Tropical) são mais de 15 000 aquisições (aquisições).

Sumário

— América do Sul. A variabilidade natural das leguminosas foi ainda mais explorada durante 1984 mediante expedições realizadas no continente, reconhecido como um dos principais centros de diversidade da plantas forrageiras dessa família vegetal.

• Colômbia. Três expedições de coleta de leguminosas foram efetuadas em colaboração com a Unidade de Recursos Genéticos do CIAT. Adicionaram-se 538 novos títulos à coleção do Centro.

• Venezuela. Ao todo, 410 títulos de leguminosas foram colhidos por uma expedição conjunta que envolvia o CIAT e o Fondo Nacional de Investigaciones Agropecuarias (FONALAP).

• Brasil. Em colaboração com o Centro Nacional de Recursos Genéticos da Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuárias (EMBRAPA-CENARGEN) e a International Board of Plant Genetic Resources (IBPGR) uma expedição coletou capins e leguminosas, com viagens aos estados de Mato Grosso e Pará. Os cientistas obtiveram 533 novos títulos.

— Sudeste da Ásia. Esta região é o centro de diversidade de importantes gêneros de leguminosas (Cerca de 300 novas aquisições dos gêneros *Desmodium* e outros semelhantes e de *Pueraria* foram adicionados à coleção de plantas forrageiras para pastagens tropicais do CIAT).

• China. Em colaboração com a South China Academy of Tropical Crops (SCATC) a vegetação herbácea e de leguminosas arbustivas de uma importante porção da ilha de Hainan foi submetida a amostragem.

• Tailândia. Uma combinação da expedição Thai e IBPGR coletou germoplasmas de leguminosas nativas nas províncias orientais do país.

• Indonésia. O CIAT e o Sukarni Research Institute for Food Crops amostraram leguminosas nativas na parte ocidental de Sumatra.

— África. A cigarrinha é a principal praga da *Brachiaria* spp. (*B. decumbens*, *B. humidicola*) e de outras gramíneas na América Tropical. Em cooperação com o International Livestock Center for Africa (ILCA) durante 1984 foi despendido um grande esforço com a coleta de germoplas-

mas de capins em centros diversos (Etiópia e Quênia) dos gêneros *Brachiaria* spp. A expedição obteve 228 novas leguminosas e 470 novas gramíneas. Os novos títulos de *Brachiaria* spp. representam um aumento de 10 vezes da base genética de seleção de materiais tolerantes à cigarrinha.

Gramíneas e leguminosas — uma associação duplamente valiosa.

O número de animais que uma pastagem pode suportar depende de vários fatores. Em resumo, a lotação por unidade de área de terra depende da produção da pastagem e do valor nutritivo da forrageira. Em algumas terras marginais da América Latina são necessários 5-10 hectares para sustentar um bovino, se este se alimenta somente de gramíneas nativas.

Os cientistas de pastagens tropicais estão aumentando a taxa de lotação mediante tecnologia de manejo de pastagens, que é baseada no uso de novas gramíneas em associação com leguminosas fixadoras de nitrogênio. Isto tem resultado em uma taxa de suporte de três a quatro cabeças por hectare. A medida de sucesso é mo-

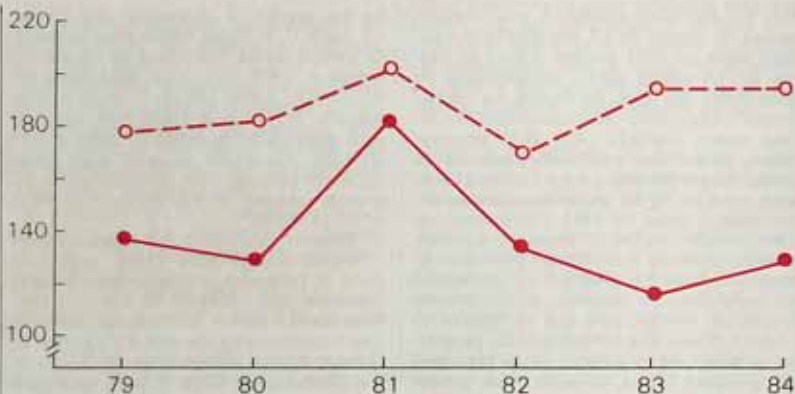
trada através da comparação de ganhos de peso diário ou ganhos anuais dos animais.

Por exemplo, em um estudo de quatro anos com pastagens melhoradas pastadas por touros novos que comeram somente a savana nativa, cada animal ganhou em média 75 kg por ano. Quando pastaram somente uma gramínea melhorada, o ganho médio foi de cerca de 130 kg. Entretanto, quanto pastaram uma associação de gramínea melhorada/leguminosa, os ganhos de peso vivo aproximaram-se de 187 kg/ano. As associações de gramínea/leguminosa aumentaram os ganhos de peso porque a associação em lide melhora a produtividade do capim e a eficiência de sua utilização. Estudos de nutrição animal mostraram que os animais em pastejo de uma associação selecionavam uma dieta nutricionalmente melhor do que aqueles que se achavam em pastejo de gramínea somente. A dieta melhor também foi responsável por ganhos de peso mais elevados.

Encontraram-se produções mais elevadas

As pastagens melhoradas com misturas de gramíneas/leguminosas têm produzido consistentemente ganhos de peso por animal de 42% ou mais por hectare do que as pastagens de gramíneas somente, havendo maiores benefícios durante a estressante estação seca.

Durante seis anos os cientistas do Programa de Pastagens Tropicais avaliaram



Ganhos de peso, médios, de novilhas em *B. decumbens* somente (o---o) e associada com *Pueraria phaseoloides* (●—●) em faixas (Carimagua, Colômbia)

uma gramínea forrageira a *Brachiaria decumbens* só ou associada à leguminosa *Pueraria phaseoloides*. Os resultados desse estudo são exibidos na Figura 1. Eles também verificaram o valor de suporte da associação gramínea/leguminosa na produção de peso de novilhas.

A associação gramínea/leguminosa tem revelado produções mais elevadas dos animais, ao passo que as produções dos animais em pastagem de capim somente tem sido mais variável, com tendência para a obtenção de menores ganhos de peso durante os últimos três anos.

Arachis pintoi — amendoim perene plantado no pasto

Um objetivo importante do Programa de Pastagens Tropicais é o desenvolvimento de pastagens (gramíneas e leguminosas) que possam crescer bem nas savanas sob baixas condições de fertilidade. Essas pastagens, contendo leguminosas fixadoras de nitrogênio, que aumenta a fertilidade do solo e eleva o nível de proteína da forragem, torna as terras agriculturalmente marginais mais produtivas.

A combinação gramínea/leguminosa em geral produz mais e melhora a qualidade da forragem, contribuindo para maior ganho dos animais. Os cientistas de pastagens tropicais do CIAT estão identificando as melhores combinações de gramíneas



Novas gramíneas e leguminosas: a seleção do CIAT ultrapassa 15 000 títulos.



Gramíneas e leguminosas: Uma combinação para mais elevada produtividade animal e maior persistência da pastagem.

e leguminosas a fim de produzir melhores forrageiras, especialmente para as savanas tropicais da América. Essas vastas e inaproveitadas terras tropicais poderão tornar-se novas fronteiras da indústria animal.

As *Brachiaria* spp (*B. decumbens*, *B. humidicola*, etc.) são comumente usadas em solos pobres e ácidos da América tropical. Os fazendeiros preferem esses capins devido à sua boa produtividade e especialmente sua elevada capacidade de competição com as ervas daninhas intrusas nos pastos. Um dos importantes desafios deste esforço da pesquisa é encontrar leguminosas compatíveis com essas gramíneas altamente agressivas, para aumentar a produtividade e a persistência das pastagens.

Arachis pintoi, uma espécie de amendoim perene é especialmente eficiente quando plantada com a *Brachiaria humidicola* e a *B. dictyoneura*, altamente agressivas.



Arachis pintoi: Uma leguminosa prometedora para associação com as agressivas gramíneas *Brachiaria* spp.

Ela é tolerante ao pastejo pesado. O gado gosta dela, mas não a come excluindo as espécies de *Brachiaria*. O teor de leguminosas em todas as misturas de *Brachiaria* spp/ *A. pintoi* recupera-se bem sob sistema de pastejo rotativo: 7 dias de pastejo e 21 dias de adiantamento.

O *A. pintoi* é produtor de sementes subterrâneas prolíficas. Isto é importante em qualquer combinação de leguminosa/gramínea para garantir a persistência e a estabilidade da composição botânica no decorrer do tempo.

A digestibilidade *in vitro* média do *A. pintoi* associada com as espécies de *Brachiaria* é de 60,0%. A proteína bruta média nessa leguminosa varia de 14,8% a 16,6%.

O grande potencial do *A. pintoi* como leguminosa para pastagem compatível com as agressivas gramíneas *B. humidicola* e *B. dictyoneura* é muito promissor.

Boas forrageiras — elas podem produzir uma diferença na reprodução do gado

O comportamento reprodutivo dos bovinos (vale dizer, a idade em que as vacas concebem e a taxa de reconcepção) está relacionado com a qualidade da for-



Pastagens melhoradas: Um fator determinante da elevação da reprodutividade na América tropical.

ragem que eles ingerem. Esta conclusão foi alcançada por cientistas de pastagens tropicais, após estudo de três anos. Para tanto efetuaram-se provas em fazendas situadas em duas localidades. As novilhas que pastavam savana nativa sob manejo tradicional foram comparadas com outras novilhas que tiveram acesso a pastagens melhoradas. Estas pastaram uma combinação desenvolvida pelo CIAT, o *Andropogon gayanus*, um capim e o *Stylosanthes capitata*, uma leguminosa.

Em uma das fazendas estudadas, a porcentagem de nascimentos da primeira concepção e da posterior reconcepção foi comparada. Embora não haja diferenças até



Andropogon gayanus e *Stylosanthes capitata*: Uma associação altamente produtiva para as savanas da América tropical.

agora na proporção de novilhas que conceberam pela primeira vez, pastando prados melhorados, a concepção ocorreu novamente em idade significativamente mais baixa (um ano mais cedo). Mesmo com a diferença em concepção, que implica em maior tensão devida à lactação, as fêmeas que pastavam forrageiras melhoradas apresentavam maior peso.

Resultados marcantes foram observados na segunda fazenda. Os pesos e as idades na primeira concepção refletiram o potencial limitado da savana nativa. As vacas em pastejo na savana tiveram sua primeira concepção e gestação com 3 ou mais anos de idade, ao passo que as que



Plantadeira/adubadeira combinada: Um adequado método econômico e ecológico para a formação de pastagens.



Vista aérea da savana semeada: alargando o horizonte para a produção pecuária nas savanas.

se alimentaram de *A. gayanus*/*S. capitata* já estavam parindo com essa idade.

Os proprietários de ambas as fazendas, com qualquer sistema de pastejo, comumente suplementam as dietas dos animais com minerais. Comparando o desempenho das novilhas na savana com o das que pastaram *A. gayanus*/*S. capitata*, tornou-se claro que, propiciando-se meios iguais quanto à suplementação mineral, a qualidade da forragem é o fator determinante do comportamento reprodutivo das novilhas.

Plantadeira combinada — uma idéia que ocorreu

Há nos trópicos da América, aproximadamente, 200 milhões de hectares de ter-

ras de savana não utilizados, dos quais 54% se acham nos "llanos" da Colômbia e Venezuela. São enormes áreas de pastagens com árvores dispersas, interrompidas por capões de mato ao longo de ribeirões e rios. Os solos são fracos e ácidos e a água é escassa em certas épocas do ano. Entretanto essas vastas áreas não utilizadas devido às longas estações de crescimento e excelentes condições físicas dos solos, convidam ao desenvolvimento agrícola.

A semeadura dessas terras com gramíneas e leguminosas para formação de pastagens requer atenção pelas características da terra. Por exemplo, não se pode utilizar o cultivo profundo. Como a terra é vulnerável à erosão pela água e os ven-

tos, o melhor será incomodar o solo o menos possível.

Em face dessa realidade agrônômica, os especialistas em pastagens tropicais do CIAT idearam uma adubadeira/plantadeira combinada, puxada por trator que ara a terra levemente, aplica fertilizantes e deita as sementes ao mesmo tempo sobre o solo. O espalhador de fertilizante e a semeadora são montados sobre a barra posterior de um arado.

São plantadas duas fileiras de gramínea no meio de uma faixa com 2,5 m de largura, com uma fileira de leguminosa em cada margem. A leguminosa, agressiva e rasteira desempenha o papel de pioneira, invadindo a savana e criando condições de fertilidade mais favoráveis para a subsequente invasão da gramínea. O método é denominado plantio em faixas.

As faixas são plantadas com 12,5 m de distância, deixando uma faixa de 10 m de savana intacta. O plantio é feito imediatamente após a queimada. A rebrota das espécies nativas ajuda a distrair as formigas cortadeiras de folhas, até que as forrageiras plantadas se estabeleçam e forneçam alimento valioso para o rebanho.

A máquina destinada ao plantio (Figura F) é eficiente em termos de tempo, mão de obra e materiais. Cerca de 1 hectare por hora pode ser plantado. Esta tecnologia de pastagem de baixo custo permite um aumento significativo da capacidade de suporte no decorrer do tempo (8 a 10 vezes mais animais por hectare) bem como mais do dobro em ganho de peso anual pelos bovinos.

— CIAT report, 1985. Tropical pastures program. CIAT, Cali, Colômbia: 22-29, 1985.

Valor de raças nativas e exóticas de suínos

Muitos esforços foram despendidos no passado para melhorar a produtividade dos suínos. Todavia, várias raças porcinas nativas ainda têm considerável valor em numerosos países do mundo.

Com o rápido aumento da população humana e elevação de seu poder aquisitivo, muitos produtos da pecuária poderão ser consumidos futuramente.

Em consequência, há uma crescente demanda de carne, leite e ovos nos países em desenvolvimento. O gado e as aves

são fontes básicas e valiosas que representam uma grande parcela do capital ativo e geram muitas receitas das pequenas fazendas em diferentes países.

A suinocultura e a avicultura, sobretudo, propiciam grande volume de empreendimentos, dentro e fora do setor agrícola.

Em muitos países asiáticos, o porco é uma fonte muito importante de proteína animal, particularmente onde a religião não proíbe o consumo de carne dessa espécie. Nas Filipinas, 60% da carne fresca consumida é de origem suína. Em Taiwan o porco representa o grosso da

população animal e é a espinha dorsal de sua indústria pecuária. Taiwan e Tailândia exportam, ambos, carne suína para outros países da Ásia e, portanto, essa é a sua fonte potencial de aquisição de dólares.

A República Coreana também conta com uma população porcina que cresce rapidamente. O total de carne consumida nesse país é de cerca de 14 kg per capita, sendo que cerca de 55% são de origem suína. No Vietnã a carne de porco segue a de peixe que é o item mais importante da proteína animal. O mesmo ocorre com o Japão, Hong Kong e Singapura. Na América Latina os suínos vivem à sombra do gado de corte, especialmente em países como Argentina, Brasil e Uruguai.

A produtividade da população suína, nacional, na América Latina é muito baixa. Ela representa 9% da população porcina do mundo, mas produz apenas 4,7% do suprimento de carne de porco. Em comparação, nos E.U.A. esses dados são 7,7% e 10,2%, respectivamente.

Raças locais versus raças exóticas

Conquanto os suínos nativos sejam maus produtores, eles são bem adaptados à uma espécie de economia de sobrevivência e à sua vida de aproveitadores de resíduos. Usualmente eles são muito prolíficos e as porcas boas mães. Muitas das raças locais podem utilizar alimentos fibrosos bem melhormente que as raças exóticas.

Muitos países têm mudado o sistema de produção de suínos de um tipo de sobrevivência para o de mercado orientado para a economia. Nas áreas rurais, ainda há os chamados "produtores de quintal" com raças locais mais ou menos puras, embora em torno das cidades tenham surgido produções comerciais utilizando raças exóticas, sejam puras, sejam mediante cruzamentos ou linhagens melhoradas de suínos nativos.

Sob condições semi-comerciais, tem havido consideráveis melhoramentos mediante cruzamentos contínuos de suínos nativos, resultando disso um crescimento mais rápido e melhor conversão de alimentos, sem perda de muitas características favoráveis dos suínos indígenas.

Especialmente antes da última guerra mundial, fizeram-se tentativas para criar linhagens com proporções variáveis de sangue aborígene e exótico. Isto foi feito com o propósito de tirar vantagem do suíno nativo e o elevado ganho diário, a boa conversão alimentar e melhor qualidade das raças exóticas.

Essa política zootécnica foi o resultado da má experiência anterior, na qual as raças exóticas sucumbiram ante as doenças e parasitismo devidos ao manejo deficiente.

Então, parece que a adaptabilidade a um ambiente climático desfavorável foi equacionado com a resistência a doenças infecciosas e ao parasitismo.

Hoje, em muitos países em desenvolvimento, a peste suína ainda é um flagelo e talvez a doença mais séria dos suínos. Contudo essa doença e os parasitos podem ser evitados mediante bons métodos de criação, prevenção ou tratamento.

Admitindo que a última tecnologia na suinocultura possa ser aplicada economicamente nas áreas tropicais úmidas, como será que as raças nativas, as raças exóticas, as cruzas de raças nativas com exóticas e os cruzamentos "recém-chegados" desempenham? É preciso referir que grande parte do trabalho revisto neste artigo foi efetuada sob boas condições de manejo e nutrição.

Características precedentes ao desmame

O desempenho reprodutivo que se reflete no tamanho da leitegada e os pesos ao nascer e à desmama, é controlado principalmente pelo ambiente e um tanto pela herança. Uma seleção natural dessas características tem ocorrido durante muitos séculos, com início antes de que os suínos fossem domesticados. Os porcos mais aptos e mais prolíficos tiveram maior oportunidade para sobreviver e produzir maior quantidade de filhos e as estirpes mais fracas e menos prolíficas desapareceram gradativamente.

Em consequência, a fração selecionável da variação genética das características, tais como prolificidade e aptidão, tornou-se muito pequena, de sorte que a seleção, dentro das raças, dificilmente pôde contri-

buir para o melhoramento do desempenho reprodutivo.

Isto não significa que não existe diferença em prolificidade. Algumas raças chinesas são assaz conhecidas por sua elevada fertilidade, como as Neikiang e Yunkanga que são raças locais do Vietnã (Mon Cai e I).

Características com baixo coeficiente de herdabilidade (h^2), tais como a fertilidade e a aptidão, podem ser bem melhoradas mediante hibridação. As porcas cruzadas são maiores e têm maiores leitegadas, tanto ao nascimento como ao desmame do que as porcas puras. A diferença é grosseiramente equivalente a um produto desmamado por leitegada.

Leitegadas maiores e mais pesadas também podem ser obtidas mediante um só cruzamento comercial entre animais puros, como é mostrado no Quadro 1. Embora essas provas tenham sido conduzidas sob condições de clima moderado, não se pode admitir que um clima tropical tenha uma influência deletéria sobre a proporção de vigor híbrido (heterose) das leitegadas cruzadas durante os períodos pré e pós natal.

Características pós-desmama

Os suínos nativos, em cruzamento contínuo com raças exóticas altamente produtivas, usualmente resultam em leitões desmamados mais pesados, com maior crescimento e melhor engorda, quando comparados com seus pais nativos. Várias investigações sobre o desempenho dos



As raças exóticas nos trópicos requerem bom manejo, inclusive abrigos higiênicos, como este, da fazenda estadual da cidade de Hoi Chi Minh, Vietnam.

Quadro 1. Desempenho reprodutivo de porcas Landrace Holandesas (LH) cobertas por cascaços Large White e Landrace Holandesas (LW e LH, resp.)

Especificação	LW x LH	LH x LH	Difer.*
Número de porcas	81	81	
Idade à desmama (dias)	941	947	
Período de gestação (dias)	114,8	115,0	
Número de leitoadas envolvidas	59	69	
Leitões vivos por leitoadas	10,64	10,10	+ 5
Peso vivo médio dos leitões (kg)	1,50	1,41	+ 6
Peso ao nascer da leitoadas, média (kg)	15,95	14,20	+11
Natimortos (%)	3,83	5,04	
Mortalidade dentro de 24 horas (%)	1,84	3,81	
Mortalidade após 24 horas (%)	6,58	10,36	
Desmamados em % de total nascidos	87,75	80,79	
Número de desmamados às 7 semanas	9,71	8,59	+13
Peso por desmamado às 7 semanas (kg)	14,88	14,22	+ 5
Peso da leitoadas às 7 semanas (kg)	144,50	122,15	+18

* Diferença? (Nota da R.: conforme original)

Efeito do ambiente

A questão seguinte em importância é: As raças exóticas puras são capazes de atingir o mesmo desempenho em um ambiente úmido tropical (sob as mesmas condições de manejo e nutrição) que em seus países de origem? Este problema foi estudado nas Filipinas por Rigor. Três raças suínas (Yorkshire, Duroc-Jersey e Hampshire) foram importadas dos E.U.A. Esses suínos chegaram quando tinham 3-4 meses de idade e foram submetidos a uma prova de alimentação em compartimentos individuais a fim de determinar seu desempenho. Os resultados deste teste são apresentados no Quadro 3. Os suínos melhores alcançaram 90 kg de peso aos 150 dias de idade, com ganho diário de 810 g, eficiência alimentar de 3,10 e uma gordura dorsal de 2,91 cm de espessura.

Quadro 2. Desempenho de porcos Filipinos, Landrace x Filipinos (LF) e cruzas Large White x LF

Raça	Sexo	Peso inicial quilogramas	Peso final	Ganho diário médio	kg/alimento kg/ganho	Idade no abate dias	Fatcino do dorso mm	Fernil e lombo %
Filipina	(2) castrado	6,87	89,6	0,50	3,78	220	48,5	(2) 26,9
	(2) leitões	6,37	90,1	0,39	3,90	265	49,8	(2) 26,0
	média	6,62	89,8	0,44	3,84	242	49,1	26,4
Landrace x Filipina	(5) castrado	8,05	89,6	0,52	3,64	207	42,2	(3) 32,6
	(6) leitões	8,45	89,8	0,50	3,60	216	40,6	(3) 33,6
	média	8,25	89,7	0,51	3,62	211	41,4	32,8
Large White x LF	(6) castrado	7,83	90,3	0,58	3,55	194	41,9	(3) 24,7
	(leitos)	8,29	90,5	0,49	3,71	221	39,9	(3) 25,4
	média	8,06	90,4	0,53	3,63	207	40,9	25,0

Nota: os números entre parênteses referem-se ao número de animais que contribuíram para a média.

suínos nativos, nativos sob cruzamento contínuo, raças exóticas puras e vários cruzamentos entre si foram feitos sob condições tropicais. Phillips (1984) verificou que os suínos puros e mestiços (nativos x puros) ganharam mais rapidamente do que os nativos.

Há mais fatcino dorsal no porco nativo (em base da peso constante) do que nos puros e cruzados.

Posteriormente, em Porto Rico, suínos nativos foram comparados com Durocs puros e F₁ Duroc x nativos. Verificou-se que os Duroc puros ultrapassaram os outros em taxa de crescimento e conversão alimentar, embora a diferença entre Durocs puros e F₁ seja bem pequena.

O Prof. Koh (Taiwan) relatou nos anos 60 acerca de comparações de raças envolvendo as exóticas Berkshire e Yorkshire e a raça aborígena Tanyuan. As exóticas foram melhores sob boas condições de manejo do que as nativas, como foram os F₁ das raças exóticas x nativos. Pesquisadores

tailandeses também tiveram a mesma experiência.

Nas Filipinas, Rigor verificou, em extensos estudos, que, sob bom manejo, a raça Large White teve melhor desempenho em comparação à Landrace e os F₁ de raças exóticas e nativas. Também ficou evidente, através de suas provas que o cruzamento triplo LW x F₁ (LR x nativo) foi melhor do que o cruzamento duplo (nativo x LR) e que este foi melhor do que os nativos em todas as características estudadas. Alguns detalhes da comparação das raças exóticas e nativas e suas cruzas, quanto ao desempenho na engorda até o peso final constante (90 kg) são mostrados no Quadro 2.

Verifica-se pelo quadro 2 que quando um suíno puro é comparado com um nativo ou um produto de cruzamento de nativo e o mesmo puro, este, quase invariavelmente, desempenha melhor, vindo em segundo lugar a cruz puro x nativo. Os nativos ficaram por último.

As taxas de ganho de peso foram provavelmente inferiores e a utilização dos alimentos menos eficiente devido à transferência dos E.U.A. para as Filipinas. Todavia, todos os porcos atingiram 90 kg com pouco menos de 5-6 meses de idade. Sua gordura dorsal foi também bem menor do que a dos Durocs em provas de desempenho anteriores. Estes resultados indicam que algumas raças exóticas de suínos podem produzir bem no ambiente tropical úmido e são capazes de se aproximarem do desempenho racial esperado em seu berço de origem.

Também na Colômbia foi mostrado que quase todas as raças porcinas com bom potencial de crescimento podem ter comportamento satisfatório em muitas áreas se submetidas a condições de criação e manejo e nutrição apropriadas. Foram obtidos bons resultados experimentalmente com as raças Duroc-Jersey, Landrace, Hampshire e Yorkshire.

Quadro 3. Desempenho de suínos puros importados sob condições tropicais

Raça	Sexo	Peso inicial	Peso final quilogramas	Ganho diário médio	kg/alimento/ kg de ganho	Idade ao abate dias	Foicinho dorsal mm
Duroc-J	(9) leitão	20,0	91,0	0,69	3,36	190	34,3
Duroc-J	(2) leitão	52,2	89,6	0,63	3,84	184	24,1
Duroc-J	(23) leitoa	49,8	89,9	0,63	4,03	185	26,2
	média	51,0	89,7	0,63	3,93	184	25,1
Hampshire	(2) leitão	62,7	90,0	0,75	3,85	164	17,5
Hampshire	(6) leitoa	48,7	89,9	0,70	4,15	178	20,3
Hampshire	média	55,7	89,9	0,72	4,00	171	18,9
Yorkshire	(2) leitão	65,0	91,0	0,67	4,02	165	15,7
Yorkshire	(6) leitoa	61,4	90,0	0,64	4,61	181	19,8
	média	63,2	90,5	0,65	4,31	173	17,7

Foi indicado anteriormente que a maioria dos trabalhos citados fora conduzida sob condições de bom manejo e nutrição. Mas pode ter acontecido que certos requisitos não foram realmente atendidos porque muitos países em desenvolvimento estão privados dos ingredientes alimentares corretos a preços razoáveis.

Algumas observações indicam que determinadas linhagens de Landrace não desempenham tão bem como os Yorkshires e Durocs sob as condições tropicais úmidas. Essas observações, no entanto, têm sido feitas onde o manejo e a alimentação têm estado longe de ser satisfatórias. Outro fator que pode ter contribuído para o desempenho desapontador dos Landrace nos trópicos é a falta de métodos sistemáticos de identificação de animais com elevado desempenho na fazenda e a ausência

de fundos para importar regularmente suínos dos países de origem considerados de utilidade para o refrescamento de sangue.

A fim de melhorar a população suína, muitos países menos avançados tecnicamente necessitam a importação de material reprodutivo jovem, de raças com alta produtividade, do exterior. Esses animais devem ser importados com a idade de 3-4 meses e após sua chegada colocados em testes de desempenho individual.

Tendo identificado os animais portadores de elevado valor genético, o passo imediato será usá-los tão eficientemente quanto possível na reprodução. Isto pode ser conseguido melhormente mantendo um sistema de reprodução piramidal com limitado número de criadores especializados no topo da pirâmide e que vendam

seus excedentes da criação aos multiplicadores (a camada seguinte da pirâmide). Na base estarão os produtos comerciais e destinados à subsistência, que podem ser beneficiados evidentemente pelos esforços dos criadores do topo.

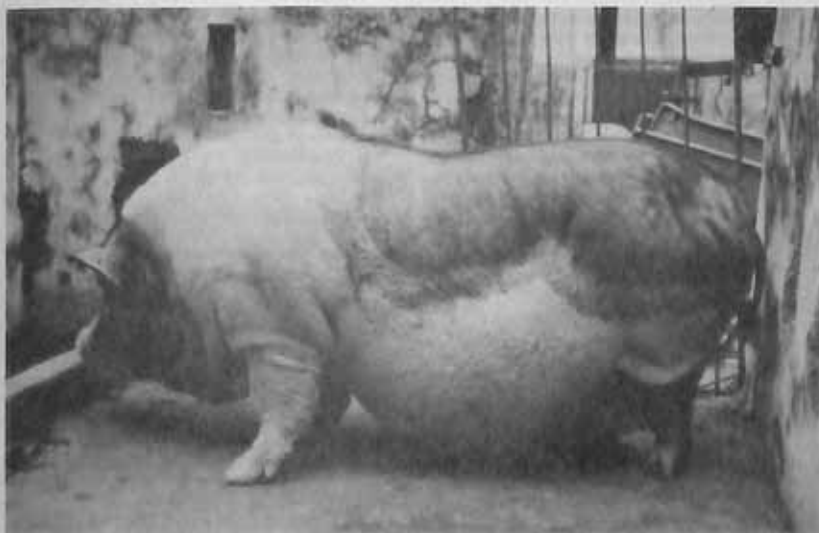
Havendo uma infra-estrutura apropriada, a inseminação artificial será estimulada para capacitar o uso máximo dos caçaços com elevado valor genético.

É essencial verificar que as combinações de cruzamentos podem dar melhores resultados na produção de suínos para mercado em um dado ambiente tropical. Nem todas as espécies de permutas ou combinações necessitam ser testadas, mas as raças que tenham desempenho bom em um ambiente tropical úmido (Yorkshire, Landrace e Duroc) deverão ser usadas para cruzamentos.

— Rigor, E. M. & Kroeske, D. Pig farming in the tropics — the value of native and exotic breeds. Pigs — an int. mag. pig keeping, Holanda (3): 6-9, 1985.

Notas da R.: I. E. M. Rigor é Professor da Universidade das Filipinas (Colégio de Agricultura, Laguna, Filipinas) e D. Kroeske é Técnico em Zootecnia da F.A.O.

2. A propósito das raças nativas ou aborígenas brasileiras é realmente lamentável que não tenham sido devidamente divulgados e discutidos os resultados de numerosos trabalhos efetuados durante muitos anos em estabelecimentos pertencentes a órgãos federais e estaduais (sobretudo de São Paulo, Minas Gerais e outros) sobre o desempenho de vários "tipos" ou raças de suínos tais como Piauí, Pereira, Nilo, Pirepetinga e outros. Também faltam trabalhos brasileiros sobre o comportamento de raças exóticas puras ou em cruzamento, destacadamente as Duroc-Jersey, Poland-China, Berkshire, Hampshire, Large Black, Large White, Landrace, Edelschwein, Landschwein e outras que foram introduzidas em diferentes épocas, em diversos pontos do território nacional.



Porca da raça Moncal (Vietnam) de crescimento lento, mas altamente prolífica e boa conversão de alimentos verdes (bem semelhante a tipo ainda encontrado no Brasil).

TOXICOLOGIA BOVINA

Vários toxicantes, de diferentes origens, podem causar problemas em bovinos, inclusive as toxinas bacterianas, micotoxinas, zootoxinas, pesticidas, produtos químicos defensivos agrícolas, drogas, nutrientes e contaminantes do ambiente. Este artigo faz a revisão de algumas toxicoses mais comuns encontradas na criação de bovinos.

Auto-intoxicação do rúmen

• **Causa.** Pelo menos dois sintomas, ou melhor, dois síndromes têm sido observados. A ingestão de quantidades superiores às normais de hidratos de carbono altamente fermentáveis, levando à acidose láctica, desidratação aguda e depressão é, de longe, o síndrome mais comum. A ingestão de grandes quantidades de proteínas nitidamente fermentáveis produz um excesso do ionteanônio, alcalose, excitação e hiperestesia. Estes síndromes recebem vários nomes, inclusive o engurgitamento agudo do rúmen, a sobrecarga de grãos e a toxemia por engurgitamento.

• **Sinais clínicos.** O primeiro estômago do ruminante pode ser encarado como um receptáculo ou cuba de fermentação de cultura contínua. Quando a ração é abruptamente alterada, há uma modificação concomitante da microflora do rúmen, caracterizada pelo desaparecimento de organismos Gram-negativos e supercrescimento de estreptococos, lactobacilos e clostrídios Gram-positivos. A liberação de endotoxinas no licor do rúmen e a subsequente absorção pelo sistema circulatório é um fator importante do resultante síndrome clínico. A produção aumentada de ácido láctico também contribui para a acidose metabólica. Os sinais clínicos dominantes, associados com este síndrome incluem o extremo enfraquecimento, a depressão, a estase do rúmen, a leucopenia transitória, a hipotensão, a anorexia, a desidratação e a diarreia.

• **Tratamento.** Embora este síndrome seja comumente considerado uma acidose láctica, é muito provavelmente um choque endotóxico resultante de toxinas liberadas pela destruição de grande número de microrganismos Gram-negativos no rúmen. Com base nesta hipótese temos recomendado que o tratamento das auto-intoxicações do rúmen inclua a administração de carvão vegetal ativado (1 g/454 g) e uma quantidade equivalente de bi-carbonato de sódio diluída em água quente e dada ao animal mediante sonda esôfaga. A base racional desta terapêutica é que o carvão ativado absorve (ou melhor adsorve) as endotoxinas e o bi-carbonato corrige a acidose do rúmen. Outras medidas tradicionais da terapêutica são a correção da desidratação com a injeção endovenosa de soluções equilibradas de eletrólitos e bi-carbonato de sódio. Os resultados do uso do carvão ativado no tratamento do auto-intoxicação ruminal têm sido excelentes. Os animais em posição de repouso e quase em coma têm revivido e se recuperam dentro de um período de 12 horas.

Pneumonia intersticial atípica

Esta condição, também referida como edema e enfisema pulmonar agudo do bovino é um síndrome da perturbação respiratória que ocorre mui frequentemente em gado de corte. A pneumonia intersticial atípica (PIA) é nitidamente relacionada com a introdução súbita do gado adulto fãntimo em pastagem em brotação, frequentemente seguida à inundação ou irrigação. Nas operações de vaca-bezerro no Oeste dos E.U.A. isto ocorre tipicamente quando o rebanho é trazido de pastagens de verão, secas, para pastagens úmidas, irrigadas ou fertilizadas. As espécies forrageiras que compõem a pastagem não parece ter importância. A PIA também ocorre em currais onde a dieta principal do gado é a silagem de milho.

A evidência disponível apoia o ponto de vista que a PIA é causada pela produção ruminal de 3-metil-indole (3MI) do triptofano-L (CRL) ingerido com grãos ou material verde. O 3MI é absorvido do rúmen e metabolizado para produzir a pneumo-toxicidade.

• **Sinais clínicos.** A doença é caracterizada por um laborioso batimento do tórax, com um ronco expiratório ruidoso, saída de espuma pela boca e respiração com a boca aberta. Os animais afetados podem morrer dentro de 1-2 dias ou melhorar espetacularmente após 3-4 dias. Nos animais mortos as vias aéreas se acham usualmente cheias de um líquido espumoso. A superfície de corte dos pulmões tem uma aparência vítrea, brilhante, resultante de severa congestão, edema e com membranas hialinas. O enfisema intersticial, com grandes bolhas de gás pode ser notado em todas as partes dos pulmões. O edema pulmonar é muito evidente, especialmente nos segmentos ventrais dos pulmões e um líquido amarelo gelatinoso pode ser encontrado nos sepios interlobulares e tecidos conectivos perivascular. A totalidade do tecido pulmonar pode ficar semelhante à borracha em consequência de hiperplasia epitelial alveolar severa e difusa.

• **Tratamento.** Não há tratamento eficiente para a PIA, uma vez acometido o animal. A medida mais promissora de prevenção da PIA parece ser uma alteração do metabolismo do rúmen a fim de inibir ou baixar a produção de 3 MI. Doses por via oral de monesin a 200 mg/dia podem reduzir a conversão de PRT em 3MI no paço. A administração de monesin durante os 7-10 primeiros dias após a introdução do animal em um pasto em brotação ou na silagem de milho deverá prevenir a doença. Uma vez afetado, o bo-

vino terá como melhor manejo sua retirada do pasto em brotação ou de qualquer dieta que esteja recebendo, dando-se outra, nitidamente diferente, como feno seco.

Toxicose por inseticida

Muitas preparações usadas para bovinos são inseticidas organo-fosforados. Embora esses compostos sejam inibidores da acetilcolinesterase, os sinais clínicos da toxicose em gado adulto podem variar da dispnéia clássica, salivação e rigidez muscular, seguida de paralisia que ocorrem logo após a exposição. Entretanto, sinais de toxicose resultantes de aplicações como as de clorpirifos e fention se desenvolvem mais lentamente (2-10 dias) e demoram até várias semanas se a morte não vem a ocorrer.

• **Sinais clínicos.** Os sinais clínicos em gado adulto podem ter início 3-4 dias após a exposição à droga. Primeiramente, os animais procuram ficar apertados do rebanho e se mostram ligeiramente deprimidos, inapetentes. Durante os dias imediatos os sintomas variam com depressão, letargia, orelhas caídas e mal estar excessivo associado à estonía do rúmen, empanzimento, anorexia, diarreia e desidratação, com o rúmen cheio de líquido. Alguns animais apresentam salivação excessiva.

Durante os três anos passados foram encontrados numerosos incidentes de peculiar suscetibilidade de touros sexualmente ativos a aplicações de preparações contendo clorpirifos. Este fenômeno foi reproduzido experimentalmente e se mostrou correlacionado com uma elevada concentração de testosterona. Assim, touros com uma concentração maior de testosterona no plasma têm maior suscetibilidade a este inseticida.

• **Tratamento.** Os animais afetados podem responder ou não à terapia com atropina. As seguintes medidas terapêuticas foram satisfatórias em toxicoses decorrentes de aplicação de inseticidas em gado adulto:

— Lavar perfeitamente a pele com detergente e água.

— Administrar carvão vegetal ativado pela boca a razão de 2 g/kg e repetir semanalmente por 3-4 semanas (Esta recomendação é baseada na premissa de que o inseticida é absorvido através da pele, ciclando através do trato gastrointestinal e sendo reabsorvido da circulação).

— Dar cloreto de pralidoxime (Orotopam: Ayerst) por via subcutânea ou intramuscular à razão de 10 mg/kg. Para touros grandes a dose total não deverá ser superior a 12-15 g. Repetir dia sim, outro não, até 3 tratamentos, se necessá-

rio (não repetir se não for observada melhora após 2 tratamentos).

— Dar sulfato de atropina por via subcutânea, 0,5 mg/kg. Repetir, se necessário, a dosagem, de acordo com a resposta observada.

Desequilíbrio dos elementos-traços

— Hipomagnesemia

• **Causa.** Esta condição, também citada como "tetania das pastagens", é um problema nutricional relacionado com o desequilíbrio do magnésio e potássio (Mg e K) nas forragens consumidas. O síndrome ocorre frequentemente várias semanas após o gado ter sido colocado em pastagem em brotação durante o tempo frio e úmido. Também podem acontecer problemas em gado pastante em palha de milho, especialmente durante o fim da gestação e quando há escassez de forragem. O síndrome surge usualmente quando não se dispõe de grãos ou forragens leguminosas adicionais. As gramíneas que crescem sob temperaturas abaixo de 15°C absorvem facilmente K, mas não Mg do solo. Quanto mais K um animal consome, mais Mg ele requer. Em adição, o gado em pastagem de gramíneas muito viçosas, mas pobres de nutrientes ou a palha de milho esparsa pode apresentar uma deficiência nutricional, especialmente se ao amamentar ou no fim do período de gestação. Esses animais têm demandas de energia à mais, especialmente durante o tempo frio e se não receberem concentrados ficam com suas reservas adiposas e glicogênicas esgotadas usualmente. O resultado líquido não será unicamente a hipomagnesemia e, por vezes, hipocalcemia, mas, também, a hipoglicemia, que pode descer até 10-20 mg/dl.

• **Sinais clínicos.** O gado primeiramente cambaleia e é acometido do ataque ou endurecimento (tetania). Atitude um animal normalmente dócil torna-se agressivo. A morte geralmente ocorre rapidamente quando estes animais adoecem. Em complemento à "tetania da pastagem" o síndrome clínico pode incluir o nascimento de bezerros fracos e mesmo abortos relacionados com a hipocalcemia.

• **Prevenção.** O síndrome pode ser prevenido mediante suplementação com Mg por 30-60 dias, durante os períodos de pastejo no tempo frio e seco. No Meio-Oeste dos E.U.A. isto é realizado melhormente durante o outono e a primavera. Cada vaca adulta receberá 30-60 g de MgO por dia, via suplementação mineral consistente de 30% de MgO, 30% de fosfato di-cálcico e 40% de concentrados de grãos para fornecer os requisitos mínimos de energia, especialmente se a fêmea estiver amamentando ou no fim da gestação.

Outra medida preventiva é a inclusão de cerca de 30% de leguminosas tais como alfafa ou trevos em uma pastagem. As leguminosas acumulam Mg e corrigem os efeitos das gramíneas que contêm elevados níveis de K durante os períodos críticos do pastejo. O potássio, seja na forma de fertilizante, seja na de esterco de curral não deve ser aplicado às forrageiras para

pasto, sem primeiro testar o solo para requisitos de K.

— Desequilíbrio de cobre e molibdênio

• **Causa.** O metabolismo do cobre (Cu), molibdênio (Mo) e o íon sulfato é complexo e interrelacionado nas espécies de ruminantes. O mecanismo (s) responsável pela interação Cu-Mo-sulfato não é inteiramente conhecido. É provável que um complexo Cu-Mo inibe o Cu e, talvez, a utilização do Mo nos tecidos, especialmente o fígado, resultando em um distúrbio na síntese dos compostos Cu-proteína inclusive a ceruloplasmina. Várias desordens em bovinos parecem associadas com deficiências de Cu. Ao discutir a deficiência cúprica, entretanto, deve-se ter em mente que a relação do Cu com o Mo é tão importante como o nível real do Cu.

• **Sinais clínicos.** É difícil distinguir entre os sinais clínicos da deficiência de Cu e os sinais de toxicose por Mo. Os distúrbios associados com a deficiência relativa de Cu, envolvem anemia, depressão do crescimento, alterações ósseas, despigmentação dos pêlos, perturbações do desempenho reprodutivo, alterações cardíaco-vasculares e distúrbios gastrintestinais. Uma desordem cardíaco-vascular no bovino, conhecida como "doença do caduco ou mal de queda" está associada com a deficiência relativa de Cu. A lesão primária é a atrofia progressiva do miocárdio com a fibrose de substituição.

O bovino é aparentemente mais suscetível que o ovino ao excesso de Mo e deficiência cúprica em sua dieta. Quando a relação do Cu para Mo nos alimentos cai abaixo de 2:1, a toxicose se manifesta por emaciamento, diarréia líquida cheia de bolhas gasosas, tumefação da genitália, anemia e aeromatúria. Também são comuns os maus ganhos de peso e a morte após purgação prolongada. A osteoporose e as fraturas ósseas têm sido reportadas nos casos prolongados. Os síndromes de deficiência de Cu têm resultado da alimentação com forragens e grãos plantados em solos naturalmente ricos de Mo e/ou pobres de Cu.

Os ovinos tendem a ser mais suscetíveis que os bovinos quando da ingestão excessiva de Cu. Ocorrem usualmente problemas quando a relação dietética do Cu para o Mo sobe além de 6:1. O envenenamento por Cu tanto em ovinos como em bovinos é caracterizado por um síndrome hemolítico agudo, resultante da liberação súbita de Cu em excesso, armazenado no fígado.

• **Tratamento.** Os tratamentos da deficiência de cobre (ou do excesso de Mo) envolvem a adição de sulfato de cobre ou de misturas minerais-sal à dieta. Contudo, é importante que as misturas minerais contenha Cu ou dietas preparadas para bovinos não sejam ministradas aos ovinos.

— Toxicose por selênio

• **Causa.** O selênio é essencial para a vida, mas também é tóxico em quantidades excessivas. A toxicose por selênio é um problema mundial. Forragens e grãos

produzidos em solos seleníferos podem conter quantidades suficientes de Se para motivar envenenamento na maioria dos animais domésticos. Contrariamente, as plantas cultivadas em solos deficientes de Se podem produzir síndromes de deficiência desse elemento quando elas constituem uma grande parcela da dieta dos animais. A insuficiência dietética de Se que, por vezes, concorre com a deficiência de vitamina E, causa vários síndromes, entre os quais o melhor conhecido nos ruminantes - a "distrofia muscular nutricional". A deficiência de Se pode ser um fator de retenção de placenta e o síndrome da "vacuolização" uma causa de nascimento de prematuros, bezerros fracos ou mortos é também motivo do síndrome de morte súbita em bezerros de mama até 4 meses de idade. Nestes, as únicas observações à necropsia são as áreas microscópicas de degeneração perigada do miocárdio.

A toxicose por selênio foi primeiramente vista em gado que pastava plantas que continham Se. As forragens e grãos moderadamente seleníferos (1-25 ppm) podem deixar de ter um odor altamente ativo e serem palatáveis. Por isso podem ser mais perigosos do que as plantas que podem conter Se em várias centenas de partes por milhão.

• **Sinais clínicos.** Apesar do envenenamento agudo por Se pode ocorrer quando os animais são acidentalmente injetados ou dosados com excesso de Se, a selenose crônica é mais provável de ocorrer. Os sinais da toxicose aguda por Se incluem diarréia escura, aquosa, acompanhada de fraco batimento cardíaco, respiração laboriosa, estado geral de choque semelhante ao do envenenamento agudo por arsênico. A selenose crônica é caracterizada por falta de vitalidade, anemia, endurecimento das articulações, manequiera, pêlos ásperos, queda dos pêlos longos, lesões de casco e deformação dos bezerros.

Nos bovinos, o nível dietético requerido de Se geralmente acobito é de 0,1 ppm, o nível dietético não tóxico de 2,0 ppm e o nível dietético tóxico de 8,0 ppm. A exposição prolongada a níveis dietéticos de Se superiores a 5 ppm podem produzir toxicose. Os níveis de 10-25 ppm poderão produzir envenenamento mais grave.

— Toxicoses ambientais e outras

Alguns problemas toxicológicos ambientais e de outras origens englobam aqueles que envolvem arsênico, chumbo, inseticidas orgâno-clorados e uréia/nitrogênio-prótico, juntamente com o envenenamento pelo sal/privação de água. O Quadro I sumaria o manejo desses distúrbios.

— Buck, William B. — Bovine toxicology. Mod. Vet. Pract. 66 (12): 1001-5, 1985, 8 refs.

Nota da R.: O A. é M.S., pertencente ao Centro Nacional de Controle de Venenos dos Animais do Colégio de Medicina Veterinária da Universidade de Illinois, IL, E.U.A. e este trabalho também foi publicado pelo Irish Vet. News de junho de 1985.

QUADRO 1. MANEJO CLÍNICO DE ALGUMAS TOXICOSES BOVINAS *

Intoxicante	Fontes	Patógenese/Curso	Achados Clínicos	Confirmação do Laboratório	Tratamento e Comentários
Arseníco	Pesticidas, herbicidas desfolhantes, inseticidas, preservativos de madeira, tintas, detergentes e drogas.	Muitas formas são tóxicas a 1-25 mg/kg, facilmente absorvido pelas superfícies do corpo; excretado pelos rins e fígado; curso de 1-4 dias.	Dores abdominais, fraqueza, tremores, diarréia, pulso fraco, desidratação, prostração, atonia do rumen, temperatura sub-normal, colapso e morte; edema e empolamento da pele após exposição dérmica; a necropsia revela líquido no trato gastrointestinal, edema ou necrose hemorrágica do trato gastrointestinal nas mucosas e submucosas.	Níveis hepático e renal de 2-10 ppm ou mais de arsênico (peso úmido) dependendo do tempo de morte após a exposição; 2-100 ppm na urina.	Carvão vegetal ativado por via oral, a 2 g/kg com catártico e emulgentes salinos; injeção endo-venosa de tio-sulfato de Na a 8-10 g da solução a 10% (30 g em 300 ml de água); após o carvão vegetal ter passado, dimercaprol (Bal-Hynton) intra-muscular a 4-5 mg/kg uma vez, depois 2-3 mg/kg por 1 dia e a 1 mg/kg por 2 dias mais, injeções de dimercaprol são muito doloridas.
Chumbo	Tintas, óleos, graxas, baterias, maquinarias, contaminantes industriais usados e resíduos.	Acúmulos agudo ou crônico de 6 mg/kg diariamente podem levar à toxicose; mal absorvido pelo trato gastrointestinal; os níveis tóxicos no sangue podem ocorrer dentro de 2-4 dias da ingestão.	Cegueira, contrações, balanço da cabeça, hiper-irritabilidade, depressão, ataxia, andar em círculos, cabeça pesada, ranger dos dentes, salivação excessiva, anorexia, abdome deprimido, diarréia se a fonte for óleo; necropsia mostra leve gastrite, hemorragia local no coração e trato gastrointestinal, necrose laminar no córtex cerebral.	O nível de chumbo do sangue acima de 0,35 ppm; os níveis de chumbo no fígado e rins acima de 3 ppm (peso úmido).	Edetato de cálcio dissódico (Riker) 1-2%, via sub-cutânea ou injeção lenta (gotejamento) em 5% de dextrose a 110 mg/kg por 2 dias; nenhum tratamento por 2 dias e depois mais 2 dias de tratamento, sulfato de magnésio a 0,5 kg/500 kg via oral; tiamina sub-cutânea (com edetato de cálcio dissódico 1 a 2-5 mg/kg dividido).
Inseticidas organo clorados	Pulverização ou balneação imprópria, contaminações dos alimentos, grânulos no solo ou culturas, de aldrin, dieldrin, heptaclor, toxafeno, clordane, metoxiclor, lindane e mirex.	Os sinais usualmente ocorrem dentro de 24 horas, excepcionalmente dentro de minutos a dias.	Convulsões clônicas intermitentes, depressão ou hiper-irritabilidade, agressão, fasciculação dos músculos cervicais, pálpebras e outros músculos, febre até 40-42 °C; mostra congestão dos órgãos abdominais e torácicos, os órgãos abdominais parecem aquecidos.	Os níveis de intoxicante são 3-5 ppm no cérebro e rins; há níveis variáveis na gordura.	Lavagem do banho ou pulverização com água e detergente; carvão vegetal ativado por via oral a 2 g/kg em catártico salino; anestesia leve endo-venosa sub-cutânea ou intra-muscular para combater as convulsões.
Sal (privação de água)	O nível de sal da dieta acima de 1% em conjugação com a privação de água.	Difusão do Na no FSC diminui a glicólise do cérebro e a produção de energia causa edema e encefalo-malácia.	Sede, hiper-irritabilidade, contrações efritiformes, depressão, fraqueza, a necropsia mostra edema e malácia.	Os níveis de Na no plasma ou FSC acima de 150 mEq/L, com níveis de Na no cérebro acima de 1800 ppm (peso úmido).	Pequenas quantidades de água fresca a intervalos frequentes por 4-5 dias; injeção endo-venosa de nitalol pode ser benéfica em animais com convulsões.
Uréia (nitrogênio não protéico)	Os animais que recebem abruptamente dieta com alto nível de nitrogênio não-protéico ou uréia como porção maior da proteína dietética.	A uréia é hidrolizada em amônia; a amônia em excesso causa toxicose.	Fasciculações, fraqueza, contrações, empanzimento, morte rápida; a necropsia revela congestão da mucosa gastrointestinal e pulmões; edema pulmonar.	O pH do fluido do rumen acima de 7,0, com o nível de amônia acima de 80 mg/dl; amônia do plasma em nível acima de 2 mg/dl.	Água fria, fresca, pela boca, 20-40 l; 4-5 l de solução de ácido acético a 5% (vinagre) pela boca.

* Buck e cols. Clinical and Diagnostic Veterinary Toxicology, 2nd ed. Kendall Hurst, Dubuque IA, 1976, p. 380.

JULHO

28

SEGUNDA-FEIRA – 20 HS

1º Nelore MATER

50 FÊMEAS SELECIONADAS DOS CRIADORES:

Alberto Laborne Vale Mendes
Achilles Scatena Simione
Adir do Carmo Leonel
Cia. Agríc. Luiz Zillo e Sobrinhos
Carpa – Cia. Agropecuária Rio Pardo

José Luiz Niemeyer dos Santos
José Carlos Prata Cunha
Luiz Vieira de C. Mesquita e Irmãos
Torres Homem Rodrigues da Cunha
William Koury

CLUBE PAINEIRAS MORUMBY – SÃO PAULO

5 pagt.^{os}
sem juros

Dalmeida B. de Lima
Organização de vendas
Rua Niterói, 423 - São Paulo
Tel.: (011) 343.3000 - Cap. 04590



TECNICA EM MINERALIZAÇÃO

"SUPLEMENTO DA ELITE DO REBANHO NACIONAL"

São Paulo – (011) 815.5311
Pra. Prudente – (0182) 33.4267
Patoctnio Paulista – (016) 745.1411

2º NELORE DA ESTÂNCIA



18/outubro/1986 - 17h

HOTEL ESTÂNCIA
BARRA BONITA
Barra Bonita - SP

70 Produtos
Machos e Fêmeas
PO e POI

Achilles Scatena Simioni (Fazenda São Geraldo)
Carpa - Cia. Agropecuária Rio Pardo (Fazenda Fazendinha)
Roberto Calmon de Barros Barreto (Fazendas 2B)
Torres Homem Rodrigues da Cunha e Filhos (Grupo VR)
Werner F. Jost (Fazenda Boa Esperança)

PROGRAMAÇÃO ESPECIAL PARA OS CRIADORES
ENTRE OS DIAS 17 e 19/outubro/86

Estrada do CESP, 2700 - Tel.: (0146) 41.0425
Barra Bonita - SP
Reservas: Rua Otávio Torquínio de Souza, 578
Tel.: (011) 533.4122 - São Paulo - SP

CONFORTÁVEL PARA OS CRIADORES
APROPRIADO PARA OS ANIMAIS



HOTEL
ESTÂNCIA
BARRA
BONITA

NOVAMENTE JUNTOS
PARA A REALIZAÇÃO DO
2º NELORE DA ESTÂNCIA.

UM NOTÁVEL EVENTO
NA COMERCIALIZAÇÃO
DA RAÇA NELORE.

Djalma B. de Lima
organização de leilões

Rua Nebraska, 419 - São Paulo
Tel.: (011) 543-3300 - CEP 04560

EM NELORE, NUNCA SE VIU NADA IGUAL!

Noite dos Campeões



Cz\$ 16.082.000,00

79 animais

Média geral Cz\$ 203.570,00 - Recorde Nacional

Freedon MJ do Sabiá - macho PO - Cz\$ 770.000,00

Recorde Nacional para qualquer categoria de macho.

D. Ghecurupadua da 3 Coxilhas - fêmea POI - Cz\$ 770.000,00

Recorde Nacional de fêmea POI.

Izarra MJ do Sabiá - fêmea PO - Cz\$ 616.000,00

Recorde Nacional de fêmea PO.

Participantes:

Organização Mario de Almeida Franco

Alberto Laborne Valle Mendes

Claudio Sabino Carvalho

Fahd Jamil & Irmãos

José Luiz Niemeyer dos Santos

DE CAMPEÕES!



Noite dos Campeões



EMBRAP

Gz\$ 16.082.000,00

79 animais

Média geral Gz\$ 203.570,00

Recorde Nacional

Participantes:

Organização Mario de Almeida Franco

Alberto Laborne Valle Mendes

Claudio Sabino Carvalho

Fahd Jamil & Irmãos

José Luiz Niemeyer dos Santos

UMA NOITE



3º Leilão União das Marcas



22 SETEMBRO-86-19 h

Água Branca - SP

70 MACHOS E FÊMEAS PO e POI

FAZENDA INDIANA LTDA.

CIA. AGRÍCOLA LUIZ ZILLO E SOBRINHOS

FAZENDA MORRO VERMELHO LTDA.

NEWTON CAMARGO ARAÚJO

12 PAGAMENTOS SEM JUROS

NOVA ERA

Dalton B. de Lima

Ocaucu

AGRICOLA E COMERCIAL S.A.

FAZENDA SANTA FILOMENA
FONES: (011) 288 e 298 (OCAUCU)
PROP.: DR. ROBERTO CALMON
DE BARROS BARRETO
RESP. TÉCNICO: ENG. AGR. JOSÉ
WILSON BAIÃO
FONES: 83-1431 E 83-2016
CX. POSTAL 36 - CEP: 13690
DESCALVADO - SP



DISTANTE -

Reg. D3851
Nasc. 30-8-83.
Pai: ANKAI A.S.K.T.A.

**Lote de machos
filhos de Ankai**



**VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS DE
QUALIDADE PRONTOS PARA SERVIR**

Produtos P.O. e P.O.I.

I LEILÃO **DUMÚ**



30 de março de 1987

20 horas

60 filhos de DUMÚ (P.O. e P.O.I.)

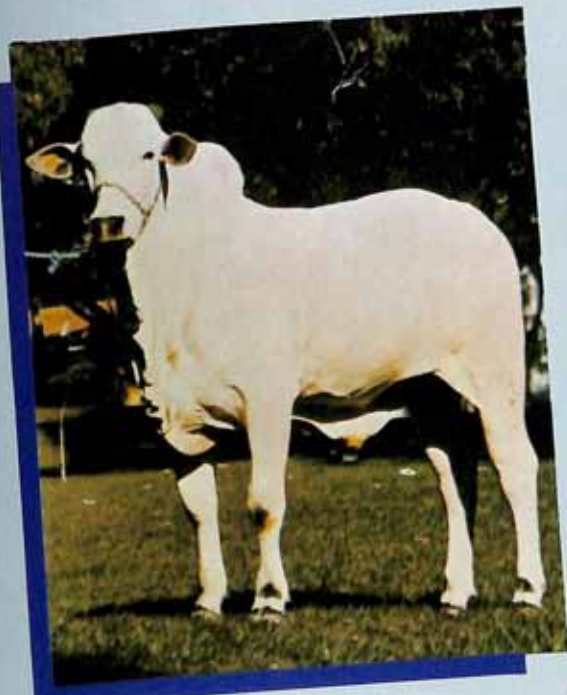


MAKSOUZ PLAZA
SAO PAULO
(011) 281-2222



FZP
FABRIL ZUCCHETTI
Rua Dona Germaine Burchard, 251
Tel.: 252-8377 - CEP 05002
São Paulo - SP

Apoio: ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE NELORE DO BRASIL



TANGER DA TERRA BOA

Nasc. 01.09.84

Campeão Junior em Barretos - 1986

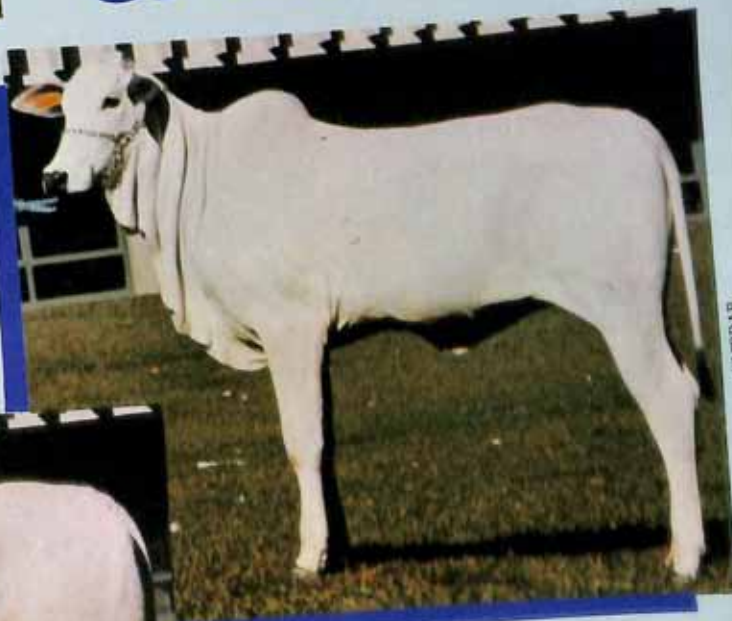
Grande Campeão em Ourinhos - 1986

OSÍRIS

da Terra Boa

PRODUZINDO

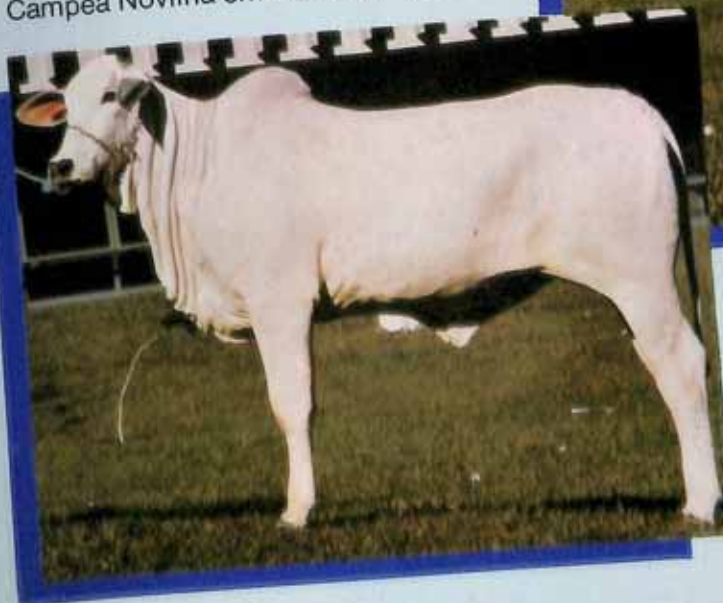
CAMPEÕES



TAPIRA DA TERRA BOA

Nasc. 04.08.84

Campeã Novilha em Barretos - 1986



UGANDA DA TERRA BOA

Nasc. 04.06.84

Campeã Bezerra em Uberaba - 1986

Campeã Bezerra em Ourinhos - 1986

JOSÉ LUIZ NIEMEYER DOS SANTOS

FAZENDA TERRA BOA - Guararapes/SP

Tel.: (0186) 61-1132

Em São Paulo: Al. Min. Rocha Azevedo, 471

CEP 01410 - Tels.: (011) 282-0587 e 64-9058



A Elite do Nelore

23 Agosto 14 h

Parque da Água Branca SP

80 Lotes de
Nelore PO e POI

Participantes:

Adri de Carmo Leonel
Roberto Laborno Valle Mendes
Ronaldo Francisco Amendola
Antonio Sotero Simioni
Gelson Aguiar e Silva
Claudio Sabino Carvalho
Edmundo Barbosa da Silva
Dr. Francisco Campinho Bandeira
Emilio Aguiar e Silva
Ronaldo e Silva
Gabriel Jerônimo de Oliveira
Reber Oreste Salles
Hélio Moreira Salles
João Humberto de Andrade Carvalho
José Luiz Niemeyer dos Santos
Julio Roberto Macedo Bernardes
Orestes Prata Tibery Junior
Pedro Pedrossian
Roberto Calmon Barros Barreto
Ronaldo Carvalho

8 PAGAMENTOS SEM JUROS

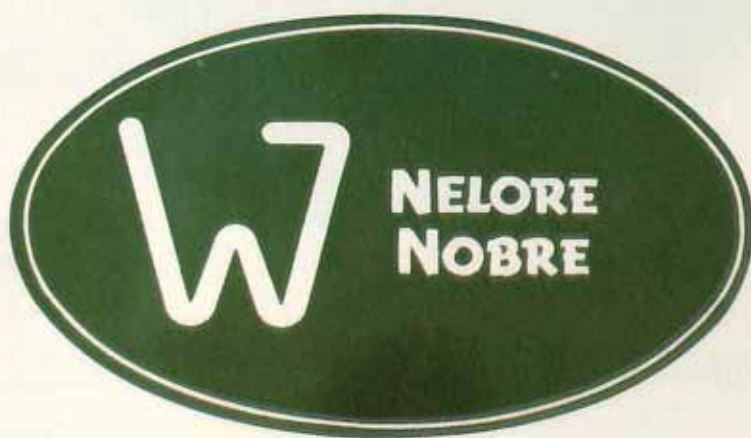


1986 - Ano Internacional da Paz

TAPTI POI DO BRUMADO



MARCA SEUS FILHOS COM



**FAZENDA
BOA ESPERANÇA**

Prop.: Werner F. Jost
Rodovia SP-255 São Manuel - Avaré - Km 290/292
Município de Botucatu-SP Tel.: (0149) 44.1130
Correspondência: Cx. Postal 22.234
Tel.: 211.2690-São Paulo-SP

2º

LEILÃO



Marcas
GOIÂNIA

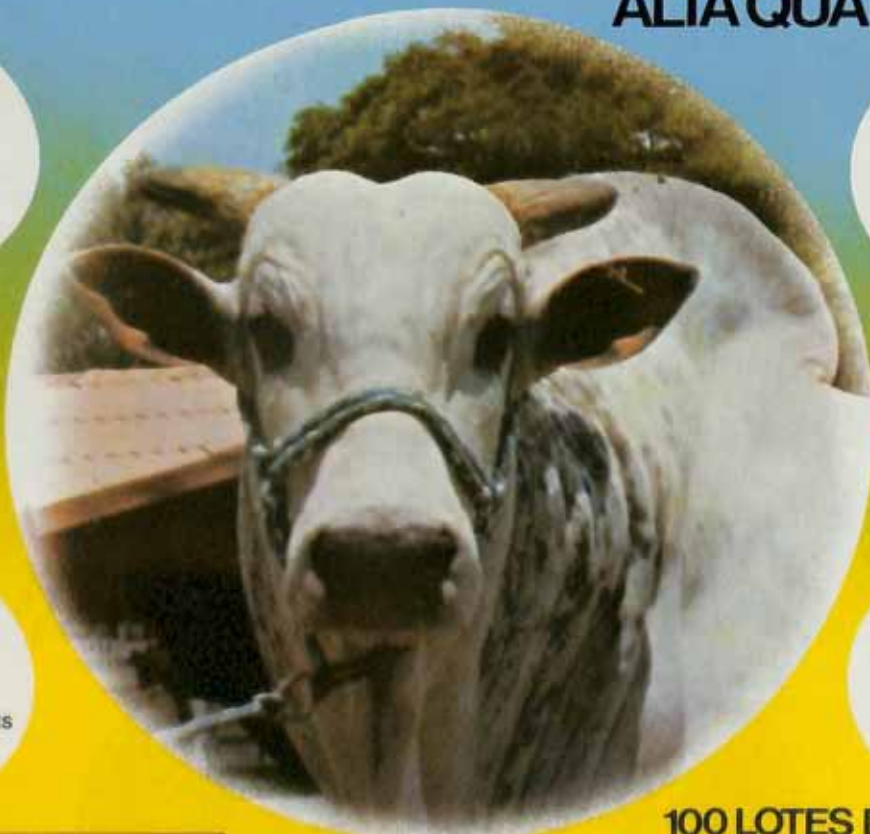
NELORE DA MAIS
ALTA QUALIDADE.



CONSTANTINO C.
GUIMARÃES
(FAZ. ALDEIA MARIA)



JÚLIO R. M. BERNARDES
(FAZ. RECANTO DA SERRINHA)



VIVALDO R. GUIMARÃES
(FAZ. LIMOEIRO)



SALVADOR S. FARINA
(FAZ. JAGUANEZ)

**5 PAGAMENTOS
SEM JUROS.**

Informações (062) 261-4455



ANTENOR A. NOGUEIRA
(AGROPECUÁRIA PIRACARUBA)

**100 LOTES DE MACHOS
E FÊMEAS POE POI
MOCHO E PADRAO.**

CONVIDADO ESPECIAL:



SAULO ANTONIO DE
FAZENDA ARCA DE NOÉ

ORGANIZAÇÃO:



UBERABA-MG
(0343333-6255)

DIA 2 DE AGOSTO AS 10 H / PARQUE AGROPECUÁRIO.

MAIS UM CAMPEÃO VR



**BHĀJOL POI DA
ZEBULĀNDIA**
Cont. 670

TABADĀ

NIPUNĀ

TAJ I

FILLARA (KARVADI)

FAULAD (GOLIAS)

FARMANĀ

RASTĀ

CHALLANI (KARVADI)

UNIMOS 4 LINHAGENS PARA FORMAR ESTE CAMPEÃO

Use sêmen de campeões - Central VR

CHÁCARA ZEBULĀNDIA - FONE: 238943 - C.P. 163 - ARAÇATUBA/SP.

GIR LEITEIRO

BRILHOU EM UBERABA



No concurso leiteiro realizado na 52^a Exposição Nacional de Gado Zebu - Uberaba 86 **17 vacas** obtiveram a média de **15.847 Kg** de leite em 2 ordenhas

CATEGORIA PO	1.ª COLOCADA	PO PO	TALA USINA	21.720 kg
	2.ª COLOCADA			18.283 kg
CATEGORIA LA	1.ª COLOCADA	LA LA	REBARBA BAIXADA DA EPAMIG	19.587 kg
	2.ª COLOCADA			16.237 kg

PARTICIPANTES DO CONCURSO LEITEIRO

Antonio José L.O. Costa	— Caixa Postal 22 — Sta. Cruz das Palmeiras — SP
Epamig	— Uberaba — MG
Gabriel Donato de Andrade	— Rua dos Pampas, 464 — Tel.: (031) 335-6100 — Belo Horizonte — MG
	Fazenda Santana da Serra — Rodovia Mococa-Cajuru — Km 299 —
	Tel.: (0196) 55-0801 — Mococa — SP
Kenia Agric. e Pecuária Ltda.	— R. Liberdade, 58 — fone: (0196) 22-2427 — S. João Boa Vista — SP
João Gabriel da Costa Noronha	— Cx. Postal 87.386 — Fone: (0244) 52-0803 — Valença — RJ
Manuel e José João S.R. Reis	— R. São Sebastião, 56 — Fone: (034) 332-4287 — Uberaba — MG
Vva. Randolpho M. Rezende	

ABCGIL - Associação Brasileira de Criadores de Gir Leiteiro

Av. Antartica, 621 — Fone: (011) 872-0322 — SÃO PAULO — SP

GIR LEITEIRO FB DE MOCOCA

TODO REBANHO EM CONTROLE LEITEIRO OFICIAL

Grande vencedor do concurso leiteiro
Da 52ª Exposição Nacional do Gado Zebu - Uberaba 86



Grande campeã PO
Tala - U. 427



1.º dia	2.º dia	3.º dia	Média
20.370	21.540	23.250	21.720

Grande campeã LA
Rebarba - C. 1321



1.º dia	2.º dia	3.º dia	Média
20.030	19.130	19.600	19.580

KÊNIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA LTDA.
FAZENDA SANTANA DA SERRA
Estrada Mococa-Cajuru, Km. 295 - Município de Cajuru
Fone (0196) 55 0801 - Telefone Rural - Canoas SP
(telefonista 101) 98 1164 - Mococa SP - Fone (0196) 55 0085
São Paulo SP - Fone (011) 36 1681



Fazenda Americana

ROD. CASTELO BRANCO km 234 — ITATINGA — SÃO PAULO

Prop.: Zeid Sab



IBERO { Colosso
Quibela



BACANA { Umbu
Libia

Venda permanente de reprodutores

End. p/ corresp.: Rua Rodrigues do Lago, 475 — Fone: (0149) 22-0815 — Botucatu - SP

FAZENDA AMERICANA



ROD. CASTELO BRANCO km 234 — ITATINGA — SÃO PAULO

Prop.: Zeid Sab

Nossos animais são puros leiteiros e grandes



NAPI { Ibero
Bacana

Representante de vendas no Vale do Paraíba

JOSÉ LEME FIGUEIREDO

SÍTIO DA SAUDADE

Lorena — Tel.: (0125) 52-1484



Fazenda São João

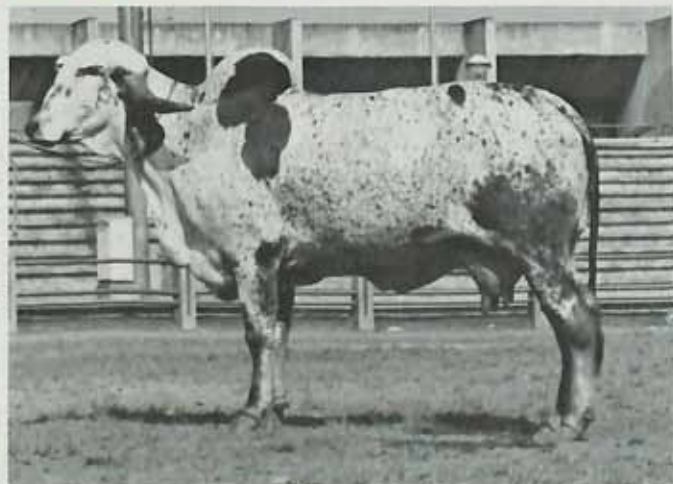
Município de Itatinga - SP

Dr. Ene Sab & Filhos

Fone: (0149) 54-1180



O VETERANO FESTIVAL aos 11 anos
mostrando seus descendentes.



BIBI — Grande Campeã Nacional em
Uberaba — 5 anos, 725 kg.



BETULA — 5 anos, 715 kg, Bi Grande Campeã
em São Paulo e Ourinhos.



BERTA — 5 anos, 630 kg.
Campeã em várias exposições.

Venda permanente de reprodutores da raça Gir

Cruzamento de raça.

**Fazenda
Brasília**



**Lagoa
da Serra**

**A primeira entrou
com 8 dos melhores
touros do Brasil.**



**A segunda, com
a maior experiência
em industrialização e
comercialização
de semen.**

Não esqueça que Gir leiteiro é a solução. Aproveite que você está com a faca e o queijo na mão e procure a Lagoa da Serra. Ela é responsável pela industrialização e comercialização do semen desses touros.

Reprodutores em coleta	Mãe	Pai
VALE OURO Rq. A 6796	JHALEINA Rq. L 2718	CAXANGA Rq. 3937 30 filhas em controle oficial produziram 3937 kg de média, 1M, 75 e 1 LE 27
BANADA Rq. A 3225		HINDOSTAN Rq. 7098 33 filhas em controle oficial produziram 4062 kg de média
UNIVERSO Rq. A 6991		IGUAJU Rq. A 6163 Diversas filhas acima de 5000 kg
SUDHANO Rq. A 7302		IGUAJU Rq. A 6163
NERU Rq. A 6717	LEITEIRA Rq. O 8392	JAPÃO Rq. 4959 30 filhas em controle oficial produziram 4027 kg de média, 52 LM e 6 LE
UNASSIS Rq. A 6310	SAONARA Rq. D 5586	JAPÃO Rq. 4959
BRIGADEIRO Rq. 2529	PRATINHA Rq. C 4436	JAPÃO Rq. 4959
	FRANCELINA* Rq. M 6504	PRATO Rq. A 6765
	REPRODUTORA EMERITA, 8 LM e 5 LE	
Destaque do Mês		
VALE OURO Reg. A 6796	PRATINHA Rq. C 4436 7 lactações produziu 33 145 kg. Maior produção 6128 kg. 5 LM e 1 LE	JAPÃO Rq. 4959 30 filhas em controle oficial produziram 4027 kg de média, 52 LM e 6 LE

**Fazenda
Brasília**

Rubens Alcides Reis
Praça José Pires, 30 CEP 35360
Fones: (033) 352 637 e 351 515
Vila Pedro das Flores - MG
Correspondência: Av. Uruguaia, 205
4º andar
Bairro São CEP 30330
Fone: (031) 225 959 - Telex: (030) 3203
Belo Horizonte - MG

**Lagoa
da Serra**

Após Fazenda Lagoa da Serra Ltda.
Rodovia Carlos Tinoco, Km 337 - Casa
Prata 60 - Fone: (084) 642 2299 - Belo
(042) 5184 - CPN BR
Sertãozinho - SP - CEP 14 500
São Paulo - Fone: (011) 261 9401
Telex: (010) 28647

A.F. FORTALEZA

Esta chancela identifica a qualidade do melhor gado holandês preto e branco produzido no Brasil.

Atuando há mais de 20 anos na seleção das melhores linhagens e observando sempre os mais corretos princípios genéticos, a Fortaleza orgulha-se em dispor hoje do mais avançado "know how" do país em gado holandês preto e branco com TIPO + LEITE.

Seus produtos, novilhas e tourinhos filhos de vacas do rebanho com touros americanos e canadenses, encontram-se à disposição de todos os criadores.

No magnífico plantel da Fortaleza, destacam-se os animais abaixo mencionados.

Alabarda	-	9.356 K. Leite - 83 pontos
Alteza	-	9.167 K. Leite - 81 pontos
Beata	-	9.556 K. Leite - 83 pontos
Bigorna	-	10.797 K. Leite - 82 pontos
Boanova	-	10.244 K. Leite - 82 pontos
Bosnia	-	10.147 K. Leite - 83 pontos
Inda	-	9.265 K. Leite - 87 pontos
Jangada	-	12.556 K. Leite - 90 pontos
Lampa	-	9.623 K. Leite - 87 pontos
Lança	-	11.388 K. Leite - 88 pontos
Madressilva	-	10.388 K. Leite - 83 pontos
Mágica	-	10.552 K. Leite - 88 pontos
Nabiça	-	9.685 K. Leite - 87 pontos
Nafta	-	11.926 K. Leite - 87 pontos
Nassa	-	9.324 K. Leite - 86 pontos
Nave	-	10.026 K. Leite - 84 pontos
Nau	-	9.506 K. Leite - 84 pontos
Nêga	-	12.306 K. Leite - 87 pontos
Nigéria	-	11.923 K. Leite - 85 pontos
Nonada	-	9.015 K. Leite - 90 pontos
Noviça	-	9.332 K. Leite - 87 pontos
Novela	-	10.751 K. Leite - 86 pontos
Novata	-	9.642 K. Leite - 85 pontos
Oculto	-	9.684 K. Leite - 86 pontos
Ondina	-	9.843 K. Leite - 87 pontos
Pagã	-	10.061 K. Leite - 82 pontos

Paina	-	10.718 K. Leite - 92 pontos
Paineira	-	9.463 K. Leite - 84 pontos
Paisana	-	10.408 K. Leite - 88 pontos
Palatina	-	9.745 K. Leite - 85 pontos
Palavra	-	11.421 K. Leite - 85 pontos
Paleta	-	9.946 K. Leite - 87 pontos
Paloma	-	12.033 K. Leite - 90 pontos
Pantera	-	10.883 K. Leite - 87 pontos
Reforma	-	9.800 K. Leite - 86 pontos
Sabrina	-	10.299 K. Leite - 87 pontos
Saga	-	9.490 K. Leite - 88 pontos
Samaritana	-	9.804 K. Leite - 87 pontos
Samambaia	-	9.928 K. Leite - 85 pontos
Sanga	-	10.402 K. Leite - 91 pontos
Saraiva	-	9.897 K. Leite - 86 pontos
Sueca	-	9.301 K. Leite - 84 pontos
Sultana	-	10.743 K. Leite - 82 pontos
Tabla	-	11.198 K. Leite - 87 pontos
Taífa	-	9.113 K. Leite - 80 pontos
Telma	-	11.149 K. Leite - 82 pontos
Turista	-	10.499 K. Leite - 84 pontos
Vanda	-	11.862 K. Leite - 84 pontos
Vantagem	-	10.493 K. Leite - 84 pontos
Varanda	-	10.274 K. Leite - 83 pontos
Ventana	-	9.885 K. Leite - 84 pontos

FAZENDA E HARAS FORTALEZA

Aloysio de Andrade Faria, Criador

Km 116 da Via Anhanguera - Nova Odessa - São Paulo - Fone: (0194) 66-1150



FAZENDA BOA ESPERANÇA
Olympio Souza Aranha Stockler

CAFE GADO HOLANDÊS (HVB/HPB)
QUARTO DE MILHA
BRAGANÇA PAULISTA SP TEL: (011) 433-0181

Gerente: José Camargo
Chefe Estábulo: Aparecido Barbosa
Veterinário: Dr. Mário Silva Barbosa



NEVADA DE BRAGANÇA

Nasc. 08/01/83

Pai: Hazel Marquis Scot Red

Mãe: Islamita de Bragança

1.º lugar vaca jovem, campeã vaca jovem e melhor úbere vaca jovem na 17.ª Exp. Agropecuária de Franca, 86



BRAGANÇA BANY JASPER RED

Nasc. 07/03/84

Pai: C. Romandale Jasper Red

Mãe: Campo Verde Triune Uzanne

Campeã bezerra na festa do leite de Batatais, 85

1.º lugar progênie de pai na Exposição Nacional, 85

1.º lugar novilha 24 a 27 meses na 17.ª Exposição Agropecuária de Franca, 86



BRAGANÇA ADRIANA FOB

Nasc. 08/10/83

Pai: Ridges Wood Citation Red

Mãe: GAJ Almerita Jasper Red

PREFIXO "BRAGANÇA"

Raça e Produção de Leite
Plantel Inseminado com Sêmen de
Alta Qualidade

Venda Permanente de Produtos PO e GHB
Inclusive tourinhos filhos de
Reprodutores importados



BRAGANÇA CLARABELA MARQUIS NED

Nasc. 19/04/85

Pai: Agro Acres Marquis Ned

Mãe: ES Varzea Meadolake

2.º lugar novilha 12 a 15 meses na 17.ª Exp. Agropecuária de Franca, 86



ALTA PRODUÇÃO LEITEIRA

Em controle oficial realizado pela ABC em 27/04/86 em 92 vacas a média atingida foi de 23,63 quilos de leite, sendo que em 72% destas vacas, a média foi de 28,08 quilos.



UTILIZAMOS
PLANO PURINA
DE ALIMENTAÇÃO

Parha

FAZENDA SÃO SEBASTIÃO
DO PARAÍSO
PROP.: DR. ROBERTO CALMON
DE BARROS BARRETO
RESP. TÉCNICO: ENG. AGR. JOSÉ
WILSON BAIÃO
FONES: 83-1431 E 83-2016
CX. POSTAL 36 - CEP: 13690
DESCALVADO - SP

AGRICOLA E COMERCIAL S.A.

**À 15 ANOS CRIAMOS SELECIONAMOS E REALIZAMOS CONTROLE LEITEIRO
OFICIAL DA A.B.C. DE TODO NOSSO PLANTEL**



HIGIOLOGIA ARLINDA BESITA

GHB R. 1590

1.ª - 2,11m 2x 319d 5539 kg 211 kg G 3,82% LM

2.ª - 4,1m 2x 280d 5.519 kg 212 kg G 4,08% LM

3.ª - 5,3m 2x 317d 6.182 kg 241 kg G 3,88% LM

Controle Oficial da A.B.C.

LADI STARLITE DESCALVADO

PC GC - R - SP 161 500

1.ª - 2,5m 2x 340d 6.273 kg 238G 3,79% LM

Controle oficial da A.B.C.



DESTAQUES DE NOSSOS ANIMAIS NO CONTROLE LEITEIRO

REPRODUTORA EMÉRITA	LIVRO DE MÉRITO	LIVRO DE ESCOL
2	99	37



LOTE DE FÊMEAS

LOTE DE FÊMEAS



VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS E NOVILHAS



PO — 16 meses



PC GC2 — 16 meses



PC GC2 — 17 meses

ALGUNS DE NOSSOS BEZERROS À VENDA

FAZENDA BAIXA VERDE

CRIADOR: OTAVIO CORREIA DO PRADO
FONE PS: CÔRREGO DO OURO — GO



COLINA JALUSIE
JASPER M. NED
Campeã Novilha
Maior 86

MÃE



MAYHAVEN MARIONETE

Pai: Bond Haven Royalstar Mãe: Mayhaven Mitsy
Campeã vaca adulta em lactação e melhor úbere da raça
85/86. Grande Campeã na XLI Exposição Agropecuária do
Estado de Goiás e I Internacional de Animais 86.

FILHA



BAIXA VERDE GRACIELLA MARIONETE TEMPO

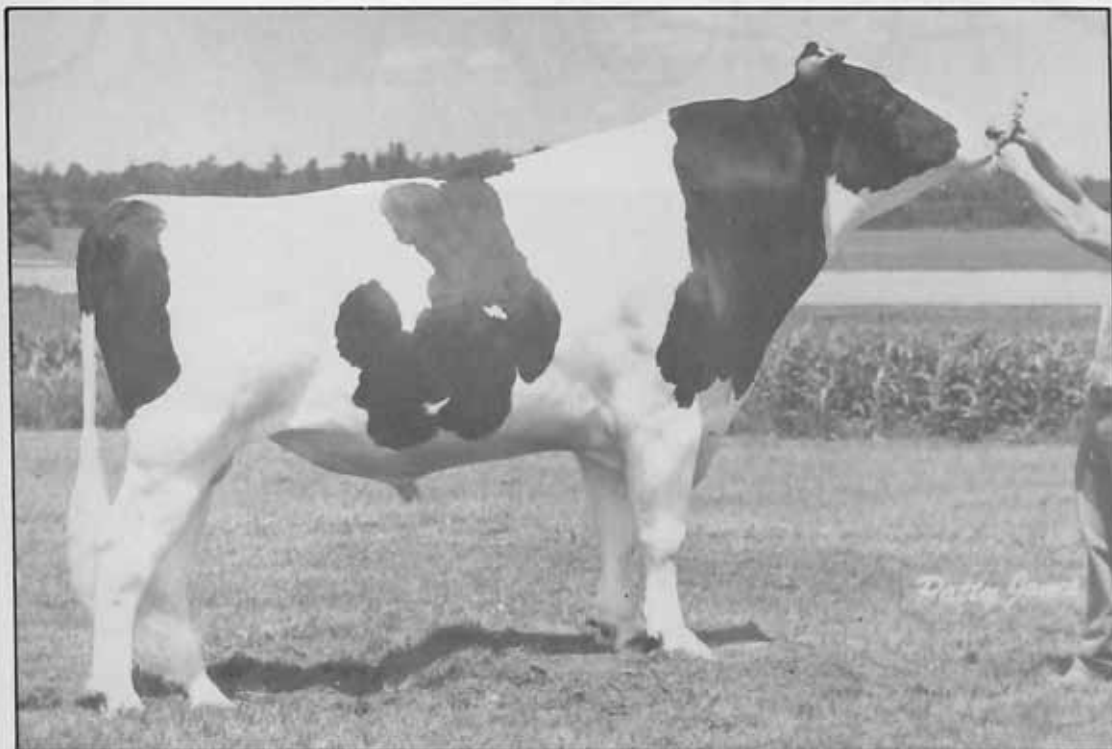
Pai: Roybrook Tempo
Mãe: Mayhaven Marionete
Campeã Bezerra Menor 85 — GO
Campeã Novilha Maior — 86 — GO

100°. EXPOSICION DE GANADERIA, AGRICULTURA E INDUSTRIA

PALERMO, BUENOS AIRES
República Argentina de 7 a 14 de agosto

A Associação Brasileira de Criadores, a exemplo dos anos anteriores está organizando entre seus associados e pecuaristas mais uma grande e seleta caravana para assistir ao belíssimo espetáculo que é a Exposição de Ganaderia de Palermo, que este ano comemora o seu centenário. Para maiores esclarecimentos dirigir-se a ABC, pelo telefone (011) 826-3022 ou a rua Jaguaribe, 634 — S. Paulo - SP.

SEMEX CANADÁ GRANDE POTENCIAL GENÉTICO LEADFIELD ADMIRATION ET (VG)



Este touro é da linhagem de PACLAMAR ASTRONAUT (EX-GM)

INFORME SOBRE PRODUÇÃO				INFORME SOBRE CONFORMAÇÃO			
FILHAS 76	REBANHOS 72	REPETIBILIDADE 82%		FILHAS 76	REBANHOS 72	REPETIBILIDADE 78%	
COMPARAÇÃO DIRETA DO REPRODUTOR (DSC 85)							
BCA LEITE	BCA GORDURA	BCA PROTEÍNA		CLASSE FINAL	APARÊNCIA GERAL	CAPACIDADE CORPORAL	GARUPA
+8	+2	+7		+5	+5	+11	-2

OBS.: Recomendamos o uso deste touro para vacas adultas e de bom tamanho pela capacidade de LEADFIELD de produzir filhos de grande porte.



REPRESENTANTE EXCLUSIVO PARA O BRASIL, DA SEMEX, COM ORGULHO OFERECE AOS CRIADORES, SÊMEN DE: MARIES THUNDER, ROYBROOK TEMPO, GLENAFTON ENHANCER, AJAY STARLITE SIDNEY, CLINTON-CAMP MAJESTY, WILLOW HOLME MARK ANTONY, HANOVER HILL STARBUCK, BRIDON ASTRO JET ET, LEADFIELD ADMIRATION ET, WERRCROFT STROLOGER.

FAZENDA YAKULT

Estrada de Bragança Paulista à Amparo, km 7
Caixa Postal 162 - Fone (011) 433.1806
BRAGANÇA PAULISTA - SP
EM SÃO PAULO:
Av. Paulista, 807 - 1.º andar - fone (011) 288.6311



MARCHIGIANA

MAIS CARNE EM MENOS TEMPO

3



BENITO DA POUSO ALTO

[Vissano P.O.I.
Marina Quatro Irmãos

Campeão Bezerro - Londrina Abril/86
Campeão Tipo Frigorífico - Londrina Abril/86

VENDA DE FÊMEAS CRUZADAS 3/4 E TOURINHOS P.O 7/8, 3/4 E 1/2 SANGUE.

fazenda

POUSO ALTO E BORDA

PROPRIETÁRIOS: ALEXANDROS ABATZOGLOU
GEORGES M. ABATZOGLOU

LÍBERO DA SANTANA

Manilo P.O.I.

IDADE	205 Dias	365 Dias
PESO (KG)	327	620

Bambina da Santana

Reservado Campeão da Raça - Londrina/85

*SÊMEN à disposição em Agosto/86 -
Lagoa da Serra



LATORE DA SANTANA

Bruco da Santana
Espressione da Santana

Campeão Touro Senior -
Londrina Abril/86

Reservado Grande Campeão
da Raça - Londrina Abril/86

FAZENDA POUSO ALTO E BORDA

Estrada Itapeva/Itararé - KM 298
Fones (0155) 22 3415 - Fazenda
22 1287 - Escritório Central
CEP 18400 - C.P. 53 - Itapeva - S.P.

Provamos que qualidade é sempre um sucesso



OBTIVEMOS OS SEGUINTES RECORDES

Fêmea Pardo Suíça PON	Cz\$ 204.000,00
Macho Pardo Suíça PON	Cz\$ 90.000,00
Fêmea HVB PON	Cz\$ 360.000,00
Macho HVB PON	Cz\$ 78.000,00

Maiores Compradores

JOSÉ CARLOS ORTEGA JERONIMO

GUIORLEY TEIXEIRA

METALURGICA MAUSER IND. E COM. LTDA.



Fazenda São Judas Tadeu do Chapadão

AMILCAR FARID YAMIN



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS APPALOOSA

Gostaríamos de agradecer aos criadores de Cavalo Appaloosa pelo empenho, dedicação, colaboração e grande divulgação da raça, que sem dúvida vem tendo uma expansão e valorização por todo Território Brasileiro, colocando o Cavalo Appaloosa em posição de destaque, com plantéis de excelente qualidade.

Não temos evitado esforços à frente da Associação para o seu engrandecimento, aumentando significativamente o número de sócios, promoções, número de animais registrados, além de uma luta incansável de uma nova Sede com melhores acomodações.

Queremos registrar aqui as nossas congratulações às revistas especializadas pelo apoio e crédito que depositam no engrandecimento desta raça.

A. B. C. CAVALO APPALOOSA
ANTONIO AURELIO PERSONE
PRESIDENTE

História do Appaloosa

Cavalos com características da raça Appaloosa aparecem na arte chinesa 500 anos antes de Cristo, e nas artes persa e européia no século XIV. No continente americano os cavalos que formaram a base da raça Appaloosa atual foram introduzidos pelos espanhóis por volta do ano de 1600 e, posteriormente, os descendentes destes primeiros cavalos migraram até o noroeste dos EUA.

Por volta de 1730, o grosso da tropa dos índios da tribo dos Nez Percés era composto de cavalos Appaloosa. Foi devido a isto que a denominação Appaloosa passou a ser usada, já que os Nez Percés viviam no condado de Palouse River. Os índios rapidamente manifestaram sua preferência pela raça devido às suas características de pelagem, sua resistência, rusticidade e cascos fortes, que permitiam sua utilização em longas caçadas nas gélidas montanhas de Idaho.

Durante mais de cem anos a história seguiu seu curso. Mas, com a marcha dos homens brancos para o Oeste americano, os Nez Percés terminaram por entrar em guerra com o exército dos EUA (1877), sendo praticamente exterminados e seu chefe, Joseph, morto. Com isto, os magníficos rebanhos de cavalos da tribo foram dispersados, na maior parte levados pelos soldados como espólio de guerra, e vendidos. Os cavalos Appaloosa quase desapareceram.

Contudo, em 1938, um grupo de criadores fundou o Appaloosa Horse Club para conservar, melhorar e padronizar a raça de cavalos pintados dos índios Nez Percés. Nove anos mais tarde, foi publicado seu primeiro volume de registro genealógico e, desde então, já foram impressos mais de vinte volumes adicionais. Até 1973, menos de um século após a dizimação dos Nez Percés, já existiam 200.000 animais registrados, sendo vinte mil só naquele ano. Com isto, os cavalos Appaloosa firmaram-se como a terceira maior criação nos EUA.



Como reconhecer um Appaloosa

O Appaloosa é uma raça distinta de cavalos, já que todos os Appaloosa possuem características que os tornam diferentes dos equinos em geral. Um dos principais caracteres de diferenciação é a pele despigmentada nos órgãos genitais, ânus, mamas e mucosas. Somente os Appaloosa possuem uma membrana branca revestindo o globo ocular (como os humanos), denominada esclerótica, sem apresentarem a frente aberta, como as demais raças equinas.

Os animais típicos possuem os cascos rajados verticalmente, com listas ou rajas brancas e escuras, embora não obrigatoriamente nos quatro membros. Já no que diz respeito à pelagem, a raça Appaloosa possui inúmeras variações, permi-

tindo afirmar que não há dois animais idênticos. Como padrões de pelagem podemos dividi-los em:

PELAGEM BÁSICA — preto, zaino, castanho, alazão, baio, baio amarelho, lobuno, tordilho e rosilho.

TIPOS DE PELAGEM

MANTA — área branca sólida, geralmente sobre a região dos quartos, mas sem se limitar sobre a mesma. Na manta normalmente encontram-se pintas ou manchas da pelagem básica.

LEOPARDO — refere-se ao animal branco com manchas ou pintas escuras em todo o corpo, inclusive nos membros, pescoço e cabeça.

NEVADO — refere-se ao animal que apresenta uma mistura de pêlos brancos e pêlos da cor básica, geralmente sobre a área dos quartos. Assemelha-se a flocos de ne-



ve caídos sobre a pelagem básica.

PINTAS OU MANCHAS — pontos claros sobre uma parte do corpo, geralmente sobre a garupa.

PADRÃO RACIAL

Já no que se refere ao padrão racial, o cavalo Appaloosa apresenta, em linhas gerais, o seguinte tipo:

APARÊNCIA — força e tranquilidade, animal de porte médio, ágil, resistente e harmonioso, prestando-se para sela, saltos, corridas esportivas, provas de picadeiro e lida com o gado.

CABEÇA — pequena, leve e seca, descarnada com perfil retilíneo, orelhas pequenas, bem distanciadas e implantadas, ágeis.

PESCOÇO — comprimento médio, bem ligado à cabeça e ao tronco.

TRONCO — da cernelha ao lombo deve ser curto e bem musculado, dorso reto com costelas bem arqueadas.

GARUPA — ampla e bem musculada, discretamente inclinada, tendendo para a horizontal.

ANDAMENTO — harmonioso; o pé é levantado livremente e recolocado ao solo de uma só vez, constituindo-se no trote-de-cão.

ALTURA — são animais cuja altura varia de 1,42 a 1,65 m. Altura inferior a esse limite, quando adulto, exclui para efeito de registro. **PESO** — variável entre 400 e 600 kg, na idade adulta.

OLHOS — grandes e atenciosos, esclerótica branca é uma das características; mostram muito mais branco que as demais raças.

NARINAS — grandes, anteriores.

FOCINHO — pequeno.

MUSCULATURA — bem pronunciada, tanto visto de lado quanto de cima, nas fêmeas o desenvolvimento muscular é menor.

CERNELHA — bem definida, de altura e espessura médias.

DORSO — bem musculado ao lado das vértebras e visto de perfil.

LOMBO — curto, com musculatura acentuadamente forte.

PEITO — profundo e amplo. O peito visto de perfil deve ultrapassar com nitidez a linha dos antebraços, estreitando-se porém no ponto superior da curvatura, de forma a diferenciar-se nitidamente do pescoço. Visto de frente a enteraxila tem forma de "V" invertido devido à desenvolvida musculatura dos braços e antebraços.

TÓRAX — amplo, com costelas largas, inclinadas e elásticas.

BRAÇOS E ANTEBRAÇOS — apurados e musculados interna e externamente, dando equilíbrio e harmonia ao animal, e facilitando sua rápida movimentação.

COXAS — longas, largas e sólidas; bem conformadas, fortemente musculadas, mais largas que a garupa.

PERNAS — bem musculadas, desenvolvimento muscular homogêneo, tanto interna quanto externamente. Bem colocadas e sólidas.

CAUDA E CRINA — são frequentemente mais ralas do que as de outras raças.

Por que ter um Appaloosa?

Quais os motivos que estão despertando o grande interesse pela raça Appaloosa? São vários, mas o principal é o próprio cavalo. Sua rusticidade, força e robustez, que lhe permitiram suportar os rigores das viagens, caçadas e batalhas dos índios Nez Percés na região montanhosa do rio Palouse, aliados à beleza, agilidade e à velocidade que os criadores atuais lhe acrescentaram através de um rigoroso trabalho genético, fizeram do Appaloosa um cavalo distinto.

Os mesmos princípios de seleção utilizados pelo Appaloosa Horse Club em seus 48 anos de existência estão sendo aproveitados pelo Stud Book Brasileiro nesta sua curta (7 anos) e proveitosa existência, para a formação de um tipo nacional, próprio para as condições brasileiras. Como a raça está sendo selecionada pelo seu fenótipo (conformação, estrutura e pelagem), a Associação mantém em seu Stud Book dois tipos de registro, o Livro Aberto e o Livro Fechado.

Um simples cruzamento entre Livro Fechado e Livro Aberto já produz Livro Fechado, e além disto é permitido o cruzamento com fêmeas de outras raças. Tais fatores fazem a criação de Appaloosa apresentar um custo inicial mais baixo, dando condições ao pequeno criador de participar mais efetivamente dos eventos da Associação.

O Appaloosa no Brasil

Em 1974 Carlos Raul Consoni adquiriu nos EUA uma fêmea pura Quarto de Milha, e sua esposa Maria Luiza ficou encantada com um garanhão Appaloosa do mesmo haras. Feita a cobertura a égua veio para o Brasil, onde pariu um magnífico macho, que foi chamado Comanche do

Atalla e como diretor técnico o renomado zootecnista Alberto Alves Santiago, que teve papel fundamental na organização da entidade e nos trabalhos de seleção dos animais.

A Associação foi presidida por Jorge Rudney Atalla até o ano de 1981. O segundo presidente, no biênio 81-83 foi Antonio Luiz Teixeira de Barros, que foi sucedido por Ricardo Ramenzoni, presidente de 83 a 85. Desde 1985 a Associação é di-



Bonfim. Como não havia representante oficial da raça no Brasil, o potro acabou não sendo registrado mas, com sua apresentação em exposições outro criador de Quarto de Milha, Jorge Rudney Atalla, também se interessou pela raça e importou animais, notadamente o pai do primeiro potro Appaloosa brasileiro. Pouco depois Antonio Luiz Teixeira de Barros Junior, juntamente com Carlos Raul Consoni, realizaram uma importação de matrizes.

Em 27 de novembro de 1977 foi fundada a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Appaloosa, tendo por presidente Jorge Rudney

Atalla e como diretor técnico o renomado zootecnista Alberto Alves Santiago, que teve papel fundamental na organização da entidade e nos trabalhos de seleção dos animais.

Já no final de 1979 a entidade contava com 38 sócios e 29 haras, espalhados por quatro estados: São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Bahia; num total de 120 animais registrados. O quadro evoluiu muito nestes seis anos e meio até os dias de hoje. Atualmente, a Associação conta com 300 sócios e 3.500 animais registrados por todo o país, das vaquejadas do Maranhão aos rodeios do Rio Grande do Sul, onde todos podem ver o Appaloosa demonstrando suas extraordinárias aptidões.

Tipos de Certificados de Registro

O Stud Book brasileiro do cavalo Appaloosa emite certificado de registro para animais inscritos em Livro Fechado e Livro Aberto.

Apl — LIVRO FECHADO — para animais importados.

Ap — LIVRO FECHADO — para animais nacionais.

Produtos de cruzamentos de animais importados.

Produtos de cruzamentos de animais importados com animais Appaloosa registrados (Ap ou ApA).

Produtos de cruzamentos de animais registrados (Ap ou ApA).

Produtos de cruzamentos de animais Appaloosa registrados (Apl, Ap ou ApA) com animais registrados Quarto de Milha (qualquer grau de sangue) ou P.S.I.

ApA — LIVRO ABERTO — para animais nacionais

Produtos de cruzamentos de animais Appaloosa registrados (Apl, Ap ou ApA) com animais de qualquer raça.

Fêmeas de origem desconhecida que apresentam características da raça (principalmente pelagem).

CONTROLE DE GENEALOGIA — CG

Animais Appaloosa de origem comprovada que nascem sem a pelagem característica da raça (tapado), são registrados normalmente em Livro Fechado ou em Livro Aberto, acrescido ao número de registro a sigla CG (Controle de Genealogia). Os animais desta categoria podem, até os três anos, apresentar a pelagem da raça, deixando então de fazer parte do CG. Estes animais (CG) não podem representar a raça em exposições e concursos de conformação. São utilizados na reprodução somente no cruzamento com Appaloosa registrado que apresente a pelagem característica da raça.

A Associação incentiva o cruzamento de Appaloosa com éguas mestiças QM, por se assemelharem quanto à funcionalidade e conformação.

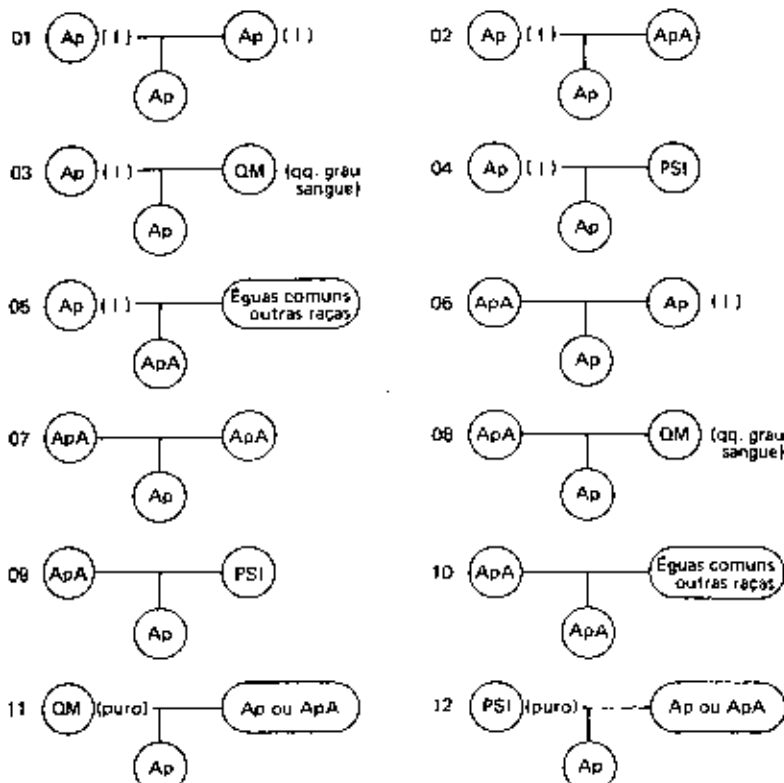
Animais até três anos recebem registro provisório, passando depois obrigatoriamente por nova inspeção; onde se mede a altura e avalia-se a

estrutura óssea; para possibilitar a obtenção do registro definitivo. Somente não são aceitos cruzamentos de Appaloosa com animais de outras raças que apresentem pelagem pampa, tordilho ou rosilho.

Todos os certificados emitidos vêm acompanhados de duas fotos do animal, ficando outras duas nos arquivos da Associação. As fotos devem mostrar os lados esquerdo e direito do animal, cuja cabeça deverá estar voltada para a câmera.

A Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Appaloosa dá em seguida um diagrama, para facilitar o entendimento dos cruzamentos que podem ser efetuados dentro da raça:

A ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS APPALOOSA, DA ABAIXO UM DIAGRAMA, PARA FACILITAR O ENTENDIMENTO DOS CRUZAMENTOS QUE PODEM SER EFETUADOS DENTRO DA RAÇA:



ÍNDICE:

Ap — Appaloosa Livro Fechado (puro)
 ApA — Appaloosa Livro Aberto

PSI — Puro Sangue Inglês
 QM — Quarto de Milha
 I — Animais Importados

II CAMPEONATO NACIONAL DE CONFORMAÇÃO

RESULTADO DO JULGAMENTO DA 1 ETAPA — UBERABA — MG

Fêmeas de 0 a 12 meses

1.º prêmio — Miss Roman CRC — Prop.: Orlando Rodrigues Filho.

2.º prêmio — Tabatta RM V — Prop.: José M. Bello Elian.

Fêmeas de 12 a 24 meses

1.º prêmio — Glory Of Acknowledged RR — Prop.: Ricardo José A. Ramen-zoni.

2.º prêmio — Miss Black Grandstender RGB — Prop.: Ricardo De Gasperi Bombonati.

3.º prêmio — Glase Of Acknowledged RR — Prop.: Ricardo José A. Ramen-zoni.

Fêmeas de 24 a 36 meses

1.º prêmio — Imagination Plaudit SAB — Prop.: Orlando Rodrigues Filho

2.º prêmio — Fame Of Acknowledged RR — Prop.: Ricardo José A. Ramen-zoni.

3.º prêmio — Miss Grandstender RGB — Prop.: Ricardo De Gasperi Bombonati.

Fêmeas de 36 a 48 meses

1.º prêmio — Puti Chick NP — Prop.: Orlando Rodrigues Filho.

2.º prêmio — Harmony Quest SAB — Prop.: José Mendonça de Mello.

Fêmeas de 48 a 60 meses

1.º prêmio — Beatriz JA — Prop.: José Lourival de Lima.

Fêmeas acima de 60 meses

1.º prêmio — Princess Co Co — Prop.: Orlando Rodrigues Filho.

2.º prêmio — Isabelle do RC — Prop.: Orlando Rodrigues Filho.

CAMPEA POTRANCA — IMAGINATION PLAUDIT SAB

RESERVADA CAMPEA POTRANCA: GLORY OF PLAUDIT RR

CAMPEA EGUA: PRINCESS CO CO

RESERVADA CAMPEA EGUA: BEATRIZ JA

GRANDE CAMPEA DA RAÇA: IMAGINATION PLAUDIT SAB



RESERVADA GRANDE CAMPEÃ DA RAÇA: PRINCESS CO CO

Machos de 0 a 12 meses

- 1.º prêmio — Comanche Arapongas — Prop.: José Américo R. dos Santos.
2.º prêmio — Mr. Brow Grandstander RGB — Prop.: Orlando Rodrigues Filho.

Machos de 12 a 24 meses

- 1.º prêmio — Mr. Red Grandstander RGB — Prop.: Sérgio Augusto Zonno.
2.º prêmio — Maxacali HF — Prop.: Humberto de Oliveira Fabrino.
3.º prêmio — Arapongas Menudo — Prop.: José Américo R. dos Santos.

Machos de 24 a 36 meses

- 1.º prêmio — Mr. Grandstander RGB — Prop.: Mircio da Cunha R. Miranda.
2.º prêmio — Mr. Black Grandstander RGB — Prop.: Ricardo de Gasperi Bombonati.
3.º prêmio — Primo Bianco JL — Prop.: José Lourival de Lima.

Machos de 36 a 48 meses

- 1.º prêmio — Don Galahad SAB — Prop.: José Mendonça de Mello.
2.º prêmio — Milkman' Sponder — Prop.: Antonio A. Persone.
3.º prêmio — Sunshine do Fitti — Prop.: André Brandão Guatimosin.

Machos de 48 a 60 meses

- 1.º prêmio — Big Chief CRC — Prop.: Humberto de Oliveira Fabrino.
2.º prêmio — Elegant Tolanka — Prop.: Sérgio A. Zonno.

Machos acima de 60 meses

- 1.º prêmio — Dolby Milk Plaudit — Prop.: Ricardo José A. Ramenzoni.
2.º prêmio — Rockie Ledge — Prop.: Haras Guibar.

CAMPEÃO POTRO: MR RED GRANDSTANDER RGB.

RESERVADO CAMPEÃO POTRO: MR GRANDSTANDER RGB.

CAMPEÃO CAVALO: DOLBY MILK PLAUDIT.

RESERVADO CAMPEÃO CAVALO: BIG CHIEF CRC.

GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA: DOLBY MILK PLAUDIT.

RESERVADO GRANDE CAMPEÃO: BIG CHIEF CRC.

PROGÊNIE DE PAI: 1.º prêmio — MR ROMAN GRANDSTANDER — Carlos Raul Consoni.

2.º prêmio — DOLBY MILK PLAUDIT — Ricardo José A. Ramenzoni.
Parabenizamos o Sr. Orlando Rodrigues Filho por conquistar a taça transitória "JOSE PINFILD" por ter sido o melhor expositor do evento.

**Leilão
Appaloosa Quarter
Horse Classic**

MÉDIA DOS ANIMAIS

Categoria de 0 a 12 meses

MACHOS	FÊMEAS
Livro Fechado — Cz\$ 114.000,00	Cz\$ 144.000,00
Livro Aberto — Cz\$ 168.000,00	—

Categoria de 12 a 24 meses

Livro Fechado — Cz\$ 196.000,00	—
Livro Aberto — Cz\$ 96.000,00	Cz\$ 132.000,00

Categoria de 24 a 36 meses

Livro Fechado — Cz\$ 210.000,00	Cz\$ 184.800,00
Livro Aberto —	—

Categoria acima de 36 meses

Livro Fechado — Cz\$ 240.000,00	Cz\$ 194.000,00
Livro Aberto —	—





Resultado do julgamento da II Etapa - Ourinhos - SP/86

Fêmeas de 0 a 12 meses

- 1.º prêmio — Miss Constellation RGB — Prop.: Ricardo de Gasperi Bombonati.
- 2.º prêmio — Big Girl Chick — Prop.: Alberto de Paula L. Moraes F.º.
- 3.º prêmio — Big Flower — Prop.: Alberto de Paula L. Moraes F.º.

Fêmeas de 12 a 24 meses

- 1.º prêmio — Holly Plaudit RR — Prop.: Ricardo José A. Ramenzoni
- 2.º prêmio — Grease Of Acknowledged RR — Prop.: Sérgio A. Zonno.
- 3.º prêmio — Glory Of Plaudit RR — Prop.: Ricardo José A. Ramenzoni

Fêmeas de 24 a 36 meses

- 1.º prêmio — Imagination Plaudit SAB — Prop.: Orlando Rodrigues Filho.
- 2.º prêmio — Miss Grandstander RGB — Prop.: Ricardo De Gasperi Bombonati.
- 3.º prêmio — Potira DM — Prop.: Carlos Alberto W. Deleu.

Fêmeas de 36 a 48 meses

- 1.º prêmio — Harmony Quest SAB — Prop.: José Mendonça de Mello.
- 2.º prêmio — Poti Chick NP — Prop.: Orlando Rodrigues Filho.

Fêmeas de 48 a 60 meses

- 1.º prêmio — Spider's Wonder — Prop.: Mircio da Cunha R. Miranda.

Fêmeas acima de 60 meses

- 1.º prêmio — Paul's Golden Girl — Prop.: Mircio da Cunha R. Miranda.
- 2.º prêmio — Isabelle do RC — Prop.: Orlando Rodrigues Filho.

CAMPEÃ PORANCA: IMAGINATION PLAUDIT SAB

RESERVADA CAMPEÃ POTRANCA: HOLLY PLAUDIT RR.

CAMPEÃ EGUA: SPIDER'S WONDER. RESERVADA CAMPEÃ EGUA: PAUL'S GOLDEN GIRL.

GRANDE CAMPEÃ DA RAÇA: SPI- DER'S WONDER.

RESERVADA GRANDE CAMPEÃ: IMA- GINATION PLAUDIT SAB.

Machos de 0 a 12 meses

- 1.º prêmio — Mr Brow Grandstander RGB — Prop.: Orlando Rodrigues Filho.
- 2.º prêmio — James Bond Chick — Prop.: Alberto de Paula L. Moraes F.º
- 3.º prêmio — Mr. Fernando Ledge — Prop.: Haras Guibar.

Machos de 12 a 24 meses

- 1.º prêmio — Mr. Red Grandstander RGB — Prop.: Sérgio A. Zonno.
- 2.º prêmio — Maxacali HF — Prop.: Humberto de Oliveira Fabrino.
- 3.º prêmio — El Condor RC — Prop.: Paulo Sérgio Degani

Machos de 24 a 36 meses

- 1.º prêmio — Mr. Grandstander RGB — Prop.: Mircio da Cunha R. Miranda.
- 2.º prêmio — Mr. Charles Grandstander — Prop.: Francisco Manoel N. Fernandes.
- 3.º prêmio — Mr. Black Grandstander RGB — Prop.: Ricardo de Gasperi Bombonati.

Machos de 36 a 48 meses

- 1.º prêmio — Milkman' Sponder - Prop.: Antônio A. Persone.
- 2.º prêmio — Don Galahad SAB - Prop.: José Mendonça de Mello.
- 3.º prêmio — Gulliver Quest — Prop.: José Roberto Belli.

Machos de 48 a 60 meses

- 1.º prêmio — Comanche Chick NP — Prop.: Haras Boa Esperança.

- 2.º prêmio — Big Chief CRC — Prop.: Huberto de Oliveira Fabrino
- 3.º prêmio — Elegant Tolanka — Prop.: Sérgio A. Zonno.

Machos acima de 60 meses

- 1.º prêmio — Rockett Babe — Prop.: Rudolfo de Toledo Kretsch.
- 2.º prêmio — Favorite Show — Prop.: Silvio Scorsato.
- 3.º prêmio — Chief Absarokee's — Prop.: Haras Guibar.

CAMPEÃO POTRO: MR GRANDS- TANDER RGB.

RESERVADO CAMPEÃO POTRO: MR CHARLES GRANDSTANDER.

CAMPEÃO CAVALO: MILKMAN' SPONDER.

RESERVADO CAMPEÃO CAVALO: COMANCHE CHICK NP.

GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA: MILK- MAN' SPONDER.

RESERVADO GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA: MR. GRANDSTANDER RGB.

PROGENIE DE PAI: 1.º prêmio — MR ROMAN GRANDSTANDER — Car- los Raul Consoni.

2.º prêmio — APACHE CHICK — Al- berto de Paula L. Moraes F.º

PROGENIE DE MÃE: 1.º prêmio — MISS JOKER'S TABU — Ricardo De Gasperi Bombonati.

2.º prêmio — JODY JOKER TRACY — Ricardo De Gasperi Bombonati.

O Sr. Mircio da Cunha Rego Miranda obteve o maior número de pontos recebendo, a taça transitória "CIDADE OURINHOS". Nossos parabéns e votos de sucesso pela conquista.

LEMBRE-SE

De 01 à 07 de agosto teremos a III ETAPA DO CAMPEONATO NACIONAL DE CONFORMAÇÃO NA FEAPAM/RIBEIRÃO PRETO. Prepare seus animais.

LEILÃO TOP APPALOOSA

20/9/86 — Prepare seus animais
Informações: Associação Appaloosa
EXPOSIÇÃO UBERLÂNDIA - 9/86
RAÇA INCONFUNDÍVEL



Dolby Milk Plaudit

COBERTURAS A VENDA



HARAS

DUAS PALMEIRAS

PORTO FELIZ - SP

Tel.: (0152) 42.2273/62.2274

Prop.: Ricardo Ramenzoni

Tel.: (011) 241.9561/240.1061

Família Dolby Milk Plaudit

HARAS
DUAS PALMEIRAS
PORTO FELIZ - SP.

Tel.: (0152) 62.2273/62.2274

Prop.: Ricardo Ramenzoni

Tel.: (011) 241.9561/240.1061

BET PISTOL

mostra sua produção.



BET PISTOL – Reg. n.º APA 61
(JA BET – API 2 x SUCUPIRA 122)

FILHAS:

TALLAHASSE DA URTIGÃO	(3 anos)
SHAWNEE DA URTIGÃO	(2 anos)
DELAWARE DA URTIGÃO	(3 anos)
OTAWA DA URTIGÃO	(2 anos)
POCAHONTAS DA URTIGÃO	(1 1/2 ano)
NEEWAK DA URTIGÃO	(9 meses)
QUANAK DA URTIGÃO	(9 meses)
SHASTAS DA URTIGÃO	(9 meses)
DAKOTA DA URTIGÃO	(10 meses)

FILHOS:

IOWA DA URTIGÃO	(3 anos)
HURON DA URTIGÃO	(1 ano)
TALL AHU DA URTIGÃO	(3 1/2 anos)

**FAZENDA
MUNDO NOVO**

Município de Tacurú – MS
Km 7 1/2 da Rod. Tacurú – Projeto Sete Quedas
Prop.: MARLENE SPINARDI VALENTE GOMES E FILHOS
Fone: (011) 255.9080 e 231.4536 – S. Paulo – Capital



**VENDA PERMANENTE
DE ANIMAIS E COBERTURAS.**



IOWA DA URTIGÃO

Macho • 3 anos



POCAHONTAS DA URTIGÃO

Fêmea • 1 1/2 ano
(Foto aos 2 meses)

TALL AHU DA URTIGÃO

Macho • 3 1/2 anos
(Foto aos 3 meses)

SHAWNEE DA URTIGÃO

Fêmea • 2 anos
(Foto aos 2 meses)



FAZENDA E HARAS URTIGÃO

Município de Tacurú – MS
Km 7 1/2 da Rod. Tacurú – Projeto Sete Quedas
Prop.: MARLENE SPINARDI VALENTE GOMES E FILHOS
Fone: (011) 255.9080 e 231.4536 – S. Paulo – Capital

FAZENDA SANTA RITA

Mun. de Itaberal — Est. de Goiás
Prop.: Salvino Pires Filho
End.: Av. Tocantins, 1260 — Goiânia - GO
Fones: (062) 251-1175
225-9883

SELEÇÃO DA RAÇA APPALOOSA E NELORE PADRÃO

GOLDEN ACKNOWLEDGED
AP — 1993

Acknowledged
API - 562

Slipery
API - 587

Idade: 17 meses

Parentes:

1ª mãe: S.C. 12 e 28 curtos

Gravidez: 12 e 28 curtos

12 e 28 curtos

12 e 28 curtos

12 e 28 curtos

12 e 28 curtos

12 e 28 curtos

12 e 28 curtos

12 e 28 curtos

12 e 28 curtos

12 e 28 curtos

FAZENDA SANTA MARIA

Criador: Décio Luis Malta Campos

Snow Cap JA

Reg. AP 137

Pai: NE PRETY COLOR

Reg. Apl 4

Mãe: DOLL'S SNOYCAP

Reg. Apl 10



Amapola IEA

Reg. APA 180

Potro: Malta Gaudy Comanches

Potros:

Malta Genaration Comanches

Nasc.: 6/2/86

Malta Gaudy Comanches

Nasc.: 6/2/86

Malta Sully Comanches

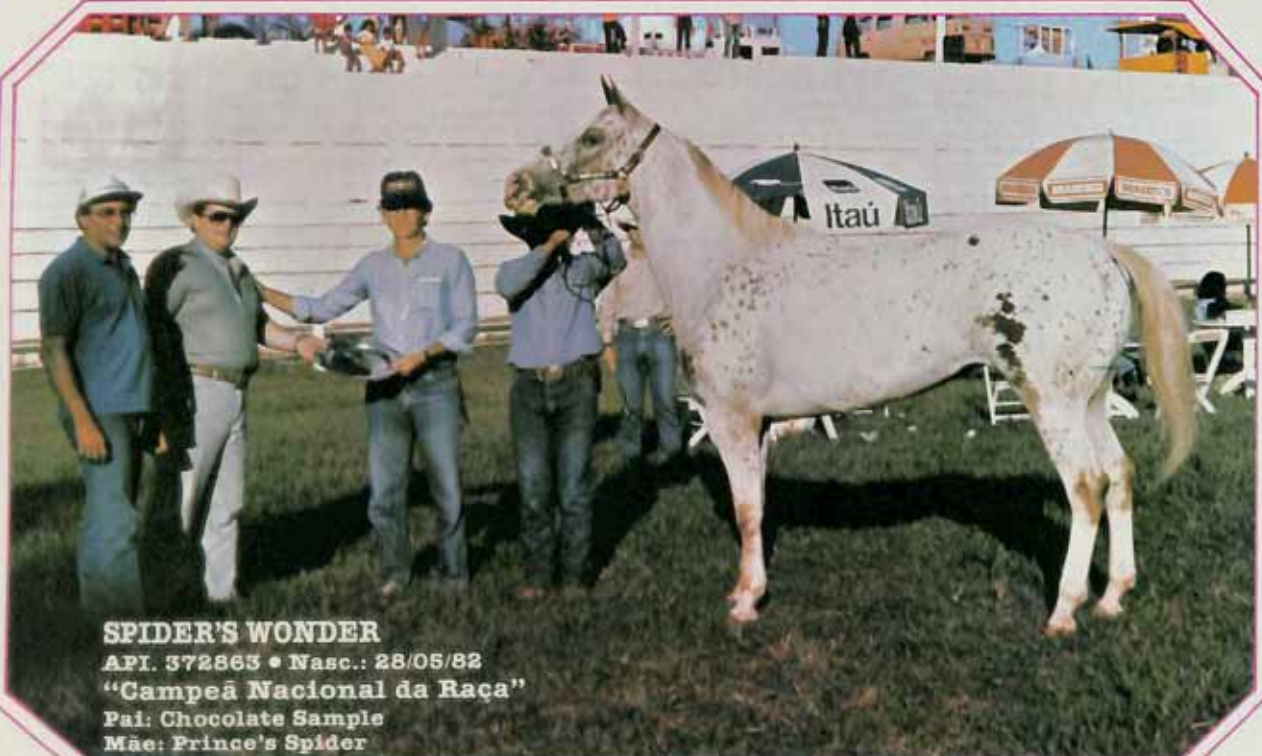
Nasc.: 1/1/86

Malta Slitch Absarokee's

Nasc.: 6/12/85



Fazenda Haras Arizona: "Melhor



SPIDER'S WONDER

API. 372863 • Nasc.: 28/05/82

"Campeã Nacional da Raça"

Pai: Chocolate Sample

Mãe: Prince's Spider



PAUL'S GOLDEN GIRL

API. 331992 • Nasc.: 29/05/80

Campeã Égua

Pai: Mighty Paul

Mãe: Miss Hoop

Criador Nacional" – Ourinhos/86.



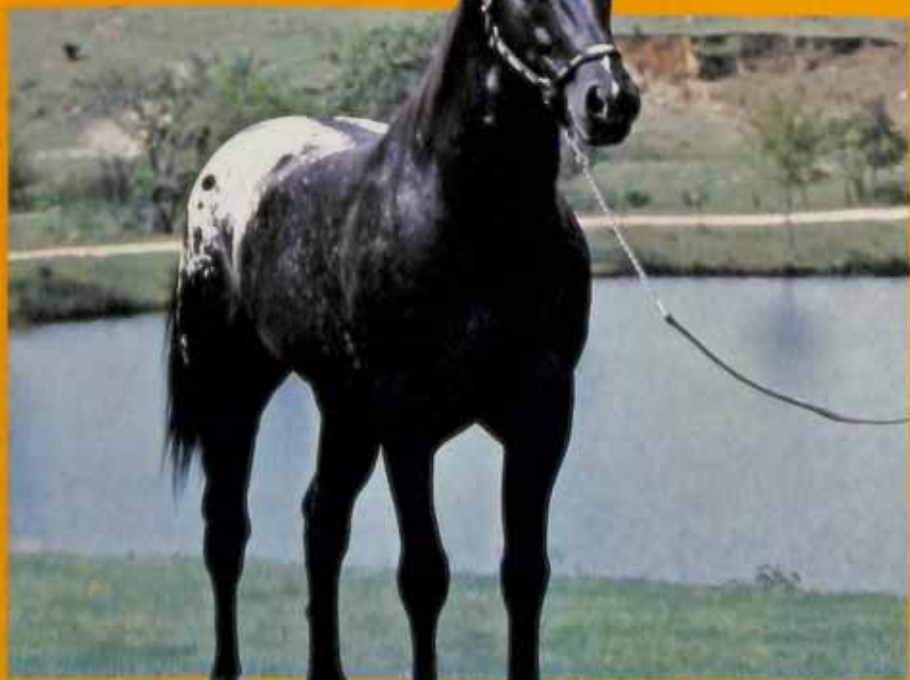
MR. GRANDSTANDER RGB
AP. 1571 • Nasc.: 13/10/83
Campeão Potro e
Res. Campeão Nacional da Raça
Coberturas à venda
Pai: Mr. Roman Grandstander
Mãe: Wild Cards Chick



Momento de entrega da Taça Transitória,
feita pelos senhores Nicolau Piaffidi e Toni Persone,
aos criadores Mircio Miranda e Senhora
e Jorge Hamuche e Senhora,
pelo título de "Melhor Criador Nacional".



LUIZ BUONO



TOP QUEST

Zargo



ASTRACAM
(5 meses)

Coudelaria Zargo
Rua Trajano Pinheiro de Albuquerque 1556
(CEP 04787-São Paulo-SP) Tel. (011) 247-2586 • 548-0755

Shiek's Bimbo apresenta



SHIEK'S BIMBO

Registro Apl 260
nascido em 24.05.77 - Alazão
(MIGHTY SHIEK x C D'S HANCOCK LASS)

RANDI BIMBO

Registro Apl 2287
nascido em 29.09.80 - Alazão
(SHIEK'S BIMBO x BAY AQUARIAN HAY)



POTRINHO

nascido em 08.08.80 - Leopardo
(SHIEK'S BIMBO x ACTIVE APACHE)



SHIEK'S JOKER

Registro Apl 1130
nascido em 25.11.82 - Leopardo
(SHIEK'S BIMBO x JOKER LUCY B)



ta seus filhos... e filhas.



MISS QUEST BIMBO

Registro Ap 1805
nascida em 23.11.83 - Alação
(SHIEK'S BIMBO x MARELENA QUEST)



BAGGY BIMBO

Registro Ap 1807
nascida em 23.12.83 - Leopardo
(SHIEK'S BIMBO x BAGGY APACHE)



BETSI APACHE

Registro Ap 1816
nascida em 03.02.84 - Alação
(SHIEK'S BIMBO x BETA R2)



DOLLY JOKER BIMBO

Registro Ap 2000
nascida em 20.11.84 - Alação
(SHIEK'S BIMBO x JOKER LUCY B)



Zeinho Aguiar apresenta seu plantel.
Venham nos visitar, falaremos de "Appaloosa"

HARAS AQUARIUS

Criador da Raca Appaloosa: Jose de Castro Aguiar Filho.
Prop.: JOSE DE CASTRO AGUIAR,
Fazenda Boa Esperança - Flora Rica - SP.
Escr.: Rua Salgado Filho, 246 - Jd. Paulista
Ck. Postal 1240 - Pres. Prudente - SP.
tel.: (0182) 22-1343

Orientação Técnica: Dr. Odecio Corral Jr. tel (0182) 22.2115
Assistência Veterinária: Dr. Sergio A. Navarrete

EL CONDOR RC



Ap. 1928 • Nasc.: 14/10/84

- * Reservado Campeão Potro – S. Paulo/85.
- * Reservado Campeão Potro – Londrina/86.
- * 3º colocado – categoria 12 a 24 meses – Ourinhos/86.

DUNCAN ABSARKEE'S SAB Ap. 268	ABSARKEE'S ROYAL Ap. 82	ABSARKEE'S SOUND THE CHARGE T. 132.379
	ALPHA GO SAB M. 4536-4	ROYAL ROSE T. 159.129
		GO THREE MAN P. 408-5
RM MISS JAGADY Ap. 494	RINKY'S MONTIE 47.814	STAR BLITZ Ap. 87
	MISS JAGADY T. 84.632	RINKY JINKS 6110
		MONTANA MAID T. 20.033
		JAGADY'S BIG CHIEF 29.209
		OLLA'S MISS SMOKEY STAR T. 32.670

**HARAS
SANTH FORK**

Município de Jardinópolis – SP.
Fones: 625.38.00/636.10.99
Prop.: Paulo Sérgio Degani
Rua Quintino Bocaiuva, 776 – Rib. Preto – SP.

"O Appaloosa do Futuro"

DEVIL VJP

Ap. 2097 • Nasc.: 05/01/85



HOTSWAHL HERO

Apl. 1231

CLAUDESTA HOTSWAHL

T. 41.161

PONDEROSA'S FAWNEY

35.582

JA BET

Apl. 2

DOLL'S SNOWCAP

Apl. 10

OLD BLARNEY

CLAUDESTA PEE TEEN

T. 41.687

PONDEROSA

14.325

KAY SNOWFLAKE

21.892

PISTOL'S LITTLE BRITCHES

T. 36.635

LUCKY MAUDE

ID. 10.798

CHECOTAH CHIEF

27.363

DOLL

DOLL'S BET JA

Ap. 382

FAZENDA JAGUARUNDY

Município de Ponta Porã - Fone: (067) 431.2409

Prop.: Com. Rolin Adolfo Amaro

Rua Monsenhor Antonio Pepe, 387 - S. Paulo

Fone: (011) 275.9598 - SP

DON GALAHAD SAB Ap. 1101 • Nasc.: 06/11/82

DON JUAN QUEST Apl - 84

JACKETT'S TOP JERRY T - 220, 170

SCOTTISH QUANAH Apl - 86

GO THREE MAN P - 408-5

AGATHA LEO SAB M - 4537-0

LADY LEO GO T - 193,521

• Res. Campeão Cavalo e Res. Grande Campeão da Raça - Emapa/84 - Avaré.



GATSBY JUAN SAB Ap. 1096 • Nasc.: 16/09/82

DON JUAN QUEST Apl - 84

JACKETT'S TOP JERRY T - 220, 170

SCOTTISH QUANAH Apl - 86

MAVERICK AQHA - 44.708

TODD'S SUE P - 577 - 0

SALTY'S SUNSHINE AQHA - 329,122

• Campeão Cavalo e Grande Campeão da Raça - Emapa/85 - Avaré.



HARMONY QUEST SAB Ap. 1436 • Nasc.: 26/04/83

DON JUAN QUEST Apl - 84

JACKETT'S TOP JERRY T - 220, 170

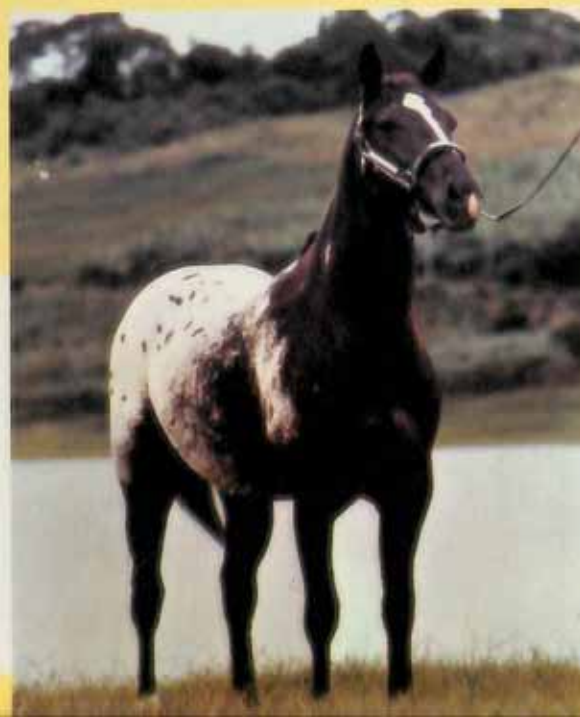
SCOTTISH QUANAH Apl - 86

BLITZEN LAD T - 52,059

STAR BLITZ Apl - 87

MINNIE SHIELDS T - 44,044

- Campeã Potra - Expo/84 - Bauri.
- Campeã Potra - Expande/84 - S. Paulo.
- Campeã Potra - Emapa/84 - Avaré.
- Campeã Potranca - Fapi/85 - Ourinhos.
- Res. Campeã Égua - Fapi/85 - Ourinhos.
- Campeã Égua e Grande Campeã da Raça - Emapa/85 - Avaré.





Formar campeões, o sonho do tratador Elias

O maior sonho do jovem (26 anos) tra-

tador de cavalos Elias Soriano dos Santos, que trabalha no Haras Senhor do Bonfim, no município paulista de Lorena, é formar um campeão de rédea ou apartação. Elias, que há apenas três anos trabalha com cavalos (anteriormente foi cerqueiro e tratador de gado), já é nome de destaque no meio, tendo inclusive ganho o título de Melhor Apresentador na Expo-Uberlândia-85.

A história do tratador de cavalos Elias está ligada diretamente ao nome de José Mendonça de Mello, proprietário do Haras Senhor do Bonfim. Foi Mello quem acreditou no potencial de seu tratador, incentivou-o, enviando-o inclusive a um curso com o conhecido e respeitado Francisco Muniz de Oliveira Neto (da fazenda Santa Marta, Vera Cruz/SP). O resultado foi excelente, e hoje Elias é frequentemente indicado pelo professor para adestrar animais novos, ainda indomados.

SUA HISTÓRIA

Elias Soriano dos Santos começou a trabalhar com José Mendonça de Mello no Haras Senhor do Bonfim localizado próximo a Avaré, no distrito de Barra Grande. Hoje trabalha na extensão do Haras em Lorena, que se encontra em fase de assentamento. E Mello valoriza o trabalho de seu tratador: além do salário normal, Elias recebe ainda comissão nas vendas de produtos mais um potro puro por ano, à sua escolha. O que existe no relacionamento Elias-Mello é um profundo respeito profissional mútuo, alicerçado ainda em forte amizade.

Considerado bom domador e ótimo apresentador de animais, Elias alcançou em apenas três anos um reconhecimento nada mais que merecido. Agora, ele mesmo diz que sua meta é formar um campeão des-



Elias Soriano dos Santos, montando "Don Galahad Sab".

de o princípio: (Seja em rédea ou apartação, não importa, mas meu sonho maior é pegar um animal novo e transformá-lo num vencedor, num campeão" completa.

O HARAS

O haras Senhor do Bonfim, de José Mendonça de Mello, originalmente localizava-se apenas em Barra Grande, próximo a Avaré. Hoje há sua extensão em Lorena/SP (via Dutra km 56 sentido SP-RJ), onde trabalha Elias Soriano dos Santos, bem localizado, com ótima infraestrutura e onde ficam aproximadamente 45 cavalos Appaloosa e Quarto de Milha.

Os principais animais do haras são Appaloosa: Don Galahad Sab, Gatsby Juan Sab e Harmony Quest Sab. Em sua área existem 240 baias, e o trato é esmerado: os animais recebem alimentação três vezes ao dia às 5, 13 e 19 horas. O alimento é composto de ração Guabi-Nutriequi com Laminado, farelo de trigo, de soja, mais alfafa e sal mineral. Além disto, as éguas de campo têm a esta alimentação o suplemento de Nutriharas duas vezes ao dia, sem contar com as outras rações que perfazem a linha completa para equinos: Nutripotro, Nutriequi, Guabiequi e Su-

priequi (suplemento vitamínico). Ana Maria Cambria é a veterinária do haras.

A reprodução no haras Senhor do Bonfim é toda realizada no regime de monta natural, mas seu proprietário José Mendonça de Mello tem planos para introduzir a inseminação artificial no plantel proximoamente. "O caminho do futuro é a inseminação — diz Mello — e pretendo iniciá-la breve, apurando ainda mais a seleção dos cavalos, tanto Appaloosa quanto Quarto de Milha".



Elias e José Mendonça de Mello.

Foto abaixo: lote de matrizes Appaloosa.



HARAS SENHOR DO BONFIM

Prop. José Mendonça de Mello
Cx. Postal, 120 — Tel.: (0125) 52.1081
CEP. 12.600 — Lorena — SP.

Top Special

"O sucesso de uma escolha"

Pai: Special Edition K
Apl. 135
Mãe: Solange Quest
Apl. 137



FAZENDA E HARAS CAPRICÓRNIO

C. Postal nº 004 - MG-26 - km 24,5 - Brasópolis - MG
São Paulo - Fones: (011) 814 5137 e 211 4455
Prop.: Wilma Alexandre Simões e Cecília Garrido Caldarelli
Resp.: Alberto Caldarelli Neto
Veterinários: Ana Catarina Martins Bonassi e Ivo Bonassi Junior

Gulliver Quest Sab

AP 1095 • Nascimento: 04/09/82

TOP C.B.C. QUEST

Apl - 81

FOR QUEST

AP - 10,840

ROSE O

AP - 12,659

SLEEPY RANDLE G.P.

AP - 17,169

SLEEPY BEE G.P.

Apl - 88

SELMO BEE

AQHA - 304,716

VENDA DE COBERTURA

HARAS COCAES

Município de Sarapuí - SP
Prop.: José Roberto Belli
Rua do Ovidor Peleja, n.º 779 - apt. 88
Fones: (011) 578.3388 - São Paulo - SP

"Nós crescemos juntos com o Appaloosa".

NOSSO GARANHÃO CHEFE:

Malta David Rocket

(Filho de Rocket Babel)

NOSSAS MATRIZES:

Cow Girl	— R.F.
Miss Beauty	— R.F.
Sweet	— R.F.
Glory	— R.F.
Fair	— R.F.
Sugar	— R.F.
Sabrina	— R.F.
Diba	— R.F.
Cookie	— R.F.
Filly	— R.F.
Red Rose	— R.F.
Fly	— R.F.
Away	— R.F.
Enigma	— R.F.
Cork	— R.F.
Cully	— R.F.

HB HARAS BRACUHY

Prop. - Roberto Pimenta de Padua Foz
Av. Paulista, 1009 - 17. and. - Fone. (011) 269 1011
São Paulo - SP
Resp. Técnico - Med. Veterinário Dr. Roberto Foz Filho

TIGER CHICK



COBERTURA À VENDA

O garanhão Tiger Chick é o campeão absoluto da raça, no País, tendo conquistado os mais importantes títulos nas principais exposições nacionais. Por todas suas conquistas e extraordinária beleza, este reprodutor tem servido como verdadeiro artífice da melhoria desta nobre raça equina, no Brasil.

*Campeão Cavalo e Grande Campeão da Raça em São Paulo (Água Branca e Água Funda).

*Grande Campeão da Raça em Presidente Prudente, Bauru, Uberaba, Uberlândia, Ribeirão Preto e Ourinhos.

TRIPLE CHICK

AQHA-P. 72.953

SPORTINGS TINGER

J.C. 677.929

TOP CHICK

HELEN TIGER

TOP ETTA

T. 52.197

MIMODOKA HELEN

T. 93.179

Venda de produtos da raça Appaloosa

Adquira produtos e cobertura de Mill Ridge (raça Quarto de Milha)



Prop.: Nicolau Pinfildi Neto
Fazenda Serrinha - Bofete - SP. - Tel.: (011) 869.4500

COMANCHE CHICK N.P.

AP. 710 • Nasc.: 22/10/81

* *Res. Grande Campeão "EMAPA" – Avaré - 85.*

* *1.º Prêmio na categoria e Res. Campeão Cavalo – Ourinhos - 86.*



TOP CHICK

TIGER CHICK

HELEN TIGER

TINKY'S BOBBIE

JAX PEACHIE POO

BUNNY BLY

VENDAS DE COBERTURAS



**Haras
Boa Esperança**



Proprietários: Joaquim Amaral Amado de Barros e
Osvaldo Amaral Amado de Barros
Rua Vitória Régia, 171 – Botucatu – SP.
Tel.: (0149) 22 3079 Residência – 22.2191 Fazenda



Mr. Charles Grandstander

Nasc.: 01/01/84 • AP 1568

Pai:
MR. ROMAN GRANDSTANDER
* Produtor de Campeões.
* Filho de Roman Straw Man

Mãe:
PRINCESS CO CO
* 14 Campeonatos.
* Grande Campeã da Raça
no I Campeonato Nacional
de Conformação – 1985.



MF

FRANCISCO MANOEL FERNANDES

Fazenda Borborema – São Manoel – SP
Rod. Marechal Rondon, Km 280 – Tel.: (0149) 41-2308
Av. Lopes de Azevedo, 447 – Tel.: (011) 211.0070 – CEP: 05603 – São Paulo – SP

MILKMAN' SPONDER

"Campeão cavalo e
Grande Campeão da Raça"



Apl. 2001 • Nasc.: 12/03/83

Pat:
THE MILKMAN
220034

PRINCE EDWARD

176558

TIM DEE'S PEBBLES

134411

Mãe:

PONDEROSA'S FAWNEY

35582

PONDEROSA

14325

KAY SNOW FLAKE

21892

TONY PERSONE

Tel.: (0152) 82.2238
82.1221

TIETÊ - SP.

JEDI JET

É NOSSO!

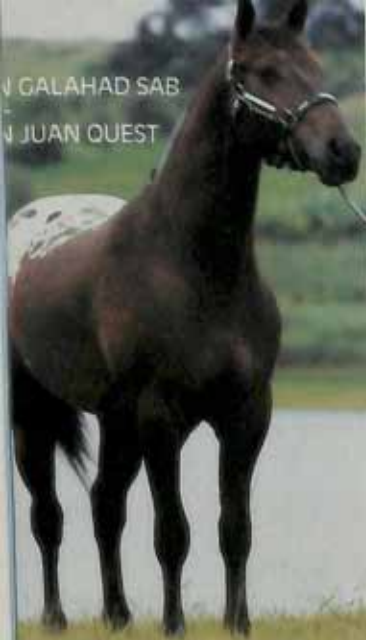


CHEGA AO BRASIL O 1º DO RANKING AMERICANO
APPALOOSA

MEDALHA DE OURO 1985

Informações: TONY PERSONE
Tel.: 0152 - 82.2238
82.1221

N GALAHAD SAB
N JUAN QUEST



AS - SENHOR DO BONFIM

**O HARAS BRUMADO
DA GARANTIA DE
COR EM PRODUTOS
DE DON JUAN QUEST
COM ÉGUAS DE
QUALQUER TIPO*
OU RAÇA.**

OBS: * EXCETO EM ÉGUAS
TORDILHAS E PAMPAS
CONFORME DETERMINAÇÃO
DA ABCCAP.

HARMONY
AI
ON JUAN QUEST



2AS - SENHOR DO BONFIM

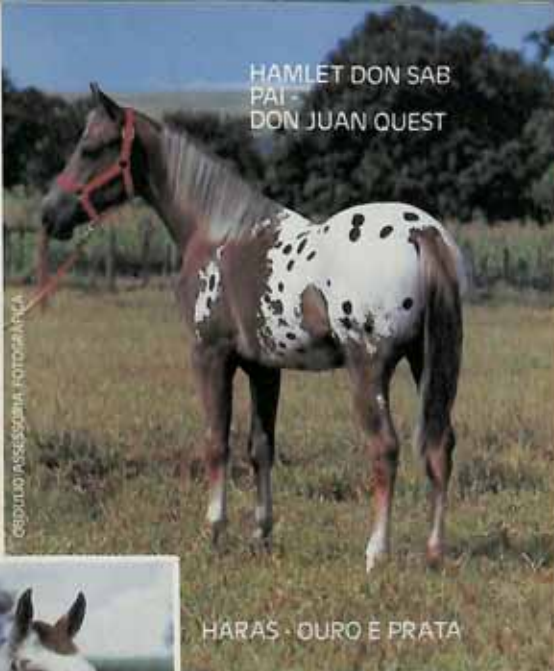
HARAS BRUMADO

OFERECE

GARANTIA DE COR E QUALIDADE

OSIDUO ASSIS/AGNIA FOTOGRAFIA

HAMLET DON SAB
PAI -
DON JUAN QUEST



HARAS - OURO E PRATA



COBERTURA

Cz\$ 15.000,00

**MEDIANTE CONTRATO
DE DEVOLUÇÃO
CASO O PRODUTO
NASCIDO NÃO
APRESENTE AS
CARACTERÍSTICAS
DA RAÇA**

EXAMES SOLICITADOS
SWAB
ANEMIA INFECCIOSA
DIÁRIAS COM TRATO
CZ\$ 30,00 DIA

"DON JUAN QUEST"

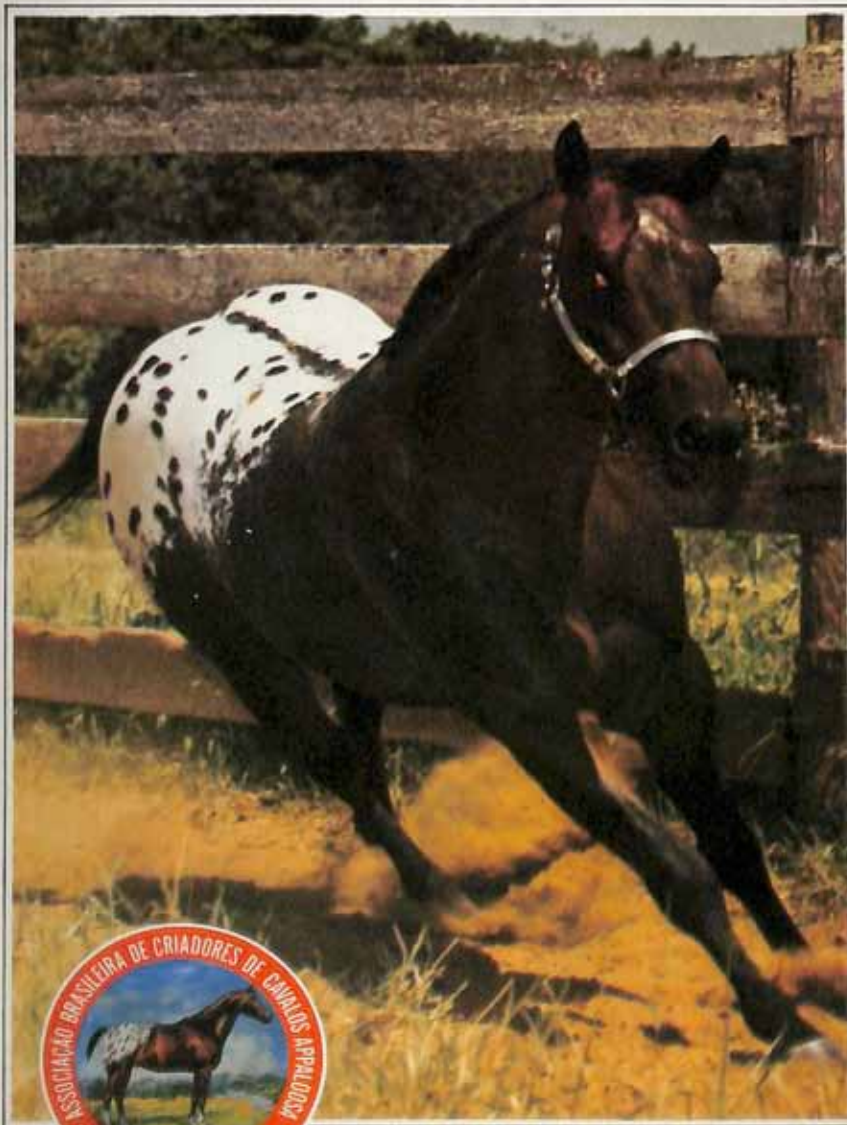
PINTA REALMENTE SEUS PRODUTOS

APPALOOSA POI

HARAS BRUMADO

MOGI-MIRIM (S.P.) - KM 52,5 - ESTRADA MOGI-MIRIM - ITAPIRA
PROPRIETÁRIO - ANTONIO LUIZ TEIXEIRA DE BARROS JR.
TEL : (011) 542-7422

Appaloosa: o cavalo do índio que todo mocinho sempre quis ter.



Lembra-se do fiel cavalo marrom que John Wayne montava em seus famosos westerns ou do inseparável garanhão branco do Zorro, nos seriados das matinês de domingo e das histórias em quadrinhos? Na verdade, eles não eram exatamente os cavalos sonhados desses mocinhos. Eles eram mesmo vidrados nos cavalos malhados dos índios comanches, apaches, sioux, aqueles que, em Hollywood ou na vida real, eram impossíveis de serem perseguidos.

Esses cavalos - os Appaloosa - sempre foram os grandes aliados dos índios e não havia John Wayne que conseguisse alcançá-los. Sabe por quê? Porque os Appaloosa são velozes, ágeis e versáteis. Mais do que isso, são espertos. Certa vez, o Exército americano ficou tão irritado com as escapadas dos índios - com seus Appaloosa - que quase dizimou a raça toda.

Mais sensíveis, os mocinhos sabiam também que os Appaloosa eram sensíveis, amáveis, permitiam-se montar em pelo, demonstrando a mais perfeita integração homem-cavalo, o que nas demais raças é raro de acontecer.

Hoje, qualquer brasileiro pode experimentar as emoções dos índios e não ficar com inveja de John Wayne ou do Zorro: os Appaloosa estão aqui, entre nós, docéis com as crianças, perfeitos para quem quer começar a cavalgar. E com as mesmas características que há 20.000 anos os diferenciam dos seus irmãos: pelagem marcada por pintas redondas e ovais, despigmentação especial nos olhos, narinas e outras regiões do corpo, além da membrana branca circundando o olho, igual à dos seres humanos. Sempre pronto para uma corrida, esbelto e - é exatamente isso - muito esperto.

A Associação de Criadores de Cavalos Appaloosa vem organizando leilões, corridas, exposições hípias e outros eventos, tudo para incentivar ainda mais a raça entre nós. Agora é a sua vez: entre nessa do Appaloosa. Traga para seu lado o cavalo do índio que todo mocinho sempre quis ter.

**Appaloosa.
O cavalo esperto.**

**ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA
DE CRIADORES DE CAVALOS
APPALOOSA**
AV. FRANCISCO MATARAZZO, 455
TEL.: (011) 262.9479

NOME _____
ENDEREÇO _____ Nº _____
BAIRRO _____
CIDADE _____ ESTADO _____ CEP _____

No 1.º Quarter Horse

O LEILÃO QUE

Animais Qua

40 animais — total de

Média geral Cz\$



04
05
87

II

L
e
i
l
ã
o

U
b
e
r
a
b
a

MG



CIA. AGRÍCOLA LUIZ ZILLO E SOBRINHOS

Fazenda Santo Antonio do Rio Claro
Lençóis Paulista — SP • Fone: (0142) 63.0903 • Rod. SP 255 Km 291



Appaloosa Classic

VEIO PARA FICAR

orto de Milha

venda Cz\$ 10.080.000,00

252.000,00



04
05
87

II

L
e
i
l
ã
o
U
b
e
r
a
b
a

MG



IMAVEN – Imóveis Administração e Vendas Ltda

Km. 249,5 Via Raposo Tavares • Paranapanema-SP • Tel.: (0147) 58.1291

VENDIDA POR CZ\$ 2.020.000,00

**É
campolina.
É o recorde
sul-americano.**



O cavalo Campolina mostrou mais uma vez a sua força.

Com "Índia do Angelim" ficou o recorde sul-americano de venda entre as raças brasileiras no Leilão de Ouro da 6ª Semana Nacional do Cavalo Campolina, em Belo Horizonte.

— É assim que se faz um evento de sucesso: 40 cavalos vendidos em leilão, somando Cz\$9 milhões, 50 vendidos na Feira de Animais num total de Cz\$6 milhões. E mais: shows, barraquinhas e muita festa para 50 mil pessoas.

"Índia do Angelim", primeiro recorde sul-americano Preço: Cz\$2.020.000,00

Vendida por Alfredo Manoel Fernandes-BA.

Adquirida por José Azevedo — PA.

"Invasão de Santarém", segundo recorde sul-americano

Preço: Cz\$1.233.000,00

Vendida por Heitor Lambertucci — MG.

Adquirida por Waldemir Paes Garcia — RJ.



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS
CRIADORES DO CAVALO CAMPOLINA



HARAS STO. AGOSTINHO

CAVALOS CAMPOLINA



Foto: Alberto S. Coimbra

JAGUAR DO SANS SOUCI

Narciso do Angelim

Caprichosa de Sans Souci

- CAMPEÃO POTRO EXPO RIO CENTRO - 84.
- CAMPEÃO POTRO E GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA EM BARBACENA - 84.
- CAMPEÃO JUNIOR E GRANDE CAMPEÃO DA RAÇA EM BARBACENA - 85.
- CAMPEÃO JUNIOR E RESERVADO CAMPEÃO DA RAÇA EM CORDEIRO - 85.
- CAMPEÃO NACIONAL JOVEM DA RAÇA NA V SEMANA DO CAVALO CAMPOLINA EM BELO HORIZONTE - 85.
- GRANDE CAMPEÃO CAVALO DA EXPO INTERNACIONAL DO RIO CENTRO 85
- TRI CAMPEÃO TROFÉU GASTÃO RESENDE — BARBACENA 86.
- 97,0 PONTOS. — O CAVALO MAIS PONTUADO NA RAÇA.
- VENDAS DE COBERTURA PARA 1986

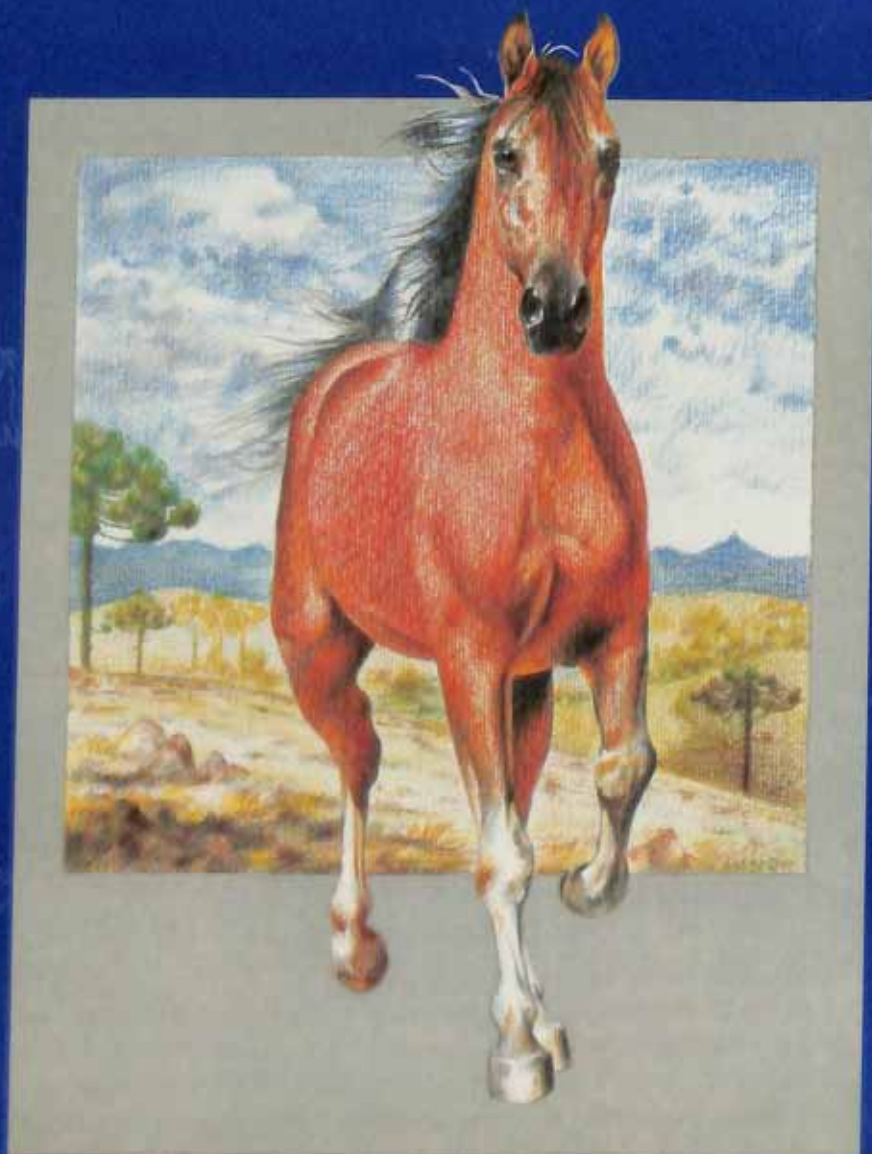


HARAS STO. AGOSTINHO

Estrada da Ponte Lavrada, 113 - Tel. Escritório (011) 212.5522 - São Roque - São Paulo

I SEMANA DO CAVALO ÁRABE EM CAMPOS DO JORDÃO

DE 23 A 27 DE JULHO DE 86



LEILÃO DE PUROS E MESTIÇOS
26 de julho (sábado) - 15 hs.

12 PARCELAS SEM JUROS
Apreensão pelo valor da parcela

HOTEL VILA INGLESA



ESCRITÓRIO RUDAI DE LAMARE
Exercitadoria, Camargos e Unidos de Armas

Sexta-Feira - 25/07 - julgamento puros e mestiços,
Sábado - 26/07 - julgamento puros e provas de
performance,
Domingo - 27/07 - provas de hipismo.

**PARQUE DE EXPOSIÇÕES
RÔMEU MONTORO**

ABCCA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DO CAVALO ÁRABE
Av. Francisco Matarazzo, 455 - Tel.: (011) 263-1744

6º LEILÃO DE GADO DA RAÇA PITANGUEIRAS

FAZENDA TRÊS BARRAS
PITANGUEIRAS SP

16 AGOSTO - SÁBADO - 10h



35 TOUROS

140 NOVILHAS PRENHAS

Gado dos Trópicos: Carne e Leite

Agro-Pecuária CFM Ltda

Grupo SA Frigorífico Anglo



TEM
QUE DAR
CERTO!

1986 - Ano Internacional da Paz



Rua Melo Palheta, 201
CEP 08000 - São Paulo - SP
Tel: (011) 872-1722
Telex: 1122216 RMTS-BR

FAZENDA DO CERVO

Prefixo HUENTALA - sinônimo de qualidade

NOSSOS PRODUTOS, PROVÉM DE UMA SELEÇÃO DE TOUROS E MATRIZES DE ELEVADA QUALIDADE E DESTAQUE NO ÂMBITO NACIONAL E INTERNACIONAL.

NA FAZENDA DO CERVO, ONDE O OBJETIVO PRINCIPAL É O APRIMORAMENTO DA RAÇA, POR MEIO DE SISTEMAS EFICIENTES DE SELEÇÃO E CONTROLE DE PEDIGREE, ENCONTRAM-SE DESCENDENTES DE:

- SURVILLE JESTER PRUDENT (RENAN DE SÃO PEDRO).
- FOREST MIDNIHG (MIDNIHT COWBOY DE MARI-VERO).
- ELLERDINE KNIGHT'S BARON (ITACAI FUMAÇA).
- MILESTONES GENERATOR (DONA SIRLEY GENERATOR e BEDUINO DA HUENTALA).
- ANSOR VALOR (LUCRECIA DE SAICAN e SATÃ DA HUENTALAO).

E OUTROS TANTOS DE DESTAQUE NO MUNDO DO JERSEY. VISITE-NOS!



FAZENDA DO CERVO
EDGARDO HECTOR PEREZ

Km 94 — Rod. Pouso Alegre/Alfenas — Pouso Alegre — Minas Gerais
Fones: 228-8366 / 228-8412 — SP.

**Conquista na V Exposição Nacional
de Gado Jersey - S. Paulo - 86
o grande campeonato de fêmeas**



**Grande Campeã da
Raça S. Paulo - 86**

PENELOPE TITLE DO BUTIÁ
Insc. 16615-C

Pai: JFD - TITLE - ACGJ - 4257 - B-LA

Mãe: CLAUDETE COMETA DO
BUTIÁ - 12533 C

1.º Prêmio Vaca Adulta
Campeã Vaca Adulta
e Grande Campeã

Venda permanente de matrizes



FORTUNA DA REVESSA
Reg. 20257 - C

Pai: GABRIEL DE RECREIO —
Reg. 5065 - B

Mãe: RIQUEZA MAJOR DE
MAFAGAFOS - Reg. 17722 - C
M. Honrosa

Novilha menor 18 a 21 meses

CLEOPATA TITLE SARGENT PLUS DA REVESSA
Reg. 20258 - C

Pai: SARGENT PLUS — Reg. 4977 - B
Mãe: PENELOPE TITLE DO BUTIÁ - Reg. 16615 - C



PREMIUS ZEBRE DAIRYLIKE DESIGNER DA REVESSA
Reg. 5908 - B

Pai: RISONHO MUÇUM DE SÃO FRANCISCO —
Reg. 5099 - B

Mãe: HELENA ANITA ZEBER DO RIO NOVO —
Reg. 16708 - C

3.º lugar na Categoria —
5.º Exposição Bezerro — categoria 12 a 14 meses
Água Funda — São Paulo

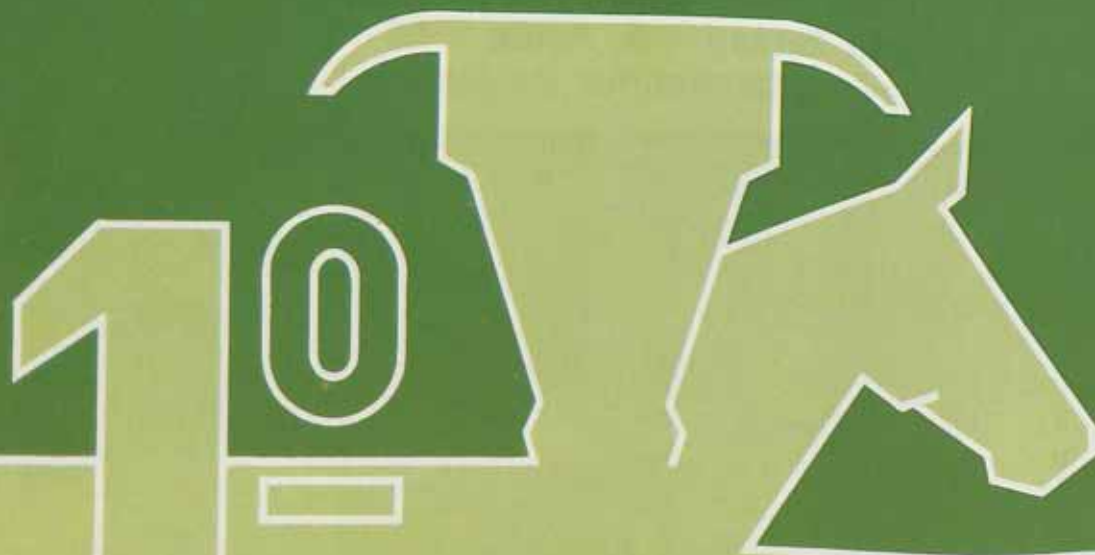
Sítio da Reversa

ELDORADO PAULISTA — SP

CRÍADOR: José Alves Cruvinel Junior

End. p/ correspondência: Rua Galeazzo Alessi, 60 — apto. 152

Tel.: (011) 579-7014 — São Paulo — SP



LEILÃO DA LIMOEIRO

22/08/86 - Equinos - 60 lotes

20 Mangalarga

20 Mangalarga Marchador

15 Quarto de Milha

5 Appaloosa

Horário: 19:30 hs.

23/08/86 - Nelore de Elite -
80 lotes

40 Machos PO e POI

40 Fêmeas PO e POI

Horário: 19:30 hs.



HOI'S
QUATRO RODAS
SALVADOR-BA

ORGANIZAÇÃO



(034) 333-6255

Dia: 30/08/86 - 12:30 Horas - 1.º Nelocampo da Limoeiro.

Local: Fazenda Mato da Onça - Município de Castro Alves - BA.

200 Animais prontos para servir - 100 lotes.

Mangalarga

Alô Amigos



Mesmo durante a Copa, quando as atenções do mundo todo (em especial o brasileiro) estiveram voltadas para o México, a raça Mangalarga continuou a sua vitoriosa trajetória de empolgações, surpreendendo a si própria com transações verdadeiramente espetaculares. Vejam por exemplo o remate sensacional de um excelente reprodutor, por alguns criadores, cuja soma quase atinge o preço de uma propriedade rural, bem situada com terras de alta fertilidade. Será que esse fato se constituiu exagero? Será que o dinheiro anda tão fácil assim?

Acredito, nem uma coisa nem outra. O notável ganhão deverá fatalmente produzir outros tantos e tantas descendentes. A raça se enriquecerá ainda mais e mais. Isso é fomento verdadeiro, puro, absoluto. O retorno ao grupo comprador virá, naturalmente. Com tranquilidade, numa marcha bonita, cadenciada, própria do Mangalarga, diga-se. Os investimentos no cavalo Mangalarga já demonstraram e provaram por inúmeras vezes que são dos melhores, mesmo antes do bendito Cruzado, com a diferença que eles continuam rendendo, rendendo, rendendo...

Viva o nosso Mangalarga!

L. Noronha



ORPHEU JOSÉ DA COSTA - Está consolidada a Esteio natural da nossa

Quando conheci o agitado e pretenso criador Orpheu José da Costa na Fazenda Sta. Amélia, do nosso querido e eterno líder José Oswaldo Junqueira, jamais poderia supor que ele um dia, nesse pequeno espaço de tempo tornar-se-ia o afamado nome que hoje possui e tornou-se dono de uma das melhores tropas do País, conhecida e decantada por todos que apreciam o cavalo (sem distinção de raça). Duvidei que Orpheu atingis-

se o estrelato pois ao longo dos anos que frequentei o meio, vi muitos tentarem alcançar esta glória tão almejada, porém com pouco sucesso. Alguns a alcançaram mercê de muito trabalho, muito amor, entretanto com tempo mais alongado, talvez por circunstâncias várias, que desconheço.

Era agosto de 1976 — Orpheu estava animado, depois daquela expe-

riência com o cavalo adquirido de uma japonesa (essa história todos já a conhecem).

Queria, agora, partir para o mundo maior do Mangalarga. Desejava ser logo no início o criador com C maiúsculo, queria pertencer ao primeiro escalão dos nossos "craques", criadores de tradições cincoentenárias. Eis aí, nesse pequeno relato, a razão, creio muito justa da minha



LEGUISAMO MANGALARGA, o principal reprodutor (absolutamente provado) do Haras Império

10 anos de criação e seleção famosa marca O.J.C. fantástica Raça Mangalarga

discrença, porquanto sabia perfeitamente o quão espinhoso era esse caminho a ser percorrido.

Comecei a conhecê-lo melhor. Cronometrei sua vontade e o seu enorme entusiasmo. "Os ponteiros" do relógio quase saltam para fora — Orpheu era um predestinado, Orpheu ia vencer (e bem) sim, Orpheu seria um dos maiores e melhores criadores do País. Estava escrito e o destino selou o fato. — Hoje quem não conhece a marca O.J.C.? Quem nunca ouviu falar no Haras Império lá perto de Itu, considerado por nós (com orgulho de brasileiros) e atestado por estrangeiros, como sendo um dos mais belos e funcionais do mundo? Gente amiga, querida do seio Mangalarguista, discorrer sobre os feitos de Orpheu seria necessário



GALILEU, por Cocar J.O. e Baucide O.J.C.



GALAXIA, por Cocar J.O. e Delta J.B.
Campeã égua Nacional 1986

que se ocupassem muitas e muitas laudas e teríamos, paralelo ao fato tomar maior tempo dos meus leitores, embora todos sejam amigos e admiradores do hoje célebre criador.

Tentarei uma sinópse, uma colcha de retalhos para rememorar para vocês o que Orpheu realizou nestes 10 anos em benefício da nossa raça, mostrando o seu **Esquadrão de Ouro**, dando chance a **companheiros** (palavra preferida dele quando se refere a amigos e ajudando (e como!) a colocar o Mangalarga no pedestal mais alto possível, através uma abnegação nunca vista até então. O Mangalarga teve seu preço ajustado, passou a ser olhado com maior respeito e nestes particulares devemos-lhe quase tudo.



**IMPERADOR O.J.C., por Cocar J.O. e Façanha
Res. Campeão potro Nacional 1986**

Mas, vamos ao tudo ou quase tudo que o Orpheu fez, mesmo porque o homem não tem sossego. É incansável. Está sempre realizando, como agora por exemplo, quando está adquirindo razoável área de terra perto de seu Haras para receber futuramente fêmeas que para lá forem afim de acasalamentos com LEGUISAMO MANGALARGA, GRINO O.J.C., IMPERADOR O.J.C. e outros "bambas" que o Haras Império habitualmente faz.

Contarei o que ele fez antes que tente (e consiga) outras façanhas.

Bem, depois do cavalo preto da japoneza ou missei, como queiram, Orpheu comprou mais de uma dezena de matrizes — de Eurides Martins Mendonça. As primeiras comprou-as sozinho. Depois com a aquisição do competente Beni andou adquirindo outras e outras de João Barilari, principalmente. Por sugestão



O criador O. J. C. defronte sua indústria de embalagens uma das maiores da América Latina.

de José Oswaldo trouxe para o seu Império lá de São Sebastião da Gramma o grande raçador Tibério J.M. que infelizmente não durou muito. Mesmo assim Orpheu conseguiu alguns filhos e filhas dele que até hoje estão fazendo sucesso. Uma filha sua, por exemplo, atingiu quase Cz\$ 800 mil num dos últimos leilões realizados no Palace. Com o desaparecimento de Tibério, Orpheu precisava de um outro sensacional reprodutor e seu desejo trouxe Cocar J.O.. Nestas alturas do "Campeonato" as melhores matrizes de José Oswaldo Junqueira já lhe haviam sido cedidas, — Touca, Dança, Visagem, Arapuã, Jaçanã, Pluma (todas J.O., evidentel) eram já propriedades do irrequieto criador vencedor. Em quatro anos muitos filhos foram tirados destas "misses" com o notabilíssimo filho de Gigante J.O. e irmão inteiro de Turbante J.O.. Veio outra fatalidade e Cocar foi-se para o outro lado da vida ou do mistério. Or-



GRINO O.J.C., por Cocar J.O. e Visagem J.O.

pheu, emotivo, humano, chorou, sentiu muito. Mas não desanimou. Pintou, bordou, cruzou, comprou, orfetou, leiloou (e cada leilão, minha gente!) Hoje, aí está seu consagrado plantel — Majestoso, imponente, quase invencível. Uma prova, na última Nacional a marca O.J.C. com apenas 3 animais conquistou o maior número de pontos (149) sagrando-se Campeão do Certame absolutamente tranquilo.

ISTO É ORPHEU seria um bom título para um livro que alguém que entendesse e conhecesse bem o Orpheu se dispusesse a escrever.

Tenho a certeza, essa obra extensa e recheada das mais sensacionais proezas do grande criador, de quem nós que vivemos quase que em função do Mangalarga, temos orgulho de tê-lo como nosso "Companheiro" como nosso lúdimo "criador-cabeceira" em nossas hostes.

E.T. — Orpheu adquiriu plantel fechado de produtos árabes de conhecido criador daquela raça — Um

ano após Orpheu o vendeu em leilão (03 de março inesquecível, quando trouxe para a Água Branca a réplica de seu homérico, de seu deslumbrante Haras Império) por preço altíssimo, dez vezes mais, dizem. Somente um reprodutor árabe o fa-

moso I.B.N. Bandos, Orpheu trocou-o por 61 produtos Mangalarga de conhecido criador paranaense. Depois... Bem vamos parar por aqui. Quem sabe alguém se dispõe a escrever. Isto é Orpheu e nós nos deliciaremos bastante com o fato.



Novamente Orpheu atendendo talvez a um cliente (de cavalos ou embalagens?)



2.º LEILÃO ESTRELAS DO MANGALARGA

15 DE AGOSTO/86 - 20 H
MAKSOD PLAZA - SP



Jaffer Felicio Jorge



João Carlos Matta



Paulo e Nelson Toscani

e convidados

Eis algumas estrelas que brilharão nessa noite:

- * IRONIA DO JEK (Curió JO x Foguinha RN) — Campeã Nacional — Prenhez positiva de Turbante JO.
- * FLORIDA DE JACI (Gaúcho de Jaci x Galvota) — Campeã Nacional — Prenhez positiva de Turbante JO.
- * LETRA JO (Ardente JO x Dobrada JO) — Várias vezes premiada.
- * BUGRA DA MATTA (Turbante JO x Nhandu JO) — Irmã própria de Bugrinha JO.
- * ALTEZA PN (Cocar JO x Jarra AJ) — Campeã Potra várias vezes. Prenhez positiva de ATLAS RN.
- * TAÇA DAS TRÊS FRONTEIRAS (Garboso RS x Gostosa) — Várias vezes Campeã Potra.

Desta vez serão 10 éguas prenhes de Turbante JO mais 10 filhos e filhas — alguns já campeões — que desfilarão no Maksoud.

Reservas de lugar:



PROGRAMA
COMERCIALIZAÇÃO DE ANIMAIS LTDA
(011) 262.8377



MAKSOD PLAZA
SÃO PAULO



Prop.:

Elcio José Sanches

Fones:

Haras: (0152) 91-1008
(Sorocaba)

São Paulo: (011) 872-1619

CIJAN MJ

CHARMOSO J.O

CINDERELA R.N

Nasc. 27/10/84



Animal em condomínio com: Haras Flaps — Haras Triunfo —
Haras Pedroso.



DONÉTICA D' OURO

CAPACETE J.O.

IRARA STA. ERNESTINA



TÂMARA O.F.

DIPLOMATA P.C.

DIANA LU

Mangalarga...ndo brasa

NOVA DIRETORIA DA ABCCRM

Eis como ficou constituída a nova Diretoria da A.B.C.C.R.M., denominada "Chapa Nova Mangalarga".

Presidente



Clodoaldo Antonangelo

Vice-presidentes

Ivan Antonio Aídar
Renato Diniz Junqueira

Secretários

Gilberto Pereira Barreto
Elio Sacco
William Carlos Giglio Mira

Tesoureiros

José Fernando da Costa
Boucinnas
Antonio Luiz Pires de Camargo
Joaquim Gilberto Caltabiano

Diretor Técnico

Geraldo Santos Castro Filho

Diretor de Fomento

Luiz Eduardo Batalha

Diretor de Comunicações

José Barreira Netto

Conselho Fiscal

Nelson Luciano Rivabem
Arnaldo Almeida Prado Filho
Wilson Roberto Codogno

Suplentes

Manoel Correa de Souza Netto
José Francisco Bento Homem de Mello
Carlos Olympio Lessa da Fonseca

Conselho Deliberativo

Fausto Simões
Gabriel Francisco Junqueira de Andrade
Luiz Antonio do Amaral Jorge
Francisco Marcolino Diniz Junqueira
Attilio D'Angieri Neto
Marcelo Leite Vasco de Toledo
Carlos do Amaral Cintra

Conselho Superior de Administração

Nelson Franco Spielmann
Orpheu José da Costa
Gustavo Abel de Lemos Vieira
Jaffer Felício Jorge
Adáldio José de Castilho

• Vários ótimos leilões estão sendo anunciados, ainda, para o decorrer do ano em vigor.



João Carlos Matta

• Estrelas do Mangalarga, que reúne três grandes criadores como Paulo Toscani, Jaffer Felício Jorge e João Carlos Matta. Agosto, 15, Mack'soud, São Paulo, vai-se repetir o estrondoso sucesso do ano passado, não tenham a menor dúvida.



José Francisco B.
Homem de Mello, Dr.

• Arco-Iris, que conta com os prestígios de Homem de Mello, Kujawski, Celso S. Mello e outros. 3 de novembro será o esperado acontecimento. Ambos os remates têm a organização segura e vencedora da PROGRAMA cuja direção tem a inteligência de Paulo Pimentel.

• Giannandrea Matarazzo, meu amigo de muitos anos e notável criador-selecionador de gado Chianina (italiano) está com idéias (seríssimas) de criar Mangalarga.

• Estou torcendo muito para que tal fato se concretize, pois Giannandrea tem muito gosto e sempre manteve enorme simpatia pela nossa insuperável raça.

Fazenda Piratininga **HARAS ARCO VERDE**

PRÊMIO "HOMEM DO ANO"
na Equinocultura do Mangalarga, conferido pelo I.B.D.E.
ao sr. **ARIEL CARDOSO GAIOLLI**,
entregue durante coquetel no Congresso Nacional, dia 27 de junho de 1986,
pelo Exmo. Sr. José Sarney, Presidente da República.



Entrada Haras Arco Verde



PROPRIETÁRIO: **ARIEL CARDOSO GAIOLLI**
RODOVIA PRESIDENTE DUTRA - KM 212 - GUARULHOS - SP - TELS. (011) 912-7168 e 285-4611

Mangalarga...ndo brasa

• Dr. Paulo Eduardo Piccin tem em mira algumas "feras" para comprar e juntarem-se à Gaya O.J.C. e Mirna B.P. na formação de sua (vai ser sim, estou apostando) magistral tropa.

• Piccin vai longe, longe, longe... Quem viver, verá!

• Viajando pela Europa, meu querido amigo e criador de nomeada, Roberto Prado Kujawski e sra. Bom passeio, amigo.

• Como se previa, a Exposição Nacional de Mangalarga, realizada em Maio findo no Parque da Água Funda constituiu-se em êxito sem precedentes.

• Os melhores animais do País estiveram concorrendo, apresentando-se nas melhores de suas formas. Foi um Show de raça, de pujança, de beleza. Agradou inteiramente o certame que foi julgado e muito bem pelo Dr. Eduardo B. Marchi, Carlos A. Cintra e Attilio D'Angieri Netto.

• O Campeão Fandango R.A.A. foi bastante elogiado por sua apresentação impecável. Ricardinho Alonso está de parabéns, pois o filho de Pagode J.O. agora selou definitivamente sua condição de craque e deverá (já está sendo, segundo me informaram) futuramente ser um reprodutor de altíssima qualidade.

• Vou descansar um pouco, viajando com a família. Na minha volta vou visitar Ricardo Alonso, ver Fandango e Cia., se Deus quiser. O convite me foi feito, e publicamente acuso, agradeço e vou conferir tudo com muita alegria.

• Carrera J.P.S. (Turbante J.O. e Alfa do Paraíso) do meu amigo José Pedro Gonçalves, foi a campeã e ouvi de José Oswaldo Junqueira o seguinte elogio que considero, tão dignificante quanto sua vibrante vitória: "Carrera é tão bonita, que se lhe fossem dados 100 pontos de registro,

acredito que ela os mereceria plenamente!" É uma fêmea que tanto em dinâmica como estática vale a pena ser vista, ser admirada.

• Os demais Campeões foram também notáveis. Não os menciono porquanto uma vez mais quero salientar que esta secção é mais social e menos informativa. Citei Fandango e Carrera pelo fato de serem os campeões das categorias mais elevadas (em idade) que encabeçam as demais, e deverão servir de estímulo àqueles que me prestigiam com suas leituras e têm vontade de pertencer ao nosso invejável ambiente. Nada mais que isso. Acho que me compreenderão. Viva! Viva sim pois todos vocês que participaram sempre participaram dos eventos mangalarguistas. A raça cresce bastante sim e 50% do seu sucesso devem-se a vocês que nunca deixam a "peteca" cair, sempre empurrando-a em direção a outras grandes vitórias.



Os três juizes da Nacional: Cintra, Marchi e Tióca.



Ricardinho Alonso e seu "Campioníssimo" Fandango RAA



Zé Pedro, Célio e Renato



A magnífica Carrera J.P.S., 98 pontos de registro e Grande Campeã Nacional

Fazenda Piratininga **HARAS ARCO VERDE**



Sede Fazenda Piratininga – Haras Arco Verde



PROPRIETÁRIO: **ARIEL CARDOSO GAIOLLI**
RODOVIA PRESIDENTE DUTRA - KM 212 - GUARULHOS - SP - TELS. (011) 912-7168 e 285-4611

Mangalarga... ndo brasa

NOTÍCIA

Durante a Exposição Nacional em São Paulo no recinto de Exposição Dr. Sálvio de Almeida Prado, foi realizado também o 8.º Mangalargão, tradicional remate Mangalarga, que tem as assinaturas famosas de seus principais articuladores, tais como: Roberto

D. Junqueira, Espólio Oswaldo R. Junqueira, Heraclito da Motta Luiz e Mario Alcino Parisi.

Eis o resumo geral do sensacional acontecimento, numa noite de gala da raça, com magistrais produtos apresentados.

Total de vendas de potras	Cz\$ 4.620.000,00
Total de vendas de potros	Cz\$ 1.350.000,00
Total de vendas de éguas	Cz\$ 2.615.000,00
Total de vendas de cavalos	Cz\$ 180.000,00
Total geral do leilão	Cz\$ 8.765.000,00

Média de potras — 18 lotes =	Cz\$ 256.666,66
Média de potros — 22 lotes =	Cz\$ 61.363,63
Média de éguas — 06 lotes =	Cz\$ 435.833,33
Média de cavalos — 01 lote =	Cz\$ 180.000,00
Média geral do leilão, 47 lotes =	Cz\$ 186.489,36



Parte da assistência que presenciou o julgamento



Grupo do Leilão famoso que é o Estrelas do Mangalarga, Macksoud, 15 de agosto

• Quando vocês estiverem lendo estas "mal traçadas"... será que a nossa seleção estará ainda no páreo para o Campeonato Mundial de Futebol, ou será que já não estará de posse do "caneco"?



Paulo Roberto Falcão

• Eu, cá comigo, acredito firmemente que sim — Seremos Campeões se Deus quiser e Ele vai querer também, porque é tão brasileiro como todos nós — dizem...

• Muita gente amiga na Exposição Majestosa, a nossa Na-

cional de Mangalarga. Daqui, quase que a totalidade. Os Junqueiras, em peso. Criadores novos, tradicionais, iniciantes e alguns distantes da gente e que também deram o ar de suas graças como por exemplo:

• Roberto Gusmão, agora candidato ao Senado, depois de emprestar sua inteligência em alguns cargos de maior destaque do governo paulista e federal.

• Paulo Sergio Portugal



Lupercio Costa, Dr.

Graciano, o sempre simpático dono do afamado Garimpo do JEK e atual presidente do Instituto Brasileiro do Café.

• Lupercio Costa (Londrina - PR) e D. Terezinha, ele totalmente recuperado de problemas de saúde que o abalará ultimamente (Graças a Deus, está de novo, novo). Dra. Terezinha por sua vez, sempre vendendo e irradiando simpatia.

• Gosto muito do nosso casal "T.L.". E quem não gosta?

• Nelson N. Frota, concorreu, foi bem, muito bem mesmo — Magnum está em excelente forma. Todo mundo viu, observou e gostou. Nota 10 para a marca 2N de Pedreiras, Maranhão.

• Os baianos em grande número: Fred Edelweiss, Beto Falcão, Edgar, Tom Zé, Dr. Teixeira e outros e muitos outros. Eles são todos baluartes. Onde há um "cheirinho" de Mangalarga pode contar: tem sempre um baiano entusiasmado por pertencê-la. Maravilha, co-

Fazenda Piratininga

HARAS ARCO VERDE



Vista parcial das 36 baias



Vista parcial dos piquetes



PROPRIETÁRIO: **ARIEL CARDOSO GAIOLLI**

RODOVIA PRESIDENTE DUTRA - KM 212 - GUARULHOS - SP - TELS. (011) 912-7168 e 285-4611

Mangalarga... ndo brasa



Trigueiro J.O. (Por Turhante J.O. e Trigueira) ex Homem de Mello pertencendo agora ao Haras Sta. Cecilia, de Pindamonhangaba do famoso craque, ex Santos, ex seleção, José Ely de Miranda (Zito).



Luiz Eduardo Batalha (Dr.)

mo bem diz o meu, o nosso querido Luiz Eduardo Batalha (uma das melhores aquisições da raça dos últimos tempos). Seu "passo" é alto, muito alto! Não tem negócio, Batalha é o nosso "Maradona".

• A nova diretoria (vide notícia noutro local) preside pelo Dr. Clodoaldo Antonangelo (Tatinho) começou a trabalhar antes mesmo de ser empessada.

• É um "timaço" digno de Copa do Mundo, com o título máximo, com louvor.

• Taliton Alves, um garotinho maravilhoso, repleto de saúde, é o mais jovem, o mais recente sócio da ABCCRM. Taliton que é o filhinho do meu querido amigo Divino Alves (Haras Alô Brasil) e de D. Zilda Tedeschi Alves, chegou ao nosso mundo no dia 5 de junho. Nasceu no Hospital Maternidade Albert Einstein. Ao Divino e D. Zilda (sou portador autorizado e natural) todos desejamos felicidades ao Talito (o apelido desculpem-me, é meu) almejamos uma vida longa, feliz, igualzinha a de seus simpáticos pais.

• Falaram-me que Falado J.F. do amigão meu e de todo mundo que é Geraldo Junqueira de Andrade carinhosamente conhecido como Geraldinho Itobi está sensacional. Vou lá na S. José, visitar o Geraldinho, D. Dulce, o Bié, Zé Urbano, e claro, evidente,



Geraldo Junqueira de Andrade

ver o tão falado Falado J.F. de perto. Depois conto para vocês.

• Ariel C. Gaiolli, grande criador de Mangalarga (Haras Arco Verde) e produtos de alfafa (a melhor do País) está eufórico, porque comprou em sociedade com Marcelo Malzoni um extraordinário ca-

Fazenda Piratininga
HARAS ARCO VERDE



DAFNA MJ – Filha de Charmoso JO, prenha de Parâmetro JO



PROPRIETÁRIO: **ARIEL CARDOSO GAIOLLI**

RODOVIA PRESIDENTE DUTRA · KM 212 · GUARULHOS · SP · TELS. (011) 912-7168 e 285-4611

Mangalarga...ndo brasa

valo de saltos. Ariel está também naquele "ramo" e vai competir nos principais certames do Brasil, depois de assistir o Campeonato Mundial de Hipismo na Alemanha, em julho, próximo.



Marcelo Malzoni, Dr.

• Estive dia destes na Fazenda Haras Vista Alegre do inteligente criador que é o Marcelo Malzoni. Fiquei deveras impressionado com a organização da propriedade que tem cultivo de algodão, milho, alho, feijão e principalmente...

• Maravilha do JEK, Manoela A.J., Papeleta A.J., Aguardente, Estampa Mangalarga, Orquídea do JEK, Suely da Boa Vista, Tamara J.O., Alabama da Nata e outras tantas e tantas, cada uma melhor que a outra. Cada uma com filhas (só vi um macho, e lindo por sinal) fantásticas.

• Gente amiga, a tropa do Marcelo é linda, divina. Vá lá conferir. Será, sem dúvida um passeio que não esquecerão jamais.

• Dois grandes criadores, dois grandes amigos meus e de todos, fizeram aniversário. Dia 11 de junho, Abel Pinho Maia Sobrinho e Olímpio Garcia Netto. Ambos nasceram no mesmo dia, no mesmo ano e ambos são sensacionais. Ao Abel, ao Olímpio, meu abraço de irmão.

• Interessante a coincidência, não? Querem ver outra? Anotem.

• Em matéria de hospedagem ninguém nos bate. Vejam só: Dr. Oswaldo Penteado de Freitas é o dono do lindo Hotel Ermitage (Campinas). Ariel C. Gaiolli é o dono do Rádio Hotel (Serra Negra) e Luiz Eduardo Batalha é o dono do Hotel Estância Barra Bonita.

• Como vêm, estamos com tudo, em se tratando de hotelaria. E tem mais. Todos os três acima citados são mais "estrelados" que uma linda noite enluarada de verão.

• Ainda não confirmado. Scube que Roque Carlos Nogueira, o magnífico e famoso Mamão, já não mais pertence as fileiras do Haras Marjan-Tibagi de Olinto Marques de Paulo. Uma pena, pois eu pelo menos acreditava naquela união daria certo, certíssimo,

mas não deu. Vamos aguardar porém, que as notícias se confirmem.

• Atentem agora esta: Mamão desligado de Olinto deve ingressar, se já não ingressou, em outro afamado Haras, cuja sigla do criador possui três letras... famosas...

• Também esta precisa ser apurada para posterior confirmação.

• Para finalizar, voltemos à Copa do Mundo. Meu telefone tocou. Do outro lado, Guadalajara, México. Um grande amigo meu, super-eufórico: "Lalo nunca vi coisa tão emocionante em minha vida! O Brasil havia vencido a Espanha, 1 a 0".

• Quem falava? Só poderia ser quem vocês estão pensando: o criador o (brilhante), o empresário (vencedor) e o esportista (sampaolino doido como eu) Nelson Franco Spielmann...



Nelson F. Spielmann



• Marcelo Malzoni adquiriu 18 fêmeas muito boas em Iardópolis e Morro Agudo dos competentes criadores Dr. Celso Henrique Gaspar Gomes e José Luiz Junqueira Barros, respectivamente.

• Marcos Berli (Haras Panorama, Campinas) comprou de Oscar Jones, duas excepcionais matrizes R.N.

• José Oswaldo Junqueira foi agraciado como grande Criador do Ano. Mais um título honroso para o notável e famoso selecionador.

• 16 de junho marcou o natalício de um dos maiores

MARCHA TROTADA



criadores do País e artífice preponderante no crescimento da nossa querida raça. Estou cumprimentando Orpheu José da Costa.

• Alegria trouxe realmente muita alegria à minha família, em especial a meu filho Paulinho.

• Alegria foi presente (e que presente, senhores!) do afamado criador, marca não maior afamada, Corty, Carlos Oswaldo Rosa Lima.

• Leme R.S. (Dr. Hello Sacco) subindo, subindo... Foi Reservado Campeão Potro em Ourinhos. De fato está

uma jóia o filho de Reinado A.J.

• Durante a Nacional Nelson F. Spielmann e família ofereceram elegante coquetel e jantar frio (uma delícia!) a um grupo de criadores.

• Batalha, Ivan Aidar, Presidente Tatinho, Papu, Cabreira (conheci lá, gostei muito e logo falei dele pormenorizado) Homem de Mello, Elia Sacco eram alguns dos presentes, com suas esposas.

• Remião "super chic", gostosa. Eu, evidente também estive lá. Em festa de Ano desta vez o "Jaco" também foi.

Fazenda Piratininga **HARAS ARCO VERDE**



Produção de alfafa para pequenos, médios e grandes criadores



PROPRIETÁRIO: **ARIEL CARDOSO GAIOLLI**
RODOVIA PRESIDENTE DUTRA · KM 212 · GUARULHOS · SP · TELS. (011) 912-7168 e 285-4611

Mangalarga...ndo brasa



MEDALHA DA SÃO JOSÉ — Uma das matrizes do Haras Engenho.

A FALA DO CRIADOR



Nome: ELCIO JOSÉ SANCHEZ — **HARAS:** ENGENHO — **SOROCABA** - SP.
Por que escolheu o "MANGALARGA" PARA CRIAR?

— Principalmente por seu andamento, que é a característica principal da raça, e como outros fatores com a rusticidade e a fidelidade.

Como se iniciou na criação?
— Iniciou a criação através de um grande amigo e criador, Moisés da Conceição Amadori da conhecida marca 281.

Quais as suas principais matrizes?

— Depois de 15 que passou, descei as seguintes: Dalmata (Warré I.O.), Bê-

nética (Capacete I.O.), Medalha (Dinamo Mangalarga) e Fasina, uma das últimas filhas do grande genealogista SHEIK.

Quais as garantidores que tem usado?

— Tenho utilizado coberturas de Dardano O.J.C. e Ceará do Rancho. Pertencem ainda ao Condomínio CIJAM M.J. (Chernus I.O. e Clodreia J.N.) juntamente com os Haras Flaps, Pedrosa e Triunfo.

Cite três criadores que estão se destacando.

— Faço referência para citar os meus três companheiros de Condomínio: Adelson Pedrosa, Alcebades Moura e Flavio Pereira de Souza.

Três matrizes que gostaria de ver na sua tropa.

— Carrão J.P.S., Maravilha do J.F.R. e Chidana I.O.

Você participa de Leilões?

— Sim, até o momento tenho participado na condução de comprados, e considero o leilão como a forma mais adequada de comercialização dos meus animais. E para encerrar...

Para finalizar gostaria de falar sobre uma pessoa muito conhecida e querida em nosso meio Mangalarguista: trata-se do Dr. Eduardo B. Marchi, que através de seus conhecimentos e dedicação, muito tem contribuído para o desenvolvimento e difusão da nossa raça.



CIJAM M.J. - Grande promessa da raça que estará servindo a partir do 2.º semestre 1987.

**3.ª
EDIÇÃO**
Revisão e aumentada

MANGALARGA - E O CAVALO DE SELA BRASILEIRO

DR. FAUSTO SIMÕES



O cavalo e o homem.
O cavalo Mangalarga. Troncos formadores da raça. Aptidões do cavalo Mangalarga. Estado atual da seleção. O Mangalarga e o tipo universal do cavalo de sela. Índices ideais para o cavalo de sela. O que os árabes nos transmitem. Quanto ao padrão do Mangalarga. Sobre os aprumos. As taras. Dos andamentos. Defeitos mais frequentes na raça Mangalarga. Compensações de defeitos. Pelagens, manchas e particularidades. Associação Brasileira de Criadores de Cavalos da Raça Mangalarga. As raças formadoras do Mangalarga. Os núcleos atuais que mais influência mantêm sobre a raça. O Mangalarga, O Marchador Mineiro e as demais raças eqüinas nacionais. Avaliação dos eqüinos. O plantel da Fazenda Santa Virgínia e os métodos seletivos empregados. O que a hereditariedade nos ensina. Equitação simplificada. O cavalo de sela, essa máquina animal. Cuidados com a criação. A doma. Concurso e Provas Eqüestres (para o cavalo de trabalho). O novo padrão da raça Mangalarga. A remota influência de raças exóticas na formação do Mangalarga. A influência das reprodutoras na definição da raça Mangalarga. As provas funcionais para garanhões da A.B.C.C.R.M.. Seleção melhoradora. Bibliografia.

Volume encadernado e com sobrecapa a cores

A venda ou pedidos à

EDITORA DOS CRIADORES LTDA. — Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS DA RAÇA MANGALARGA
Av. Conde Francisco Matarazzo, 445 — São Paulo — SP
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES — Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo — SP
Livrarias da Capital e do Interior



QUARTO DE MILHA

"O cavalo
mais versátil
do mundo".

Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Quarto de Milha.

NOTÍCIAS
ABQM

Grande público acorreu às solenidades de lançamento do Centro Hípico do Oeste

No sábado, dia 24 de maio, grande número de criadores e turfistas acorreu ao quilômetro 86 da rodovia Castelo Branco para assistir e participar das solenidades de lançamento oficial do CENTRO HÍPICO DO OESTE.

O empreendimento, que é uma iniciativa da Sociedade Brasileira de Proprietários de Cavalos de Corrida, será o maior complexo hípico do país, contando em suas dependências com moderníssimo hipódromo, com pista de areia, reta de 800 metros e volta fechada de 1.500 metros; vila hípica com aproximadamente 1.400 cocheiras; campos de provas hípicas; posto de fomento; hospital veterinário; depósitos de rações e produtos veterinários; setor social recreativo, com piscinas, quadras de tênis e sede campestre; setor residencial privado; e inúmeros outros pontos de apoio às atividades hípicas e criacionais.

A cerimônia foi prestigiada pelo Prefeito Municipal de Sorocaba, Dr. Flávio Nelson da Costa Chaves e todo o seu secretariado, e exatamente às 11 horas, após a execução do hino nacional e os hasteamentos das bandeiras nacional, paulista e municipal, pelo excelentíssimo senhor Prefeito e pelos senhores João Demétrio Calfat Junior e Sergio Luiz Rodovalho Nogueira, respectivamente Presidentes da Sociedade Brasileira de Proprietários e da A.B.Q.M., foi então lançada a pedra fundamental. Na oportunidade fizeram uso da palavra o Presidente da Sociedade e o Prefeito Municipal, que em se-

guida descerraram uma placa comemorativa do evento, onde constavam os nomes de todos os sócios da Sociedade promotora do empreendimento.

Ao encerramento das solenidades foi servido variado coquetel aos presentes e um lauto churrasco, enquanto de imediato os interessados na iniciativa da Sociedade começaram a tomar os compromissos para as construções dos grupos de cocheiras projetados para a Vila Hípica daquele importante Centro. Para que se possa aquilatar o interesse, dos 127 grupos de boxes previstos para serem construídos na área, de imediato foram tomados 57 grupos, em menos de duas horas, o que já é uma garantia de êxito da iniciativa, pois grande número de interessados deixou de comparecer em virtude do final de semana prolongado e da realização de exposição e leilões coincidentes, na cidade de Ourinhos, com a abertura da tradicional FAPI.

Está pois coroada de êxito a iniciativa dos dirigentes da Sociedade Brasileira de Proprietários de Cavalos de Corrida, tão bem presidida pelo dinâmico criador João Demétrio Calfat Junior, que espera antes do final do próximo ano estar inaugurando o CENTRO HÍPICO DO OESTE com grandes festividades. Os que lá estiveram já não duvidam disso, pois as possantes máquinas estão rodando dia e noite, em ritmo alucinante, demonstrando que as obras correrão em velocidade tão grande quanto a dos Quarto de Milha.

NA RETA FINAL O GRANDE PRÊMIO POTRO DO FUTURO

No mês de julho, dos dias 7 a 13, será realizado um dos mais importantes eventos programados pela ABQM: o Grande Prêmio Potro do Futuro 86. A famosa prova ocorrerá paralelamente a FEA-PAM, na cidade paulista de Ribeirão Preto.

Já definida, a programação será esta:

Potro do Futuro Trabalho – geração 1982

Potro do Futuro Corrida – geração 1983

Potro do Futuro Conformação – geração 1984

Haverá ainda cursos e palestras, convenção das diretorias regionais, leilões oficiais e festividades sociais de confraternização dos associados da ABQM. Informações (011) 864-0800.

CALENDÁRIO ABQM 86

JULHO

9/10/11/12/13 – Ribeirão Preto – Grande Prêmio Potro do Futuro e V Etapa Campeonato Nacional

26/27 – Ribeirão Preto – G.P. Pres. Luiz A. Vechi

AGOSTO

09/10 – Ribeirão Preto – G.P. Gianni Franco Samaja

16 – São Paulo – Leilão de Velocistas QM

23/24 – Ribeirão Preto – G.P. Brasil – 1ª Prova Triplíce Coroa

28/29/30/31 – Uberlândia – VI Etapa do Campeonato Nacional

01 a 10 – Ribeirão Preto – Conformação Oficial 85

27 a 07/09 – Esteio – Conformação Oficial 85

Presidente da Embrapa visita Centro de Gado de Corte

Ormuiz de Freitas Rivaldo, o novo presidente da Embrapa, continua sua peregrinação, visitando os centros de pesquisas da Empresa. Sua última visita foi no Centro Nacional de Pesquisa de Gado de Corte (CNPGC), em Campo Grande, MS. Pesquisador em zoneamento vitícola do Rio Grande do Sul e de pragas da videira, coordenador de pesquisa do projeto uva, professor e diretor do Colégio de Viticultura e Enologia em Bento Gonçalves, onde subchefiou a Unidade de Execução de Pesquisa de Âmbito Estadual até 1978, Ormuiz, ao ser convidado para assumir a presidência da Embrapa, em substituição a Antônio Carlos Pinheiro Machado, era prefeito de Bento Gonçalves, cujo mandato se encerraria em 1988. Convidado para a presidência da Embrapa, deixou a Prefeitura. No CNPGC, Ormuiz enalteceu a estrutura da empresa e se disse orgulhoso e satisfeito em retornar à Embrapa. Prometeu, em sua gestão, atenção à pesquisa voltada aos pequenos produtores. Segundo Ormuiz, em sua gestão a Embrapa pretende fortalecer o intercâmbio internacional, criar condições técnicas e administrativas para o bom desempenho da pesquisa e estreitar o vínculo com outras entidades científicas.



Ormuiz de Freitas Rivaldo

Cavalo Pantaneiro tem nova diretoria

Foi eleita a nova diretoria da Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Pantaneiro, com sede em Poconé, MT, para o biênio 1986/87. Assim, desde o dia 5 de abril de 1986, a diretoria da Associação é composta por Celso Luiz Figueiredo (presidente), Paulo Sérgio da Costa Moura (vice), João Lozano Eubank de Campos (1.º secretário), Vicente Falcão de Arruda Filho (2.º secretário), Joanil Laércio Falcão (1.º tesoureiro), Francisco de Assis E.S. Neto (2.º tesoureiro) e Aurélio José Procópio da Silva, Cristóvão Afonso da Silva e Carlos Augusto da Silva (Conselho Fiscal Efetivo) e Walner José Duarte, Augusto Paulo da Silva e Hilton Sidney Moreira (Conselho Fiscal Suplente).

Livro sobre aves completa 50 anos

Este ano, o livro "As Doenças das Aves ou Tratado de Ornitopatologia", de contribuição valiosa à avicultura brasileira, completa meia década de lançamento pelo Instituto Biológico. O livro foi escrito por José Reis, com a colaboração de Paulo Nóbrega. Ao lançar o livro, há meia década e quando a avicultura era uma atividade incipiente no país, os autores abriram o acesso dos criadores a um verdadeiro tesouro — as doenças das aves. O livro assegurou aos pioneiros avicultores a obterem sucesso na criação comercial de aves. No livro, os autores fizeram uma série de orientações aos avicultores que, adotando-as, puderam fazer florescer a avicultura no país. A obra tornou-se em manual e livro de cabeceira de várias gerações de veterinários. Por seu trabalho, José Reis recebeu, em 1975, o título "Prêmio Internacional Kalina", pela Unesco, que reconheceu sua contribuição, através desse livro, para a di-

versão científica. José Reis é um dos fundadores da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). No próximo ano, José Reis completa 80 anos de vida.

Jornalista Antonio Carvalho Mendes na Academia Paulista de Jornalismo

Tomou posse oficialmente na cadeira n.º 12 da Academia Paulista de Jornalismo, no dia 12 de maio de 1986, o jornalista Antonio Carvalho Mendes, de O Estado de S. Paulo, que colaborou durante 10 anos na Revista dos Criadores. É colaborador do Jornal da Tarde e colaborou no Diário Popular.

QUEM É

Natural de São Paulo, fez seus estudos de humanidades no Colégio Pasteur, antigo Liceu Franco Brasileiro, onde permaneceu por onze anos. É professor pela Superintendência do Ensino Profissional. Fez

diversos cursos de especialização. Foi auxiliar e chefe de escritório na Prudência Capitalização. Na Real S.A. Transportes Aéreos, exerceu as funções de secretário executivo, respectivamente, da Assessoria Financeira, Auditoria Geral e Diretoria Administrativa. Foi sub-chefe da Secretaria da Divisão de Publicidade da Empresa Folha da Manhã S.A.. No Instituto de Previdência do Estado de São Paulo, foi chefe substituto da Carteira de Previdência dos Advogados, encarregado de setor, assessor do presidente da autarquia, chefe de gabinete e assessor administrativo. Foi também relações públicas da Lareira e da Associação Brasileira de Criadores. É irmão benemérito da Irmandade de São Benedito. Na política, pertenceu aos quadros da extinta União Democrática Nacional — UDN. Possui as medalhas D. João VI e José Bonifácio de Andrada e Silva, pela Sociedade Brasileira de Heraldica e Medalhística, e a medalha MMDC, pela Sociedade Veterana de 1932. É sócio do Clube Atlético Paulistano. No Rio, foi um dos fundadores da Sociedade dos Amigos de Carlos Lacerda.

Leilões

Três Barras, excelente leilão de Marchador

Realizado no Brasilton Hotel, em Belo Horizonte, o 1.º Leilão Catuni, organizado pela Três Barras Agropecuária de Minas Gerais, vendeu Cz\$ 12,168 milhões. Foi disputadíssimo esse leilão de Mangalarga Marchador que estabeleceu novos recordes de preço da raça. O maior destaque do leilão foi a fêmea Catuni Tiupana, nascida em 15 de janeiro de 1983: o lance inicial recebido foi de Cz\$ 400.000 e por Cz\$ 1.640 milhão — novo recorde da raça — o leiloeiro bateu o martelo. O animal foi arrematado pelo criador

Oto Lopes de Souza. A média para as fêmeas com mais de 36 meses foi de Cz\$ 316 mil. Na categoria com menos de 36 meses, a média foi de Cz\$ 205.411,00, com destaque para Catuni Uirá, comprada por Wander Roberto Melo, por Cz\$ 368 mil. Machos com mais de 36 meses atingiram a média de Cz\$ 253.000 e Cz\$ 334.000. Pericles X. Rodrigues adquiriu um macho de 36 meses — Catuni Selênio — por Cz\$ 440 mil. Machos com menos de 36 meses atingiram média de Cz\$ 185.666,00. Júlio Vito P. Guimarães arrematou Dantes das Garças por Cz\$ 480 mil. A média geral do leilão foi de Cz\$ 243.360,00. Foram vendidos 50 animais por um total de Cz\$ 12,168 milhões.

41.^a Exposição Agropecuária 1.^a Internacional

Pelo volume de negócios e pelo recorde de público, pode-se afirmar com segurança que a 41.^a Exposição Agropecuária do Estado de Goiás e 1.^a Internacional de Animais constituíram-se em pleno êxito. As mais otimistas expectativas foram superadas deixando os coordenadores da Expo-Goiás e 1.^a Expointer eufóricos e animados para as próximas mostras em Goiânia, uma capital de um milhão de habitantes e menos de meio século de existência.

Os números do sucesso são demonstrados pelo presidente da Sociedade Goiana de Pecuária e Agricultura (SGPA), Sixelzio Simões Filho, sob os aplausos de seus companheiros de diretoria. Os nove leilões realizados no decorrer das mostras, de 12 a 25 de maio, no Parque de Exposições, apresentaram mais de 18 milhões de cruzados em sua receita, quando eram aguardados menos de 10 milhões. Em termos de negócios, oriundos de financiamentos



Flagrante do momento da entrega dos troféus: Dr. José Magno Pato, Dr. Romeu Pires, representante do Ministério, Dr. Sixelzio Simões Filho, Dr. Otoni Ernane Verde.



Cam Foraman, juiz do julgamento Q.M., diretor de eventos da Associação Quarto de Milha dos Estados Unidos, Anacelo-Texas, fazendo entrega do Troféu do Grande Campeão ao Sr. Wilson Luz.



Animais importados da França: Bretão (35), Pecherão (7) e Selle Français (1). Dr. Leônido Canêdo, médico veterinário que acompanhou dando assistência da França até o Brasil.

bancários, a soma elevou-se a 50 milhões de cruzados.

ÊXITO ASSEGUADO

Sixelzio Simões Filho, um médico conceituado na praça e que cria gado leiteiro de origem holandesa, está convencido de que essa feira se revestiu em sucesso integral em decorrência do Programa de Estabilização Econômica. "O dinheiro que estava na poupança, no oven, no open, enfim no mercado de papéis, foi desovado e está sendo aplicado na aquisição de reprodutores, de matrizes, de raça mais apurada, para melhoria genética do rebanho, além da abertura de nova fronteira agrícola ou de investimentos em sua propriedade", afirma.

Para ele, o Plano Cruzado, que conteve os custos e oferece condições para o criador dispor de parâmetros, quando vai aplicar, quanto vai ter de retorno, "é muito importante". "Sem ele, seria difícil, senão impossível, qualquer prognóstico de ordem prática, de ordem econômico-financeira". Mas, entende que o Programa precisa ser conduzido com "certos cuidados, em certos detalhes, para evitar distorções, problemas como se verifi-



Ministro da Agricultura Irls Resende Machado, presente à Exposição.

ria do Estado de Goiás e nal de Animais

cam na área da produção leiteira".

ALGUNS REPAROS

O programa é enaltecido no todo pelo presidente da SGPA, que tem auscultado seus companheiros a respeito e nesta opinião todos concordam. Simões Filho pondera que o governo abriu o precedente do subsídio para o leite, mas entende que o período é curto e por isso deixou de ser animador. "O produtor precisa do lucro e o pacote chegou numa hora em que o preço do leite já estava aquém dos custos de produção, por isso essa natural dificuldade no abastecimento e que, infelizmente, tende a se agravar".

O dirigente classista está convencido de que a mostra serviu para que o produtor reunido, na Exposição, trocasse idéias e formasse ou reforçasse sua opinião a respeito das atuais dificuldades no



Dr. Romeu Pires de Campos fala em nome da classe ruralista.



Dr. José Magno Pato faz a entrega do troféu rotativo da ABCZ ao Dr. Alberto Pereira Nunes Filho.



Celio de Campos Barros recebe troféu.



Governador Onofre Quinan no discurso de abertura oficial da 41.ª Exposição Goiana 86 e 1.ª Internacional.

campo da produção leiteira. Um dos caminhos encontrados, sem dúvida, é o de se buscar, de alguma forma, outros índices de produtividade, mas para isso, há necessidade de uma política a médio e longo prazo, que satisfaça às necessidades básicas do fazendeiro.

Se compareceram mais de 650 mil pessoas à 41.ª Exposição Agropecuária do Estado de Goiás e 1.ª Internacional de Animais, desse total de público, pelo menos 10 mil eram fazendeiros. E para estes, o intercâmbio propiciado pelas duas feiras de Goiânia foi relevante. "É na troca de idéias que se aperfeiçoa a atividade econômica", entende Sizélzio Simões, observando que nos "standes" tanto da área do governo como das representações diplomáticas (Canadá, Estados Unidos e França), os criadores tiveram oportunidade de conversar sobre a evolução do rebanho em diferentes países, em outras regiões, inclusive em Goiás, que, em 40 anos, teve uma fantástica evolução genética de seu rebanho.

E nesse sentido, tanto a 41.ª Expo-Go quanto a 1.ª Expointer foram de maior importância para o processo de desenvolvimento do criatório não só de Goiás mas como de todo o Brasil Central, conclui Sizélzio Simões Filho.

Previdência fechará serviços médico-odontológicos sindicais

É inviável a manutenção dos serviços médico-ambulatoriais e odontológicos, prestados pelos Sindicatos Rurais, caso seja mantido o entendimento do ministro da Previdência e Assistência Social que determinou fosse aplicado o fator de redução — ou de deflação — no pagamento dos subsídios pagos pelos serviços prestados. Este entendimento fatalmente levará os Sindicatos Rurais à insolvência, aliando, em consequência, trabalhadores e empregadores

rurais, bem como seus familiares do atendimento médico-odontológico que vêm recebendo. Tendo isso em vista, o presidente Fábio Meirelles vem de mandar ofício, no dia 10 de abril de 1986, ao presidente da Confederação Nacional da Agricultura (CNA), historiando a referida situação extremamente preocupante, esperando providências imediatas. É o seguinte o teor do referido documento:

São Paulo, 10 de abril de 1986

Senhor Presidente:

Ante a perplexidade e a preocupação que vêm assolando os dirigentes dos Sindicatos Rurais neste Estado, levamos ao conhecimento de Vossa Senhoria o que vem ocorrendo, para solicitar providências no sentido de ser o Problema solucionado de forma objetiva e racional.

Permitimo-nos levar a efeito uma digressão, para que o assunto seja melhor apreendido.

Com o advento da Previdência Social Rural, administrada pelo FUNRURAL, os Sindicatos foram estimulados a firmarem Convênios médico-ambulatorial e odontológico, para prestarem tais serviços aos trabalhadores, e posteriormente, também, aos empregadores rurais, mediante remuneração fixada sob a forma de subsídio. Enquanto essa entidade teve personalidade jurídica própria, os Convênios funcionaram plenamente, satisfazendo ambas as partes. Com o advento do SINTAS, e via de consequência com o desaparecimento do FUNRURAL, pouco a pouco, foram aparecendo as dificuldades no relacionamento Sindicato/Previdência Social. Dentre estas, a que mais afligia os responsáveis pelos Sindicatos era justamente a distribuição financeira, ou seja, os subsídios pagos pelos serviços prestados sempre foram de valor fixo, e atualizados pelo então criado Instituto Nacional de Assistência Médica e Previdência Social — INAMPS, sem quaisquer ingerências dos Sindicatos ou desta Federação. Uma vez reajustados, não adiantavam argumentos de que eram insuficientes para os bons serviços que vinham sendo prestados, uma vez que o montante estabelecido pelo Ministério da Previdência Social, de forma empírica, era dividido entre os Sindicatos, através de cálculo onde eram computados os relatórios mensais elaborados por estes, pelos serviços prestados durante o mês.

Em janeiro próximo passado, o então Senhor Ministro da Previdência e Assistência Social, Dr. Valdir Pires, fixou o reajuste dos subsídios em 95,3% sobre o valor anteriormente pago. Esse percentual vinha suprir, razoavelmente, o deflacionamento existente, ante a violenta inflação que grassava no País.

Acontece, no entanto, que em 28 de fevereiro de 1986, o Senhor Presidente da República sancionou o Decreto-lei 2.283,

criando novo sistema monetário, cuja unidade passou a denominar cruzado, com o objetivo de combater a inflação, e criar nova ordem econômica.

O mencionado Decreto-lei que foi substituído pelo de n.º 2.284 de 10 de março de 1986, trouxe duas alterações básicas no sistema econômico então vigente, quais sejam: a primeira, da simples conversão de cruzeiro em cruzado, nos negócios referidos no art. 4.º e seu parágrafo, e o da aplicação de fator de redução, nas obrigações mencionadas nos artigos 8.º, 9.º e 10.º.

Da análise dos mencionados artigos, chega-se à conclusão que em todos os depósitos em dinheiro, neles incluídos o Fundo de Garantia, o PIS/PASEP, os bancos etc., haveria tão-só a conversão, e quando ocorresse negócio em que a cláusula da correção monetária estivesse implicitamente incluída, ocorreria a redução, com a aplicação de fatores preestabelecidos e referentes à desvalorização do cruzeiro.

Nos demais casos, vigoraria o contido no art. 35, ou seja, o congelamento dos preços nos níveis de 27 de fevereiro de 1986.

Nesta mesma data, o Conselho Interministerial de Preços - CIP, por resolução firmada pelo seu Presidente, o Ministro da Fazenda, foi estabelecido (art. 1.º) que os preços de quaisquer produtos ou serviços não poderiam ser praticados não só pelas indústrias, comércio e prestadora de serviços em valor superior aos praticados no dia anterior, ou seja, 26 de fevereiro.

Ocorre que o Senhor Ministro da Previdência e Assistência Social numa interpretação pessoal mas absolutamente ilegal, determinou que no pagamento dos subsídios, fosse aplicado o fator de redução, ou de deflação, conforme é afirmado pelo IPCC, em publicação efetuada nos jornais de maior circulação do Estado.

Com estas medidas, teremos o seguinte absurdo: enquanto os honorários médicos e odontológicos, bem como os salários dos funcionários que prestam serviços no atendimento dos Convênios não podem ser deflacionados os subsídios o serão assim, a título de exemplo, teremos a seguinte situação nos Sindicatos Rurais relacionados:

Odonto — Cz\$ 10.360

Fev/86

Pg. 10/03/86

23.557,80

Dez/86

10/12/86

6.853,33

FRANCA

Médico — Cz\$ 4.120

Odonto — Cz\$ 4.500

Cz\$ 8.620

Fev/86

8.353,28

Dez/86

2.430,10

BRAGANÇA PAULISTA

Médico — Cz\$ 5.500

Odonto — Cz\$ 4.500

Cz\$ 10.000

Fev/86

9.690,58

Dez/86

2.819,14

Não restará, portanto, dentro de mais alguns meses, aos Sindicatos, outra alternativa a não ser rescindir os Convênios, para evitarem a insolvência que sobrevirá aliando trabalhadores e empregadores rurais, bem como seus familiares, do atendimento médico-odontológico que vêm recebendo.

Causa espécie, para não utilizarmos o termo mais duro — revolta — a medida determinada pelo Senhor Ministro, quando se verifica que o Decreto-lei mencionado manteve incólume a receita da Previdência Social, que teve seus valores puros e simplesmente convertidos para cruzado.

Ante o exposto, está exaustivamente demonstrada a inviabilidade de manutenção dos serviços médico-ambulatoriais e odontológicos motivo que determinou viéssemos a presença de Vossa Senhoria para solicitar se iniciassem gestões junto ao Senhor Ministro da Previdência e Assistência Social, no sentido de ser reconsiderada a decisão, e fixado o pagamento dos subsídios, com a simples conversão dos valores em cruzados para cruzado medida que possibilitará a viabilidade dos Convênios.

Na certeza de que as providências serão de imediato tomadas, renovamos, no ensejo, nossas

saudações

FABIO DE SALLES MEIRELLES
Presidente - FAESP

OSVALDO CRUZ

Médica — Cz\$ 13.950

SIMPLES, RÁPIDO, PRÁTICO E ECONÔMICO.

RIPERCOL* FÓRMULA CUTÂNEA

O vermífugo e imunostimulante mais eficaz que você conhece agora & também o mais simples de usar.

Chegou Ripercol*^L Fórmula Cutânea, com carga rápida.

Um método de aplicação prático e imediato que chegou para facilitar o trabalho do fazendeiro na hora

de tratar o gado contra os vermes gastrointestinais e pulmonares.

Vem em embalagem pronta para usar e com o medidor na dose certa, permitindo aplicação direta na cruz do animal.

RIPERCOL*^L cutâneo é absorvido imediatamente pela pele, penetrando na circulação sanguínea e matando todos os vermes sem causar stress no gado.

Use-o e lucre com os resultados.



* Marca de Indústria e Comércio



25,00	ATENÇÃO COMPRADOR: preencha este cupom, entregue a seu revendedor e ganhe um desconto de Cz\$ 25,00 na compra de 1 frasco de Ripercol* ^L Fórmula Cutânea.
ATENÇÃO REVENDEDOR: Cyanamid garante o reembolso do valor acima, acrescido de Cz\$ 5,00 pela sua colaboração. Para cada Nota Fiscal só vale um cupom.	
Nome: _____	
End: _____	
Cidade: _____	
Est: _____	Cep: _____
Válido até 30/09/86	

EXPLORAÇÃO LEITEIRA

A MELHOR E MAIS ÚTIL PUBLICAÇÃO QUE OS NOSSOS ESPECIALISTAS PRODUZIRAM PARA O PRODUTOR DE LEITE

PUBLICAÇÃO PATROCINADA PELA ANPES
ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PROGRAMAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL

3.ª EDIÇÃO REVISTA



- CAPÍTULO 1 — INTRODUÇÃO
- CAPÍTULO 2 — MELHORES PASTOS, CHAVE PARA A PRODUÇÃO MAIS ECONÔMICA DE CARNE E LEITE
- CAPÍTULO 3 — ALGUNS FATORES QUE AFETAM A PRODUÇÃO DE CULTURAS FORRAGEIRAS
- CAPÍTULO 4 — AS FORRAGEIRAS: GRAMÍNEAS E LEGUMINOSAS
- CAPÍTULO 5 — ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE PASTAGENS
- CAPÍTULO 6 — A MÁQUINA ANIMAL
- CAPÍTULO 7 — SUPLEMENTAÇÃO DAS PASTAGENS
- CAPÍTULO 8 — A ROTAÇÃO PASTAGEM-CULTURA
- CAPÍTULO 9 — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pedidos à EDITORA DOS CRIADORES LTDA.
Rua Venâncio Aires, 31 — CEP 05024 — São Paulo — SP
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES
Rua Jaguaribe, 634 — São Paulo



PARDO SUÍÇO em notícias

ANO 1 — N.º 9 — JUNHO DE 1986

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE GADO PARDO SUÍÇO

FUNDADA EM 1936

Av. Francisco Matarazzo, 455 — CEP 05001 — Fone: 864-0691 — São Paulo — SP

A Parda Suíça em cruzamentos visando a produção de carne

DR. PEDRO MELGUIZO RAMOS

Superintendente Técnico

Associação Brasileira de Criadores de Gado Pardo Suíço

A Parda Suíça (Schwyz) além de uma excepcional produtora de leite é uma excelente produtora de carne, seja como raça pura seja quando utilizada em cruzamentos com outras raças.

No Brasil como raça pura é a segunda em ganho de peso nas provas oficiais regulamentadas e reconhecidas pelo Ministério da Agricultura, conforme consta do Quadro I.

Os touros Pardo Suíços além de imprimirem suas características leiteiras no cruzamento com outras raças, transmitem também suas qualidades de rápido desenvolvimento e ótima conversão alimentar produzindo carcaças com bom peso e com alto rendimento.

Outro fator importante a ser analisado é a produção leiteira de matrizes 1/2 sangue Schwyz + 1/2 Zebu, onde observa-

mos no cruzamento com Nelore a produção média de 7,2 kg de leite por um período superior a seis meses (Revista dos Criadores de outubro de 1985, página 138) mais que suficiente para alimentar um bezerro de corte e no cruzamento com Guzerá permitindo a exploração comercial de leite com as seguintes médias: Duração da lactação de 7,5 meses, produção diária de 11,7 litros o que equivale a lactação total de 2.671 kg de leite (Revista dos Criadores, Dezembro de 1985, página 39).

Pereira, W.P. e colaboradores em 1971 em trabalho pioneiro sobre o aproveitamento de estierco de galinha na alimentação de animais confinados para abate, trabalhando com machos não castrados, de 18 meses de idade, meio sangue Schwyz x Guzerá, obteve os seguintes resultados: No Brasil existe um grupamento definido selecionado para produção de carne denominado "Raça" LAVÍNIA constituído por animais 5/8 Pardo Suíço e 3/8 Guzerá.

QUADRO I — Pesos médios, em quilos, ajustados as diferentes idades padrões, observados na raça Parda Suíça, no Brasil, no período de 1975 a 1984.

SEXO	IDADE (DIAS)	Peso ao nascer	205	365	550	730
MACHOS	48	247	406	535	739	
FÊMEAS	40	207	295	372	437	

(Maiores detalhes sobre controle ponderal da raça Parda Suíça consultar a Revista dos Criadores, março de 1986, n.º 674, páginas 130 e 131).

A Raça Parda Suíça é a que apresenta produtos com maior peso ao nascer, característica esta que deverá ser bem explorada no cruzamento com outras raças para produção de carne pois se de um lado fornece produtos de grande tamanho e de grande desenvolvimento de outro lado deve-se ter o cuidado de não se usar reprodutores puros desta raça em vacas pequenas com pouco espaço entre isquios e entre ilcos, os animais vulgarmente denominados de Bacia Estreita ou "Bacia Pequena" pois poderão ocorrer problemas na partição desses animais.

QUADRO II

ITEM	Raça A	Raça B
Peso inicial em 26.08.71, kg	327,00	320,13
Peso final em 16.12.71 kg	436,02	442,12
Peso médio da carcaça (48 h, ajustados), kg	220,40	230,58
Ganho de peso diário, médio kg	0,98	1,08
Consumo de ração, média/dia, kg	12,92	14,95
Conversão ganho:consumo	13,18	13,84
Rendimento de carcaça (quente), %	52,50	53,67
Rendimento de carcaça (fria, após 48 h), %	50,57	52,07
Peso da cabeça, médio, kg	13,24	13,41
Peso de couro, médio, kg	48,71	47,86
Peso dos metótos, média, kg	8,40	7,90

Veloso, L. em trabalho realizado no Centro de Nutrição de Nova Odessa, da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo verificou que em condições idênticas de pastagens os animais LAVÍNIA e NELORE tiveram um ganho de peso médio diário de 550 gramas, mas em confinamento os animais Lavínia superaram largamente, obtendo um ganho médio diário de 1.399 gramas contra 810 gramas dos animais Nelore.

Outro trabalho que vem comprovar as qualidades do cruzamento do Pardo Suíço com Guzerá foi realizado por Tundisi, A. e colaboradores em Andradina, na Fazenda Experimental da Secretaria de Agricultura do Estado de São Paulo, com 16 animais 1/2 Pardo Suíço + 1/2 Guzerá, os quais com idade de 16 meses e peso vivo médio inicial de 278 quilos, foram confinados durante 112 dias, tendo alcançado no fim da prova um peso médio individual de 440 quilos, com um ganho médio diário de 1.400 gramas.

Esses animais foram ao abate e no controle de carcaça observou-se a seguinte composição: 41% de músculo, 11% de ossos e 7% de gordura.

É importante compararmos esses dados com os considerados ideais para o moderno novilho de corte, conforme consta do quadro III.

Em Santa Catarina, a EMATER/ACARESC e o Sindicato Rural de Lages têm realizado anualmente o Concurso de Novilho Precoces, onde se tem destacado a performance dos animais 3/4 e 7/8 de Pardo Suíço.

Os animais são mantidos a campo, com pastos naturais e pastagens artificiais de inverno; o controle de peso e Supervisão é realizada por técnicos da EMATER/ACARESC.

Os resultados observados em 1982 e 1983 constam do quadro a seguir:

QUADRO IV — Concurso de novilho Precoces em Lages, Santa Catarina, em 1982 e 1983 — Resultados de Animais 3/4 e 7/8 Pardo Suíço

ANO	1982	1983
N.º de animais	11	12
Duração do Concurso (dias)	136	147
Peso inicial (kg)	372	345
Peso final (kg)	603	564
Ganho diário (kg)	1,703	1,492
Peso da carcaça (kg)	324	314
Rendimento Carcaça (%)	53,58	55,53

A Raça Parda Suíça detém o recorde de peso obtido pelo animal SUNGAR RABE, que atingiu o peso de 1.875 quilos, com 1,98 metros de altura, na Carneíha; é considerado o maior novilho de corte do mundo (Revista dos Criadores, setembro de 1985, página 133).

Na Argentina, técnicos do INTA trabalhando com raças puras e cruzamento das mesmas verificaram que os animais puros Pardo Suíços foram os de melhor peso

QUADRO III — Composição ideal de carcaça e o obtido com animais 1/2 Pardo Suíço + Guzerá

TIPO	COMPOSIÇÃO MÚSCULOS	OSSOS	GORDURA
Ideal do novilho de corte	40%	14%	6%
1/2 Schwyz-1/2 Guzerá	41%	11%	7%

QUADRO V — Peso vivo e Rendimentos de Carcaças, em diversas raças e cruzamentos observados por técnicos da INTA, na Argentina

GRAU DE SANGUE	IDADE (meses)	PESO VIVO (kg)	RENDIMENTO %
Aberdeen - Angus	26,5	360	55,6
Hereford	25,0	308	53,7
SCHWYZ	25,0	405	55,8
Regional	23,0	385	53,6
1/2 A. Angus-Zebu	25,5	407	58,9
1/2 Hereford-Zebu	23,5	415	58,5
1/2 SCHWYZ-ZEBU	23,5	443	58,8
1/2 Regional-Zebu	23,0	475	56,7
1/2 REG. SCHWYZ	22,0	478	55,7
1/4 A. Angus-3/4 Zebu	25,5	480	59,1
1/4 Her. 3/4 Zebu	25,5	438	59,8
1/4 SCHWYZ-3/4 ZEBU	25,5	450	60,3

vivo, onde aos 25 meses de idade atingiram a 405 quilos, com rendimento de carcaça de 55,8% contra 360 quilos e 55,6% dos Aberdeen Angus e 308 quilos e 53,7% dos Hereford.

Nos cruzamentos estas qualidades do Pardo Suíço foram altamente transmissíveis pois os animais 1/4 Pardo Suíço + 3/4 Zebu apresentaram o melhor rendimento de carcaça com 60,3% e peso vivo de 450 quilos aos 25,5 meses de idade e

nos animais 1/2 Pardo Suíço + 1/2 Zebu atingiram aos 23,5 meses de idade ao peso vivo de 443 quilos com 58,8% de rendimento de carcaça.

No quadro V constam os resultados obtidos nas diversas raças e cruzamentos.

Nos Estados Unidos, em Iowa, trabalho realizado por William com cruzamento de touros e vacas de diversas raças verificaram-se os seguintes pesos ao desmame aos 90 dias.

QUADRO VI — Resultados obtidos com pesos ao desmame (90 dias) em Iowa, Estados Unidos, em cruzamentos de touros e vacas de várias raças.

PAIS	M A E S				MÉDIA
	A. Angus	Hereford	Holstein	Suíça Parda	
A. Angus	169	181	224	222	199
Hereford	187	164	228	215	199
Holstein	199	189	224	228	210
Suíça Parda	194	196	235	219	211
Média	187	182	228	221	205

Experimento realizado nos Estados Unidos da América em 1970, com cinco grupos de 20 animais resultantes do cruza-

mento entre Pardo Suíço com Aberdeen-Angus obteve-se os seguintes resultados:

QUADRO VII — Cruzamento de Pardo Suíço com Aberdeen-Angus realizado nos Estados Unidos em 1970

GRUPOS	PESO INICIAL (kg)	PESO FINAL (kg)	GANHO DE PESO DIÁRIO (kg) Durante a prova	GANHO DE PESO DIÁRIO (kg) Durante toda a vida
1	220	320	1,780	1,360
2	264	360	1,710	1,360
3	222	305	1,480	1,190
4	232	314	1,460	1,250
5	292	372	1,430	1,430

Trabalho realizado em região semi-árida, em Omatjenne, Sudoeste Africano, com diversas raças bovinas, obteve-se as seguintes médias de peso, em diferentes idades, conforme consta do Quadro VIII.

No Canadá, trabalho realizado na Universidade de Alberta, em 1965 a 1967, sobre cruzamentos de animais Hereford, Charolês e Pardo Suíço, verificou-se sobre os produtos Pardo Suíços cruzados os que apresentaram maior ganho de peso e melhor composição de carcaça conforme constam dos quadros IX e X

Os trabalhos realizados no Brasil, ou em diversas partes do mundo aqui descritos, comprovam ser a Parda Suíça uma das melhores opções para cruzamento com outras raças visando a produção de carne.

Além de suas qualidades de boa produtora de leite e carne que são transmitidas nos cruzamentos, devemos explorar:

- 1) a sua rusticidade em criações extensivas.
- 2) a qualidade de seus cascos e a ótima conversão alimentar em confinamentos.
- 3) A relação de traseiro/dianteiro com uma produção de carne de primeira bastante superior aos cruzamentos das demais raças mistas ou leiteiras.
- 4) A qualidade da carne que se apresenta entre-muada de gordura, tenra de ótimo aspecto e paladar.

QUADRO VIII — Desenvolvimento Ponderal em diversas raças PESOS OBTIDOS (EM QUILOS)

IDADES				
	8 meses	1,5 ano	2,5 anos	3,5 anos
PARDA SUIÇA	215	322	391	510
Hereford	184	291	364	457
SHORTON	158	238	303	402
Red Poll	178	256	329	426
Sussex	177	280	345	442
South Devon	196	295	360	481
A. Angus	147	223	282	367
PESO MEDIO	173	264	330	429

QUADRO IX — Ganho de peso em cruzamentos de diversas raças, verificados no Canadá, Universidade de Alberta, em 1965 a 1967

RAÇA	MACHOS				FÊMEAS			
	Hereford				Cruzamentos			
	Puros	HE	CH	PS	Puros	HE	CH	PS
N.º de animais	78	40	22	20	67	33	18	22
Peso ao nascer (kg)	34	36	40	40	32	34	36	37
Peso aos 180 dias (kg)	171	197	209	211	166	197	188	198
Peso aos 365 dias (kg)	380	387	410	433	278	310	302	315
Peso aos 550 dias (kg)	—	—	—	—	365	400	393	415

Observação: HE — HEREFORD
CH — CHAROLÊS
PS — PARDO SUIÇO (SCHWYZ)

QUADRO X — Composição de carcaças em animais produtos de cruzamentos de Hereford, Charolês e Pardo Suíço, verificados no Canadá, Universidade de Alberta, 1965/67

CRUZAMENTOS	Hereford	Charolês	Pardo Suíço
N.º de animais	21	9	14
Peso médio Carcaças (kg)	254	277	263
Cobertura média Gordura	0,78	0,70	0,59
Músculos (%)	58,4	59,9	60,8
Gordura %	28,8	26,4	24,6
Ossos %	12,2	13,2	13,9
Músculos / Ossos	4,8	4,6	4,4

A garantia do produto está no nome: MANGUINHOS.

O LABORATÓRIO MANGUINHOS tem 60 anos de tradição, qualidade e eficácia, com excelentes produtos no combate às doenças infecciosas, parasitárias e carências nutritivas.

E agora, para maior tranquilidade dos criadores, O LABORATÓRIO MANGUINHOS lança três novos produtos.

- A VACINA CONTRA GANGRENA GASOSA (exclusiva)
- O TETRAMISOL MANGUINHOS
- O ADE MANGUINHOS (Vitamina pléopica de secas)



Produtos Veterinários Manguinhos
Rua Francisco Manuel, 91
Rio de Janeiro
Tels.: (021) 284-6533 e 284-6298



• O ADE MANGUINHOS, para melhorar a fertilidade das rebanhas, engorde e melhoria da produção leiteira.



• O TETRAMISOL MANGUINHOS, um vermífugo indicado no tratamento das verminoses protozoárias e helmínticas das espécies bovinas, ovíneas, caprinas e suínas.



• A VACINA CONTRA GANGRENA GASOSA específica, para ser utilizada em animais de todas as idades de grande importância, prevenindo a mortandade em consequência da fermentação, causada por infecção após atos cirúrgicos, operando maior rapidez na cura e consequentemente menor duração da doença. Única no Brasil.



O cavalo Crioulo na abertura de novas fronteiras da agropecuária brasileira da Amazônia

Gen. DIOGO BRANCO RIBEIRO
(abril 1986)

O Cavalo Crioulo já está participando efetivamente da expansão agropecuária implantada nos trópicos, segundo notícias fornecidas por fazendeiros pioneiros na exploração pastoril da região, dando-lhe até testemunho vivo de preferências em face das condições adversas sofridas por outros equinos ali destinados aos fins específicos.

A abertura de novas zonas tropicais e sub-tropicais brasileiras para a pecuária extensiva, certamente, o Cavalo Crioulo, dotado de autênticas características fundamentais às lides campeiras no manejo do gado, competirá com expressiva superioridade sobre os outros similares empregados no mesmo mister. Por isso, cada vez mais, recebe incontestáveis elogios num verdadeiro processo promocional. Entretanto, o comportamento por ele experimentado, com extraordinária facilidade de adaptação ao clima quente rigoroso e excessivamente úmido da Amazônia, merece registro destacado pelas vantagens sobrepostas aos demais solípedes levados para lá.

A etnologia da Raça Crioula lhe dá caracteres próprios significativos, oriundos de uma natural valorização explícita nos aspectos de rusticidade, resistência e sobriedade, cujo trinômio se interliga na complementação de outros fatores essenciais à vida de cada indivíduo em si, notadamente, quando se vê diante de situações difíceis ou adversas, procurando superá-las.

Por exemplo: a) — apresenta maior fertilidade durante a aclimação no ambiente estranho, em relação às outras raças;

b) suporta as agruras da região com regular galhardia, embora ainda não que-
renciado;

c) mostra quase que uma congênita imunidade a certas zoonoses;

d) repele a ação perturbadora de al-

guns insetos, visto ter o couro mais espesso ao ponto de resistir à voracidade de variedades hematófagas, às vezes com picadas inoculadoras de doenças graves;

e) via de regra seu estado geral se mantém bom, tornando-se apto para exercer o trabalho que lhe é destinado, apesar de não ser sempre adequadamente forrageado;

f) a capacidade digestiva de alimentos ingeridos, mesmo aqueles inferiores em nutrientes ideais, sofre através de uma degradação de proteínas não aproveitáveis, em proteínas assimiláveis para um melhor aproveitamento alimentar, dando-lhe forças capazes de executar a tão propagada "guapeza", o que nunca acontece com as raças exóticas;

g) e, finalmente, podemos dizer que se ombréia com os cavalos marejeiros, autênticos amazônicos, no tocante aos raios solares calcinantes somados às frequentes temperaturas elevadas durante quase todo o ano, sem, contudo, influenciar-se de forma exagerada, direta ou indiretamente pelos fatores positivos ou não dos fenômenos da fotossíntese equatorial marcante, que se incidem com espantosa pujança sobre as vegetações, no caso particular as pastagens, devido à intensa luminosidade, o forte calor e a grande umidade ambiental.

Esses argumentos, enumerados acima, têm cunho de fidelidade, porque procedem de fazendeiros sulinos, não só gaúchos como paranaenses, catarinenses e, agora, até paulistas e matogrossenses, que empregam cavalos crioulos nos seus novos estabelecimentos pecuários do norte, enfocando as notáveis qualidades funcionais inerentes à famosa Raça dos Pampas do Cône Sul Americano, que está se acostumando às condições extremas equatorianas.

É possível que os colonizadores crioulistas apaixonados, vivendo na área e sen-

dindo na carne os sacrifícios diuturnos de luta, deixem vaziar algum percentual de baurrismo um tanto fantasioso, porém, sem grandes consequências nas previsões futuras dos demais investidores no plano de ocupação das promissoras fronteiras agropecuárias e agroindustriais do Norte.

Todavia, por outro lado, como hipólogo, colaborando durante cerca de 12 anos na C.C.C.N., tivemos a feliz oportunidade de conhecer profundamente a Equideocultura Nacional, com todos os seus ângulos de atuação no Território Pátrio, inclusive na Grande Amazônia em ritmo de desenvolvimento pecuário dirigido sob cunho técnico ou não, o que nos credencia a emitir determinados conceitos tirados da árdua tarefa de sol a sol no cruciente mecanismo desbravador, onde as condições mesológicas se mostram variáveis na incrível adversidade, com modalidades diferentes pelas mudanças acentuadas de um lugar para outro, dentro de microzonas geofísicas bem definidas.

A nossa vivência hipotécnica consciente, auscultando problemas eqüestres complicados, quer de origem médico-veterinária, quer de conhecimentos zootécnicos rotineiros e genéticos melhoradores no processo pastoril de ocupação de espaços vazios, relacionados com ecossistemas naturais da zona em apreço, envolvendo situações abrangentes de princípios nem sempre justificáveis na exploração, alertamos para posições cautelosas ao socializarmos ou não dados informativos de pessoas pouco categorizadas no ator. Isto porque, geralmente nestes momentos acontecem excessos de otimismo dos neófitos aplicadores, com insuficiências de prazos nas observações de fatos concretos à comprovação dos resultados, através das realizações nos cronogramas dos respectivos projetos implantados, difundindo fatos fictícios ou, contrariamente, lamentando frustrações iniciais. Impõem-se rigoroso respeito nas prescrições ecológicas.



Também o estudo e a profilaxia das zoonoses, que os criatórios estarão sujeitos, constituem medidas energéticas e de prontas providências. E, constantemente, motivo de preocupação são eventuais alterações meteorológicas, com imprevisíveis reflexos inextinguíveis aos programados afazeres de qualquer organização no começo de sua implantação.

O Cavalo Crioulo, pela tão propagada fama no contexto da vida campeira entre os seus similares de serviço de um modo geral, ganhou o privilégio de possuir tal qualificação meritória visto ter se evidenciado como o equino de maior facilidade adaptável à região, equiparando-se mesmo ao híbrido, isto é, o mular, o qual só perde dele na mobilidade executiva típica do manejo exigido pela bovinocultura extensiva de corte. Também, não há dúvidas que o burro e a mula, reconhecidos pelas qualidades de rusticidade e de resistência a tudo, emprestam inestimável emprego diversificado na fazenda, tanto na montaria clássica da missão campeira quanto na tração rotineira rural e no transporte de carga dorsal (cargueiro). Porém, existem determinadas peculiaridades nos cuidados diários com o gado, que somente são executados de modo conveniente desde que os peões estejam montados em cavalos "vaqueiros", devidamente preparados para o específico trabalho (fortes, de boa rédea, de galope veloz, obediente às solicitações, acostumados a laçar e a chingar), portanto, capazes de mostrarem habilidades no correto desempenho funcional difícil, o qual vai do amanhecer ao anoitecer no ato cotidiano de voltear as invernadas, "parar rodízios" e até fazer a apertação nas mangueiras para curar, castrar, vacinar, marcar, etc..

O sistema de "apertação à pata de cavalo" era outrora usado obrigatoriamente, porque nas antigas propriedades rurais não existiam sub-divisões de pastos com cercas, poteiros fechados, nem piquetes e currais apropriados para o devido manejo. Entretanto, há fazendeiros ainda praticando por mera tradição, talvez para exibir a "guapeza" de seus animais ou o arrojo dos ginetes, quem sabe até com um sabor de esportividade. A Raça Crioula apresenta verdadeira inclinação nativa para executar com maestria esta notável atividade. Cada cavalo de lida não precisa de muitos treinos, na mão de um cavaleiro conhecedor da profissão campeirista, para tornar-se rapidamente excelente animal de exímia destreza na perfeição do aperto e de outras evoluções comuns no competente trabalho.

O concurso instituído pela A.B.C.C.C. — FREIO DE OURO — exclusivo para o Cavalo Crioulo puro, vem sendo disputado com enorme interesse pelos crioulistas associados, cujo regulamento se baseia inteiramente na ideal funcionalidade do Raço, com requintes do tradicionalismo gaúcho, adicionando à atual evolução atingida, o que nada mais é do que simples aprimoramento da capacidade vocacional intrínseca de sua esplêndida atun-

ção versátil na bovinocultura extensiva, atrás relatada em franca expansão, nas chamadas novas fronteiras agropecuárias.

Os criadores, fora do Estado do Rio Grande do Sul, filiados aos núcleos "Emílio Mattos", SP, e "Dr. Roberto Telechea", PR, possivelmente, são os maiores responsáveis pela migração crioulista rumo aos trópicos. O paulista, dotado do espírito tradicionalista do bandeirantismo explorador, continua sendo o empresário empreendedor de primeira linha na colonização oficial amazônica, despertando aos ruralistas sulinos os mesmos objetivos, principalmente os gaúchos, os catarinenses e os paranaenses que, por vocação agropecuária e "know-how" na agroindústria madeireira se lançam logo no aproveitamento das essências regionais de lei, no instante exato do racional desmatamento, ao iniciar a implementação do projeto, antes que o fogo acabe com tudo na limpeza da gleba derrubada. Nesta fase principia uma importantíssima utilização do cavalo, na quase totalidade dos casos, como uma das mais viáveis alternativas energéticas aplicáveis em substituição ao caríssimo petróleo, quer no estabelecimento de toras nos carreadores do mato, quer em muitas outras ocupações comuns de uma pequena ou média serraria, peça imprescindível no começo de qualquer exploração planejada, quando se penetra na densa floresta a ser aberta.

Simultaneamente ou em seguida nasce a agricultura de sobrevivência, depois com escala progressiva dá lugar a formação de pastagens destinadas ao povoamento bovino, geralmente crescente nas previsões estipuladas. Também, concomitantemente, surge o plantio de lavouras perenes, tais como café, cacau, seringueira, caju, etc.. Assim, entendemos que o enorme leque de empreendimentos obrigatórios e opcionais necessários para uma pequena, média ou grande comunidade instalar-se na nova terra, apesar de todo o equipamento técnico moto-mecanizado e científico pre-estabelecido, com análises convencionais aprimoradas por entidades de comprovação competente, de acordo com as viabilidades econômico-financeira e reais finalidades do evento, jamais dispensará a participação efetiva, pelo menos durante certo período de transição, do nobre solpe de — o Cavalo.

Parece haver, atualmente, um verdadeiro consenso entre os atuais investidores na área amazônica, calcado nas experiências com equinos de diferentes raças, que o Crioulo se comporta de maneira bem satisfatória em relação aos outros, principalmente no tocante à extraordinária facilidade de adaptação, não carecendo do necessário prolongamento aclimatativo para prestar o competente trabalho. Daí então a razão por que de sua procura, numa franca e despreocupada concorrência com os demais cavaleiros, nesse método desenvolvimentista de regiões consideradas insúperas, como se fosse um bal modismo da época em caráter de propaganda racial, e quem sabe mesmo, numa autenticidade adquirida de suas essenciais

virtudes capazes de resistirem vigorosamente às inclemências da adversidade mesológica.

A minha vivência de equinocultor de muitos anos, de médico veterinário atuante e de zootecnista especializado, através de um curso de pós-graduação dirigido exclusivamente aos Equídeos, deu-me a compreensão que a presente expansão equina na Zona Norte, de condições diversas, somente o tempo se encarregará de nos oferecer dados técnicos-científicos bem mais esclarecedores, quando resultarem soluções conclusivas a respeito do comportamento de cada raça de per si, submetida aos variados sistemas explorativos nas diferentes faixas equatoriais, tropicais e subtropicais.

As notícias daqueles rincões ultimamente desbravados, já povoados, nem sempre são dignas de imediata aprovação. Devemos, primeiramente, passá-las por rigoroso crivo de análises técnicas e observações criteriosas, inquirindo ruralistas mais experimentados, com soma prática de afazeres agropecuários na área, cujos subsídios nos mereçam credibilidade confiável no que afirmam, a fim de não propiciarmos erros de palmatória em nossos modestos comentários. Chegamos, frequentemente, algumas comunicações truncadas, repletas de emoções eufóricas contagiantes, ao ponto de distorcem a veracidade natural dos melhoramentos zootécnicos das raças celtas de predileção para climas tropicais, etc. Levamos até ao pensamento absurdo de um "esdríxulo apasionismo" irreverente de certos aplicadores insensíveis à verificação "in loco" daquilo que realmente está acontecendo com as espécies domésticas exploradas no novo "habitat". Proibir-se-á, terminantemente, como medida preventiva de alta importância, a presença nefasta de negociantes inescrupulosos (macacetes), forçando a comercialização de animais de origem desconhecida, de sanidade suspeita e de inferior qualidade racial, numa singela opção de conveniências especulativas condenáveis à sistemática dos projetos em pleno andamento.

Entendemos que, dentro da Equideocultura Brasileira não há ainda consciência doutrinária técnico-científica específica divulgada, embora gente de alto gabarito profissional, tendo nome a zelar, apenas vem se manifestando a respeito da matéria com superficiais citações e, por isso, preferimos lembrar o aforismo popular: — "A VOZ DO POVO É A VOZ DE DEUS", isto é, o Cavalo Crioulo está na "crista da onda", faz parte do modismo da época, consequentemente, algum forte motivo explicará e justificará a enorme preferência, enquanto não se provar o contrário... Daí ser ele (Cavalo Crioulo) o favorito absoluto do duro péreo na largada competitiva para a corrida de aberturas expansionistas direcionadas ao lendário e respeitável "Inferno Verde", considerado impenetrável pela ótica pessimista do derrotismo empresarial mal informado ou sem infraestrutura adequada ao desempenho do evento.



Um diagnóstico da equideocultura brasileira

Hoje, a equideocultura é um dos mais importantes segmentos econômicos da pecuária. Movimenta, anualmente, bilhões de cruzados, em exposições, leilões, alimentação, apostas e competições. Sua importância é nítida — no trabalho ou no esporte. A Coordenadoria da Pesquisa Agropecuária da Secretaria da Agricultura, sob cujo comando estão o Posto de Equideocultura de Colina e o Instituto de Zootecnia de Nova Odessa, uma das poucas instituições de pesquisas que vem se dedicando a trabalho com equinos, elaborou um livreto, fazendo um diagnóstico do setor — abordando o estágio atual da equideocultura brasileira. O livreto historia a trajetória do cavalo no Brasil, aborda os trabalhos de seleção, problemas sanitários e de alimentação e a utilidade do cavalo, reprodução e fisiologia

A chegada dos primeiros equídeos ao Brasil, foi devida a D. Ana Pimentel, esposa de Martim Afonso de Souza que, em 1534, trouxe animais da Ilha da Madeira para a Capitania de São Vicente. Em 1535, Duarte Coelho introduziu os equídeos no Estado de Pernambuco e em 1549 Tomé de Souza levou para a Bahia equinos trazidos de Cabo Verde (20). Seguiram-se outras introduções, nos primeiros tempos coloniais, de equídeos vindos da Península Ibérica, culminando com a chegada da cavalaria da Coudelaria do Altar Real de D. João VI, em 1808, quando de sua vinda para o Brasil.

Estas introduções deram importante colaboração na formação das raças nacionais de sela, Mangalarga, Campolina, Pantaneira e no Cavalo Nordestino. Os tipos mais comuns introduzidos no Brasil, nesta fase, foram o Barbo e o Árabe que haviam sido levados pelos mouros do Norte da África para a Península Ibérica.

Na formação da raça Crioula foi importante o sangue de animais introduzidos por Pedro Mendonça, na Argentina.

Outras raças exercem sua influência na formação do Cavalo Nacional a partir do Segundo Império, sendo a de maior importância a raça Inglesa de Carreira. A difusão desta raça foi devido principalmente aos Postos de Monta instalados pelos governos e por serem seus mestiços, os preferidos para os serviços de Remonta do Exército.

Apesar de serem encontrados entre as raças nacionais, animais representativos do Árabe, Inglês e de outras introduzidas em sua formação, pode-se afirmar que a grande maioria do rebanho equino nacional é



O cavalo Puro Sangue Inglês, sempre teve um grande número de criadores.

indiretamente originário do Norte da África, predominando o sangue Barbo, já que o próprio Andaluz tem esta origem. Também a maioria dos jumentos, provavelmente, seja originária da mesma região.

Com o imperioso crescimento da equideocultura, órgãos oficiais e privados envolveram seus interesses na produção de melhores equídeos para fins militares, esportivos, transporte, montaria em geral, começando então a surgir organizações voltadas para tais objetivos. Assim surgiram, inicialmente, as Fazendas de Criação sob a responsabilidade do Ministério do Exército. O Ministério da Agricultura também instalou Fazendas Experimentais de Criação distribuídas pelo Brasil e destinadas às raças nacionais e importadas, visando preservar e melhorar tipos regionais. As Secretarias de Agricultura instalaram Fazendas de Criação e Postos de Monta, produzindo reprodutores destinados ao melhoramento dos rebanhos e pro-

curando, ao mesmo tempo, resolver problemas de sanidade, alimentação, manejo e reprodução. Com este objetivo, surgiu em 1936, no Município de Colina, Norte do Estado de São Paulo, o atual Posto de Equideocultura de Colina, do Instituto de Zootecnia, da Coordenadoria da Pesquisa Agropecuária.

Ao Ministério do Exército coube importante papel no incremento da Equideocultura Nacional e Paulista. Essa ação foi exercida através das Coudelarias que foram criadas em vários pontos do Território Nacional com esse objetivo, sendo que em nosso Estado a Coudelaria de Campinas ainda hoje é um marco na produção do cavalo militar e de esportes.

Os incentivos oficiais à equideocultura tiveram início com a assinatura do Decreto n.º 1.414, de 21/02/1981, por Deodoro da Fonseca, que disciplinava a entrada de animais estrangeiros no País. Recentemente, a Lei n.º 5.971, de 11/12/1973, teve como objetivo estimular a criação e o emprego do cavalo nacional nos desportos e atividades hípias, serviço de campo e fins militares.

Atualmente, o principal órgão incentivador da Equideocultura Nacional é a Comissão Coordenadora da Criação de Cavalo Nacional (CCCCN), criada pelo Decreto n.º 52.261, de 05/05/1969, com a finalidade de fomentar a criação, incentivar esportes hípicos e prestar assistência a organizações coligadas para o desenvolvimento da criação mais racional de equídeos. Participam desta Comissão representantes do Ministério do Exército, Ministério da Agricultura, Associações de Criadores e Entidades Esportivas.



O Bretão volta a despertar interesse entre os criadores nacionais.

A EQUIDECULTURA ATUAL

Conforme dados do IBGE (1982), o efetivo brasileiro de equídeos era 7.990.000 cabeças, sendo 5.055.000 equinos, 1.330.000 asininos e 1.605.000 muare. O valor desse efetivo era de Cr\$ 83.128.265.000 (valores de 1982), sendo que os equinos isoladamente, representam 67% desse valor.

No Estado de São Paulo, ainda segundo o IBGE, o efetivo era de 669.000 cabeças, sendo 440.000 equinos, 3.000 asininos e 226.000 muare. O valor efetivo paulista em equídeos era de Cr\$ 9.935.397.000 (valores da época), sendo que os equinos, isoladamente, representam 61% desse valor.

Por falta de qualquer referência bibliográfica, não se pode fazer uma estimativa, quanto ao uso, dos diversos tipos de equídeos existentes no país e no Estado de São Paulo. É de entendimento geral que a grande maioria é constituída por animais de trabalho, não havendo, entretanto, noção de grandeza dessa maioria.

No País e em nosso Estado, trabalhando a terra, passamos da enxada à motomecanização, esquecendo-nos que não podemos abrir mão da tração animal, do cavalo, como um dos instrumentos de trabalho, gerador de energia barata na imensa extensão territorial que possuímos, principalmente em face dos graves problemas de economia de combustível que o país vem enfrentando.

Dados do IBGE (1982) demonstram que o país contava com cerca de 1,8 milhão de arados para tração animal, contra mais de 4,6 milhões de propriedades rurais até 100 ha., enquanto havia em torno de 200 mil tratores de quatro rodas para de aproximadamente 1,5 milhão de médias e grandes propriedades. Atualmente, o total de tratores em uso ultrapassa os 530 mil. O rebanho equino nacional, aparentemente gigantesco em termos absolutos, é ainda muito pequeno em termos relativos, quando comparados com os 8,5 milhões de km² do território brasileiro, com sua população de aproximadamente 120 milhões de habitantes, e principalmente, com o número de pequenas propriedades. Semelhante situação é a de São Paulo com seus 247.898 km² abrigando uma população de 25 milhões de habitantes. As re-

giões Sul, Sudoeste e Centro Oeste, pelo rebanho que possuem e pelo grau de desenvolvimento cultural de seus criadores, são as regiões de maior potencialidade para rapidamente absorverem tecnologia que permita melhores índices de produtividade e com isso influir no aumento da oferta de animais, não apenas para a prática de esportes e fins militares, mas sobretudo, para serviço.

No cômputo geral dos equídeos existentes no país, merece destaque o efetivo de asininos da Região Nordeste com 1.267.000 de cabeças, correspondente a cerca de 33% do rebanho nacional. É no entanto um efetivo de baixo valor zootécnico e pequena expressão econômica. Não obstante o relativo valor do efetivo nordestino os dados estatísticos, nos últimos 4 anos, relevam uma tendência de diminuição do rebanho. Fato que, entre outras coisas, pode ser atribuído ao abate pouco controlado, acompanhado pela inobservância da proporcionalidade legal entre machos e fêmeas (4:1 respectivamente). O rebanho de asininos nas regiões Sul, Sudoeste e Centro Oeste (58.000 cabeças) corresponde a 4% do efetivo nacional, porém de indiscutível valor zootécnico, representando uma expressão econômica de alto significado.

A discreta queda observada no rebanho equino nos últimos anos estabilizou-se. Ela foi devida sem dúvida ao abate indiscriminado que se iniciou em 1961 com a implantação do primeiro frigorífico especializado destinado ao abate de equídeos (Frigorífico Avante — Araguari-MG); à falta de incentivos para a criação de equídeos; à total ausência de prioridades nos programas oficiais do Ministério da Agricultura e Secretarias de Agricultura Estaduais; às adversidades climáticas (chuvas, enchentes, secas) e às zoonóticas (aborto equino a vírus, anemia infecciosa equina, etc.). Existe uma tendência de que se mantenha o abate de asininos notadamente no nordeste. Nas demais regiões, o interesse, pelos equinos, acentou-se muito nos Estados de São Paulo, Goiás, Paraná, Rio de Janeiro e Minas Gerais. O Parque Industrial de Carne de equídeos sem dúvida encontra-se em fase de estagnação, o crescimento vegetativo do rebanho não é suficiente para compensar o aumento do abate de animais. Naturalmente, outros fatores, como a preferência em criar menor número de animais com melhor qualidade zootécnica, também concorrem para a redução do rebanho equino Paulista e Nacional.

O criador paulista destina ainda hoje aos frigoríficos de Estados vizinhos apenas animais velhos, acidentados, impróprios para serviço de reprodução. O único abatedouro instalado no Estado operou apenas 2 anos (1974-75), abatendo 61.600 equídeos, o que corresponde a 1,2% do total abatido (5.178.700) no período de 1961-79 nos 14 estabelecimentos registrados.

A despeito dos fatores adversos e da falta de apoio da pesquisa oficial, tem-se observado nos últimos anos um crescente interesse pela equideocultura, particular-

mente por raças especializadas para o serviço, animais Puro Sangue de Corrida, e, mais recentemente, por programas de cruzamento de raças, visando o mestiço dirigido para esporte. Em 1978 foi fundada em São Paulo a Associação Brasileira de Criadores de Cavalos do Hipismo, congregando criadores que visam a obtenção de animais de esporte. Em 1982 foi fundada em Curitiba a Associação Brasileira dos Criadores de Cavalos da Raça Bretão e Animais de Tração, mostrando definitivamente o interesse de técnicos e criadores para as diferentes utilizações dos equídeos.

Para alguns países, onde a criação do cavalo de esportes e carreira é considerada um segmento de economia, ela vem merecendo o apoio e o amparo dos governos. Esses equinos têm sido importante fonte de divisas, já que diferentes e inúmeros países são ávidos importadores desses animais. O Brasil e o Estado de São Paulo têm condições de criar exemplares de qualidade para exportação, a preços competitivos, restando tão só colocar em prática um conjunto de medidas a nível do governo e da iniciativa privada.

O número de sócios das Associações de Criadores de diferentes raças, bem como, o número de animais inscritos nos livros de registros sobem a cada mês. Tomando como exemplo a Associação Brasileira de Criadores da Raça Mangalarga, verificamos que em 1973 havia pouco menos de 500 associados e em 10 anos esse número ultrapassou a 2.100.



selaria
SÃO JOSÉ
são paulo

Qualidade
e
Tradição

Av. Santo Amaro, 655 -
Fones: 543-5859 - 61-8234
CEP 04505 - SÃO PAULO

Com o crescente interesse pelo cavalo, a comercialização desse animal em leilões tem superado significativamente a espécie bovina. Os resultados das vendas em leilões no mês de agosto de 1983 nos Estados de São Paulo, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso alcançaram a cifra de 2 bilhões e 969 milhões de cruzeiros (valores da época) e desse total os equídeos foram os responsáveis por 83% do total (14).

O mercado tem se mantido sempre em alta há mais de 10 anos e, apesar da crise econômica que atravessamos, não encontramos até o momento indícios de queda na comercialização de equídeos. Pelo contrário, há fatos novos nessa comercialização, venda de coberturas e arrendamentos de garanhões, indicadores de crescente valorização econômica no setor. Em vários leilões têm sido vendidas coberturas de garanhões de diferentes raças por altos preços.

Para efeito da comparação dos valores de venda de equídeos em leilões, tomaremos como exemplo os resultados dos leilões de 09.07.82, de 08.07.83 e de 13.07.84, realizados no Posto de Equideocultura de Colina, animais de propriedade do Governo do Estado de São Paulo e vendidos à vista. (Quadro 1).

Do ponto de vista social há que se destacar as atividades que os equídeos desenvolveram e que ainda estão desenvolven-

do, sobretudo o cavalo, que ainda muito representa no desenvolvimento dos povos.

No Brasil, pela sua própria configuração geográfica e não obstante a considerável evolução na motomecanização agrícola, ainda não se pode prescindir dos equídeos como instrumento de trabalho e de transporte. Por outro lado, a maleabilidade do equídeo alia-se ao baixo custo de capital empatado e à facilidade de manutenção. Também a abertura de novas áreas agropecuárias especialmente no Brasil Central e na região Norte, vem aumentando a demanda de animais que dificilmente poderão ser substituídos por veículos.

Paralelamente a esses fatos, houve um grande desenvolvimento de setores ligados a equideocultura, principalmente em São Paulo, como as indústrias de rações balanceadas e concentradas e de artefatos de couro na produção de arreios. Os equinos consomem concentrados, sais minerais, vitaminas, medicamentos, desinfetantes, vermífugos, vacinas, usam artefatos de couro, metal, ligas etc., utilizam "camas" que posteriormente são usadas como adubo orgânico, beneficiando a quem produz, distribui e transporta aqueles artigos. A dinamização dessas atividades levou o aparecimento de mão-de-obra especializada, criando condições de trabalho e sustento a muitos brasileiros.

Apesar dos equídeos não figurarem en-



O Quarto de Milha já está consagrado entre os equideocultores nacionais.

tre os principais produtos da economia brasileira, eles constituem um fator coadjuvante e indispensável como suporte de outras indústrias agropastoris, como a pecuária de corte e leite, cana-de-açúcar, café, milho, soja, etc., que se destacam pelo valor da produção.

O cavalo mais especializado, para esportes ou carreira deveria ser mais conhecido por todos, principalmente por aqueles que duvidam desta verdadeira indústria. Do nascimento à morte os animais de esporte prestam inúmeros benefícios nos que com eles lidam e à coletividade em geral. Nas instalações de um Haras,

FAZENDA ÁGUA BRANCA

OURINHOS - SP

PROP.: ALBERTO DE PAULA LEITE MORAES

— FONES: (0143) 22-2575 — OURINHOS (011) 37-6244 — SÃO PAULO

RAÇAS



NAVIO DO CAFEZINHO, por Panavirã VR e Cangica VR
Grande Campeão Nacional Araçatuba 1980
Peso: 1.300 kg.

J
M
A
U
R
A
R
A
H
B
A
O



RUBLO DA PRIMAVERA POI — Peso 1.000 kg
Rotak x Aba da Primavera

**Venda permanente de reprodutores filhos de Navio e Rublo
classificados como elite em ganho de peso em Araçatuba e Sertãozinho**



antes que a primeira reprodutora chegue para ser instalada, já milhares de horas de trabalho foram utilizadas propiciando remuneração a topógrafos, agrônomos, engenheiros civis, pedreiros, carpinteiros, eletricitas, encanadores, pintores, serventes, motoristas, tratoristas e sobretudo mão-de-obra rural não especializada. O pleno funcionamento de um Haras com uma média de 35 éguas, criando 25 potros ao ano, exige uma média de 25 empregados. Cada potro criado é diretamente responsável pelo sustento de uma família e só na raça P.S.I., no Brasil, são criados em média 700 potros por ano. Nas vilas hípias em São Paulo (Cidade Jardim, Chácara do Ferreira e Campinas) são mantidos alojados cerca de 2.500 equinos de carreira e cada um deles é responsável por 1,8 empregos diretos. É o cavalo de carreira ainda um dos grandes responsáveis pelo desenvolvimento de outras raças de equídeos no país, já que a CCCCN recebe compulsoriamente 1,5% do movimento bruto de apostas dos hipódromos maiores instalados no país (São Paulo e Rio de Janeiro). Do montante arrecadado (só o Jockey Club de São Paulo, no ano de 1982, contribuiu com Cr\$ 348.707.093,37) (valores da época a CCCN contribui parte para os hipódromos menores e parte para as Associações de Criadores de Equídeos existentes no país. Os Jockeys Club maiores, além das obrigações sociais relativas a seus funcionários, contribuem compulsoriamente para o I.N.P.S. com 3% do movimento bruto de apostas (a título de ilustração no ano de 1982 o Jockey Club de São Paulo contribuiu com Cr\$ 697.414.186,74 (valores da época) para a Previdência Social, além do montante relativo às obrigações trabalhistas de seus funcionários).

A pesquisa com equídeos no Brasil é incipiente, já que apenas um pequeno número de Instituições aplicam de seus recursos nessa atividade. O número de técnicos qualificados que executam a pesquisa com equídeos é reduzido, consequentemente a produção científica, em termos de trabalho publicados, é muito pequena. No Estado de São Paulo, pouco mais de uma dezena de pesquisadores estão diretamente ligados à pesquisa com equídeos. Seus trabalhos são desenvolvidos em instituições como o Instituto de Zootecnia e Instituto Biológico, da Secretaria de Agricultura e Abastecimento de São Paulo; a Universidade de São Paulo; a Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"; o Jockey Club de São Paulo; a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária — UEPAE — São Carlos. No Brasil, o número de pesquisadores nesta área não chega a três dezenas. Obviamente esta situação é um reflexo da limitada importância econômica falsamente atribuída aos equídeos em comparação com as demais espécies.

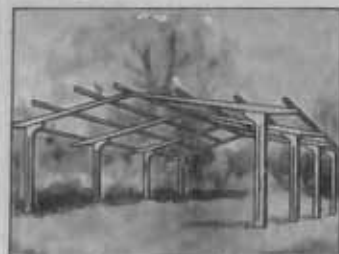
Tendo em vista que os animais de potencial genético superior, somente manifestam essa potencialidade em condições ambientais adequadas, aqui no Brasil, existe uma ampla série de problemas técnicos a serem resolvidos, sem o que, esses ani-



Os equídeos da Península Ibérica exerceram grande influência na formação das raças nacionais.

mais não poderão alcançar as "performances" verificadas em outros países e a um custo operacional compatível com essa exploração zootécnica. Dentre os inúmeros problemas técnicos constatados na produção de equídeos, há de se ressaltar as questões relativas a alimentação, reprodução, sanidade e melhoramento.

Na alimentação está o ponto de estrangulamento básico da Equideocultura Nacional. Por razões históricas e arraigada tradição, a alimentação dos animais valiosos, quer a nível de Haras ou Núcleos de Criação, bem como, os animais estabelecidos em unidades militares, sociedades hípias e hipódromos, fundamentalmente é



GALPÃO RURAL Cavan

- ECONÔMICO
- VERSÁTIL
- MODERNO

Resiste ao tempo e às intempéries. Sendo em concreto, dura eternamente. Sabe quando você terá de reformar ou consertar o Galpão Rural Cavan? Nunca! Pode ser para estábulo, cocheira, aviário, pocilga, paiol, armazém, garagem, depósito, silo, oficina... você o adapta em função de sua necessidade. O Galpão Rural Cavan tem mil e uma utilidades em sua fazenda. É uma garantia de 15 anos Cavan.

POSTES
Cavan S.A.

BELEM-PA — Tel.: (091) 235-2940
FORTALEZA-CE — Tel.: (085) 225-9504
(085) 225-0429
RECIFE-PE — Tel.: (081) 339-1677
(081) 339-2111
SALVADOR-BA — Tel.: (071) 243-7774
(071) 242-1142



baseada na onerosa trilogia: milho degerminado, aveia achatada e feno de alfafa. Muito embora a aveia e o feno de alfafa sejam alimentos adequados à fisiologia digestiva dos equinos, deve-se recordar e insistir que esses alimentos, sendo próprios de clima temperado, são de difícil produção e, consequentemente, elevam sobremaneira o custo de produção ou manutenção, quando utilizados de forma tão exclusiva, como vem sendo feito. À luz dos conhecimentos da Ciência e Nutrição Animal, não é válido o conceito de que existem alimentos específicos; o que se conhece são necessidades nutritivas, e deve-se então falar em termos de nutrientes. Esses nutrientes devem ser fornecidos através de mistura de diversos alimentos que sejam facilmente produzidos na região e em quantidades suficientes. Dessa forma haveria uma redução no custo da produção e manutenção dos cavalos, sendo fornecida uma alimentação realmente científica, abolindo assim o empirismo do esquema tradicional de alimentação. No relativo à utilização de pastagens, praticamente nada de científico foi realizado em nosso país. Disponho de imensas áreas e de considerável gama de gramíneas e leguminosas, mas nunca avaliamos o comportamento dos equídeos sobre as pastagens que lhes oferecemos. Qualquer indagação rotineira, a formulação mineral ideal para ser fornecida aos equídeos, bem como, qual o melhor pasto onde eles devem ser mantidos, tem sempre uma resposta evasiva, onde algumas vezes sobressai apenas a cultura geral do técnico solicitado. Então, o manejo a que são submetidos os plantéis são fundamentados mais na tradição importada (afrancesada) do que em normas, pelo menos racionais, que atendem cientificamente às necessidades da espécie.

O equídeo é uma espécie considerada mundialmente como de baixa fertilidade sobretudo num país que usa um manejo altamente empírico. A fertilidade estimada no Brasil é de 45%. Na produção do P.S.I. onde se concentram maior investimento e atenção, seria lógico esperar produções elevadas; os 2344 potros e 2304 potranças nascidos em 1982 representam tão somente 52,64% da taxa de fertilidade, o que tem sido uma constante nos últimos 10 anos. Várias causas são apontadas como preponderantes na incidência dessa baixa fertilidade, incluindo o longo período de estro que dificulta o reconhecimento do exato momento da ovulação, propício para a fecundação. Acreditamos que a infertilidade das fêmeas está menos condicionada às perturbações orgânicas e mais ligadas a regimes de criação inadequados, incluindo a monta controlada à mão. Os técnicos do Posto de Equideocultura de Colina, trabalhando o plantel de equinos do Governo do Estado de São Paulo, nos últimos 18 anos, em um total de 2230 éguas, alcançaram a média de 79,6% de taxa de prenhez para o período. Este percentual se iguala aos índices obtidos em plantéis considerados como de elevado rendimento nas diversas regiões do mundo. O regime de criação adotado

no Posto de Equideocultura de Colina é o mais simples, semi-extensivo e onde um manejo atualizado procura atender às reais necessidades das éguas e dos gara-



Tiara JO — Mangalarga.

nhões no referente principalmente às exigências nutritivas, defesa sanitária, detecção dos sinais de estro e momento de cobertura.

Se por vezes as taxas de prenhez obtidas em diversos estabelecimentos podem até ser consideradas acima da média, o mesmo não se poderá dizer com relação à taxa de desmama, que causa, em consequência, menor fertilidade. As perdas perinatais constituem uma grande incidência na equideocultura. No momento do nascimento, além de problemas comuns de parto, o potro recém nascido, fisiologicamente, apresenta uma total deficiência em seu sistema imunitário. Por este motivo os recém nascidos dependem da ingestão do primeiro leite (colostró) para obter um nível de imunidade compatível com a sobrevivência. A aquisição desta imunidade passiva está relacionada, entre outros, com fatores maternos e fatores individuais, entre eles a debilidade congênita, atraso para a primeira mamada, bloqueio da absorção intestinal etc. Mesmo tendo acesso a uma razoável quantidade de colostro, aproximadamente 25% dos potros recém nascidos não geram níveis adequados de gamaglobulina. Daí resultar animais com um tipo de insuficiência de Transferência Passiva, o que faz com que uma elevada porcentagem destes potros desenvolvam doenças infecciosas (principalmente pulmonares e entéricas) até as 4 primeiras semanas de vida. A falta de conhecimento destes problemas por parte da grande maioria dos criadores fez com que medidas preventivas não fossem colocadas em prática na rotina das criações, sendo então altas perdas perinatais, em torno de 15%. É necessário introduzir em nossas criações o capítulo especial da pediatria equina, principalmente treinando pessoal técnico de apoio, visando orientar os equideocultores para tão importante capítulo da produção.

Mesmo considerando que são poucos os dados existentes, podemos dizer que o estado sanitário dos equídeos no Brasil é aceitável. A participação desses animais na disseminação de zoonoses, entre os quais o mormo, raiva, brucelose, encefalomielite, é insignificante, sendo muito raro os casos de infecção humana transmitida pelos equídeos. No que diz respeito às doenças próprias desses ani-

mais, pode-se dizer que são poucas aquelas que causam alguma preocupação. As "cólicas" continuam a representar a ocorrência mais comum, com consequências nem sempre favoráveis, quase sempre elas têm como causa a verminose ou o manejo de alimentação incorretos. As endoparasitoses ocupam papel importante entre as doenças parasitárias, e o seu controle tem sido obtido de maneira relativamente simplória com o uso de produtos de eficiência por vezes contestadas e a preços elevados.

Das doenças infecciosas, a Anemia Infecciosa Equina é, sem dúvida alguma, a que ainda está ocupando posição de destaque, pela sua fácil disseminação. Atualmente está incidindo de forma enzootica especialmente no Estado de Goiás e Mato Grosso do Sul, estando razoavelmente controlada em São Paulo, sendo objeto de um programa especial por parte do Ministério da Agricultura.

As clistridioses, a encefalomielite tipo leste e o aborto contagioso (Salmonelose) são ocorrências relativamente raras e limitadas a certas regiões. Sério contratamento na Equideocultura Paulista é o Aborto Equino a Virus seja pela sua disseminação, seja pelos prejuízos que acarreta e ainda por passar despercebido por um grande número de criadores. Aqui temos a lamentar a paralisação nas pesquisas iniciadas em laboratórios oficiais paulistas, que procuravam com ampla margem de sucesso, uma vacina eficiente contra a virose. No mesmo nível de importância um destaque maior deve ser dado às pesquisas visando esclarecer as "Síndromes Neurológicas" vulgarmente conhecidas como "bambeiras". Uma atenção especial deve ser dada no sentido de melhor conhecer a Toxoplasmose Equina, principalmente no relativo ao ciclo evolutivo do parasita. Ainda no capítulo das protozooses devemos destacar e envidar esforços de pesquisas com a Nutaliose que, principalmente a nível de animais de esportes e entre os equídeos importados, causa tantos prejuízos.

A Equideocultura Nacional deve propagar por uma rígida política de defesa sanitária, visando principalmente evitar a introdução de doenças exóticas no país. A rigor, todas as doenças de animais domésticos que se registram hoje entre nós, foram introduzidas no país. De passado recente, entre os equinos, foram diagnosticadas no Brasil a Influenza Equina (1962), o Aborto Equino a Virus (1964), a Anemia Infecciosa Equina (1968) e a Influenza Equina A-1 (1976). Mais recentemente dois focos de Estomatite Vesicular estão sendo pesquisados e a ameaça da devastadora Metrite Contagiosa não pode ser contemporizada.

Estes são alguns dos fatores que limitam a Equideocultura Nacional e a Estadual e que, estão à espera de pesquisas para sua solução. Sem dúvida, um trabalho integrado de pesquisa deverá originar informações que divulgadas e aplicadas a nível de criador, acarretarão como consequência, produção de equídeos capazes de alcançar altos desempenhos.



Modelos de edificações para suínos, durante estação quente

Carlos Cláudio Perdomo¹
Sergio Nicolski²

O modelo de edificação exerce grande influência no desempenho do suíno. O conhecimento dos fatores meteorológicos (temperatura, umidade relativa do ar, ventilação, luminosidade e outros) são fundamentais para definir o modelo, a localização, o material de construção e o grau de fechamento desejado nas edificações.

As condições climáticas que vigoram na Região Sul caracterizam-se por apresentar estações quentes mais significativas que as frias. O suíno é uma espécie com mecanismos fisiológicos pouco eficientes para a eliminação do calor corporal. Consequentemente, as edificações para suínos, nestas condições, deveriam ser projetadas e construídas de forma a proporcionar melhor conforto térmico para os dias quentes, especialmente, para os animais adultos.

A crescente tendência para o confinamento da produção suinícola têm apresentado aspectos frequentemente excessivos para o conforto animal e a economicidade da exploração. Dados levantados pelo Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPISA) junto a produtores do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, revelaram que a altura média do pé direito das construções para suínos era de 2,1 — 2,2 m, podendo ser considerada extremamente baixa e pouco eficiente para reduzir o calor transferido pela cobertura.

Para conhecer e estabelecer comparações do desempenho ambiental de diferentes modelos de edificações durante a estação quente, foi realizado um trabalho com 153 edifícios pertencentes a criadores do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

¹ Eng. Agr., M.Sc., EMBRAPA — Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPISA), Caixa Postal D-3, CEP 89700, Concórdia, SC.

² Eng. Agr., M.Sc., Professor Assistente do Depto. Zootecnia da UFRGS, CEP 90000, Porto Alegre, RS.

TABELA 1 — Compartmentamento ambiental de diferentes modelos de edificações para suínos, durante a estação quente (outubro a abril).

Modelo	Fatores ambientais (médias diárias)		
	Temperatura (°C)	Umidade relativa (%)	Ventilação metros/minuto
1. Unilateral fechado	25,4	70,7	3,05
2. Bilateral fechado	25,6	72,1	4,04
3. Aberto	25,3	64,9	5,66
4. Misto	24,3	62,8	2,63

- 1 — Unilateral fechado — edifício com fechamentos (janelas) em apenas uma lateral, sendo a outra aberta.
2 — Bilateral fechado — edifício com janelas em ambas as laterais.
3 — Aberto — edifício sem fechamentos nas laterais.
4 — Misto — edifício que alterna seções abertas com seções fechadas.

Os dados foram coletados de outubro a abril e em cinco períodos diários (7:30; 10:30; 13:30; 17:00 e 20:00 horas). O levantamento iniciou-se em 1981 e terminou em 1983.

RESULTADOS

A Tabela abaixo apresenta os resultados obtidos em quatro modelos de edificações para suínos mais utilizados pelos criadores do sul.

Os resultados demonstraram que as temperaturas médias diárias internas encontradas nos diferentes modelos foram semelhantes e muito elevadas para as necessidades do suíno, especialmente na fase adulta.

Os modelos de edificações mais fechados (unilateral e bilateral fechado) apresentaram taxas de umidade relativa do ar levemente superior às necessidades dos animais (especialmente para as fases jovens) enquanto que para os edifícios misto e aberto, as taxas foram adequadas a todas as fases.

A incidência de ventilação interna foi pequena em todos os modelos (principalmente no unilateral fechado e misto) e inadequados aos animais, especialmente quando relacionada às elevadas temperaturas encontradas no período.

CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

1. As taxas internas de temperatura, e de ventilação apresentada pelos diferentes modelos de edificações foram considerados inadequados aos suínos, especialmente na fase adulta.

2. É possível conseguir uma melhoria do conforto térmico e do acondicionamento ambiental através de técnicas construtivas simples e racionais.

Nestas condições recomendamos:

— uso da telha de barro como cobertura, combinada com uma inclinação adequada (40 — 60%);

— aumentar a altura do pé-direito para edificações estreitas (5,0 — 7,0 m) para no mínimo 2,5 m, 2,80 m para edifícios de largura média (7,0 — 10,0 m) e 3,0 m para edifícios mais largos;

— adoção do modelo de edifício misto para pequenas e médias criações, sendo que a seção que alojaria a fase de maternidade-creche deverá ter janelas amplas em ambas as laterais e abertas nas demais fases;

— a adoção para grandes criações, de modelos bilateralmente fechados para as fases de maternidade-creche e modelos abertos para as demais fases;

— aumentar o espaço destinado aos animais em todas as fases.

Arroz cortado produz

Com a lavoura de arroz de sequeiro, dada como perdida por causa da seca, os agricultores de Toledo, PR, Camilo, José e João Batista Mandotta, todos irmãos, resolveram, em vez de passar a grade sobre a plantação, ceifá-las com uma colheitadeira. "A lavoura estava tão seca que se tocasse fogo queimava tudo", explicam os irmãos. Porém, a surpresa veio depois: o arroz ceifado, após o corte e com as primeiras chuvas, voltaram a perfilar e produziu uma média de 120 sacas por alqueire. O arroz foi plantado tardiamente no mês de outubro e, ao ser ceifado, ainda estava vegetativamente em potencial de crescimento e produção. "Deu para faturar os 70 mil cruzados com a lavoura e mais do que isso valeu pela experiência", alegam-se os irmãos.

Pesquisa visa melhorar desempenho da pecuária nos cerrados

Com o objetivo de melhorar o desempenho da pecuária nos cerrados, cujo índice de produtividade é baixo, o Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados vem desenvolvendo pesquisa, procurando descobrir formas de manejo que proporcionem maior rendimento do rebanho. De acordo com o levantamento feito pelo CPAC, nas fazendas das regiões dos cerrados — que concentram 36% do rebanho brasileiro — existem áreas de pastagens nativas, áreas de pastagens cultivadas e áreas com culturas anuais ou perenes ou áreas úmidas, passíveis de exploração por irrigação. Assim, os pesquisadores recomendam a utilização das pastagens conforme as exigências dos animais.

Por exemplo, eles recomendam colocar, nas áreas de pastagens cultivadas, os animais recém-desmamados, vacas paridas e animais de engorda, por serem mais exigentes do rebanho. Nas áreas nativas, o CPAC recomenda colocar as

vacas secas de outras categorias, que são pouco exigentes em alimentação. Ainda conforme a recomendação dos pesquisadores, os pecuaristas devem evitar a degradação das pastagens cultivadas por pragas, usando, por exemplo, capins resistentes às cigarrinhas das pastagens, que atacam severamente os capins das regiões. Para isso, formar áreas com capins resistentes a essa praga, como o Andropogon e o Marandu. Com a formação dessas áreas, os pesquisadores recomendam usar pastagens dessas gramíneas de novembro a março, período de ataque intenso das cigarrinhas, e poupar a de brachiária, susceptíveis à praga.

Cresce produção de ervilhas no País

Embora tenha sido introduzida há pouco tempo, a cultura de ervilha está em expansão, tanto de área plantada como de produtividade. Com isso, paulatinamente, o Brasil está deixando de importar esse produto e deve alcançar a auto-suficiência brevemente. Única empresa privada no país a produzir sementes melhoradas e variedades adaptadas às condições brasileiras, obtidas em seu centro de pesquisa em Paulínia, a Asgrow aposta firme nesse mercado e tem destinado grande soma na descoberta de novas variedades. Já na última safra, ela oferecia 10 variedades de sementes com características industriais específicas, como para reidratação, enlatamento, congelamento e ervilha partida. Além das variedades com características específicas para cada uso industrial, a Asgrow está empenhada, também, no desenvolvimento de variedades que se adaptem às diversas regiões de cultivo, com diferentes ciclos de maturação, resistência à doença e tipos de grãos. Para este ano, a Asgrow pretende oferecer 15 variedades diferentes de sementes. Por outro lado, a produção de sementes, este ano, aumentará 250% em relação a 1985 — um crescimento expressivo, indicando que a cultura de ervilha já está consolidada no país.

CNPSoja pesquisa micorrizas

O Centro Nacional de Pesquisa de Soja (CNPSoja/Embrapa), sediado em Londrina, PR, iniciou pesquisa de tecnologia que viabilize o aproveitamento de fungos do solo, conhecidos por micorrizas. Estes fungos, quando presentes nas raízes das plantas, proporcionam-lhe melhor desenvolvimento, auxiliando-as no aproveitamento quase total dos nutrientes colocados no solo. Os fungos têm a capacidade de absorver os nutrientes e passá-los às raízes, funcionando como canais de nutrição das plantas. Este grupo de fungos — que dois pesquisadores procuram identificar e posteriormente multiplicados em laboratórios para depois inocular às sementes — pode trazer economia aos produtores no emprego de adubos químicos e, induzindo o fortalecimento da planta, pode reduzir o emprego de defensivos, já que ela terá maior tolerância ao ataque de fungos e pragas. O trabalho está sendo desenvolvido pelos pesquisadores da Embrapa, Shin Wang e Gamin Wang. Nesse projeto a Embrapa está investindo Cz\$ 1 milhão por ano. O objetivo é produzir as micorrizas em pó ou em cápsulas. Pelos cálculos da Embrapa, o emprego intenso de micorrizas provocará significativa economia ao país e aos agricultores na compra de fertilizantes e defensivos.

Soja, do Brasil para o mundo

Com apenas 10 anos de fundação e uma contribuição significativa à economia brasileira, o Centro Nacional de Pesquisa de Soja (CNPSoja) começa, também, a contribuir para alimentar o mundo: através de convênios, a entidade vem contribuindo para introduzir soja em várias partes do mundo, sobretudo nos países de clima tropical. Por exemplo, o CNPSoja foi encarregado pela FAO — órgão das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação — para assessorar a Nicarágua. Desde dezembro último, dois agrônomos nicaraguenses acompa-

nham de perto os trabalhos da Embrapa. O objetivo é introduzir, em escala comercial, a cultura de soja neste país centro-americano que importa, anualmente, US\$ 25 milhões de óleos comestíveis. Com a Nicarágua, o Centro já ofereceu assistência a 20 países do mundo — da América Latina e da África, todos os países com clima semelhante ao do Brasil.

Sementes peletizadas levam mecanização na olericultura

Com a introdução de sementes peletizadas de hortaliças — técnica desenvolvida pela Asgrow, que deixa as pequenas sementes de hortaliças do tamanho de grão de adubos — a olericultura começa a fase de mecanização do plantio. Inicialmente, a Asgrow lançou as sementes peletizadas de alface repolhuda e agora está lançando a alface crespa, cenoura, cebola e tomate. Com as sementes peletizadas — elas são revestidas por uma camada de material inerte — em alguns casos nutrientes — é possível se fazer a semeadura mecanizada e evitar desperdícios de sementes. O principal problema, agora, é encontrar máquinas específicas para a semeadura mecanizada de sementes peletizadas: mas, segundo a Asgrow, há diversas empresas interessadas em produzi-las.

Satélite ajuda planejamento agrícola

Com o objetivo de agilizar estudos sobre a exploração dos cerrados e descobrir algumas das características do solo mais propícias à atividade agrícola e pecuária, o Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC) irá usar, no futuro, as imagens de satélite. Experimento pioneiro está sendo feito em Paracatu, no Noroeste Mineiro, onde as imagens do satélite Landsat, americano, serão estudadas para identificar polos desenvolvimento e avaliar os recursos naturais, fazendo um mapeamento da região. A interpretação dessas imagens permite agilizar e melhorar a eficiência dos trabalhos na identi-

cação e diferenciação das principais fisionomias da região. Depois desse estudo, o CPAC pretende usar as imagens para toda a região dos cerrados, ordenando uma ocupação mais racional, de tal forma que os agropecuaristas possam explorar apenas os solos com bom potencial de produção.

Recria e engorda de bovinos na região dos Cerrados

Embora abrigue, hoje, 36% do rebanho bovino nacional, a região dos cerrados não faz, na pecuária, o ciclo completo de criação: 60% das propriedades fazem a cria. E cria e recria, simultaneamente, apenas 35%. E dessas propriedades apenas 5% fazem ciclo completo — cria, recria e engorda. O Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC) pretende estimular os pecuaristas da região a fazerem o ciclo completo, melhorando a renda da propriedade. O objetivo é difundir técnicas de manejo adequado de alimentação, através de uso integrado de pastagens, evitando perdas de peso na época seca.

Conforme os pesquisadores do CPAC, uma fazenda normalmente mantém as pastagens nativas, pastagens cultivadas, áreas destinadas às culturas anuais ou perenes e áreas úmidas ou em condições de irrigar. Assim, o uso dessas pastagens seria programado conforme as exigências dos animais. Por exemplo, as áreas de pastagens cultivadas seriam utilizadas com animais recém-desmamados, vacas paridas e animais de engorda, que são os mais exigentes do rebanho. E as vacas secas e outras categorias de animais seriam colocadas em áreas de pastagens nativas. Com esse manejo racional, os pesquisadores acreditam que os agricultores poderão aproveitar melhor as pastagens e melhorar o desempenho dos bovinos.

Congelamento de sêmen de suínos

O Centro Nacional de Pesquisa de Suínos e Aves (CNPISA/Embrapa) está estudando métodos de conservação de sêmen de suínos, sem provocar as alterações dos re-

sultados de fertilidade. Conforme os pesquisadores, o método atual, de resfriamento, embora eficiente, limita o emprego de inseminação artificial em suínos — já que a aplicação do sêmen pode ser feita apenas por um período de 2 a 3 dias após a coleta. Assim, a técnica de congelamento permitiria a conservação permanente do sêmen e impulsionaria a empresa de IA em suínos, propiciando o acesso dos suinocultores a machos selecionados, independente da distância em que sua propriedade fique da Central de Inseminação.

Controle biológico do bicudo

Uma esperança começa a brotar para os produtores de algodão brasileiro no combate ao bicudo, uma praga devastadora e que já infesta 28% de todos os algodões do país. Em abril, a Empresa Pernambucana de Pesquisa Agropecuária, subordinada à Embrapa, começa a fazer experiência de campo em uma área de 1.000 m² com o fungo *Beauveria bassiana* no combate ao bicudo. No laboratório, a empresa conseguiu controle de 100%. Se o fungo mostrar eficiência, os agricultores poderão economizar, em média, Cz\$ 1.200,00 por hectare no combate ao bicudo.

O fungo *B. bassiana*, identificado pela Embrapa em dois hospedeiros — *C. Sordidus* e *M. hopiterus* — vem sendo empregado, com sucesso, contra a broca da bananeira. Suas características — grande capacidade de invasão e infecção de hospedeiros, grande poder de disseminação e resistência à temperatura de até 40 °C — podem torná-lo uma arma poderosa contra a praga do bicudo. De acordo com os pesquisadores, o fungo, ao ser aspergido sobre o bicudo, contamina a praga e, desenvolvendo-se em seu organismo, leva-a à morte.

Cerrados baianos produzem

Uma equipe do Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC/Embrapa) visitou a região dos cerrados baianos e concluiu que ela

tem potencial agrícola apreciável, desmentindo os resultados apresentados, em 1979, pelo Seplan, que informavam que a região era inapta para culturas anuais e com sérias limitações até para pastagens cultivadas. Mas, segundo os técnicos, é necessário conhecer as peculiaridades regionais. "Há grande diversificação de tipos de solos nos platôs. E essa característica exige que a exploração agrícola seja feita através de uma adequada orientação agrônômica, o que não acontece na re-

gião", explica o pesquisador do CPAC, Guido Ranzani. "Por suas peculiaridades o Noroeste da Bahia, onde situam os cerrados, precisa de tecnologias adaptadas para a região", observa.

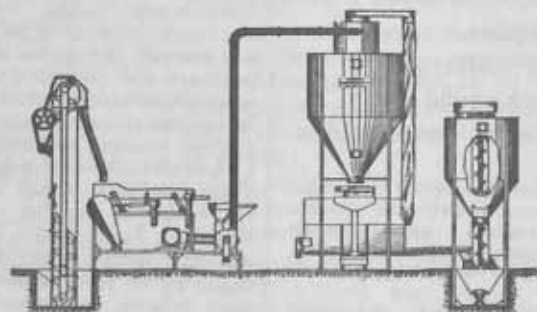
Para ilustrar as potencialidades dos cerrados baianos, o técnico citou o exemplo da soja. "No quarto ano de plantio, a soja Savana apresentou produtividade de 47 sacas por hectare, um ótimo índice", observou Ranzani. Porém, ele advertiu sobre o risco da mo-

PREPARE VOCÊ MESMO A RAÇÃO ADEQUADA PARA SUA CRIAÇÃO

MINI FABRICA DE RAÇÕES

PRODUÇÃO

300 A 12.000 KGS/HORA



UTILIZADO NA MOAGEM E MISTURA DE RAÇÕES PARA AVICULTURA, SUINOCULTURA, PECUARIA DE LEITE E CORTE, INDÚSTRIA DE RAÇÕES E DE FARINHAS EM GERAL.

A MAIS COMPLETA LINHA DE MAQUINAS E EQUIPAMENTOS PARA PROCESSAMENTO, MOVIMENTAÇÃO E ARMAZENAGEM DE RAÇÕES

- | | |
|----------------------------|-------------------------|
| ■ Trituradores (moinho) | ■ Carretas Ensiladeiras |
| ■ Misturadores de Rações | ■ Debulhadores de Milho |
| ■ Conjunto para Rações | ■ Desintegradores |
| ■ Micro Fábricas de Rações | ■ Picadeiras |
| ■ Roscas Transportadoras | ■ Ensiladeiras |

MAQUINAS
BENEDETTI
ESPIRITO SANTO DO PINHAL-SP

PÇA. VICENTE FREITAS GUIMARÃES, 36 - CEP 13990
FONE: (0198) 51-1677 - ESP. SANTO DO PINHAL - S. P.

Revendedores Autorizados em todo o Território Nacional

nocultura e segundo o pesquisador, o ideal é fazer a rotação das culturas. "A rotação de cultura seria ideal para a região: além de facilitar o controle de doenças e pragas, proporcionaria o aumento de matéria orgânica, muito importante para as características dos solos de cerrados". Além de culturas anuais, a região dos cerrados baianos é propícia às culturas perenes, como frutícolas (graviola, goiaba, manga, citros e caju, entre outras). Conforme o pesquisador, além de cuidados no manejo de solos, para evitar erosão, a região tem outro problema grave: as estradas são precárias, dificultando e encarecendo o escoamento de safra e o acesso de insumos modernos, como fertilizantes.

Manejos de rebanhos nos cerrados

Com o objetivo de encontrar um manejo adequado para os bovinos nos cerrados, o Centro de Pesquisa Agropecuária dos Cerrados (CPAC/Embrapa) e a Emater-Goiás instalaram, na fazenda Lavadeiras, no município de Formosa, Goiás, uma Unidade de Observação de Manejo Animal. Essa unidade está utilizando as técnicas desenvolvidas pelo centro e, após o experimento prático, elas serão transferidas para os pecuaristas da região.

Instalada há dois anos, a unidade começou o trabalho com um rebanho de 74 vacas. Nessa primeira fase, a principal preocupação dos técnicos foi aumentar a taxa de natalidade. Assim, foi instalada a estação de monta e o desmame das crias. A estação de monta para as matrizes foi implantada paulatinamente: passou de 12 para 9 meses, depois de nove para seis e na última etapa de 6 para três meses. O período de monta definitivo foi fixado, para os cerrados, da segunda quinzena de novembro à segunda quinzena de fevereiro.

Quanto ao desmame, será feito de abril a junho, num prazo de oito meses. Na próxima estação, o desmame será um mês a menos, até se chegar a uma idade ideal. Segundo os pesquisadores, o estabelecimento de estação de monta — o touro fica com as matrizes apenas no período de

finido — leva à concentração de nascimento na época desejável, facilitando a idade de desmame. Por outro lado, consegue aumentar a taxa de natalidade de 50 para 75% e diminui a mortalidade. E pode-se utilizar a mão-de-obra de forma racional. Com isso, pode-se fazer um planejamento do emprego da mão-de-obra, conforme a demanda de serviços na propriedade. Aumentando a taxa de natalidade e diminuindo o da mortalidade, haverá maior produção de bezerros. A partir daí, a CPAC irá introduzir técnicos de manejo da alimentação, fazendo melhor aproveitamento de pastagens. Os técnicos acreditam que melhorando a taxa de natalidade, diminuindo a de mortalidade, melhorando a alimentação, o desfrute do rebanho dos cerrados, muito baixo, pode ser elevado significativamente, sem muitos gastos adicionais.

Controle biológico de pragas e doenças

Com apoio da Embrapa e do CNPq, a Sociedade Brasileira de Fitopatologia promoverá, de 13 a 18 de julho, no Centro de Convenções de Brasília, DF, o XIX Congresso Brasileiro de Fitopatologia. Paralelamente ao Congresso, será realizado o Simpósio Latino-Americano de Virologia Vegetal, com participação dos especialistas da Costa Rica e América Central, Venezuela, Peru, Chile, Argentina e Brasil. Entre os temas, serão debatidos "O Papel da Biotecnologia na Fitopatologia" e o "Desafio e as Oportunidades para o Controle Biológico de Pragas, Doenças e Ervas Daninhas". No simpósio, os tópicos versarão sobre o controle da virose da batata, vírus e problemas correlatos da mandioca, perspectiva de quimioterapia, premunização de plantas cítricas, métodos imunológicos de detecção de vírus de plantas e epidemiologia de vírus da planta.

Gafanhotos atacam arroz e pastagens

O pesquisador da Embrapa, Gilson Cosenza, alertou o Ministério da Agricultura que a praga de gafanhoto, que já atinge 20 milhões de hectares

no Mato Grosso — 150 mil de arroz — se aproxima de Goiás e só poderá ser contida com a campanha de pulverização de inseticidas. De acordo com o pesquisador, agora é o momento da pulverização, lembrando que de julho a agosto os gafanhotos migram em grandes nuvens — tornando impossível qualquer tentativa para detê-los. "A migração causaria um prejuízo incalculável à agricultura e Cosenza lembrou o ataque de 1984, quando a praga estava começando e foi identificada nuvem de gafanhotos de 2,5

km de largura, 30 m de altura e 50 km de comprimento e peso aproximado de 100 toneladas, cujo consumo de capim equivalia a de 3.300 bois. "Agora existem um número elevado dessas nuvens, com um poder de destruição assustador", avisou o pesquisador que participou, dia 30 de abril, do seminário "Controle do Gafanhoto Migrador na Austrália e no Brasil", que contou com a participação de Philip Simmons, consultor da FAO e especialista, há 30 anos, no combate ao gafanhoto em diversos países.

PASTO SECO + PREMIPHOS URÉIA = BOI GORDO



PREMIPHOS Uréia é um produto que foi desenvolvido para o período da seca. Contém todos os elementos indispensáveis e coadjuvantes, para que nos períodos críticos do ano, quando as pastagens já estão secas e com menor valor nutritivo seu rebanho mantenha o equilíbrio nutricional obtendo sua manutenção e ganho de peso.

(Na entre-safra a grande opção para estocagem do boi em pé)

São Paulo

Rua Hungria, 664 — c. 51 — 5.º andar
CEP: 01455 — Fone: (011) 815-5311

Patrocinio Paulista — SP

Praça Dr. Altino Arantes, 1431
CEP: 14.410 — Fone: (016) 745-1411

Presidente Prudente — SP

Av. Brasil, 1607 — CEP: 19.100
Fones: (0182) 33-4653 - 22-3077

Campo Grande — MS

Rua Bahia, 1741
CEP: 79.100 — Fone: (067) 382-8866



Técnica em Nutrição Mineral

Embrapa completa 13 anos de pesquisa agropecuária

Criada pelo Decreto-lei n.º 5.851, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), órgão vinculada ao Ministério da Agricultura, completa, em 1986, 13 anos, atuando, hoje, em todos os setores de pesquisa agropecuária — dos pequenos aos grandes animais e de culturas anuais a perenes. É incontestável a contribuição da Embrapa no desenvolvimento da agropecuária brasileira: é graças à pesquisa da empresa que o Brasil já é quase auto-suficiente na produção de maçã. Culturas como ervilhas, que há 5 anos, ninguém imaginava que o Brasil produzisse, hoje já é possível e o país caminha rapidamente para a auto-suficiência desse produto — cujo cultivo hoje, no Brasil, tornou-se uma ótima opção de plantio de inverno. De todas as pesquisas produzidas pela Embrapa, provavelmente o mais notável, pelos resultados econômicos que teve, é o caso da soja — há 10 anos ninguém acreditava em sua cultura e hoje a área plantada é imensa. Através de melhoramento genético, a Embrapa possibilitou o plantio da soja em toda a região do país, de Norte a Sul e de Leste a Oeste. Hoje, a soja tem uma grande contribuição para o balanço de pagamentos, contribuindo, anualmente, com ingresso de mais de US\$ 3 bilhões — quase 10% de nossos exportações. Estão subordinados à Embrapa, hoje, 18 centros nacionais de pesquisa, 5 unidades de execução de âmbito estadual, 10 em âmbito nacional, 4 unidades transitórias, 3 representações estaduais e apoio de 10 empresas estaduais e montem programas integrados com 11 institutos de pesquisa. São os 68 órgãos lutando para dotar a agricultura brasileira de tecnologia moderna e sobretudo auxiliando o país a libertar-se da dependência tecnológica externa. O Brasil é, hoje, graças à Embrapa, o único país do mundo a dispor de tecnologia para a agricultura tropical — fato que deve colocar-nos na vanguarda do Terceiro Mundo na exposição dessa tecnologia.

Ração para equinos

Com o objetivo de diminuir custos na alimentação dos equinos, a Unidade Especial de Pesquisa de Ambiente Estadual (UEPAE/Embrapa), de São Carlos, SP, realizou uma série de trabalhos, visando a substituição do feno da alfafa que representa 50% em MS da ração por alimentos tropicais. Primeiro, utilizou-se o feno de capim rhodes, obtendo ganhos de peso de 450 g/animal/dia com potras de crescimento. Posteriormente, o feno foi substituído por capim Napier verde, picado, e os ganhos alcançaram 470 kg/animal/dia.

Trabalhos com éguas da raça Árabe, suplementadas com 3 kg de rolão de milho, 1 kg de farelo de soja/animal/dia durante os meses de maio a agosto, — período seco e que precede a estação de monta (setembro-fevereiro), mostraram que a idade média de cobertura foi de 37 meses (idade para início de cobertura 36 meses), peso médio de cobertura 371 kg, concepção 100%, sendo que 80% ficaram prenhes em setembro-outubro, pariram em agosto-setembro.

Tendo em vista que o rolão de milho corresponde cerca de 50% dos concentrados de ração, a UEPAE estudou sua substituição por mandioca integral seca. Assim, todos os concentrados passaram a ter 25% de farelo de milho e 25% de farelo de soja, mais 50% de rolão de milho ou 25% de rolão e mais 25% de mandioca integral seca ou 50% de mandioca integral seca. O volume utilizado — 40% MS — foi de feno de coqueiros. Os resultados foram respectivamente: consumo diário de 6,69 kg MS, 6,31 kg e 6,46. Ganho de peso médio diário foi de 336, 324 e 248 g.

Economia e Sociologia Rural, congresso em Lavras

Será em Lavras, MG, o próximo Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural — o vigésimo sexto evento,

desde a fundação da Sociedade Brasileira de Economia Rural (Sober), entidade, com sede em Brasília, presidida pelo professor Fernando Homem de Melo. O tema Central deste ano será "Uma Nova Política Agrícola". Serão apresentados dois palestras: "Política Agrícola e o Bem-Estar Urbano. No decorrer do Congresso serão apresentados os seguintes trabalhos: "Política Monetária e o Financiamento da Agricultura", "Política Agrícola e a Intervenção do Estado", "Política Agrícola e o Progresso Tecnológico", "Política Agrícola e a Pequena Produção na Agricultura", "Política Agrícola e Comercial na Agricultura", "Política Fiscal na Agricultura", "Reforma Agrária e o Capital na Agricultura", e "Complexo Agroindustrial". Para participar do Congresso, o contato deve ser feito pelo tel.: (061) 225-6144, Brasília. Taxa: 4 OTN sócios da Sober, 5,5 OTN sócios em atraso ou não sócios e 2,0 OTN estudantes.

Simpósio sobre produção animal

Será realizado, de 17 a 19 de junho, no Instituto de Zootecnia, em Nova Odessa, SP, o 2.º Simpósio sobre Produção Animal. Serão abordados os seguintes temas: pastagens e suplementos — desempenho de bovinos em pastagens consorciadas e com subprodutos e resíduos de agroindústria; bovinocultura de corte — manejo para o abate precoce; sistemas de criação de zebuínos; bovinocultura leiteira — exploração de bovinos de leite, exploração de grupamentos genéticos adaptados às condições tropicais para a produção leiteira e suínocultura. Informações: (0192) 41-3800 e (0194) 66-1410.

Encontro sobre caprinocultura

Realizou-se, dia 25 de abril, em Nova Odessa, SP, o II Encontro Anual de Caprinocultura. Lecionou Luiz Eduardo dos Santos, da Seção de Ovi-

nos e Caprinos do Instituto de Zootecnia, falou sobre a técnica de aleitamento de cabritos em balde, o fornecimento de leite da própria cabra e de substituto. Segundo ele, o fornecimento do leite em balde é mais vantajoso do que o uso de mamadeiras. Lauro Luchesi, da Cati, apresentou, por sua vez, a situação da caprinocultura paulista. Conforme o extensionista, com exceção das regiões litorâneas, por razões climáticas, as criações distribuem-se, hoje, em todo o Estado. Segundo ele, as criações mais expressivas estão na região de Sorocaba, São José do Rio Preto e Presidente Prudente. Campinas, por sua vez, destaca-se na caprinocultura por sua modernidade e é a região que apresenta melhor desempenho. Já a extensionista Solange Vicentini Tavares, da Cati, falou sobre a intoxicação provocada por mucuna preta em caprinos confinados. Segundo ela, a intoxicação é causada por excesso de mucuna fornecida como volumoso. Rosely Santana, também da Cati, falou sobre a importância e sistematização dos registros dos animais, sobretudo para quem faz seleção e vende reprodutores. O caprinocultor Luiz Emmanuel Bianchi, de Itatiba, falou sobre "a importância do alimento na produção de leite". Lilian Nogueira Sanches, médica veterinária da Capritec, focalizou a questão dos substitutos do leite no alimento do cabrito, como leite das vacas. Ana Helena Lopes Bento, também médica veterinária e professora da Universidade Federal Fluminense, coordenou os debates sobre a comercialização do leite e seus subprodutos frente à atual legislação sanitária federal.

Fertilidade do Canchim em São Carlos

Com o objetivo de demolir o mito de que o gado da raça Canchim é de baixa fertilidade, a Embrapa de São Carlos, SP, vem fazendo vários experimentos de manejo, procurando mostrar que essa crença é incorreta. Conforme os pesquisadores da Embrapa, esse mito foi construído em razão de um trabalho publicado ao

literatura científica, realizado com dados coletados na Fazenda Canchim, em São Carlos, local onde a raça foi formada. Nesse trabalho, realizado com dados de vacas nascidas durante o período de 1958 e 1974, a idade média ao primeiro parto foi de 45,7 meses e intervalos de 20,3 meses. Porém, esclarece o pesquisador Maurício Mello Alencar, nessa época, os animais recebiam sal mineralizado uma vez por semana no curral, entravam em reprodução pela primeira vez aos 36 meses e só eram acasalados novamente após a desmama da cria, que se dava aos oito meses aproximadamente após o parto. Assim, o manejo era incorreto.

Um outro trabalho, em fase de publicação, relata o expe-

rimento feito de 1972 a 1980, com o grupo de 543 vacas do mesmo rebanho anterior — porém com manejo diferente. Segundo os dados do experimento mostram que a idade média ao primeiro parto reduziu-se linearmente de 50,5 meses para as novilhas nascidas em 1972 e 38,5 meses para as novilhas nascidas em 1980. Essa idade menor para o primeiro parto deveu-se à mudança de manejo, que incluiu a melhoria dos pastos e do fornecimento de sal mineral permanente. As novilhas nascidas a partir de 1976 entraram em reprodução a partir dos 27 meses de idade. Com melhor manejo alimentar, os animais responderam bem, melhorando a eficiência reprodutiva. Outro tra-

balho de avaliação de fertilidade do gado Canchim foi realizado com 266 vacas das Fazendas São Jorge e Guará, de Cedral e Gurolândia, respectivamente. Nesses rebanhos, os touros permaneciam com as vacas o ano todo em pastagens de boa qualidade, recebendo sal mineral à vontade e alguma suplementação de silagem durante a seca. Com esse manejo, a idade média do primeiro parto foi de 33,6 meses e o intervalo entre partos foi de 13,3 meses.

Outro estudo, fez a comparação das características reprodutivas das fêmeas Nelore e Canchim: verificou-se que a fêmea Canchim atingiu a puberdade aos 24 meses e a Nelore 25,4 meses. Conforme esclarece a UEPAE, a idade ele-

vada das duas raças quanto à puberdade se deveu, a época, à seca, que reduziu as forragens, prejudicando o desenvolvimento das fêmeas na fase de recría. Já no primeiro parto, as novilhas Canchim apresentaram idade média de 38,5 meses e as Nelore 41,1 meses.

Na avaliação do desempenho de touros, o Instituto de Zootecnia, na estação experimental de Andradina, fez um projeto de cruzamentos, fazendo comparação dos touros das raças Canchim, Nelore, Caracu, Holandesa, Suíça e Santa Gertrudis, que cobriram fêmeas Nelore: em três anos de acasalamento, as fêmeas cobertas com touros Canchim alcançaram 83% de nascimentos, o Nelore 79,7%, Caracu, 73,5%, Holandês 47,1%, Suíço 52,4% e Santa Gertrudis 48,8%.

Bovitec é Garantia de Higiene e Produtividade



Prático funil para latões de leite com encaixe próprio para a peneira



Peneira para filtrar todas as impurezas. Evita a criação de Bactérias. Substituir periodicamente.



Forma para queijos, especialmente desenvolvida para melhorar a sua produção. (500, 700, e 1000 g)



BOVITEC

Produtos Agro-Pecuários Ltda

Rua Duarte de Azevedo, 449
Fone: 267-6477(PABX) Telex (011) 33060-BOVI-BR
São Paulo-Brasil



Tylan 200, taxa de cura de até 100%

Lançado há três anos e testado em vários Estados com resultados de cura de até 100%, o Tylan 200, recomendado ao tratamento de gado bovino, comprovou sua eficácia no tratamento de quatro das principais doenças da pecuária leiteira: mastite, metrite, pododermatite e pneumonia. Durante três anos, o Tylan, fabricado pela Elanco Química, foi testado, a nível de campo, por 25 médicos veterinários em rebanhos de 25 municípios dos Estados de São Paulo, Minas, Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Os resultados foram considerados excepcionais. No caso de pododermatite (infecção nos cascos) a cura foi de 100%. Para o tratamento de mastite e metrite a eficiência foi de 87,8% e 83,7% respectivamente. No caso de pneumonia, os resultados chegaram a 96,2% de cura.

Ivomec para Ovinos

Depois do sucesso do lançamento do Ivomec injetável para bovinos, a MSD AGVET coloca no mercado o Ivomec injetável para ovinos. É um produto pioneiro contra parasitas para ovinos. O medicamento controla, segundo o fabricante, simultaneamente os vermes internos, mesmo as cepas de *H. contortus* resistentes aos benzimidazóis e as cepas de *T. Colubriformis* resistentes aos levamisole, e os vermes externos, incluindo *Oestrus ovis* (bicho da cabeça) e as sarnas sarcóptica e psoróptica.



Leite em frasco plástico já no mercado

Com grande sucesso, a Cooperativa Central Gaúcha de Leite Ltda., do Rio Grande do Sul, está comercializando, naquele Estado, o leite pasteurizado em garrafa descartável de polietileno de alta densidade, produzido pela Polislul, empresa controlada pelos grupos Petróleo Ipiranga, Hoechst e Petroquisa. Entre as vantagens do frasco, em relação aos saquinhos plásticos, a Cooperativa aponta o fácil manuseio da embalagem, tanto no laticínio como no lar.

Os consumidores, entrevistados sobre as vantagens da garrafa, afirmaram que ela oferece firmeza e segurança no manuseio, em decorrência de uma adequada empunhadura do frasco; estrutura rígida e leve, que permite a postura vertical na mesa e geladeira; praticidade por dispensar suportes e outros acessórios para manipulá-los; resistência ao ambiente frio e úmido da geladeira e translucidez que permite acompanhar visualmente o nível de conteúdo. Os laticinistas, que tomaram contato com o novo produto e se mostram interessados em trocar as embalagens em suas fábricas, apontaram, como vantagens, maior segurança no manuseio, envase automático e contínuo, sem interrupções, rotulagem, codificação e datação seletivos, e redução da perda do líquido. Como a datação é feita simultânea ao envasamento, o laticínio também não precisa de estoques elevados. Conforme pesquisa, com a nova embalagem as perdas do leite, em todos os circuitos, são mínimas: 0,9% na usina e entreposto, 0,5% entreposto/varejo e 1,8% no varejo/supermercado. O circuito varejo/domicílio do consumidor não foi dimensionado.

Abril lança Guia Rural

A Editora Abril lançou o Guia Rural. O Guia Rural traz reportagens diversas, procurando salientar, sempre, o aspecto da proteção do solo



e da natureza, mostrando as técnicas que combinam o uso racional dos insumos modernos e práticas conservacionistas. Além de reportagens sobre essas técnicas, o Guia traz, resumidamente, informações sobre cada cultura. Acompanha, ainda, o Guia, uma lista de informações sobre os órgãos de pesquisas, Associações de Criadores e das empresas fabricantes de produtos agropecuários. O Guia tem 450 páginas, que exigiu um trabalho de 35 jornalistas e 50 técnicos e consultores, que nele trabalharam ao longo de 13 meses.

Perkins já treinou 30 mil profissionais

Criado há 30 anos, o Centro de Treinamento Perkins já treinou e especializou 30 mil técnicos, mecânicos, administradores e usuários — maior parte deles pessoal de distribuidoras da marca, revendedores autorizados, frotistas e retíficas. O Centro ministra cursos específicos para cada modelo de motor, em níveis teórico e prático, em qualquer ponto do Brasil e países da América Latina e África, para onde exporta seus produtos. Esse treinamento estende-se às universidades e escolas técnicas, através de convênios. Situado em São Bernardo do Campo, o Centro possui um quadro fixo de instrutores e uma oficina-modelo e recursos audiovisuais, como livros, apostilas, folhetos técnicos e videocassetes. E agora dispõe de uma unidade volante para ministrar cursos em sua rede de revenda e clientes.

Bayer completa 90 anos, mantém ritmo de crescimento e expande suas atividades

Em 1985, a Bayer do Brasil manteve o mesmo ritmo de expansão registrado no exercício anterior: suas vendas atingiram Cz\$ 2,83 trilhões — 230,9% superior aos valores contabilizados em 1984, pouco acima da inflação. O lucro líquido do exercício situou-se em Cz\$ 182,13 bilhões, correspondente a 101% do capital social e 18% do patrimônio líquido, o que equivale a distribuição de Cz\$ 10,11 por ação. No ano de 1984, o lucro da empresa alcançou Cr\$ 46,47 bilhões. Rolf Luchner, presidente da Bayer do Brasil, empresa que completa este ano 90 anos de atuação no país, informou que, embora as vendas tenham sido praticamente iguais em valores nominais ao exercício anterior, o lucro foi superior esse ano. Segundo ele, o motivo do aumento do lucro foi a queda dos encargos financeiros, que em 1984 foram muito altos.

Em 1985, as exportações, também, cresceram, pulando de US\$ 14,7 milhões para US\$ 21,8 milhões. Em 1985, a empresa investiu Cr\$ 218,87 bilhões e este ano a Bayer pretende investir, pelo menos, Cz\$ 180 milhões. Os investimentos serão carreados sobretudo na substituição de importações, promover integração vertical da área de produção, ampliar a capacidade de algumas unidades, modernizar equipamentos e instalações e aperfeiçoar os sistemas de proteção do meio ambiente. Do total do

seu faturamento, 30% derivaram de vendas de insumos agrícolas e pecuários.

Ao completar 90 anos de atividade no Brasil, a Bayer incorporou o Laboratório Nolli, do Rio Grande do Sul, ingressando, assim, na área de produtos biológicos. O Laboratório Nolli, empresa de longa tradição, fabricava, há 53 anos, diversos tipos de vacinas — maior parte é de vacina contra a aftosa — e vitaminas. Este ano, a empresa pretende fazer um bom investimento no laboratório Nolli que está trabalhando com apenas 50% de sua capacidade, que é de 30 milhões de doses de vacina. Por outro lado, dependendo a disposição do governo em lançar uma campanha de vacinação contra a aftosa com vacina oleosa, a empresa pretende investir nessa área.

Vallée exporta sua tecnologia para Argentina

Considerado um dos maiores laboratórios de produtos veterinários do Brasil e ocupando o primeiro lugar no ranking do setor entre as empresas de capital genuinamente nacional, o VALLÉE NORDESTE começa agora a transferir sua tecnologia de ponta para outros países. Foi assinado no gabinete do Ministro de Ciências e Tecnologia, Renato Archer, em Brasília, um protocolo de intenções entre o Vallée e as empresas argentinas PLICHACO e SADE, através do qual o Vallée se compromete a transferir aos laboratórios argentinos sua tec-



nologia exclusiva de cultivos celulares, base para a produção de vacinas animais de alta qualidade. O convênio foi assinado, pelo Vallée, através de seus diretores Sílvio Cardozo

Pinto, presidente, e Overnor Fernandes, vice-presidente, em solenidade a que esteve presente também o ex-ministro de Relações Exteriores, Olavo Setubal.

ICMA

**REVENDEDORES
EM TODO O
BRASIL**

Super colhedeira de Forragens

- Colhe e Pica qualquer tipo de capim ou forragem (Napie, Colonião, Braquiaria, Aveia, Camerum, Tobiã, Estrela e outros).
- Dispositivo para colheita de milho para silagem, (Opcional).
- Fácil operação, prática, durável, versatilidade total.

Consulte-nos: Fone (0192) 64-1121 - ICMA - Indústria e Comércio de Máquinas Agrícolas Campinas Ltda. - Via Anhanguera - Km 114 - Sumaré - SP.



Sr. Afonso Nogueira de Freitas e Eng.º Agr.º Carlos Guerreiro, seu colaborador.
Ao fundo parte da avela do sítio.

Um Plantel sob Controle

Sítio N. Sra. Aparecida,
11 anos selecionando HPB

Situado no município paulista de Itapira e contando com uma área de 21 hectares, o sítio Nossa Senhora Aparecida tem uma história de onze anos de criação, selecionamento e aperfeiçoamento de gado Holandês Preto e Branco, atingindo hoje resultados excelentes em matéria de

produção. Contando atualmente com um plantel de 130 cabeças PO, GHB e PC, 90% do qual crioulo, o índice médio de produtividade controlada das vacas e novilhas em lactação é de 20 a 23 kg/dia.

Seu proprietário é Afonso Nogueira de Freitas, 53 anos, criador des-

de 1968, quando iniciou a formação de um plantel HPB na chácara Boa Vista, já em Itapira. Em 75, tendo adquirido o sítio Nossa Senhora Aparecida, Afonso partiu para uma seleção e aprimoramento de seu plantel, adquirindo matrizes e aplicando sêmen de touros de alta linhagem



Andorinha Jasper da Jurumirim — 6a 3m 3x 365 dias — 12.752,491 kg de leite e 410,290 kg de gordura — 3,21% LM

(desde o início de suas atividades pecuárias ele faz uso da I.A.).

Os resultados vieram rapidamente. Desde o início da criação utilizando IA usando touros Boothmacker e de outras linhagens famosas, Afonso viu seu plantel melhorar significativamente e, a partir da segunda geração, diversificou mais as linhagens de touros, através de acasalamentos programados, contando com o auxí-

lio de técnicos das centrais inseminadoras na escolha de sêmen.

ALTO PADRÃO

Utilizando desde o início do criatório touros do padrão de Boothmacker, Astronauta, Marz, Tradição, Joe (que ainda hoje é utilizado) e uma bateria mais recente onde despontam animais do gabarito de

Oscar, Pistol, Simon, Stuart entre outros, o padrão do plantel de Afonso Nogueira de Freitas é bem alto. Atualmente inúmeras vacas do prefixo Alumargi receberam LE e LM da Associação Brasileira de Criadores.

Dentre várias, destacam-se Lindóia Alumargi (LE e LM produzindo 8.212,816 kg em 296 dias de lactação, média de 27,746), Alumargi Milestone Britania (também LE e LM, 7.013,370 kg em 294 dias de lactação, média de 23,855), Bigorna Pal Alumargi (LE e LM, 6.542,739 kg em 287 dias/lactação, média de 22,797) e Fisi Targana Boia Junior (LE e LM, 8.726,541 kg em 365 dias de lactação, média de 23,908). A preocupação com produção é total, e a resposta do rebanho ótima. Deste modo, novilhas de primeira cria que não atinjam mais de 5.000 kg de produção são vendidas, mas isto ocorre muito raramente, para satisfação maior de Afonso Nogueira de Freitas.

Desde o início da criação, o sítio Nossa Senhora Aparecida faz uso da inseminação artificial, e para 1987 o plano é iniciar a transferência de embriões. Falta apenas uma área para as receptoras e local adequado para implante, uma vez que as matrizes já estão selecionadas, bem como o sêmen a ser utilizado.

TRATO

Dos 21 hectares que compõem o sítio Nossa Senhora Aparecida, 15 deles são destinados ao HPB, e nos seis restantes cria-se Mangalarga Marchador. No sítio planta-se aveia e milho, havendo ainda capineiras de cameron e napiê, de onde se extrai o alimento volumoso para o gado, sendo o corte feito à base de 60 dias do plantio. Todo o gado é mantido em regime de confinamento, havendo piquetes para exercícios dos animais (gado em produção, seco e as novilhas).

Ao todo, o rebanho de 130 cabeças é composto de 62 vacas, 40 novilhas, um touro e 27 bezerras, per-



Conjunto de vacas em produção

tazendo um total de 40% de novilhas em primeira cria e 33% de vacas em lactação. A alimentação média é de 25 quilos de silagem e 12 de verde, com o concentrado sendo fabricado no próprio sítio. Toda a ordenha é mecanizada, e a sala apropriada pode receber até doze vacas ao mesmo tempo.

As vacas que produzem mais de 25 quilos de leite ao dia (em três ordenhas) recebem alimentação na base de 2,5 por 1, um quilo para cada 2,5 de leite produzido. Já aquelas cuja produtividade cai abaixo dos 25 kg/dia recebem alimentação reforçada, na proporção de 3/1, visando uma rápida recuperação do índice produtivo.

PRENHES

Quando uma vaca ou novilha é inseminada e tem a prenhez confirmada, ela é imediatamente transferida para o sítio Três Barras, também de propriedade de Afonso Nogueira de Freitas e próximo ao N. Sra. Aparecida, de onde sairão 60 dias antes do parto, de volta às maternidades da Nossa Senhora. Segundo o proprietário, é uma forma dos animais ganharem rusticidade, já que, no Três Barras, não há confinamento, com os animais sendo mantidos em regime de pasto com suplementação.

A partir da volta ao Nossa Senhora Aparecida, a vaca prenhe é mantida 45 dias na maternidade comum. Nos 15 dias finais da gestação, ela será transferida para a maternidade pré-parto, onde ficará até o nascimento da cria. O recém-nascido mama o colostro da mãe durante dois dias, sendo em seguida transferido para o bezerreiro individual, onde ficará até completar 60 dias. A partir do 45.º dia de vida começa o desmame progressivo. A partir do 61.º dia, ocorre a transferência para o bezerreiro coletivo, onde o animal ficará até completar dez meses. Este bezerreiro possui três compartimentos, com os animais sendo progressivamente passados para junto das crias maiores, conforme seu crescimento. A partir dos doze meses, as novilhas são transferidas para seu piquete definitivo, onde ficarão até a primeira inseminação.



Sala de ordenha para 12 vacas.

que normalmente é feita entre o 15.º e 18.º mês, quando a novilha atinge o peso aproximado de 360 kg.

O PREFIXO ALUMARGI

Todas as crioulas do sítio Nossa Senhora Aparecida tem Alumargi no nome. Afonso Nogueira de Freitas conta que, desde o início de suas atividades como pecuarista, procurava um prefixo para marcar bem a

procedência de seus animais, "mas estava difícil de encontrar um que soasse bem" diz. "Aí — prossegue — achei que seria bom colocar alguma coisa que envolvesse o nome de minha família: foi assim que saiu o Alumargi". Alumargi vem das iniciais de Afonso, Ana (sua esposa) e Afonso Junior; o filho Luiz "emprestou" o lu, de Marcio saiu o mar e de Gisele o Gi que encerra o prefixo, grande destaque do criatório HPB brasileiro.



Milho estocado para roção



Serviço de Controle Leiteiro, grande contribuição à pecuária leiteira

Há 42 anos, a Associação Brasileira de Criadores (ABC) lançava, pioneiramente no país, o Serviço de Controle Leiteiro, cujo objetivo era oferecer parâmetros no trabalho de seleção dos bovinos leiteiros. E, desde então, tem sido de vital importância para o melhoramento zootécnico dos bovinos leiteiros do país. Hoje, graças a trabalho sério e criterioso, o Brasil possui um plantel de bovinos leiteiros de elite, com ótimos padrões zootécnicos, sobretudo de produção de leite. "Temos hoje um rebanho de elite que nada fica a dever para os dos Estados Unidos, Canadá e Europa", informa o médico veterinário Fidélis Alves Neto, que há 42 anos lançava o Serviço de Controle Leiteiro no Brasil e, após um breve afastamento, retornou à frente do serviço.

De toda forma, Alves Neto lamenta que, por razões econômicas, poucos criadores podem ter acesso ao Serviço de Controle Leiteiro. Segundo ele, se houvesse apoio de empresas privadas de insumos e de laticínios e do Governo, subsidiando o trabalho, o Serviço de Controle Leiteiro poderia ser acessível a um maior número de produtores. Abrangendo maior número de rebanhos controlados, segundo o médico veterinário, o trabalho de melhoramento genético teria sido mais amplo e o número de plantéis de elite seria muito maior, contribuindo, de forma decisiva, para melhorar a produção de leite no país — estagnada, há 10 anos, em 11 bilhões de litros/ano e com média de produtividade muito baixa. Alves Neto atribui, a esse fator, o reduzido número de rebanhos submetidos ao Serviço de Controle Leiteiro — o que faz com que o país conviva com plantéis de ótimas produções e outros de escassa produtividade. "Nos Estados Unidos são controladas de 18 a 20 milhões de vacas, na Inglaterra de 900 a 1 milhão e na Holanda 600 mil. No Brasil, com plantel de 12 milhões de vacas leiteiras, apenas 15 mil são controladas", lamenta. Assim, Alves Neto não estranha a alta performance dos rebanhos leiteiros desses países, onde o Serviço de Controle Leiteiro é encarado como um instrumento de trabalho indispensável na produção leiteira.

De acordo com o médico veterinário, controlar a vaca, em si, traz o melhoramento zootécnico. Como lembra, usando os dados do controle leiteiro, oficial ou

não, desde que coletados com seriedade, o produtor pode descartar as vacas menos produtivas e preservar as de melhor desempenho, casando-as com touro, também, de ótima produção. Assim, livrando-se das piores e melhorando as ótimas produtoras de leite, o pecuarista pode, em alguns anos, dispor de um excelente plantel.

Na opinião de Alves Neto, o aumento da produção deveria interessar as indústrias de laticínios, de insumos, como rações e ao próprio governo. O médico veterinário lamenta a falta de apoio dessas empresas e do governo em estimular o Serviço de Controle Leiteiro. Segundo ele, além de auxiliar o trabalho de seleção de bovinos mais produtivos, o Serviço de Controle Leiteiro pode contribuir para se formar um rebanho que ofereça, também, um leite com maior teor de gordura e proteína. "Na rotina do Controle Leiteiro, fazemos a pesagem do leite e pesquizamos a porcentagem de gordura. É nosso pensamento, também, quando possível incluir a análise de proteína. Uma vaca só é boa produtora de leite — se produzir um leite gordo e rico em proteína", observa.

Segundo Alves Neto, além do custo natural para controlar as vacas, o Serviço de Controle Leiteiro sofre outro entrave: a falta de política de estímulo à produção de leite. "O setor leiteiro está desestimulado há tempos. Precisa de estímulo. E só assim o próprio produtor se sentirá encorajado a investir no rebanho", explica.

De acordo com ele, a pecuária leiteira sempre foi discriminada e, por ser um alimento básico, tem preços plúvios. Lembra que a situação atual é de total penúria. "O preço do leite vinha defasado e todo mundo aguardava, para o fim de fevereiro, uma recomposição. Mas o leite foi penalizado pelo pacote e ficou de fora, à véspera do reajuste", lamenta. Alves Neto é a favor do pacote — porém alerta para o grave problema do preço defasado, que até os membros do governo reconheceram. Como meio de consertar a injustiça, o governo resolveu conceder subsídio, oferecendo Cr\$ 1,2 bilhão. De toda forma, ele acha fundamental definir-se uma política para o setor, que dê, sobretudo, segurança aos produtores para

investirem no melhoramento e ampliação do rebanho.

Segundo Alves Neto, só a partir do momento em que a produção de leite seja estimulada — e o ponto de partida para isso é o preço justo — é que se poderá pensar no melhoramento do rebanho comercial e lembra, que o Departamento Técnico da ABC criou o Serviço de Controle Leiteiro Auxiliar, exatamente para atender as peculiaridades que exploram a produção de leite.

O Serviço de Controle Leiteiro Auxiliar, segundo ele, faz a pesagem do leite a cada 60 dias. Com base nessa pesagem, o produtor comercial pode descartar, com segurança, as vacas piores, conservando apenas as melhores. Além da pesagem, o Controle Auxiliar ajuda o produtor a controlar a reprodução, melhorando a eficiência reprodutiva do rebanho. Adicionalmente, o produtor terá orientação sobre alimentação, conforme o potencial produtivo da vaca, evitando o desperdício de alimentos, com o fornecimento de excesso de rações, ou com carência de alimentação. Além disso, o produtor poderá controlar os custos da produção. Na opinião de Alves Neto, o Controle Leiteiro Auxiliar, cujo trabalho está sendo feito na região de São José dos Campos, poderá oferecer uma grande contribuição ao melhoramento da produtividade leiteira do país. Segundo ele, esse serviço poderia ser patrocinado pelo Ministério da Agricultura e pelas indústrias de laticínios e de insumos.

Embora reconheça que temos um excelente rebanho de elite, o Dr. Alves Neto acha importante o Brasil incentivar os Testes de Progenie para produzir touros provados. Segundo ele, não é necessário formar uma nova raça leiteira especificamente para o país. "O que é preciso é que se ofereça maior número de touros provados", observa. Segundo ele, o Brasil precisa dispor de um plantel próprio de reprodutores provados, cujo sêmen seria vendido nas centrais. "Não podemos ficar eternamente dependendo da importação de sêmen. É necessário romper-se essa dependência", observa. De toda forma, Alves Neto é contrário que se interrompa as importações. Apenas pede que seja menos intensa. "Na importação sempre vem coisa boa que pode trazer grande contribuição à pecuária", justifica.

CATEGORIA LONGEVIDADE — DEZ PRIMEIRAS COLOCADAS NA RAÇA HOLANDESA VARIEDADE PRETA E BRANCA

HOL. P.B.	Proprietário	Última lactação	Produção de leite (kg)	Gordura (kg)
1.º Guará Danada	Antonio Coelho Guimarães	81	92.649	3106,4
2.º Willy's Rossana Milady Alegria	Faz. São Quirino	68	89.495	3236,5
3.º Jardineira R. Maple B. do Pau D'Alho	Jacob Rosier Dutilh	85	81.211	2782,3
4.º São Quirino Arapuã	Faz. São Quirino	69	79.972	2445,9
5.º A.F. Fortaleza Jangada	Faz. Fortaleza	85	79.421	2661,6
6.º Flax Mill Ocapock Burke	Joaquim Peixoto Rocha	85	77.427	2547,2
7.º Farlane Astro Ned Sweet Pea	Faz. Fortaleza	84	76.423	2467,0
8.º Paraíso Sociável Citation	S.A. Faz. Paraíso Agro-Pec.	83	74.767	2365,4
9.º Carambei Westering Alan Mine	Paragon Agro Pecuária Ltda.	85	74.678	2593,0
10.º S. Quirino M. 129	Claudio V. Roberti	82	74.079	2341,8

CATEGORIA LONGEVIDADE — DEZ PRIMEIRAS COLOCADAS NA RAÇA HOLANDESA VARIEDADE VERMELHA E BRANCA

HOL. V.B.	Proprietário	Última lactação	Produção de leite (kg)	Gordura (kg)
1.º Aquarela	Pedro Conde	79	90.198	3014,9
2.º Betina's R.R.P. Liza	Pedro Conde	85	89.378	2739,5
3.º S. Nicolau Jurujuba I Centurion	Cabaña São Nicolau	83	85.209	2551,2
4.º S.N. Jacutinga I Centurion	Cabaña São Nicolau	82	77.027	2425,7
5.º Holambra eodora XXI	Dohér B. Nicolau	77	65.566	2104,6
6.º E.S. Ivanda K. Bet de S.S.	Eduardo Simonsen	82	64.905	2811,9
7.º S.N. Corrie VII Roland	Cabaña São Nicolau	82	64.576	2080,7
8.º Foxearth Unwin 2 nd	Amilcar Farid Yamin	85	63.854	2133,3
9.º Castro Cantiga	Amilcar Farid Yamin	85	63.098	2016,3
10.º Gina de Sant'Ana	Edilberto Nascimento	77	62.302	2150,9

CATEGORIA LONGEVIDADE — DEZ PRIMEIRAS COLOCADAS NA RAÇA JERSEY

JERSEY	Proprietário	Última lactação	Produção de leite (kg)	Gordura (kg)
1.º Jaca Faceira Esmond	José M. A. Silva	80	61.085	2850,3
2.º Sant'Ana Lampadosa Pax Ford	Olívio Gomes	75	51.892	2363,7
3.º Sant'Ana Nilza Zanalva	Olívio Gomes	73	44.744	2192,9
4.º Elite de Santa Hilda	João Laraya	69	42.162	1811,0
5.º Mimosa Basil de Canela	Olívio Gomes	69	41.341	2059,7
6.º Balada de Sta. Hilda	João Laraya	66	41.291	1830,2
7.º Sant'Ana Mineira Oasis	Olívio Gomes	78	40.028	1898,0
8.º Sant'Ana Confiança Paxford	Olívio Gomes	75	39.914	1959,4
9.º Sant'Ana Idolatria Oceano	Olívio Gomes	76	39.788	2059,0
10.º Sant'Ana Diana Kahoka's Count	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo	77	39.267	1903,4

CATEGORIA LONGEVIDADE — DEZ PRIMEIRAS COLOCADAS NA RAÇA PARDO SUIÇO

PARDO SUIÇO	Proprietário	Última lactação	Produção de leite (kg)	Gordura (kg)
1.º Bom Café Ivonete II Jester	Benedito Portugal Rennó	84	56.770	2019,5
2.º Norvic Talisman Suana	Amilcar Farid Yamin	84	50.222	1780,1
3.º Bom Café Telma Topper II	Benedito Portugal Rennó	85	48.816	1935,8
4.º E.S. Buroman Joan	Amilcar Farid Yamin	84	48.429	1760,2
5.º Mile Away Cari Eno	Amilcar Farid Yamin	84	47.303	1565,8
6.º Catita de São Carlos	Carlos C.A. Amorim	85	40.701	1625,2
7.º Vassoura de São Carlos	Carlos C.A. Amorim	85	39.452	1567,7
8.º Sugar Valley Marlene	Amilcar Farid Yamin	85	38.947	1423,7
9.º E.S. Joely Sally	Amilcar Farid Yamin	85	38.528	1354,9
10.º Adalpra Fita	Adalpra S/A Agr. Com.	80	37.367	1344,3

CATEGORIA LONGEVIDADE — DEZ PRIMEIRAS COLOCADAS NA RAÇA GIR

GIR	Proprietário	Última lactação	Produção de leite (kg)	Gordura (kg)
1.º C.A. Gelatina	Gabriela de O. Costa	78	50.196	2541,4
2.º Manchete	Manuel e José João S. Reis	80	43.659	2421,4
3.º Franceline de Brasília	Rubens Resende Peres	84	41.457	2147,4
4.º C.A. Cachoeira	Gabriela de O. Costa	78	40.393	1867,8
5.º Santa Cruz Alba Cachimbo	Manuel e José João S.R. Reis	83	38.495	1972,3
6.º Dolência	Francisco F. Barretto	81	37.477	1893,7
7.º Guia	Francisco F. Barretto	85	37.465	1737,1
8.º Leiteira de Brasília	Rubens R. Peres	85	35.083	1508,9
9.º C.A. Dulce	Gabriela de O. Costa	83	34.781	1702,6
10.º Alba	Francisco F. Barretto	78	34.051	1638,8



No estado de S. Paulo os controles se desenvolvem em 18 núcleos ou regiões, e em mais dois rebanhos, em Minas Gerais em 2 núcleos e mais três rebanhos e no Rio Grande do Sul em um rebanho.

5 — **CONTROLE AUXILIAR** — No final de 1985 passou a ser realizado um segundo tipo de controle leiteiro, destinado a proceder o acompanhamento de rebanhos onde a finalidade é apenas a produção de leite e não a obtenção de reprodutores. Nesse tipo de controle não há necessidade da ordenha de esgotamento e pela sua natureza, pode ser realizado a cada dois meses. Este controle é acompanhado de mais três controles zootécnicos como o de reprodução, de alimentação e de custos.

Usando o **controle de reprodução**, nos rebanhos que fazem monta controlada, é possível fazer um cuidadoso acompanhamento da vida reprodutiva de cada vaca. Apoiados em levantamentos feitos a cada visita do controlador quando são transcritos para o relatório as datas de parições, data e resultado de teste de prenhez, quando é realizado, torna-se possível conhecer várias coisas como: datas para os próximos testes de prenhez, da provável futura parição, de secagem, e calcular o provável período entre partos e o período vazio. Com estas listagens que são obtidas com mais facilidade de computadores po-

dem ressaltar também as vacas atrasadas, sem notícia, aquelas que acabam pesando nos custos de produção porque comem, pisoteiam pastos mas não parem regularmente.

Com o **controle de alimentação** espera-se levar aos criadores sugestões de como organizar o forrageamento, uso de pastos, e estabelecimento de programas de alimentação bem como quantidades e proporções de concentrados recomendados em cada caso. Este controle está em fase de estruturação e logo espera-se que seja uma realidade.

A escrituração dos gastos e o estabelecimento de rotinas é o objetivo do controle de custos. Isto era desesperador antes com a inflação mas de agora em diante, com o congelamento dos preços talvez se torne fácil.

Estes três segmentos do controle auxiliar, sem dúvida podem e estão sendo levados aos demais rebanhos inscritos no Serviço de Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores.

6 — **Previsões para 1986** — O Serviço de Controle Leiteiro da Associação Brasileira de Criadores até recentemente se pautou por regulamento próprio organizado em 1945 e, atualizado em 1969. Posteriormente o Ministério da Agricultura introduziu pequenas alterações estabele-

cendo nova regulamentação e dessa forma o trabalho vem sendo executado. No decorrer de 1985 no entanto surgiram propostas de alterar substancialmente a rotina dos trabalhos visando levar o controle leiteiro a todos os rebanhos produtores de leite e a todas as vacas em produção. Discussões e estudos, vem sendo desenvolvidos, porém um dos pontos de limitação do controle leiteiro permanece sem solução que é o suporte econômico para sua execução. O governo ainda não encontrou fórmulas para isso eis que não dispõe de recursos para atender a esse serviço no devido momento. Estudos prosseguiram no final de 1985 para se conseguir uma difusão do controle leiteiro e na atualidade uma comissão oficial estuda a fixação de novas normas para sua execução.

Ciente das dificuldades e procurando cooperar na solução do assunto, com a cooperação do Instituto de Zootecnia, da Secretaria da Agricultura e Abastecimento de S. Paulo espera a Associação Brasileira de Criadores reformular seus sistemas de escrituração, utilizando computadores, afim de atender aos novos programas de melhoramento genético do Ministério da Agricultura. Nesse sentido profundas alterações serão introduzidas dentro em breve na rotina dos trabalhos de controle leiteiro da Associação Brasileira de Criadores.

FAZENDA FAVACHO

PROP.: José Mario Junqueira Azevedo

Município Cruzília - Estado de Minas Gerais

Fone: (011) 37-0031



Serviço de controle leiteiro

DESTAQUES

RAÇA HOLANDESA - variedade preta e branca

NOVAS REPRODUTORAS EMÉRITAS:

MELISIO GUIRLANDA, Rg. HBB/B-66276, P.O., Pai/MELISIO DIOGENES CHRISTMAS, Rg. HBB/A 19937, Mãe/MALENA 550 MILLION DOMI ROELANDO, Rg. HBB/B-41563, obteve "IE" aos:

2a1m	-	2x	-	5.104	-	187,2	-	3,66%
3a2m	-	2x	-	6.072	-	211,2	-	3,47%
4am	-	2x	-	6.544	-	241,4	-	3,68%

Prop: MARCIO ELISIO DE FREITAS

FESTINA GAY NINHADA DO PAU D'ALHO, Rg. GHB/952, G.H.B., Pai/HARRISBURG GAY IDEAL, Rg. HBB/A-15578, Mãe/NINHADA LATINA P. PAU D'ALHO, Rg. RAJ/311, obteve "IE" aos:

3a9m	-	2x	-	7.832	-	232,7	-	2,97%
4a10m	-	2x	-	10.214	-	290,8	-	2,84%
5a11m	-	2x	-	10.004	-	257,6	-	2,57%

Prop: JACOB ROSIER DUTILH

RAÇA HOLANDESA - variedade vermelha e branca

GOLABA FANCY DA HOLAMBRA, Rg. HB/SP-147422, POOC GC-1, Pai/ROCKY SIDE FANCY RED, Rg. HBB/LAA-81, Mãe/ONZENA ROYAL DA S. SEBASTIÃO, Rg. 55617, obteve "IE" aos:

3a7m	-	2x	-	6.026	-	189,5	-	3,14%
4a8m	-	2x	-	6.319	-	216,2	-	3,42%
5a10m	-	2x	-	5.827	-	227,2	-	3,89%

Prop: JOHANNES W.M.VAN DE GROES - HOLAMBRA

SONIA MOYERDALE DA HOLAMBRA, Rg. HB/SP-147412, POOC GC-2, Pai/C. MOYERDALE CITATION, Rg. HBB/LAA-57, Mãe/ARCA DA HOLAMBRA, Rg. HB/SP-50060, obteve "IE" aos:

3a4m	-	2x	-	3.975	-	149,9	-	3,77%
4a4m	-	2x	-	5.231	-	179,2	-	3,42%
5a4m	-	2x	-	5.622	-	202,8	-	3,60%

Prop: HENRICUS A. WOPEREIS - HOLAMBRA

COM NOVA PARICÃO — DENTRO DOS 427 DIAS

REVISTA DOS CRIADORES — Junho de 1984

NOME DO ANIMAL

Grau de
sangueIdade
anos/meses

N.º SCL

Dias de
lactação

Leite kg

Gord. kg

n.º

PROPRIETÁRIO

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Castanhola R.Van de Groen-SP/157312
L.B. Waperele Naple S.S.-HBB/BB-8084OC1
PO4-4
4-278546
82964298
3055.674
5.657207,7-1E
191,7-1E3,53
3,27Johannes W.M.V. de Groen - Hol.
Olympio A.S.A. Stockler

CLASSE C5 - de 4 1/2 a 5 anos.

Van de Groen Falcao H.-HBB/BB-7367
E.S. Werckira Fancy S.S.-HBB/BB-8081
Carla Rusty V.de Groen-SP/157314PO
PO
OC14-4
4-6
4-473529
78369
72332305
305
2996.983
6.552
6.333249,6-1E
216,7-1E
216,9-1E3,57
3,30
3,42Johannes W.M.V. de Groen - Hol.
Olympio A.S.A. Stockler
Johannes W.M.V. de Groen - Hol.

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

Insuave de Bragança-SP/152158
Itaporé Rebel Atenas
Golaba Fancy da Holanda-SP/147444
Boris Myerdale da Hol.-SP/147412OC1
PO
OC1
OC25-3
6-2
5-10
5-474090
82480
68567
70952305
305
291
2937.235
8.268
5.828
5.622252,5-1E
251,0-1E
227,2-1E
202,8-1E3,49
4,00
3,89
3,60Olympio A.S.A. Stockler
Olympio A.S.A. Stockler
Johannes W.M.V. de Groen - Hol.
Henricus A. Waperele - Holanda

Raça Jersey

CLASSE B1 - de 3 a 3 1/2 anos.

Geldie Vitale do Butiã-15610-C

PO

3-4

78148

289

3.713

186,6-1E

5,02

Sesentes e Cabana Butiã Ltda.

CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.

Carmel Pincoetter do Butiã-14363-C
Liana M.L. Parahana-12887-CPO
PO7-4
6-973613
78493297
2874.577
4.063253,0-1E
186,25,18
4,58José Ronald Bertagnolli
Sesentes e Cabana Butiã Ltda.

Raça Parda Suíça (Schwyz)

CLASSE B5 - de 3 1/2 a 4 anos.

E.C. Jirritana El Bone-208035

PO

3-9

77344

305

4.530

185,9

4,10

Fernando Prado Henó

CLASSE C5 - de 4 1/2 a 5 anos.

Gerna Fadia Twin-6411

PO

4-11

75206

254

4.464

187,9

4,20

Antônio David Vênin

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Lia Performer de S.C.-210507

OC1

4-3

78913

305

4.457

175,4-1E

3,93

Carlos Cardoso de A. Amorim

CLASSE C1 - de 4 1/2 a 5 anos.

Bto. Laidara Orlina-207854

PO

4-9

78448

305

4.447

182,3-1E

3,93

João Pfauf

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Bto. Laidara Orlina-207854

PO

4-9

78448

305

4.447

182,3-1E

3,93

João Pfauf

CLASSE D - de 5 a 6 anos.

Tanga do Brasília-04892

RE

5-5

82842

305

3.196

160,4

5,01

Ribeira Resende Peres

CLASSE C5 - de 4 1/2 a 5 anos.

Aurélien Nivalha Gdurak-T-3079

RE

4-7

78336

305

3.079

170,1-1E

3,52

Manuel e José J.G. Rêdes Reis

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Bto. Laidara Orlina-207854

PO

4-9

78448

305

4.447

182,3-1E

3,93

João Pfauf

CLASSE D - de 5 a 6 anos.

Tanga do Brasília-04892

RE

5-5

82842

305

3.196

160,4

5,01

Ribeira Resende Peres

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Bto. Laidara Orlina-207854

PO

4-9

78448

305

4.447

182,3-1E

3,93

João Pfauf

CLASSE D - de 5 a 6 anos.

Tanga do Brasília-04892

RE

5-5

82842

305

3.196

160,4

5,01

Ribeira Resende Peres

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Bto. Laidara Orlina-207854

PO

4-9

78448

305

4.447

182,3-1E

3,93

João Pfauf

CLASSE D - de 5 a 6 anos.

Tanga do Brasília-04892

RE

5-5

82842

305

3.196

160,4

5,01

Ribeira Resende Peres

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Bto. Laidara Orlina-207854

PO

4-9

78448

305

4.447

182,3-1E

3,93

João Pfauf

CLASSE D - de 5 a 6 anos.

Tanga do Brasília-04892

RE

5-5

82842

305

3.196

160,4

5,01

Ribeira Resende Peres

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Bto. Laidara Orlina-207854

PO

4-9

78448

305

4.447

182,3-1E

3,93

João Pfauf

CLASSE D - de 5 a 6 anos.

Tanga do Brasília-04892

RE

5-5

82842

305

3.196

160,4

5,01

Ribeira Resende Peres

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Bto. Laidara Orlina-207854

PO

4-9

78448

305

4.447

182,3-1E

3,93

João Pfauf

CLASSE D - de 5 a 6 anos.

Tanga do Brasília-04892

RE

5-5

82842

305

3.196

160,4

5,01

Ribeira Resende Peres

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Bto. Laidara Orlina-207854

PO

4-9

78448

305

4.447

182,3-1E

3,93

João Pfauf

CLASSE D - de 5 a 6 anos.

Tanga do Brasília-04892

RE

5-5

82842

305

3.196

160,4

5,01

Ribeira Resende Peres

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Bto. Laidara Orlina-207854

PO

4-9

78448

305

4.447

182,3-1E

3,93

João Pfauf

CLASSE D - de 5 a 6 anos.

Tanga do Brasília-04892

RE

5-5

82842

305

3.196

160,4

5,01

Ribeira Resende Peres

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Bto. Laidara Orlina-207854

PO

4-9

78448

305

4.447

182,3-1E

3,93

João Pfauf

CLASSE D - de 5 a 6 anos.

Tanga do Brasília-04892

RE

5-5

82842

305

3.196

160,4

5,01

Ribeira Resende Peres

CLASSE C1 - de 4 a 4 1/2 anos.

Bto. Laidara Orlina-207854

PO

4-9

78448

305

4.447

182,3-1E

3,93

João Pfauf

CLASSE D - de 5 a 6 anos.

Tanga do Brasília-04892

RE

5-5

82842

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Dias de lactação	Produção		PROPRIETÁRIO
					Leite kg	Gord. kg	
Terradela Priscilla-HBB/10-58631	PO	6-7	68844	311	9.156	259,2	2,83
Barro's Sonnetta Charlie Sae-HBB/10-65136	PO	5-1	83176	365	8.999	284,6-IM	3,16
A.F. Portaleza Soga-HBB/10-55674	PO	7-1	62199	341	8.684	312,9-IM	3,52
Kanilly Oscar E.Dalla Sta.Bsp.	PC	-	82928	365	8.737	357,2-IM	4,08
Macla Matt Om.Farrab-IP-HBB/10-53439	PO	5-0	75501	264	8.735	234,6	2,68
Rosina Poudl, Tulipe-IP/147116	OC4	5-7	80147	284	8.678	314,0-IM	3,61
Quatro Meninas Doct.Luciana-HBB/10-69163	PO	5-7	79707	315	8.228	283,2-IM	3,44
Lindola Almaraz-IP/124636	POCC	6-10	67194	296	8.213	264,9	3,22
Aratinga Corruira 5 Cit.-HBB/10-62780	PO	5-7	80144	277	7.547	243,8	3,23
P. Ocarina Marcia Cal-HBB/10-57663	PO	6-6	66011	291	7.488	222,6	2,97
São Luiz Brígida Kitty-HBB/10-60659	PO	6-7	79264	336	7.465	243,7	3,26

Dois ordenhas (2x)

CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.							
M.A.H. Art. Estiva T.E.-HBB/10-83116	PO	2-3	83691	308	8.390	277,3-IM	3,30
Pancrasa Cav. Gaara-HBB/10-82156	PO	2-1	83192	365	7.276	245,5-IM	3,37
Coucha Nadessa Rock.Oc.L.-IP-155475	OC1	2-3	83167	365	7.081	240,6-IM	3,39
Sabonida Dip.Tallos do P.D'A.-HBB/10-3275	GRB	2-4	84046	282	7.044	205,9-IM	2,92
Francis Heio Hae Cav.-HBB/10-80578	PO	2-1	83548	301	6.721	204,5-IM	3,04
S.A.M. Adelia Elev.Padot-HBB/10-75218	PO	2-4	13597	332	6.578	208,8-IM	3,17
Pancrasa Paraty Pomas-HBB/10-76484	PO	2-3	13190	339	6.556	220,6-IM	3,36
Barpa Oingo do Francis-82-IP/125644	POCC	2-1	33126	328	6.500	192,4-IM	2,96
Francis Hureca Chief T.E.-HBB/10-80580	PO	2-2	83546	311	6.214	205,3-IM	3,30
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.							
Bequela Baga Marinier D.A.G.-IP/173549	POCC	2-7	83200	365	8.584	256,7-IM	2,99
Caldas Root. Majestade-HBB/10-75778	PO	2-6	83437	365	7.997	255,1-IM	3,18
CLASSE BJ - de 3 a 3 1/2 anos.							
Guala Elev. Ceia M.L.-173122	OC1	3-2	83932	298	7.251	218,1-IM	3,00
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.							
Caldas Art. Orquidea-HBB/10-72121	PO	3-11	78554	304	8.178	235,1-IM	2,87
S.H. Sally 11 Milu-HBB/10-74040	PO	3-6	79270	363	7.593	274,8-IM	3,61
G.H.M. Grandessa M.B.Mad-HBB/10-68804	PO	3-11	78713	318	7.230	252,6-IM	3,49
WBB Astrobel M. Vago-HBB/10-71648	PO	3-11	79112	319	7.184	206,0-IM	2,86
CLASSE CU - de 4 a 4 1/2 anos.							
Nevalda Ace M.L.-173104	OC1	4-1	80130	255	7.985	239,5-IM	2,99
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos.							
Arabela Superior S.S.-GRB/1804	GRB	4-6	74937	329	8.567	268,3-IM	3,13
Barry Money M. do Francis-IP/154056	OC1	4-11	75556	287	7.324	243,7-IM	3,28
Veridiana A.G.-IP/150893	OC2	4-7	73893	334	7.289	241,9	3,31
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.							
Rebenta Magnet S.S.-GRB/1413	GRB	8-3	69349	365	12.038	371,5-IM	3,08
Pancrasa Jaime Clarina-HBB/10-64922	PO	5-9	70700	365	11.741	318,2-IM	2,71
Igh Glenstar 11a II	PO	-	83535	365	8.868	295,9-IM	3,33
Imperatriz Junior M.L.-IP/117482	POCC	7-10	62993	271	8.462	264,1-IM	3,12
Serluci Langosta Lam.Pret.-HBB/10-44349	PO	9-7	53071	298	8.324	265,3-IM	3,18
Car.Ch.Pil.Jaqueline Cal 757-HBB/10-55279	PO	7-3	83826	365	8.047	283,8-IM	3,52
Alta Ouro Verde S.S.-GRB/1904	GRB	5-2	73813	339	8.031	257,9-IM	3,21
Siniza Ouro Verde S.S.-GRB/1419	GRB	10-0	49649	301	7.994	274,9-IM	3,43
Par. Forçada Kennedy-HBB/10-61037	PO	5-10	70107	365	7.972	260,1-IM	3,26
Elegante P.Perf.do Mel.-GRB/1850	GRB	6-7	65630	365	7.951	274,9-IM	3,45
Par. Fadaça Ultimato-HBB/10-60967	PO	6-0	70455	365	7.909	222,4	2,81
Hollan Agrindus-IP/147445	OC1	5-1	82909	365	7.630	201,3	2,63
Roito	NR	-	83384	365	7.628	239,8-IM	3,14
S.H. Pet. 2 Mercus-HBB/10-68018	PO	5-2	73491	351	7.567	244,2-IM	3,22
Caldas Oit. Magnolia-HBB/10-42553	PO	8-8	55604	286	7.442	253,1-IM	3,40

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca

Três ordenhas (3x)

CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.							
Cex. Nevalda Varsden T.E.-10411	PO	2-3	83789	293	5.543	215,9-IM	3,89
Cex. Nevalde Bekuron-HBB/10-10396	PO	2-1	84229	295	5.505	186,1-IM	3,38
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.							
Demopada Ocupada Jasi. O.F.F.-HBB/2822	GRB	2-6	83423	365	9.927	329,0-IM	3,41
CLASSE BS - de 3 1/2 a 4 anos.							
Albertina's HBB Tangué T.E.-HBB/10-7569	PO	3-9	79489	308	6.964	230,5-IM	3,31
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.							
Orfina MU Delina's-IP/11910	OC4	8-5	57416	365	9.429	337,5-IM	3,57
Orfina PR Albertina's-GRB/717	GRB	7-2	62688	334	8.948	329,5-IM	3,66
Cex. Mariôca Mad.-HBB/10-5529	PO	7-8	61855	365	8.212	316,7-IM	3,85
Albertina's MR Bonvenir T.E.-HBB/10-8213	PO	5-0	74042	294	7.164	260,9-IM	3,64
Cex. Sabará Rito-HBB/10-6179	PO	6-0	71219	281	7.097	233,6	3,29
Cassela Jasper Per.-HBB/1663	GRB	5-6	74942	365	6.848	242,5-IM	3,54
J.P. Rebenta Haple-Red-HBB/10-781	PO	7-3	62689	325	6.831	244,7-IM	3,58
Bela MC Albertina's-HBB/1505	GRB	6-4	67250	293	6.814	257,9-IM	3,78
Cex. Lazo Jasper-HBB/10-6575	PO	5-8	70199	264	6.802	261,1-IM	3,83

Dois ordenhas (2x)

CLASSE AJ - até 2 1/2 anos.							
Reika 4 Capito da Pipa-IP/181548	OC1	2-3	83537	327	6.108	203,8-IM	3,33
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos.							
Clayton Jap. da Ovelha-IP/167094	OC5	2-11	83579	365	7.832	290,5-IM	3,70
CLASSE CS - de 4 a 4 1/2 anos.							
Reika Brückler da Ovel.-IP/160751	OC2	4-2	75414	365	7.491	281,5-IM	3,75
E.S. Vespúndia Royal.E.E.-HBB/10-8078	PO	4-5	76368	300	7.082	242,8-IM	3,42
Louza de Nevalda-IP/161794	OC1	4-3	76278	293	6.873	232,7-IM	3,38
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos.							
E.E. Uliza Paganus S.S.-HBB/10-7111	PO	6-1	67296	344	8.625	250,7-IM	2,90

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos/meses	N.º SCL	Produção			%	PROPRIETÁRIO
				Dias de lactação	Leite kg	Gord. kg		
Ocina Baby da S.S. E.S.-HBI/SP-64957	GC1	10-9	51786	327	7.940	265,8-IM	3,34	Johannes W.M.V.de Gross-Hol.
Cor. Robiã Jasper-HBI/SP-6178	PO	5-9	70198	334	7.169	242,1-IM	3,37	Rafael Rossi
Bocaina da Holandra-GP/113147	GC2	6-11	73524	344	7.090	256,1-IM	3,61	Henricus A. Wepreis - Holandra
Raça Jersey								
Dois ordenhas (2x)								
CLASSE RJ - de 3 a 3 1/2 anos. Herkulesley Title do Butiã-16605-C	PO	3-5	80250	310	4.973	245,1-IM	4,92	Sementes e Cabana Butiã Ltda.
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos. Liziana Title do Butiã-16642-C	PO	4-4	74889	365	5.226	249,5-IM	4,77	Sementes e Cabana Butiã Ltda.
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Pine Grove S.S. Harmony-15006-C	PO	6-0	73618	365	7.737	411,4-IM	5,31	Sementes e Cabana Butiã Ltda.
Bell City Purilie AGM.Lana-15007-C	PO	6-0	74888	365	7.246	366,1-IM	5,05	Sementes e Cabana Butiã Ltda.
Raça Parda Suíça (Schwyz)								
Três ordenhas (3x)								
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos. Cor. Francie Performer-8682	PO	2-9	83779	313	5.866	227,2-IM	3,87	Antônio Farid Yamin
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos. Cor. Anna Improver-7672	PO	4-11	75340	311	6.254	247,2-IM	3,95	Antônio Farid Yamin
Dois ordenhas (2x)								
CLASSE RJ - de 3 a 3 1/2 anos. Lisela Dires Jitwind-208610	PO	3-1	83401	365	5.497	204,6-IM	3,72	Giovani Branquinho Grossi
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos. F.C. Murbela Performer-207984	PO	4-2	77802	365	4.908	187,2-IM	3,81	Carlos Cardoso de A. Assis
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. Reno Macy Improver III-207491	PO	5-3	83335	328	5.413	221,5-IM	4,09	Francisco Prado Reno
Raça Gir								
Três ordenhas (3x)								
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos. Sônia de Brasília-7/2815	RE	6-11	77661	308	4.451	225,2-IM	5,06	Rubens Resende Peres
Jacutinga de Brasília-O/8715	RE	13-9	43331	365	4.191	217,7-IM	5,19	Rubens Resende Peres
Tulipa de Brasília-7/2948	RE	6-0	77243	365	3.788	177,4	4,68	Rubens Resende Peres
Rina de Brasília-R/2387	PC	7-9	77663	365	3.753	179,3	4,77	Rubens Resende Peres
Dois ordenhas (2x)								
CLASSE RJ - de 3 a 3 1/2 anos. Mar. Recadora Maestro	NR	3-3	83198	327	3.252	184,7-IM	5,67	Manoel e José J.S.R.dos Reis
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos. Artista-956	IA	4-0	83465	365	3.765	158,0-IM	4,19	Renia Agrícola e Pec. Ltda.
CLASSE D - de 5 a 6 anos. C. A. Quota	PC	5-5	82989	356	4.421	191,3-IM	4,22	Antonio José L. de O. Costa
C. A. Avencia-16	NR	5-7	76406	365	3.720	191,1-IM	5,13	João Gabriel da C.N.e Outros
CLASSE E - Adultas de mais de 6 anos. S.C. Gabarra Cachinho-P-6950	RE	10-5	63615	326	5.121	288,1-IM	5,62	Manoel e José J.S.R.dos Reis
Codomo-S/2625	RE	8-9	63381	355	4.483	174,2-IM	3,88	Arthur Souto Mair Filizola
Caritibe-S/2630	RE	9-8	60574	365	4.407	180,9-IM	4,10	Arthur Souto Mair Filizola
C. A. Jalapa-5268	PC	11-10	55766	365	4.305	177,1-IM	4,11	Antonio José L. de O. Costa
Jardina-B/2178	RE	-	76989	365	4.167	169,9-IM	4,07	Arthur Souto Mair Filizola
Japira-C/1235	PC	14-5	44916	365	3.697	146,2	3,95	Renia Agrícola e Pec. Ltda.
Raça Girolando								
Dois ordenhas (2x)								
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos. Guirlanda Vinocica	-	4-4	73660	228	3.919	134,4	3,42	Haydée Westerudjian
Cruzamento Dirigido								
Dois ordenhas (2x)								
CLASSE AS - de 2 1/2 a 3 anos. F.T.B. Violeta-24152	MX3	2-11	84293	284	3.436	121,2	3,52	Paulo de Thasso Bittencourt
CLASSE RJ - de 3 a 3 1/2 anos. Esperita do Marejo-23611	M1	3-2	87248	314	5.708	226,8-IM	3,97	Fazenda Varzea do Marejo Ltda.
CLASSE CJ - de 4 a 4 1/2 anos. Portela do Marejo-23617	M2	4-2	87249	304	7.375	285,4-IM	3,86	Fazenda Varzea do Marejo Ltda.
CLASSE CS - de 4 1/2 a 5 anos. F.T.B. Inesperada-IR-4101	M1	4-10	78986	345	4.033	145,0	3,59	Paulo de Thasso Bittencourt
CLASSE D - Adultas de mais de 5 anos. F.T.B. Caiçara-13680	M1	6-5	77797	353	4.436	156,5	3,52	Paulo de Thasso Bittencourt
F.T.B. Itatiba-12892	M1	8-8	79286	304	3.985	135,1	3,39	Paulo de Thasso Bittencourt
F.T.B. Campina Grande-13685	M1	6-7	76878	308	3.838	136,5	3,55	Paulo de Thasso Bittencourt
F.T.B. Terra Roca-13684	M1	6-5	80575	286	3.581	131,9	3,48	Paulo de Thasso Bittencourt
L M - LIVRO DE MÊS L E - LIVRO DE ECOLA								

Resultados Parciais de Controle

NOME DO ANIMAL	Grav. de sang.	Idade em anos	Controle de Inseminação	Dieta de Leite %	NOME DO ANIMAL	Grav. de sang.	Idade em anos	Controle de Inseminação	Dieta de Leite %
Raça Holandesa — variedade preta e branca									
Alameda Municipal de Inseminação, São Paulo, Controlada em 04/01/66. Registro de parto em capão experimental. 3 embriões.									
Odette Bont Alameda	001	3-8	70	30	21,0	3,1			
Odette Bont Alameda	002	3-8	70	30	21,0	3,2			
Odette Bont Alameda	003	3-8	70	30	21,0	3,3			
Odette Bont Alameda	004	3-8	70	30	21,0	3,4			
Odette Bont Alameda	005	3-8	70	30	21,0	3,5			
Odette Bont Alameda	006	3-8	70	30	21,0	3,6			
Odette Bont Alameda	007	3-8	70	30	21,0	3,7			
Odette Bont Alameda	008	3-8	70	30	21,0	3,8			
Odette Bont Alameda	009	3-8	70	30	21,0	3,9			
Odette Bont Alameda	010	3-8	70	30	21,0	4,0			
Odette Bont Alameda	011	3-8	70	30	21,0	4,1			
Odette Bont Alameda	012	3-8	70	30	21,0	4,2			
Odette Bont Alameda	013	3-8	70	30	21,0	4,3			
Odette Bont Alameda	014	3-8	70	30	21,0	4,4			
Odette Bont Alameda	015	3-8	70	30	21,0	4,5			
Odette Bont Alameda	016	3-8	70	30	21,0	4,6			
Odette Bont Alameda	017	3-8	70	30	21,0	4,7			
Odette Bont Alameda	018	3-8	70	30	21,0	4,8			
Odette Bont Alameda	019	3-8	70	30	21,0	4,9			
Odette Bont Alameda	020	3-8	70	30	21,0	5,0			
Odette Bont Alameda	021	3-8	70	30	21,0	5,1			
Odette Bont Alameda	022	3-8	70	30	21,0	5,2			
Odette Bont Alameda	023	3-8	70	30	21,0	5,3			
Odette Bont Alameda	024	3-8	70	30	21,0	5,4			
Odette Bont Alameda	025	3-8	70	30	21,0	5,5			
Odette Bont Alameda	026	3-8	70	30	21,0	5,6			
Odette Bont Alameda	027	3-8	70	30	21,0	5,7			
Odette Bont Alameda	028	3-8	70	30	21,0	5,8			
Odette Bont Alameda	029	3-8	70	30	21,0	5,9			
Odette Bont Alameda	030	3-8	70	30	21,0	6,0			
Odette Bont Alameda	031	3-8	70	30	21,0	6,1			
Odette Bont Alameda	032	3-8	70	30	21,0	6,2			
Odette Bont Alameda	033	3-8	70	30	21,0	6,3			
Odette Bont Alameda	034	3-8	70	30	21,0	6,4			
Odette Bont Alameda	035	3-8	70	30	21,0	6,5			
Odette Bont Alameda	036	3-8	70	30	21,0	6,6			
Odette Bont Alameda	037	3-8	70	30	21,0	6,7			
Odette Bont Alameda	038	3-8	70	30	21,0	6,8			
Odette Bont Alameda	039	3-8	70	30	21,0	6,9			
Odette Bont Alameda	040	3-8	70	30	21,0	7,0			
Odette Bont Alameda	041	3-8	70	30	21,0	7,1			
Odette Bont Alameda	042	3-8	70	30	21,0	7,2			
Odette Bont Alameda	043	3-8	70	30	21,0	7,3			
Odette Bont Alameda	044	3-8	70	30	21,0	7,4			
Odette Bont Alameda	045	3-8	70	30	21,0	7,5			
Odette Bont Alameda	046	3-8	70	30	21,0	7,6			
Odette Bont Alameda	047	3-8	70	30	21,0	7,7			
Odette Bont Alameda	048	3-8	70	30	21,0	7,8			
Odette Bont Alameda	049	3-8	70	30	21,0	7,9			</

[illegible]

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade anos	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Dr. Carlos Alberto Nolin Lemos - Jaguariúna, Est. de São Paulo, Controle em 54/01/56. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Hercules Monardi de Franca	POC	2-4	109	290	18,0	1,5
Matheus Bravo de Franca	OC1	2-4	40	189	12,0	2,4
Franca Wanda Bully Royalty	PO	2-2	30	250	20,0	3,9
Pico Bland de Franca	OC1	4-2	60	174	20,0	2,1
Garra Monardi de Franca	OC2	2-2	30	162	17,0	4,0
Franca Gloria Bach Babat	PO	3-5	50	128	14,0	2,9
Franca Dora de Franca	OC2	3-9	60	180	20,0	2,6
Schilous Pioneer T. Mont.	PO	3-6	100	299	17,0	1,8
Franca Mauro Neves C. T. L.	PO	3-5	30	20	2,0	1,0
Crescent Gay Dora	PO	8-7	100	285	17,0	4,0
Franca Henrietta Betty Rose	PO	2-3	20	60	20,0	3,3
Franca Gloria Tippy Wallart	PO	3-3	30	64	25,0	1,6
Henrietta Neves de Franca	POC	2-4	40	164	15,0	4,0
Gaelia Titan de Franca	OC1	3-4	20	30	20,0	3,0
Vendolico do Fao D'Almeida	OCB	5-1	20	50	27,0	3,2
Gaeli Dube de Franca	OC2	3-11	10	11	21,0	2,8
Franca Hajo Dube Mare	PO	6-6	30	20	19,0	4,0
Ringsay Marais Bortio	PO	6-8	100	237	17,0	3,0
Franca Henrietta Rose Bravo	PO	2-1	30	30	26,0	4,0
Franca Performer de Franca	OC1	2-1	10	53	21,0	2,3
Gaila Dube de Franca	OC1	6-1	7	7	27,0	2,8
Henrietta Vige de Franca	OC2	2-6	30	268	19,0	3,1
Henrietta Vige de Franca	PO	2-3	30	195	18,0	3,9
Grana Vary de Franca	OC2	3-9	50	134	16,0	4,0
Franca Fada Rose Soliant	PO	3-4	40	201	19,0	4,0
Gaeli Dube de Franca	OC1	3-4	80	232	16,0	2,7
Gaila Dube de Franca	OC1	3-4	90	243	22,0	4,1
Crescent Tippy Valent	PO	3-1	70	204	16,0	4,0
Ringsay de Franca	POC	8-6	30	20	17,0	4,0
Franca Henrietta Rose Prof	PO	2-1	30	251	15,0	1,9
Franca Helena Neves Chier	PO	2-1	110	344	16,0	3,5
Gaeli Edna Joyce	PO	12-10	20	31	34,0	3,0
Franca Helena Barbara Tral.	PO	3-10	10	26	27,0	3,0
Barão Apfrelia e Comercial S/A, Descalvado, Est. de São Paulo, Controle em 25/03/56. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Gilbert Booterbach Beata	OC1	8-10	20	56	15,0	3,0
Helenegia Arlindo Beata	OC1	7-8	10	10	29,0	3,6
Beata de Booterbach Beata	PO	3-11	70	191	22,0	3,0
Beata Booterbach Beata	OC1	7-4	40	105	20,0	3,6
Descalvado Irla Stylen	PO	6-4	90	244	22,0	3,4
Beata Sylvia Beata	OC1	6-8	80	114	20,0	3,0
Descalvado H. Booterbach	PO	6-6	30	87	16,0	3,0
Buterbach Art. Descalvado	OC1	5-8	80	211	17,0	3,4
Beata Arlindo Descalvado	OC2	6-2	20	32	23,0	3,6
Suliana Arlindo Descalvado	OC1	4-4	70	208	16,0	3,0
Berta Arlindo Descalvado	OC4	8-1	90	207	17,0	4,0
Jigora Chris Descalvado	OC1	5-2	30	139	29,0	3,1
Isarado Rinda Descalvado	OC2	4-9	10	10	24,0	3,0
Descalvado Lira Hermes	PO	6-5	30	10	23,0	3,3
Lila Hermes Descalvado	OC2	6-5	30	10	23,0	3,3
Descalvado Lente Hermes	PO	3-10	70	120	23,0	3,0
Landra Art. Descalvado	OC2	4-2	50	135	23,0	3,3
Paulina Hermes Descalvado	OC2	3-3	30	214	16,0	3,0
Barão Herm. Descalvado	OC1	3-4	130	318	17,0	3,4
Lila Hermes Descalvado	OC2	3-3	30	118	13,0	3,0
Beata Hermes Descalvado	OC2	3-7	50	119	16,0	3,3
Paulina Herm. Descalvado	OC2	3-6	40	43	24,0	3,6
Paulina Beata Descalvado	OC1	3-7	20	8	16,0	3,0
Barlinda Paul Descalvado	OCB	3-7	40	36	25,0	3,3
Descalvado Paula Mela Betty	PO	3-7	15	10	26,0	3,0
Hermes Hermes Descalvado	OC1	3-7	50	84	16,0	3,0
Hermes Hermes Descalvado	OC2	2-9	120	291	13,0	1,4
Raffier Hermes Descalvado	OC4	5-6	20	27	13,0	3,1
Dora Beata Mela Betty	PO	3-9	50	120	18,0	3,9
Descalvado Lente Hermes	PO	3-10	70	120	23,0	3,0
Descalvado Barry Booterbach	PO	3-7	70	194	16,0	3,0
Beata Arlindo Descalvado	OC1	2-9	30	136	25,0	4,0
Natalia Arlindo Descalvado	OC1	2-9	30	113	22,0	3,1
Descalvado Lira Hermes	PO	6-5	30	10	23,0	3,3
Descalvado Beata Arlindo	PO	2-8	80	19	24,0	3,0



Estância Kankrej

José Resende Peres

GUZERÁ LEITEIRO.

Garantia de vacas
maiores, mais rústicas.
Quando o sangue for ficando
muito europeu, e a perda de
bezerros aumentando...
É melhor usar a raça mais
rústica do mundo.



agôa da serra ltda.

Praça José Peres, 17-A
35360, São Pedro dos Ferros, MG
Tels.: (033) 352-1457, 352-1218
No Rio: (021) 295-1611

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle	Dias de lactação	Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle	Dias de lactação	Leite	%
Sarceta Quarta L. do Fome	GB	3-6	19	19	33,0	2,6	Par. Pantasma Negro	PO	6-7	40	129	25,0	3,4
P. Fajina Lepidita M. Chief	PO	6-8	29	41	27,0	3,8	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-6	40	128	25,0	3,1
P. Fajina Lepidita M. Chief	PO	3-3	19	5	25,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-6	40	128	25,0	3,1
P. Fajina Lepidita M. Chief	PO	2-5	40	110	23,0	3,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	5-11	40	137	19,0	3,4
P. Fajina Lepidita M. Chief	PO	2-2	40	104	22,0	3,7	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-6	40	127	31,0	3,5
Thedexa Sina, Japuarina, Bat. de São Paulo, Controle em 11/03/86, Regime de pasto com raço suplementar, 2 ordenhas.	GB	2-5	30	69	21,0	3,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-6	40	134	19,0	3,6
P. Fajina Lepidita M. Chief	PO	2-9	29	65	20,0	3,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-6	40	133	24,0	3,5
P. Fajina Lepidita M. Chief	PO	2-4	10	25	24,0	2,8	Par. Lavadeira Rochey	PO	4-2	40	131	16,0	3,2
P. Fajina Lepidita M. Chief	PO	2-7	10	24	20,0	4,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-6	40	127	27,0	3,0
P. Fajina Lepidita M. Chief	PO	2-7	10	16	25,0	3,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	5-1	40	129	26,0	3,5
P. Fajina Lepidita M. Chief	O	2-2	10	12	24,0	3,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	6-3	40	126	26,0	3,4
Anelour Paril Yasin, Porto Felix, Bat. de São Paulo, Controle em 29/03/86, Regime de pasto com raço suplementar, 3 ordenhas, Fome-652-622122.							Par. Lavadeira Rochey	PO	5-1	30	124	24,0	3,8
Car. Carilo Advensor Am-Bt	PO	5-5	20	41	29,0	3,5	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-5	30	124	21,0	3,5
Gervasio M. Jorci, Japuarina, Bat. de São Paulo, Controle em 11/03/86, Regime de pasto com raço suplementar, 2 ordenhas.							Par. Lavadeira Rochey	PO	2-5	30	122	15,0	3,7
Gr. Barrota II da Bolandera	OC1	6-7	79	222	21,0	4,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	3-10	30	122	25,0	3,4
Gr. Barrota II da Bolandera	OC2	3-5	79	224	22,0	3,3	Par. Lavadeira Rochey	PO	4-6	30	122	30,0	3,7
Gr. Barrota II da Bolandera	PO	6-4	79	204	15,0	3,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-4	30	120	29,0	3,5
Gr. Barrota II da Bolandera	POCC	2-5	50	133	18,0	2,9	Par. Lavadeira Rochey	PO	4-6	30	120	22,0	3,2
Gr. Barrota II da Bolandera	POCC	2-4	50	157	16,0	4,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	5-8	30	119	26,0	3,6
Gr. Barrota II da Bolandera	POCC	2-5	50	160	18,0	3,8	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	30	118	20,0	3,3
Gr. Barrota II da Bolandera	PO	2-3	50	147	22,0	3,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-8	30	117	19,0	4,0
Jap. I Antonina M. Japuarina	PO	5-4	20	73	17,0	4,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	5-11	30	116	14,0	4,0
Gr. Barrota II da Bolandera	OC2	4-6	10	35	20,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	4-0	30	115	28,0	3,5
Gr. Barrota II da Bolandera	PO	5-1	10	23	32,0	3,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	5-6	30	115	23,0	3,5
Gr. Barrota II da Bolandera	OC2	3-8	10	17	25,0	3,8	Par. Lavadeira Rochey	PO	6-6	30	111	21,0	3,3
Gr. Barrota II da Bolandera	PO	1-1	120	304	18,0	3,7	Par. Lavadeira Rochey	PO	7-10	30	108	29,0	4,0
Gr. Barrota II da Bolandera	PO	7-1	130	318	15,0	3,6	Par. Lavadeira Rochey	PO	4-3	30	101	20,0	3,2
Gr. Barrota II da Bolandera	OC1	7-6	100	290	14,0	3,5	Par. Lavadeira Rochey	PO	5-8	30	101	29,0	3,2
Gr. Barrota II da Bolandera	PO	7-6	90	287	16,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	5-10	30	98	24,0	3,4
Gr. Barrota II da Bolandera	POCC	7-6	90	274	21,0	3,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	8-5	30	96	24,0	3,4
Gr. Barrota II da Bolandera	OC1	7-1	90	274	19,0	3,3	Par. Lavadeira Rochey	PO	11-1	30	91	22,0	2,8
Gr. Barrota II da Bolandera	OC2	4-7	80	240	17,0	3,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	5-7	30	87	24,0	3,8
Gr. Barrota II da Bolandera	POCC	2-1	80	258	13,0	4,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	6-10	30	87	26,0	3,8
Gr. Barrota II da Bolandera	OC2	4-6	70	255	14,0	3,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	8-1	30	80	22,0	3,1
Gr. Barrota II da Bolandera	OC1	4-6	70	223	18,0	4,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	7-11	30	79	30,0	3,5
Gr. Barrota II da Bolandera	OC2	3-5	70	212	20,0	3,3	Par. Lavadeira Rochey	PO	8-3	30	78	27,0	3,7
Gr. Barrota II da Bolandera	OC2	3-5	70	225	21,0	3,6	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-8	30	74	21,0	3,7
Gr. Barrota II da Bolandera	PO	3-5	70	213	15,0	4,1	Par. Lavadeira Rochey	PO	3-8	30	68	20,0	2,7
Thedexa Sina, Japuarina, Bat. de São Paulo, Controle em 11/03/86, Regime de pasto com raço suplementar, 2 ordenhas.							Par. Lavadeira Rochey	PO	10-9	30	60	26,0	2,9
Matia II da Bolandera	SL/30	3-2	79	203	23,0	3,3	Par. Lavadeira Rochey	PO	7-4	20	45	30,0	3,8
Matia II da Bolandera	PO	4-3	40	117	28,0	3,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-6	20	40	30,0	3,3
Matia II da Bolandera	OC1	2-1	40	117	20,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-6	20	40	29,0	3,3
Simo Van de Gont, Japuarina, Bat. de São Paulo, Controle em 05/03/86, Regime de pasto com raço suplementar, 2 ordenhas.							Par. Lavadeira Rochey	PO	4-11	20	39	29,0	3,3
Corneio Ch. Pil. Japuarina	PO	7-3	100	339	14,0	5,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	3-6	20	34	31,0	3,6
Corneio Ch. Pil. Japuarina	PO	3-10	80	237	14,0	4,9	Par. Lavadeira Rochey	PO	8-9	18	30	22,0	3,2
Corneio Ch. Pil. Japuarina	PO	4-5	60	184	19,0	3,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	8-9	18	28	12,0	2,2
Corneio Ch. Pil. Japuarina	PO	5-10	50	182	15,0	4,8	Par. Lavadeira Rochey	PO	9-9	18	28	12,0	2,2
Corneio Ch. Pil. Japuarina	PO	-	40	118	17,0	4,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	7-10	19	23	30,0	3,6
Thomaz Sybil, Japuarina, Bat. de São Paulo, Controle em 11/03/86, Regime de pasto com raço suplementar, 2 ordenhas.	PO	6-0	70	221	24,0	3,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	8-1	19	22	28,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	2-2	130	346	20,0	3,3	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-7	18	22	24,0	3,0
Par. Laboriosa Bellano	PO	4-1	80	275	22,0	3,7	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-7	18	22	24,0	3,0
Par. Laboriosa Bellano	PO	4-1	80	274	18,0	4,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	6-5	80	274	18,0	3,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	7-7	70	237	22,0	3,1	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	2-5	70	240	23,0	3,5	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	1-1	70	247	21,0	3,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	7-9	70	242	19,0	4,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	3-9	70	238	20,0	3,6	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	6-0	70	237	21,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	7-11	70	217	20,0	3,5	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	6-3	70	233	21,0	3,7	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	9-1	70	227	21,0	4,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	2-10	70	225	19,0	3,7	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	-	70	222	20,0	4,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	6-0	70	221	24,0	3,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	3-0	70	217	24,0	3,7	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	4-7	70	218	20,0	3,5	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	4-2	60	199	28,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	3-0	60	197	28,0	3,6	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	9-2	60	193	23,0	3,9	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	9-0	60	190	20,0	3,3	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	8-11	60	193	22,0	3,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	7-1	60	181	21,0	3,1	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	2-7	60	180	28,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	3-4	60	182	20,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	7-0	70	236	18,0	3,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	3-10	50	179	19,0	3,7	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	4-0	50	176	17,0	3,5	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	9-2	60	193	22,0	3,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	7-1	60	181	21,0	3,1	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	2-7	60	180	28,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	3-4	60	182	20,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	7-0	70	236	18,0	3,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	3-10	50	179	19,0	3,7	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	4-0	50	176	17,0	3,5	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	9-2	60	193	22,0	3,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	7-1	60	181	21,0	3,1	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	2-7	60	180	28,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	3-4	60	182	20,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	7-0	70	236	18,0	3,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	3-10	50	179	19,0	3,7	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	4-0	50	176	17,0	3,5	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	9-2	60	193	22,0	3,2	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	7-1	60	181	21,0	3,1	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	2-7	60	180	28,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	3-4	60	182	20,0	3,4	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO	7-0	70	236	18,0	3,0	Par. Lavadeira Rochey	PO	2-9	18	20	21,0	3,1
Par. Laboriosa Bellano	PO												

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%		NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite	%
Par. Recolmente R. Fidalgo	PO		7-11	10	18	13,0	3,8		Henry da Yakult	PO		6-8	40	36	16,0	3,4
Par. Jonda Jéssé	PO		7-9	10	17	22,0	3,0		Yakult Lavel	PO		5-6	30	75	19,0	1,3
Par. Lapina R. Dita T.E.	PO		-	10	17	20,0	3,4		Lilac da Yakult	OC3		4-9	50	139	36,0	1,4
Par. Lemilita Glen	PO		7-10	10	14	23,0	3,6		Yakult Los Angeles	PO		5-6	30	73	15,0	3,2
Par. Fontana Oronho	PO		7-5	10	12	29,0	3,1		Yakult Marinha	PO		4-6	50	147	23,0	1,7
Par. Capanga Waver. CH.	PO		8-7	10	10	23,0	4,1		Yakult Pirineu Astronaut	PO		3-6	50	127	35,0	1,9
Par. Glória William	PO		2-9	10	9	22,0	4,3		Yakult Oita Chieftain	PO		2-4	30	66	16,0	3,0
Par. Joviana Elegance	PO		4-6	10	9	21,0	3,6		Castroblea Carriale Yakult	OC2		3-9	40	126	15,0	3,0
Par. Capanga Rui. Clotiana	PO		7-11	10	8	20,0	3,6		Yakult Kitty Burgher	PO		3-3	30	69	17,0	3,0
Par. Joviana Orelado	PO		2-5	10	9	18,0	3,8		Barbas Burgher Yakult	OC3		3-4	30	86	17,0	3,6
Par. Glória Rápido Paj	PO		5-5	10	5	18,0	3,7		Yakult da Orelado	PO		5-10	20	51	21,0	1,3
Par. Joviana Glória	PO		4-6	10	4	21,0	3,7		Yakult Espetadora Chieftain	PO		2-9	30	64	15,0	3,6
Par. Joviana Glória	PO		3-10	10	4	24,0	3,4		Orelado da Yakult	OC2		4-11	10	8	18,0	2,2
Par. Joviana Glória	PO		6-10	10	4	22,0	3,5		Yakult Heart Milestone	PO		3-7	10	19	16,0	2,4
De Pedro Gode. Rosendo. Bat. de São Paulo. Controle em 24/03/96. Região de posto com raço suplementar. 3 ordenhas.									Yakult Heria	PO		5-6	10	8	19,0	3,0
Albertina's H.S.M. Tânia TE	PO		3-11	60	181	22,0	3,5		Orelado Burgher Yakult	OC1		4-3	20	13	20,0	2,9
Albertina's H.M. Tânia TE	PO		4-10	20	60	22,0	3,4		Yakult da Patricia	PO		6-11	20	12	21,0	2,7
Albertina's H.S.M. Tânia TE	PO		3-3	30	60	21,0	3,4		Revelado Yakult	OC3		5-6	10	10	15,0	3,0
Albertina's H.S.M. Tânia TE	PO		3-4	30	60	29,0	2,6		Laydon da Yakult	POCC		1-3	10	8	19,0	2,6
Albertina's H.S.M. Tânia TE	PO		3-5	10	28	33,0	3,8		Yakult da Patricia	PO		3-5	10	18	16,0	3,7
Albertina's H.S.M. Tânia TE	PO		3-7	10	23	35,0	3,2		Carla da Yakult	OC2		4-1	10	15	15,0	3,6
Albertina's H.S.M. Tânia TE	PO		3-7	10	18	37,0	3,5		Petala Chieftain Yakult	OC2		3-2	20	5	15,0	3,1
Albertina's H.S.M. Tânia TE	PO		4-2	10	9	27,0	3,7		De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.							
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC4		4-5	10	19	20,0	2,3
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		4-4	30	85	25,0	2,9
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		3-6	20	19	21,0	3,4
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		5-9	50	121	23,0	3,4
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		6-6	50	125	23,0	3,3
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	POCC		4-2	20	56	24,0	3,3
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	PO		-	10	7	23,0	4,4
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		6-3	10	1	24,0	3,0
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	POCC		3-9	20	1	23,0	3,2
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	PO		-	10	15	24,0	3,2
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		3-3	20	53	21,0	3,4
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		6-2	20	36	29,0	3,3
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		3-5	50	132	20,0	3,7
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	POCC		-	20	40	21,0	3,9
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		4-11	10	28	21,0	3,2
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	POCC		6-10	20	10	22,0	3,5
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	POCC		7-3	80	214	20,0	3,7
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		4-3	70	180	20,0	4,7
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		3-7	10	11	27,0	3,2
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		3-7	20	37	21,0	3,2
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		7-9	10	28	27,0	3,1
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		8-8	10	18	23,0	3,0
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.							
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	PO		4-5	70	220	13,0	2,8
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	PO		7-2	70	183	12,0	4,7
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	PO		3-5	60	159	13,0	2,0
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	PO		6-8	30	129	13,0	2,8
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	PO		3-7	30	120	12,0	1,6
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		6-10	40	104	15,0	2,7
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	POCC		1-3	40	174	11,0	4,1
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	PO		3-5	20	42	19,0	3,1
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	PO		3-4	20	42	16,0	3,0
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	PO		6-2	20	37	23,0	3,0
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	PO		2-3	10	15	16,0	3,1
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	PO		5-10	10	8	22,0	3,0
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 11/03/96. Região de posto com raço suplementar. 1 e 2 ordenhas.							
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		5-5	90	245	28,0	4,0
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		4-3	80	230	26,0	3,8
De Rosal. Rosal. Chieftain. Região. Bat. de São Paulo. Controle em 06/03/96. Região de posto com raço suplementar. 2 ordenhas.									Henrique da Prata	OC2		6-7	20	57	14,0	4,2

GRANJA D'ABADIA

CUSTÓDIO DE ALMEIDA & FILHO

O GADO DO LEITE DOURADO

CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE GUERNSEY PO E CRUZADOS

Maior plantel em controle leiteiro do Estado. Troféu ACERJ 1985. Conquistamos o maior número no livro de Mérito e Escol entre todas as raças leiteiras.

VENDA DE REPRODUTORES

FAZENDA: Estrada de Piranema, 731

Fone: (021) 788-1206 — ITAGUAÍ - RJ

ESCRITÓRIO: Cx. Postal 3386

Fone: (021) 240-2341 — RIO DE JANEIRO - RJ

[illegible]

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle de meses	Dias de lactação	Leite %	
Thelainez Antonio R. P. D'Alho	028	5-1	79	218	23,0	3,7	
Mendonça J. P. D'Alho	028	3-2	79	217	23,0	2,9	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	4-1	79	214	25,0	2,9	
P. D'Alho Valéria S. S. P. D'Alho	PO	3-1	79	213	22,0	3,4	
Santos V. S. P. D'Alho	028	3-4	79	187	23,0	2,8	
P. D'Alho Valéria S. S. P. D'Alho	PO	3-3	69	193	25,0	3,8	
Belandier Iratim P. P. D'Alho	028	3-6	69	182	20,0	3,2	
P. D'Alho Tala S. S. P. D'Alho	PO	2-2	50	173	20,0	3,2	
Valéria S. S. P. D'Alho	028	3-1	69	165	23,0	3,8	
Valéria S. S. P. D'Alho	028	3-1	59	158	17,0	2,7	
P. D'Alho Valéria S. S. P. D'Alho	PO	3-4	59	153	25,0	3,8	
Valéria S. S. P. D'Alho	028	2-3	50	147	24,0	3,4	
P. D'Alho Tala S. S. P. D'Alho	028	3-1	69	145	23,0	3,8	
Valéria S. S. P. D'Alho	028	3-1	49	152	20,0	2,8	
Valéria S. S. P. D'Alho	028	3-1	49	133	25,0	3,8	
Valéria S. S. P. D'Alho	028	4-11	49	127	34,0	2,7	
P. D'Alho Tala S. S. P. D'Alho	PO	3-2	59	109	27,0	3,1	
P. D'Alho Valéria S. S. P. D'Alho	PO	3-2	59	96	20,0	2,8	
Gravato C. R. P. D'Alho	PO	3-1	79	81	42,0	2,8	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	4-8	29	65	11,0	2,7	
P. D'Alho Valéria S. S. P. D'Alho	PO	3-4	59	72	23,0	3,1	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	4-8	29	44	21,0	3,4	
P. D'Alho Valéria S. S. P. D'Alho	PO	6-9	29	39	30,0	3,0	
Valéria S. S. P. D'Alho	028	5-9	29	45	19,0	2,7	
Valéria S. S. P. D'Alho	028	3-4	59	37	11,0	2,7	
P. D'Alho Tala S. S. P. D'Alho	PO	6-9	29	34	25,0	3,1	
P. D'Alho Valéria S. S. P. D'Alho	PO	6-9	29	27	30,0	3,4	
Valéria S. S. P. D'Alho	028	3-4	59	24	20,0	2,8	
P. D'Alho Valéria S. S. P. D'Alho	PO	4-7	19	25	10,0	3,1	
Valéria S. S. P. D'Alho	028	5-4	19	25	10,0	2,7	
Valéria S. S. P. D'Alho	028	5-4	19	22	10,0	2,7	
P. D'Alho Valéria S. S. P. D'Alho	PO	4-9	19	20	14,0	3,0	

João Pigeiro, P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Domenio Polak S. S.	028	5-9	79	221	21,0	3,7	
Mendonça J. P. D'Alho	028	3-4	79	199	23,0	3,1	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	3-4	79	128	21,0	2,8	
Valéria S. S. P. D'Alho	028	3-1	79	148	25,0	3,3	
Gravato C. R. P. D'Alho	PO	3-1	79	148	25,0	3,3	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	3-2	69	170	23,0	3,4	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	3-2	69	138	23,0	3,4	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	3-1	79	97	25,0	3,3	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	4-2	79	75	25,0	3,0	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	4-2	79	73	24,0	2,9	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-2	19	10	12,0	3,2	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-2	19	10	12,0	3,2	
Gravato C. R. P. D'Alho	PO	6-9	100	280	19,0	3,3	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	6-9	100	281	22,0	3,2	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	6-2	100	283	22,0	3,1	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	6-4	79	88	20,0	3,2	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	6-4	79	10	12,0	3,4	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	2-8	49	147	21,0	4,0	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	3-2	59	123	21,0	2,4	
Gravato C. R. P. D'Alho	PO	3-1	79	81	20,0	3,3	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	3-10	19	10	12,0	3,2	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	2-4	39	79	22,0	3,2	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	3-4	19	10	12,0	2,9	
Gravato C. R. P. D'Alho	PO	-	29	44	11,0	3,4	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	PO	3-3	59	219	20,0	3,7	
-------------------------	----	-----	----	-----	------	-----	--

João Pigeiro, P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	PO	4-8	39	141	21,0	4,1	
Gravato C. R. P. D'Alho	PO	4-9	39	123	10,0	4,1	
Gravato C. R. P. D'Alho	PO	2-8	19	12	14,0	3,8	
Gravato C. R. P. D'Alho	PO	3-1	29	81	11,0	2,7	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	

Gravato C. R. P. D'Alho, Valéria S. S. P. D'Alho, Controle em 11/03/96, Regime de parto com raço suplementar, 2 crias.

Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29	89	27,0	3,5	
Gravato C. R. P. D'Alho	028	5-1	29				

Raça Holandesa — variedade vermelha e branca



DESABORO — RGO 211 — Grande Campeão da Raça Sindí PO 51.ª Exposição Nacional de Uberaba - MG — Maio 1985.

ALCEU RIBEIRO BUENO

FAZENDA N.SRA. DE FÁTIMA

Gado **SINDI** e Nelore

FONE: (016) 729-2464 — ITUVERAVA - SP

Venda de tourinhos da raça Nelore e **SINDI**

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos e meses	Controle	Dias de Leite	% lactação
Albert Elias Pereira, Jaguariúna, Est. de São Paulo, Controle em 27/02/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Rebeca Roldão Roldão	022		3-11	80	229	13,0
Leila Rosa da Roldão	021		3-4	40	171	14,0
Rebeca Roldão Roldão	PO		4-7	40	106	15,0
Rebeca Roldão Roldão	022		4-11	30	79	20,0
Rebeca Roldão Roldão	PO		2-2	30	68	29,0
Rebeca Roldão Roldão	022		2-2	30	15	15,0
Rebeca Roldão Roldão	11/30		6-8	10	31	22,0
Rebeca Roldão Roldão	PO		6-3	10	10	17,0
Regiane A. Aguiar, Jaguariúna, Est. de São Paulo, Controle em 25/02/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Regiane Aguiar da Roldão	028		4-2	130	331	14,0
Regiane Aguiar da Roldão	021		2-11	130	319	17,0
Regiane Aguiar da Roldão	022		6-11	130	314	14,0
Regiane Aguiar da Roldão	022		4-2	130	313	17,0
Regiane Aguiar da Roldão	021		5-10	100	282	14,0
Regiane Aguiar da Roldão	021		5-8	100	280	13,0
Regiane Aguiar da Roldão	022		2-7	100	277	18,0
Regiane Aguiar da Roldão	021		2-10	100	268	17,0
Regiane Aguiar da Roldão	021		2-10	80	231	13,0
Regiane Aguiar da Roldão	PO		2-4	90	235	15,0
Regiane Aguiar da Roldão	028		5-1	70	189	16,0
Regiane Aguiar da Roldão	027		7-0	70	198	22,0
Regiane Aguiar da Roldão	PO		3-11	70	188	14,0
Regiane Aguiar da Roldão	021		3-1	70	215	17,0
Regiane Aguiar da Roldão	023		3-0	60	173	13,0
Regiane Aguiar da Roldão	028		3-1	70	195	15,0
Regiane Aguiar da Roldão	022		2-10	60	169	18,0
Regiane Aguiar da Roldão	022		3-1	60	155	15,0
Regiane Aguiar da Roldão	021		3-0	60	159	14,0
Regiane Aguiar da Roldão	022		6-1	50	160	18,0
Regiane Aguiar da Roldão	021		3-0	50	162	15,0
Regiane Aguiar da Roldão	024		3-0	40	142	14,0
Regiane Aguiar da Roldão	022		3-4	40	124	25,0
Regiane Aguiar da Roldão	022		8-0	30	83	20,0
Regiane Aguiar da Roldão	028		4-8	20	57	24,0
Regiane Aguiar da Roldão	028		4-8	20	53	27,0
Regiane Aguiar da Roldão	021		4-8	20	44	22,0
Regiane Aguiar da Roldão	024		6-4	10	37	28,0
Regiane Aguiar da Roldão	021		3-7	10	35	24,0
Regiane Aguiar da Roldão	021		3-7	10	24	24,0
Regiane Aguiar da Roldão	024		2-5	10	24	15,0
Regiane Aguiar da Roldão	024		2-8	10	24	21,0
Regiane Aguiar da Roldão	021		3-1	10	24	25,0
Regiane Aguiar da Roldão	024		3-1	10	24	27,0
Regiane Aguiar da Roldão	027		5-7	10	8	23,0
Regiane Aguiar da Roldão	PO		6-1	10	7	23,0
Regiane Aguiar da Roldão	PO		2-10	10	1	14,0
Jéssica R.S. dos Santos, Jaguariúna, Est. de São Paulo, Controle em 03/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Jéssica R.S. dos Santos	021		5-10	30	129	24,0
Jéssica R.S. dos Santos	027		3-4	100	290	16,0
Jéssica R.S. dos Santos	PO		3-4	90	326	13,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		6-1	30	203	14,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		7-0	30	218	15,0
Jéssica R.S. dos Santos	022		3-2	60	214	15,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		4-8	60	168	27,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		5-0	60	164	24,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		5-1	60	118	19,0
Jéssica R.S. dos Santos	024		3-0	60	186	18,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		4-7	50	134	22,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		3-7	30	89	23,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		4-4	30	124	17,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		2-5	30	54	24,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		5-10	20	44	21,0
Jéssica R.S. dos Santos	022		3-8	20	65	21,0
Jéssica R.S. dos Santos	022		7-9	20	47	16,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		3-0	20	58	22,0
Jéssica R.S. dos Santos	022		3-4	20	41	19,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		6-10	10	15	20,0
Jéssica R.S. dos Santos	022		5-9	10	11	23,0
Jéssica R.S. dos Santos	PO		3-3	10	77	17,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		5-9	10	11	23,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		5-9	10	11	23,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		2-3	10	54	24,0
Jéssica R.S. dos Santos	021		3-10	20	31	20,0
Jéssica R.S. dos Santos, Jaguariúna, Est. de São Paulo, Controle em 29/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas. Fone:0153-632122.						
Jéssica R.S. dos Santos	PO		3-8	10	2	25,0
Jéssica R.S. dos Santos	PO		4-7	10	29	20,0
Jéssica R.S. dos Santos	PO		4-4	10	50	20,0
Jéssica R.S. dos Santos	PO		5-6	10	81	20,0
Jéssica R.S. dos Santos	PO		2-3	10	14	27,0
Jéssica R.S. dos Santos	PO		7-9	10	13	27,0
Jéssica R.S. dos Santos, Jaguariúna, Est. de São Paulo, Controle em 12/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Jéssica R.S. dos Santos	PO		6-5	10	23	20,0
Antonio Assis, Jaguariúna, Est. de São Paulo, Controle em 12/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Antonio Assis	025		4-11	30	128	22,0
Antonio Assis	PO		3-8	30	118	25,0
Antonio Assis	PO		3-1	40	113	21,0
Antonio Assis	023		6-4	30	83	21,0
Antonio Assis	PO		4-10	30	64	20,0
Antonio Assis	022		6-9	20	82	23,0
Antonio Assis	028		7-5	20	47	24,0
Antonio Assis	PO		2-2	20	83	26,0
Antonio Assis	PO		5-6	10	20	26,0
Antonio Assis	024		6-11	10	28	24,0
Antonio Assis	028		4-5	10	15	12,0
Antonio Assis, Jaguariúna, Est. de São Paulo, Controle em 26/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.						
Antonio Assis	PO		6-4	30	13	21,0
Antonio Assis	023		6-1	100	293	25,0

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos meses	Controle	Dias de lactação	% de Leite
Dr. Achemar de Barros Filho, Salto Est. de São Paulo, Controle em 11/01/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Perceia L.M.	OC1		4-3	39	11	14,0
Comédia L.H.	OC1		4-7	39	45	14,0
Estrela L.M.	OC1		6-11	39	47	14,5
Romana L.H.	OC1		7-1	39	87	21,0
Glovesl Brancopinto Grossi, Ruy das Cruzes, Est. de São Paulo, Controle em 24/01/86, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.						
Cipriano de Bragança	OC1		11-5	19	1	29,0
Dr. Geraldo Figueiredo Furlan, Salto Est. de São Paulo, Controle em 26/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas, CEBRISSE DE INSEÇÃO.						
Doddy Juper G.F.P.	GM		3-7	19	12	28,5
Dr. Pedro Oreste Sorocoma, Est. de São Paulo, Controle em 24/01/86, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.						
Albertina's R.R. Tacy	PO		4-6	99	115	20,0
Yelmas H.R. Albertina's	GM		4-9	49	107	23,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		5-1	29	30	31,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		5-6	59	2	26,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		4-11	19	16	28,0
Albertina's D.M.R. Tacy	PO		4-10	19	13	29,0
Tiana H.R. Albertina's	GM		4-3	29	2	31,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	19	2	30,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	19	41	36,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	39	152	21,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	39	39	24,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		1-7	29	56	27,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		2-2	29	85	25,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	29	36	32,0
Urmans M.R. Albertina's	PO		-	29	27	30,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	39	17	28,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		4-2	19	17	27,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	19	17	36,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	19	4	21,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	19	2	31,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		2-4	79	198	25,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		7-11	19	209	21,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		5-1	79	184	24,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		5-2	79	58	30,0
Samatha D.R. Albertina's	POCC		-	29	93	28,0
Samatha D.R. Albertina's	POCC		-	29	41	29,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		5-3	19	13	39,0
Liza R.R. Albertina's	GM		12-4	79	209	28,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		8-11	29	63	24,0
Quina R.R. Albertina's	GM		7-6	79	198	25,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		5-2	49	187	23,0
Silvia R.R. Albertina's	GM		4-10	19	15	29,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	39	89	21,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	29	63	26,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	39	107	23,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	12	17	29,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	29	15	26,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		-	19	14	21,0
Albertina's R.R. Tacy	PO		1-6	19	17	26,0
Pipers World Jump Lila Red Est.	PO		5-11	89	238	25,0
Pipers World Jump Lila Red Est.	PO		6-2	69	197	26,0
Automodel Romena Red Est.	PO		-	49	164	27,0
Bertina's Pipers Cid Lila Red Est.	PO		6-4	79	36	35,0
Pipers World Jump Lila Red Est.	PO		8-2	39	17	24,0
Pipers World Jump Lila Red Est.	PO		6-6	19	27	25,0
C. Pipers World Jump Lila Red Est.	PO		11-10	19	25	22,0
Pipers World Jump Lila Red Est.	PO		8-2	19	5	25,0
Pipers World Jump Lila Red Est.	PO		8-2	19	1	42,0
Guilherme de Mello Pires, Ribeirão Preto, Finc. Friburgo, Est. de São Paulo, Controle em 25/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Leandro Dos Ribeiro	OC2		4-1	59	179	11,5
Ribeiro Dos Ribeiro	OC2		5-1	89	125	14,0
Ribeiro Dos Ribeiro	OC2		5-1	79	73	15,0
Ribeiro Dos Ribeiro	OC2		4-11	29	13	14,0
Ribeiro Dos Ribeiro	OC2		4-4	29	53	21,0
Ribeiro Dos Ribeiro	OC2		3-10	29	56	24,0
Ribeiro Dos Ribeiro	OC2		6-7	29	48	18,0
Ribeiro Dos Ribeiro	OC2		8-2	29	5	26,0
Ribeiro Dos Ribeiro	OC2		5-4	29	18	14,0</

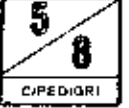
NOME DO ANIMAL	Grau	Idade	Controle	Dias	Leite	%	NOME DO ANIMAL	Grau	Idade	Controle	Dias	Leite	%
sangue	meses	meses	de lactação				sangue	meses	meses	de lactação			
Jeaneira V. D.	028	4-1	70	291	27,0	3,3	G.M.R. E.L.H. Benjamim Kadi	PO	6-8	20	32	22,0	1,1
Jeaneira V. D.	021	3-1	70	241	22,2	2,8	Conceição B. L.H.	POC	8-4	10	7	17,0	1,4
Jeaneira V. D.	022	3-1	70	241	22,2	2,8	Família Santa Tereza Zupari, um dos 100, São Paulo, Controle de 20/10/84, Reg. de parto com raça suplementar, 2 cordões.						
Jeaneira V. D.	023	3-1	70	241	22,2	2,8	Vicente do Marro Verde	021	5-4	30	81	21,0	1,9
Jeaneira V. D.	024	3-1	70	241	22,2	2,8	Acadêmico do Marro Verde	021	6-4	30	77	19,0	1,1
Jeaneira V. D.	025	3-1	70	241	22,2	2,8	Tizão do Marro Verde	021	7-4	30	184	17,0	1,0
Jeaneira V. D.	026	3-1	70	241	22,2	2,8	Delva do Marro Verde	021	5-3	30	48	16,0	1,3
Jeaneira V. D.	027	3-1	70	241	22,2	2,8	Flora do Marro Verde	027	5-4	30	32	12,0	1,3
Jeaneira V. D.	028	3-1	70	241	22,2	2,8	Renata do Marro Verde	021	4-4	30	27	15,0	1,5
Jeaneira V. D.	029	3-1	70	241	22,2	2,8	Tatiana do Marro Verde	POC	1-1	20	18	20,0	1,0
Jeaneira V. D.	030	3-1	70	241	22,2	2,8	Carlota do Marro Verde	POC	1-1	20	10	23,0	1,1
Dijepio Juvenal Santa Amélia Sanches Rangel Rosalinda L.H. de São Paulo, Controle de 24/10/84, Reg. de parto com raça suplementar, 1 cordão.							José Paulo L.H. de São Paulo, Controle de 18/10/84, Reg. de parto com raça suplementar, 2 cordões.						
Adriana do Marro Verde	021	2-5	80	215	22,0	3,4	Rafael Chel de 2	026	4-4	100	280	17,0	1,3
Adriana do Marro Verde	022	2-4	70	195	27,0	1,8	Luciana S. H.	021	1-1	20	14	18,0	1,1
Adriana do Marro Verde	023	2-4	70	195	27,0	1,8	Conceição B. L.H. S.A.T. Santa	021	1-7	100	281	17,0	1,1
Adriana do Marro Verde	024	2-4	70	195	27,0	1,8	José Paulo L.H. de São Paulo, Controle de 18/10/84, Reg. de parto com raça suplementar, 2 cordões.						
Adriana do Marro Verde	025	2-4	70	195	27,0	1,8	Uma Em. Quiloma P.O. Adm.	021	4-5	70	201	21,0	1,1
Adriana do Marro Verde	026	2-4	70	195	27,0	1,8	Conceição B. L.H. de São Paulo, Controle de 18/10/84, Reg. de parto com raça suplementar, 2 cordões.						
Adriana do Marro Verde	027	2-4	70	195	27,0	1,8	Conceição B. L.H. de São Paulo, Controle de 18/10/84, Reg. de parto com raça suplementar, 2 cordões.						
Adriana do Marro Verde	028	2-4	70	195	27,0	1,8	Conceição B. L.H. de São Paulo, Controle de 18/10/84, Reg. de parto com raça suplementar, 2 cordões.						
Adriana do Marro Verde	029	2-4	70	195	27,0	1,8	Conceição B. L.H. de São Paulo, Controle de 18/10/84, Reg. de parto com raça suplementar, 2 cordões.						
Adriana do Marro Verde	030	2-4	70	195	27,0	1,8	Conceição B. L.H. de São Paulo, Controle de 18/10/84, Reg. de parto com raça suplementar, 2 cordões.						



REGISTRADO



FAZENDA VARGEM DO MANEJO
MIGUEL PEREIRA - RJ - C. POSTAL 88307
TEL. 0244/84-3717 — CEP 26.900



C/PEDIGRI

COMUNICADO N.º 01

Formulamos um agradecimento público a todos os importadores, criadores e centrais de sêmen de gado das raças Holstein Frisian e Gir Leiteiro de quem adquirimos, com o maior cuidado de seleção, os senientais que usamos, de acordo com as normas técnicas do PROCURZA, para a formação do GADO LEITEIRO TROPICAL (5/8) que agora desponta promissoramente com a entrada em produção das primeiras novilhas, das quais damos abaixo os resultados iniciais de lactações controladas oficialmente pela A.B.C.

MX3 — 26.357 — AVA DO MANEJO — 2a 8m 31 d. 30.7 kg 3x
MX3 — 66.359 — AUSTRIA DO MANEJO — 2a 7m 33 d. 29.6 kg 3x

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%	NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade em meses	Controle	Dias de lactação	Leite	%	
Grata Maciel de Gledria	OC3		3-0	70	203	14,0	2,5	Raça Parda Suíça (Schwyz)								
Grata Maciel de Gledria	OC3		3-1	80	223	15,0	3,4	Cia. Agropecuária Ita-Madureira, Japeruna, Est. de São Paulo, Controle em 07/04/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-10	70	197	17,0	3,0	E.M. Obalima Tician								
Grata Maciel de Gledria	OC2		3-7	70	210	14,0	3,2	Anilmar Faria Tician, Porto Felício, Est. de São Paulo, Controle em 28/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas, Fone: 012-421322.								
Grata Maciel de Gledria	OC1		3-0	70	197	14,0	3,4	E.S.M. Elagant 4								
Grata Maciel de Gledria	OC1		6-1	60	188	16,0	2,6	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC1		3-0	60	190	13,0	3,4	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC1		2-9	50	152	20,0	2,0	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-6	50	152	22,0	3,6	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-6	40	111	20,0	3,0	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-6	40	85	28,0	3,0	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-6	50	72	24,0	3,5	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-7	50	65	15,0	3,7	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-6	20	63	23,0	2,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		3-8	20	56	22,0	2,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-9	20	53	20,0	2,8	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-6	20	52	18,0	2,3	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-9	20	52	22,0	2,8	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		3-1	20	52	22,0	2,4	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-11	20	52	25,0	2,0	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		5-7	20	36	25,0	3,7	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		6-1	20	35	21,0	4,0	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		2-10	20	29	19,0	1,6	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		-	10	1	20,0	1,3	PO								
Johannes W.M. Van de Groen, Japeruna, Est. de São Paulo, Controle em 07/04/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								Glicerio Bragança Grossi (Koy) das Graças, Est. de São Paulo, Controle em 24/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-4	110	325	13,0	3,2	Carlos Américo Pereira, Airoto, S.C. Ltda. (COP), Est. de São Paulo, Porto Primavera, Est. de São Paulo, Controle em 24/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
Grata Maciel de Gledria	OC1		2-0	80	245	17,0	3,2	S. C. Ondalva Dorset								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-0	80	249	13,0	3,0	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		4-8	70	203	17,0	3,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		5-0	70	199	25,0	3,0	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		5-1	70	224	16,0	3,3	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-3	70	221	13,0	2,7	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-0	70	169	19,0	3,0	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		3-7	40	124	22,0	2,4	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-4	40	139	19,0	2,9	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		2-5	30	89	18,0	3,7	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		5-1	110	249	14,0	3,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		3-8	30	100	21,0	2,3	PO								
Grata Maciel de Gledria	OC2		1-9	30	83	13,0	2,7	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		-	30	81	19,0	2,6	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		6-10	20	50	30,0	3,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		5-9	20	46	26,0	3,3	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	20	72	22,0	2,8	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	20	60	19,0	3,0	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		2-6	20	62	22,0	3,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		2-3	20	45	16,0	3,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-4	20	41	27,0	3,3	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-4	20	37	18,0	3,1	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-10	20	36	24,0	3,3	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		5-9	30	18	22,0	3,0	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		7-8	30	21	26,0	3,0	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		6-1	10	5	18,0	2,7	PO								
Raça Jersey								Dr. Fernando Frade, Fazenda Japeruna, Est. de São Paulo, Controle em 14/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
Grata Maciel de Gledria	PO		-	10	11	14,0	3,4	S.C. Prodença El Neco IV								
Grata Maciel de Gledria	PO		6-3	10	14	13,0	3,6	PO								
Dr. Jay de Aguiar, Est. de Queiroz, Piracicaba, Est. de São Paulo, Controle em 04/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								S.C. Prodença El Neco III								
Grata Maciel de Gledria	PO		2-4	30	88	10,0	5,0	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		6-4	30	88	12,0	3,6	PO								
Dr. João Lopes, Japeruna, Est. de São Paulo, Controle em 24/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								S.C. Prodença El Neco II								
Grata Maciel de Gledria	PO		4-11	20	31	12,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		5-10	20	31	19,0	3,9	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-4	40	89	15,0	4,3	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-2	20	40	17,0	5,3	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		7-8	20	48	13,0	5,3	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-9	20	78	14,0	4,9	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		10-1	30	57	16,0	5,1	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		7-4	20	40	14,0	4,4	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		-	30	37	14,0	4,3	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		5-8	20	31	14,0	4,8	PO								
Dr. Augusto Antônio de Brito, Japeruna, Est. de São Paulo, Controle em 18/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								S.C. Prodença El Neco I								
Grata Maciel de Gledria	PO		8-2	20	49	13,0	3,7	PO								
Joaquim e Gabriela Noll, Japeruna, Est. de São Paulo, Controle em 17/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								S.C. Prodença El Neco								
Grata Maciel de Gledria	PO		4-0	120	337	20,0	5,0	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		4-7	70	191	21,0	4,1	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-1	60	173	22,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-2	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-2	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria	PO		3-3	60	170	21,0	4,2	PO								
Grata Maciel de Gledria																

NOME DO ANIMAL		Grau de sangue	Idade de anos	Controle de lactação	Dias de Leite	%
Raça Guernsey						
Dr. Danilo C. Cabral de Almeida, Itapui, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 27/03/86. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
CONFERIA INSTITUÍDA PELA ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.						
Beleza M. D'Abadia	1/2	8-9	60	231	17,0	5,0
Por Mocada H. D'Abadia	PO	5-1	50	131	15,0	5,3
Onze Erciole Rivista de Itapui	PO	5-6	50	113	17,0	4,9
Paulina M. D'Abadia	3/4	4-5	40	115	13,0	5,3
Por Livia Ruperato D'Abadia	PO	4-3	30	70	14,0	5,1
Francis M. D'Abadia	1/2	-	20	57	15,0	5,0
Beira M. D'Abadia	3/4	-	20	57	17,0	4,7
Beleza M. D'Abadia	1/2	-	20	53	17,0	4,7
Clara M. D'Abadia	3/4	-	20	52	17,0	4,7
Beleza M. D'Abadia	1/2	-	20	48	18,0	4,7
Por Harpato Rocco D'Abadia	PO	-	20	46	14,0	5,1
Elia M. D'Abadia	3/4	-	20	46	15,0	4,8
Onze Erciole Garibaldi Itapui	1/8	-	20	44	15,0	4,9
Por Jovani Roy D'Abadia	PO	6-9	20	38	13,0	5,2
America M. D'Abadia	1/2	-	20	37	14,0	4,9
Beira M. D'Abadia	3/4	-	20	34	13,0	4,8
Por Rosa Princesa D'Abadia	PO	-	10	25	19,0	4,7
Beleza M. D'Abadia	1/2	-	10	25	18,0	5,1
Por Beira Ruperato D'Abadia	PO	-	10	6	15,0	4,9
Onze Erciole Beira de Itapui	-	-	10	6	18,0	4,7
Beleza M. D'Abadia	1/2	-	10	5	18,0	5,1
Beira M. D'Abadia	1/8	-	10	7	20,0	4,3
Por Michele Rupp. D'Abadia	PO	-	10	3	15,0	4,4
Raça Red-Poll						
Lívio Nelson, Cabreva, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 24/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Princesa Olimpada	DC	8-9	10	8	10,0	3,5
Isaque Elen Roney	PO	5-6	20	67	12,0	3,6
Princesa Helena	DC	10-7	80	223	10,0	3,7
Princesa Dora	PO	7-1	10	6	12,0	4,2
Raça Gir						
José Eduardo Costa Falcão, Il. São da Boa Vista, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 10/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
C. A. Oliveira	IR	6-9	10	1	10,0	4,0
João Gabriel da Costa Barreto e Carlos Costa Barreto, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 10/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
C. A. Anacleto	IR	8-2	90	263	18,0	4,8
C. A. Lila	PC	10-9	80	231	10,0	4,0
C. A. Aliz	IR	5-10	80	124	11,0	4,2
C. A. Barila	PC	-	60	171	11,0	4,7
C. A. Helena	PC	8-4	60	181	10,0	4,1
C. A. Lila	PC	5-4	60	157	11,0	4,3
C. A. Helena	PC	7-10	40	114	10,0	5,0
Genesio de Boa Vista	IR	10-11	50	180	11,0	4,5
C. A. Oliveira						
C. A. Oliveira	IR	-	50	126	11,0	4,0
C. A. Oliveira	IR	4-4	40	110	10,0	4,3
C. A. Oliveira	IR	4-5	40	96	11,0	4,3
C. A. Oliveira	IR	3-3	40	84	10,0	4,0
C. A. Oliveira	IR	4-8	30	71	10,0	4,1
C. A. Oliveira	IR	5-9	30	49	11,0	4,1
C. A. Oliveira	IR	5-10	20	60	14,0	4,4
C. A. Oliveira	IR	6-1	20	58	10,0	4,3
C. A. Oliveira	IR	4-8	20	30	10,0	4,3
C. A. Oliveira	PC	10-11	10	21	11,0	4,4
C. A. Oliveira	PC	6-7	10	23	20,0	3,7
C. A. Oliveira	PC	10-1	10	11	11,0	5,1
C. A. Oliveira	PC	12-3	10	10	11,0	4,4
Ventura Aguiar e Proclama Lila, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 22/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
1 ordenha	IR	5-1	20	31	18,0	3,6
2 ordenhas	IR	4-10	20	30	13,0	4,4
3 ordenhas	IR	4-2	10	13	13,0	3,8
4 ordenhas	PC	11-6	10	10	16,0	3,9
5 ordenhas	IR	5-8	10	10	16,0	4,0
6 ordenhas	PC	8-10	10	7	14,0	4,0
7 ordenhas	IR	6-6	10	1	12,0	3,7
8 ordenhas	IR	4-10	10	1	15,0	3,8
2 ordenhas						
3 ordenhas	IR	3-10	10	20	14,0	4,0
4 ordenhas	IR	7-1	10	232	12,0	4,1
5 ordenhas	IR	3-8	10	69	15,0	4,6
Aguiar José, João de Oliveira, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 18/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
C. A. Oliveira	PC	12-6	90	251	10,0	3,4
C. A. Oliveira	IR	4-2	80	232	10,0	3,9
C. A. Oliveira	IR	12-1	60	172	10,0	4,0
C. A. Oliveira	IR	13-10	30	143	11,0	4,0
C. A. Oliveira	PC	9-6	30	141	11,0	3,5
C. A. Oliveira	IR	-	40	110	11,0	3,0
C. A. Oliveira	PC	8-2	60	94	12,0	3,4
C. A. Oliveira	PC	12-8	30	85	11,0	4,5
C. A. Oliveira	IR	7-7	30	78	12,0	3,4
C. A. Oliveira	PC	4-1	20	58	11,0	3,2
C. A. Oliveira	IR	14-6	10	14	10,0	3,7
C. A. Oliveira	IR	4-10	10	17	14,0	4,0
Ferreira Aguiar, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 21/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Aguiar	PC	5-1	20	41	10,0	4,3
José, João de Oliveira e Carlos, Est. do Rio de Janeiro, Controle em 21/03/86, Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Aguiar	IR	7-1	70	222	10,0	4,0
Aguiar	IR	5-7	50	124	10,0	3,9
Aguiar	IR	10-4	80	220	11,0	4,3
Aguiar	IR	11-1	20	38	10,0	3,7
Aguiar	IR	11-8	50	124	10,0	4,1

GIR LEITEIRO - FB O GADO CERTO PARA O CLIMA CERTO

KÊNIA AGRÍCOLA E PECUÁRIA LTDA.
FAZENDA SANTANA DA SERRA
Estrada Mococa-Cajuru, Km. 295 - Município de Cajuru
Fone (0196) 55 0801 - Telefone Rural - Canoas SP
(telefonista 101) 98-1164 - Mococa SP - Fone (0196) 55-0085
São Paulo SP - Fone (011) 36 1681

AZOTO RGD-11

pai — SÂNDALO — filho de ESCALA, 32.407 kg em 7 lactações
6 Livros de Mérito — Cat. de Longevidade.
mãe — NOVATA — é recordista da produção de leite na classe D
com 6.481 kg, 2 Livros de Mérito e Categoria de Longevidade. Participa do Programa de Transferência de Embriões.

GIR LEITEIRO - FB - MOCOCA MEIO SÉCULO DE SELECÇÃO TODO REBANHO EM CONTROLE LEITEIRO OFICIAL

COLETA E VENDA DE SÊMEN
AGROPECUÁRIA LAGOA DA SERRA
PECPLAN-BRASECOS

FAÇA-NOS UMA VISITA,
NÓS TEMOS O REPRODUTOR
QUE O SEU REBANHO ESTÁ NECESSITANDO



NOME DO ANIMAL		Grau de anos	Idade em meses	Controle de lactação	Dias de Leite	%
Três	RE	3-9	50	127	10,0	1,8
Três	RE	13-9	50	165	10,0	1,9
Três	RE	3-6	20	11,0	1,8	
Três	RE	3-0	50	166	11,0	1,7
Três	RE	3-6	50	138	10,0	1,9
Três	RE	3-6	20	61	12,0	1,7
Gabriel Renato de Andrade, Calciolândia, Est. de Minas Gerais, Controle em 22/03/96, Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Três de Calciolândia	IA	3-1	20	150	10,0	4,7
Três de Calciolândia	RE	3-1	20	14,0	5,1	
Três de Calciolândia	RE	4-0	20	10,0	5,8	
Três de Calciolândia	RE	10-4	20	35	13,0	5,1
Três de Calciolândia	RE	4-2	20	62	10,0	6,1
Três de Calciolândia	RE	4-8	20	196	11,0	4,7
Três de Calciolândia	RE	4-8	20	119	11,0	4,7
Três de Calciolândia	PC	6-3	20	61	10,0	4,4
Três de Calciolândia	PC	3-0	20	12	12,0	4,4
Três de Calciolândia	PC	4-1	20	25	11,0	4,2
Três de Calciolândia	PC	-	20	68	11,0	4,7
Três de Calciolândia	RE	10-6	20	50	15,0	5,2
Três de Calciolândia	RE	4-8	20	200	10,0	5,2
Três de Calciolândia	RE	11-4	20	36	13,0	5,0
Três de Calciolândia	RE	11-9	20	4	12,0	4,7
Três de Calciolândia	RE	4-1	20	73	12,0	4,4
Três de Calciolândia	RE	6-10	20	148	10,0	4,9
Três	IA	1-1	20	61	10,0	4,9
Três	PC	-	20	12	11,0	5,2
Três	PC	3-1	20	68	10,0	5,0
Três	IA	-	20	68	10,0	4,9
Três	PC	3-1	20	43	11,0	4,4
Três	PC	3-10	20	10	13,0	4,4
Gabriel Renato de Andrade, Betim, Est. de Minas Gerais, Controle em 21/03/96, Região de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.						
Três de Calciolândia	RE	-	20	35	11,0	3,8
Três de Calciolândia	RE	10-4	20	24	12,0	3,7
Três de Calciolândia	RE	5-0	20	54	13,0	4,4
Três de Calciolândia	PC	4-11	20	58	10,0	3,1
Três de Calciolândia	RE	8-9	20	213	10,0	4,1
Três de Calciolândia	RE	-	20	61	11,0	3,1
Três de Calciolândia	RE	8-5	20	133	13,0	4,1
Três de Calciolândia	IA	-	20	28	11,0	4,4
Três de Calciolândia	RE	-	20	88	12,0	3,7
Faz. Brasília Agro-Indústria Ltda, São Pedro das Flores, Est. de Minas Gerais, Controle em 18/01/96, Região de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.						
3 ordenhas	RE	10-1	20	21	17,0	4,4
3 ordenhas de Brasília	RE	11-9	20	29	14,0	5,2
3 ordenhas de Brasília	PC	9-7	20	7	17,0	3,8
3 ordenhas de Brasília	RE	5-11	20	19	17,0	4,4
3 ordenhas de Brasília	RE	10-5	20	25	12,0	4,9
3 ordenhas de Brasília	RE	7-1	20	2	18,0	5,2
3 ordenhas de Brasília	RE	10-11	20	31	23,0	5,0
3 ordenhas de Brasília	RE	7-11	20	24	20,0	5,1
3 ordenhas de Brasília	RE	10-9	20	20	20,0	5,4
2 ordenhas	RE	7-4	20	147	12,0	4,5
2 ordenhas de Brasília	RE	10-4	20	40	12,0	4,7
2 ordenhas de Brasília	PC	5-1	20	74	13,0	4,0
2 ordenhas de Brasília	RE	9-2	20	100	14,0	3,8
2 ordenhas de Brasília	RE	11-4	20	149	12,0	4,9
2 ordenhas de Brasília	RE	5-1	20	116	11,0	4,9
2 ordenhas de Brasília	RE	7-4	20	87	13,0	4,0
2 ordenhas de Brasília	PC	8-1	20	74	14,0	3,1

Fazenda Santo Antonio do Mocambo

Prop.: José Lucio Resende e Outros

Seleção e Criação de Gir Leiteiro

Controle Oficial da ABC

VENDA PERMANENTE DE TOURINHOS

FAZENDA SANTO ANTONIO DO MOCAMBO
Município de Matozinhos - MG

Tel.: (031) 661-1312

B. Horizonte: Rua Santa Rita Durão, 1160

Tel.: (031) 212-5011



TARIMBA

6a 2x 362d 2784 kg 1056 kg 3.77%

NOME DO ANIMAL	Grau de sangue	Idade de anos	Controle de lactação	Dias de lactação	Leite	%
Petalina de Brasília	RE	9-2	30	66	12,0	4,8
Vitoria de Brasília	RE	4-3	60	168	10,0	4,8
Princesa de Brasília	RE	8-11	90	251	10,0	4,8
Nina de Brasília	RE	10-11	90	210	12,0	5,0
Gracia de Brasília	RE	9-7	90	240	11,0	6,1
Chalupa	RE	10-11	30	66	11,0	4,8
Paiva de Brasília	RE	9-5	30	63	10,0	5,3
Rebecca de Brasília	RE	8-3	20	60	13,0	5,2
Veneranda de Brasília	RE	4-0	40	117	11,0	5,3
Veneranda de Brasília	LA	4-2	40	113	12,0	5,4
Unidade de Brasília	RE	5-3	30	73	11,0	6,2
Roberta de Brasília	RE	8-7	70	192	10,0	5,1
Princesa de Brasília	PC	9-6	42	122	8,1	7,8
Vitoria de Brasília	RE	4-4	60	113	12,0	5,1
Roberta de Brasília	RE	7-3	90	242	11,0	6,0
Unidade de Brasília	RE	7-0	90	101	12,0	4,4
Rebecca de Brasília	RE	7-3	90	244	10,0	5,7

Cruzamento Dirigido						
Fazenda Varzim do Rio Negro Ltda., Varzim, Estado do Rio de Janeiro, Controle em 09/03/80. Registro de parto em raça experimental, 3 e 2 criadores.						
CONTROLE DIRETO NA ASSOCIAÇÃO DE CRIADORES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO.						
3 criadores						
Unidade do Rio Negro	RE	5-3	20	42	10,0	2,4
Unidade do Rio Negro	RE	2-8	20	28	10,0	3,5
Unidade do Rio Negro	RE	2-9	20	28	11,0	3,4
2 criadores						
Unidade do Rio Negro	RE	4-0	100	289	12,0	4,4
Unidade do Rio Negro	RE	3-12	100	272	14,0	3,9
Unidade do Rio Negro	RE	4-2	40	250	14,0	4,3
Unidade do Rio Negro	RE	-	80	181	12,0	1,8
Unidade do Rio Negro	RE	2-4	60	140	17,0	3,7
Unidade do Rio Negro	RE	-	90	136	22,0	3,5
Unidade do Rio Negro	RE	1-10	90	123	14,0	1,8
Unidade do Rio Negro	RE	-	90	100	10,0	3,5
Unidade do Rio Negro	RE	1-1	30	73	24,0	3,7
Unidade do Rio Negro	RE	1-1	30	70	25,0	3,7
Unidade do Rio Negro	RE	4-0	30	69	24,0	3,8
Unidade do Rio Negro	RE	9-1	30	62	26,0	3,5
Unidade do Rio Negro	RE	2-11	30	58	25,0	3,7

Cruzamento Dirigido						
Hol. VB. x Gir						
Fazenda Erika, Companhia Gama Ltda., São Paulo, Controle em 11/03/80. Registro de parto em raça experimental, 2 criadores. Fone: (11) 431341.						
P.T.B. Veneranda	RE	8-4	90	199	11,0	5,2
P.T.B. Veneranda	RE	8-4	90	80	10,0	5,3
P.T.B. Veneranda	RE	1-8	30	70	11,0	3,8
P.T.B. Veneranda	RE	1-8	30	138	17,0	3,9
P.T.B. Veneranda	RE	1-3	10	45	18,0	3,7
P.T.B. Veneranda	RE	1-0	30	59	19,0	3,5
P.T.B. Veneranda	RE	1-2	20	42	16,0	3,8
P.T.B. Veneranda	RE	1-10	30	130	17,0	3,7
P.T.B. Veneranda	RE	1-10	30	85	17,0	3,5
P.T.B. Veneranda	RE	1-10	30	239	14,0	3,7
P.T.B. Veneranda	RE	1-10	30	54	17,0	3,9
P.T.B. Veneranda	RE	1-10	30	138	17,0	4,0
P.T.B. Veneranda	RE	1-10	30	171	17,0	3,8
P.T.B. Veneranda	RE	1-10	30	10	10,0	3,8
P.T.B. Veneranda	RE	1-10	30	47	11,0	3,7
P.T.B. Veneranda	RE	1-10	30	111	14,0	3,5

Raça Nelore						
Colônia Agrícola do Rio Negro Ltda., Varzim, Estado do Rio de Janeiro, Controle em 11/03/80. Registro de parto em raça experimental, 2 criadores.						
Unidade	RE	-	100	310	10,0	1,4
Unidade	RE	11-3	10	10	10,0	1,7
Unidade	RE	11-5	10	10	10,0	4,0

Controle Auxiliar						
Fazenda Erika, Companhia Gama Ltda., São Paulo, Controle em 16/03/80. Registro de parto em raça experimental, 3 criadores.						
Unidade	-	-	10	10	10,0	1,4

**Anuncie seu produto,
reprodutor ou evento na
"REVISTA DOS CRIADORES"**

Editora dos Criadores Ltda.
Rua Venâncio Aires, 31 — Água Branca

O Sal da Vida e da Saúde e da Fartura.

Rigorosamente formulado para suprir às reais necessidades da criação animal, segundo largo e profundo conhecimento da matéria - adquirido e experimentado no Brasil - o Sal Mineralizado ABC é o que há de mais completo e de mais atual.

Pela simples razão de que cavalo não dá leite, boi não serve para ser montado e vaca não puxa e nem ganha corridas, temos uma fórmula para cada espécie, respeitando o que a natureza de cada um requisita em macro e micronutrientes para viver, ter saúde, produzir e reproduzir.

O ideal seria os animais obterem tudo diretamente dos alimentos naturais que ingerem. Mas como nenhum alimento é completo o Sal Mineralizado ABC é o fator compensador insubstituível para manter o seu rebanho sempre forte, vistoso, produtivo.

Experimente e comprove a eficiência do Sal Mineralizado ABC - especialmente recomendado para quem já cansou de experiências.

Fórmula da Associação Brasileira de Criadores, elaborada pelo Prof. João Soares da Veiga.

A ABC não tem finalidade lucrativa: existe para servir.
Sal Mineralizado ABC para Leite - Engorda - Equinos.

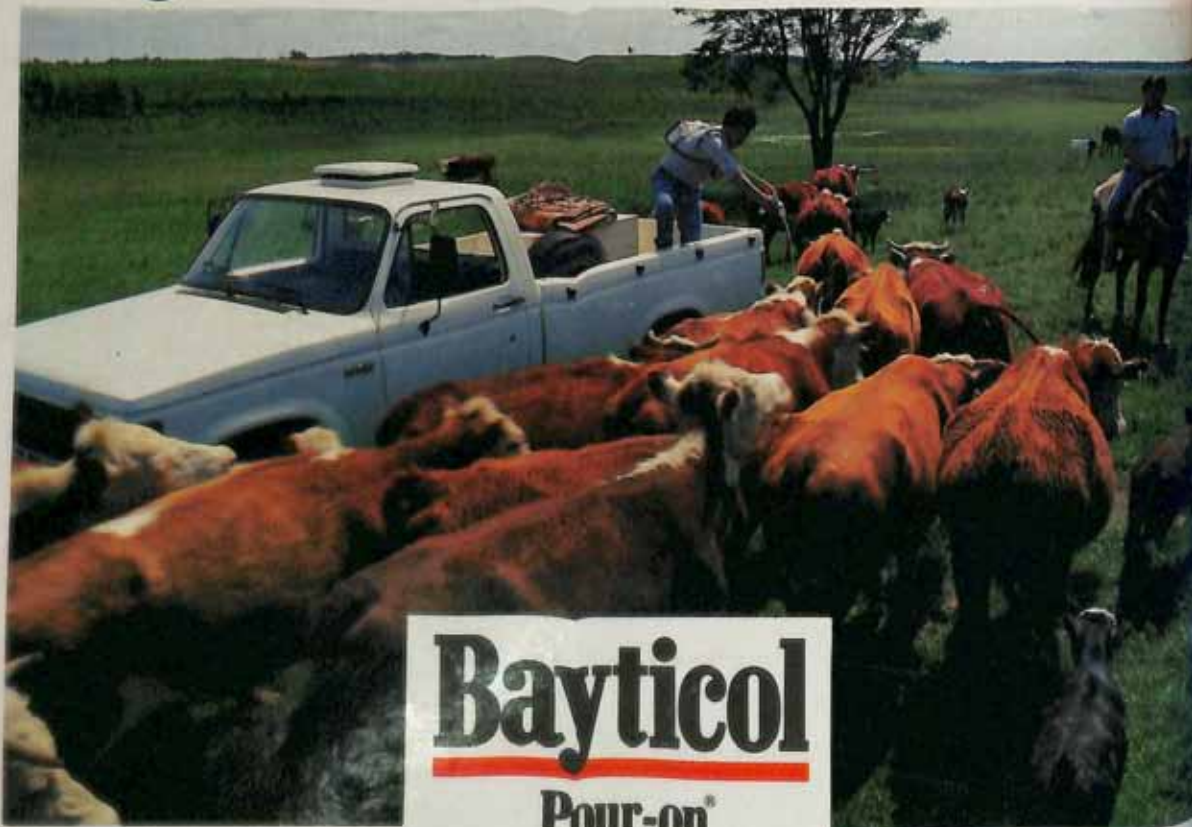
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES

SÃO PAULO: Rua Jaguaribe, 634 - fone: 826-3033 - Av. José César de Oliveira, 175 - (CEAGESP) - fone: 831-7906 - Aberta até às 22 horas.

S.J. BOA VISTA: Rua Benjamin Constant, 25 - fone: (0196) 23-3716.
RIO DE JANEIRO: Rua Monsenhor Manoel Gomes, 7 - São Cristóvão - fone: (021) 228-7377.



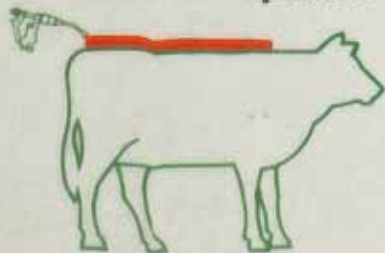
Matar carrapatos agora se resume em uma linha.



Bayticol

Pour-on®

**A linha mortal
para os carrapatos.**



Você sempre aprendeu que para matar carrapatos é preciso tirar todo o gado do pasto, levá-lo a um local específico e depois banhar ou pulverizar um a um com todo o cuidado. Agora, a Bayer está lançando Bayticol Pour-on.

Um carrapaticida que, para aplicar, basta você ir até o pasto e, com apenas uma dose, traçar uma linha sobre o dorso do animal. Gradativamente, Bayticol Pour-on espalha-se por todo o corpo do gado matando todos os carrapatos em todas as

suas fases. E continua matando por muito tempo, já que seu efeito residual é maior que o de qualquer carrapaticida. Quanto à segurança, fique tranquilo. Bayticol Pour-on não oferece riscos para o homem, nem requer período de carência para o consumo da carne ou do leite.

Se é Bayer, é bom.

Bayer

